

# Perversa Viúva

Amanda Quick

Titulo original WICKED WIDOW

Copyright © 2000 by Jayne A. Krentz Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a Bantam Books,  
impresso por The Bantam Dell Publishing Group,  
uma divisão da Random House, Inc.

Copyright da edição brasileira © 2002 by Editora Rocco Ltda.

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar

20011-040 — Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 2507-2000-Fax: 2507-2244

e-mail: rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil /Impresso no Brasil

preparação de originais MÔNICA MARTINS FIGUEIREDO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

ISBN 85-325-1371-9

Tradução de Alyda Christina Sauer

Ficção norte-americana

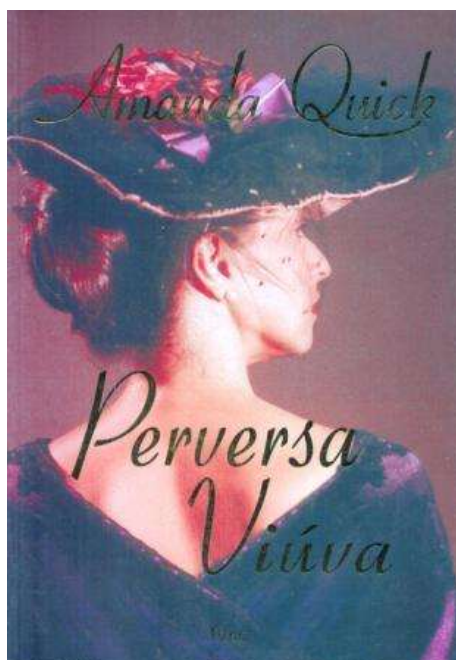
## PROJETO REVISAR

***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.  
Sua distribuição é livre e sua comercialização  
estritamente proibida.  
Cultura: um bem universal.***

**Digitalização: Palas Atenéia**

**Revisão: Cynthia M.**





Madeline Deveridge sabe que sua reputação não é das melhores. Conhece bem os boatos que a acusam de ter assassinado o próprio marido e ocultado o crime. No momento, porém, ela tem um problema muito mais sério do que ser chamada de “perversa viúva”. Teme que sua querida tia e ela estejam sendo vítimas de uma assombração... E todas as evidências apontam para um culpado inusitado: o espírito do falecido! É claro que isso parece impossível, mas Madeline não está disposta a arriscar-se. Por isso, ela se atreve a recorrer à única pessoa que possui poderes para ajudá-la a descobrir a verdade: o misterioso Artemis Hunt.

Brilhante, implacável e solitário, Artemis tratou de manter grande parte de sua vida particular em segredo. Ninguém sabe que ele é o proprietário dos Pavilhões dos Sonhos, o jardim favorito de Londres ou que ele é mestre de uma sociedade oculta. A curiosidade faz com que, em uma noite de intenso nevoeiro, ele encontre-se com a infame viúva perversa. A primeira vista, Madeline lhe parece uma figura bastante divertida, porém, o entretenimento termina quando ele descobre que ela sabe o suficiente sobre seus negócios para criar um verdadeiro pandemônio em sua existência, meticulosamente organizada. Ele precisa, portanto, ter certeza de que ela jamais revelará seus segredos, mesmo que isso signifique ter de ajudá-la a capturar um fantasma.

Logo que o trato é feito, Artemis e Madeline percebem que o acordo se complica graças a um ardente desejo que surge entre eles e à descoberta assustadora de que o fantasma representa um perigo real. Eles mergulham, assim, num mundo de intriga e antigos mistérios, no qual uma paixão devastadora e um assassino calculista não podem ser menosprezados.

AMANDA QUICK, pseudônimo de Jayne Ann Krentz, é autora de romances históricos e contemporâneos, entre os quais *Caso de amor*, *Malícia*, *Um anel muito especial* e *Um elixir misterioso*.

Foto de capa: Geraldo Melo

*Para MARGARET GORDON,  
bibliotecária das bibliotecárias da  
Universidade  
da Califórnia em Santa Cruz,  
muito obrigada.*

# Primeiro Próloqo

*Pesadelo...*

*O fogo rugia descendo a escada dos fundos. O brilho das chamas lançava uma luz infernal na entrada da casa. O tempo estava acabando. Ela pegou a chave que tinha caído dos dedos trêmulos e tentou mais uma vez destrancar a porta dó quarto.*

*O homem morto que jazia numa poça de sangue a seu lado deu uma risada. Ela deixou a chave cair outra vez.*

## Segundo Prólogo

*Vingança...*

Artemis Hunt pôs o último dos três selos gravados de relógio de bolso na terceira carta e deixou-a ao lado das outras duas sobre a mesa. Ficou observando as três cartas diante dele por um longo tempo. Cada uma endereçada a um homem.

Tinha levado muito tempo para concretizar a vingança planejada, mas agora todos os elementos estavam em seus devidos lugares. Enviar as cartas para os três homens era o primeiro passo. Seu destino era propiciar-lhes o sabor do medo. Fazer com que passassem a olhar para trás nas noites escuras e nevoentas. O segundo passo consistia de um elaborado esquema financeiro que acabaria por arruiná-los.

Teria sido simples matar os três. Era exatamente o que mereciam e, com suas habilidades especiais, ele poderia ter levado isso a cabo com muita presteza. Não haveria nenhum risco sério de ser descoberto. Afinal de contas, ele era um mestre.

Mas queria que os três sofressem pelo que tinham feito. Queria que primeiro conhecessem a inquietude e depois o puro medo. Queria privá-los da arrogância. Destruiria a confiança e a segurança que tinham graças às posições que ocupavam na sociedade. Por fim, ia privá-los dos recursos que permitiam que humilhassem aqueles que haviam nascido em circunstâncias menos afortunadas que eles.

Antes de terminar, eles teriam muitas oportunidades de ficar cara a cara com o fato de estarem absoluta e completamente destruídos aos olhos do mundo. Seriam forçados a sair de Londres, não só para fugir de seus credores, mas para escapar do implacável desprezo da sociedade. Seriam impedidos de entrar em seus clubes e excluídos, não apenas dos prazeres e privilégios da sua classe, como também de qualquer perspectiva de refazer suas fortunas por meio de casamentos vantajosos.

No fim, talvez passassem a acreditar em fantasmas.

Fazia cinco anos que Catherine tinha morrido. Tanto tempo, que os três libertinos responsáveis por isso certamente deviam pensar que estavam seguros. Provavelmente tinham até esquecido os acontecimentos daquela noite.

As cartas com os selos acabariam com essa certeza de que o passado estava morto, como a jovem que tinham destruído.

Ia dar-lhes alguns meses para criarem o hábito de olhar para trás antes de dar o próximo passo, pensou Artemis. Ia dar-lhes tempo para começarem a negligenciar a vigilância. Então agiria.

Ele levantou e foi até a jarra de cristal que ficava sobre uma mesa próxima. Serviu-se de uma dose de conhaque e fez um brinde silencioso à memória de Catherine.

— Não vai demorar — ele prometeu para o fantasma invisível que o assombrava. — Fracassei com você em vida, mas juro que não vou fracassar na morte. Já esperou bastante por sua vingança. Essa vingança será o seu presente. E a única coisa que posso fazer por você. Quando terminar, rezo

para ambos estarmos livres.

Ele bebeu o conhaque e largou o copo. Esperou um momento, mas nada aconteceu.

A fria sensação de vazio continuava lá dentro, como nos últimos cinco anos. Ele não esperava conhecer a verdadeira felicidade. Na verdade, tinha certeza de que tal leveza de sentimento era impossível para um homem com o seu temperamento. De qualquer modo, seu treinamento havia ensinado que a felicidade era tão ilusória quanto as outras emoções fortes. Mas nutria a esperança de que a concretização dessa vingança lhe traria alguma satisfação. E talvez, finalmente, até um pouco de paz.

Em vez disso, ele não sentiu nada, a não ser a determinação inabalável de ir até o fim.

Começou a suspeitar de que era vítima de uma maldição.

Mesmo assim, terminaria o que tinha começado com as três cartas. Não tinha escolha. Chamavam-no de Mercador de Sonhos. Ele mostraria para os três devassos que haviam assassinado Catherine que podia vender pesadelos.

# Um

Diziam que tinha assassinado o marido por considerá-lo inconveniente. Diziam que tinha ateado fogo na casa para esconder seu crime. Diziam que ela devia ser louca.

Havia uma aposta em todos os livros de apostas, em cada clube da rua St. James. Oferecia mil libras para o homem que conseguisse passar uma noite com a Perversa Viúva e sobrevivesse para contar a história.

Diziam muitas coisas sobre ela. Artemis Hunt tinha ouvido os boatos porque fazia questão de manter-se informado. Tinha olhos e ouvidos por toda Londres. Uma rede de espiões e informantes fornecia uma enxurrada infundável de fofocas, especulações e fragmentos de fatos.

Um pouco da enchente que caía em sua mesa era baseada na verdade. Outra parte era apenas provável. E ainda havia o que era totalmente falso. Selecionar isto tudo exigia bastante tempo, e esforço considerável. Ele não desperdiçava nenhum dos dois, tentando verificar toda a informação que recebia. Muita coisa ele simplesmente ignorava por não afetar seus negócios particulares.

Até aquela noite não tinha por que prestar muita atenção nas histórias que cercavam Madeline Deveridge. Se a senhora tinha ou não despachado o marido para o outro mundo não interessava a ele. Andava ocupado com outros assuntos.

Até então nunca se preocupara com a Perversa Viúva. Mas parecia que agora a história estava adquirindo um certo interesse para ele. Muitos diriam que isso era uma maldição terrível. Descobriu que considerava isso bem divertido, uma das coisas mais interessantes que acontecia com ele havia um longo tempo. O que só servia para provar que ultimamente a sua vida andava bem limitada e restrita.

Ele parou na rua escura e contemplou a carruagem pequena e elegante que surgiu envolta no nevoeiro. As lanternas do veículo brilhavam fantasmagóricas na névoa que se agitava e borbulhava em volta. As cortinas estavam fechadas, ocultando o interior da cabine. Os cavalos estavam quietos. O cocheiro era um monte indistinto na boléia.

Artemis lembrou do adágio que aprendera anos atrás com os monges dos Templos do Jardim que lhe ensinaram a antiga filosofia e as artes marciais Vanza. A vida oferece um banquete infinito de oportunidades. Ser sábio é conhecer quais são comestíveis e quais são veneno.

Ele ouviu a porta do clube abrir e fechar às suas costas. Uma risada ruidosa e ébria ecoou na escuridão. Sem pensar, ele foi para um ponto mais escuro perto de um portão e observou dois homens descendo os degraus aos tropeços. Subiram com dificuldade num carro de aluguel e instruíram o cocheiro aos berros, pedindo que os levassem para as casas de jogo na rua dos bordéis. O tédio era o inimigo de homens daquele tipo. Faziam qualquer coisa para derrotá-lo.

Artemis esperou até o velho veículo descer a rua lentamente. Depois olhou novamente para a pequena carruagem escura e etérea no meio da névoa. O problema de Vanza era que, apesar de toda a sua sabedoria e filosofia antigas, não previa um fator muito característico de toda a



humanidade, a curiosidade.

Ou pelo menos não previa a curiosidade dele. Artemis tomou uma decisão. Saiu da proteção do portão e caminhou pelo nevoeiro até a carruagem da Perversa Viúva. A agitação que sentiu por dentro com a perspectiva do que ia fazer foi o único aviso de que poderia vir a se arrepender dessa escolha. Resolveu ignorá-la.

O cocheiro se endireitou e ficou tenso quando ele se aproximou.

— Posso ajudá-lo, senhor?

As palavras eram respeitosas, mas Artemis captou a rispidez sob a superfície. E ela dizia que o homem, encurvado com seu sobretudo de muitas capas e um chapéu enfiado até as orelhas, servia de guarda, além de cocheiro.

— Meu nome é Hunt. Artemis Hunt. Creio que tenho um encontro com a senhora.

— Então é o senhor, hein? — O homem não relaxou. Ao contrário, se houve alguma mudança, ficou ainda mais tenso. — Entre, por favor, senhor. Ela está à sua espera.

Artemis ergueu as sobrancelhas diante do autoritário cocheiro, mas não disse nada. Estendeu a mão e abriu a porta da carruagem.

A luz quente, cor de âmbar, da lamparina dentro da cabine escapou pela abertura. Uma mulher estava sentada em um dos bancos de veludo negro. Usava uma capa preta de corte muito fino, que escondia praticamente todo o seu vestido preto. O rosto era pálido e as feições indefinidas por trás de um véu de renda preta. Ele percebeu que ela era magra. Suas formas tinham uma graça e uma naturalidade segura que indicavam não se tratar de nenhuma menina desajeitada e inexperiente, recém-saída da sala de aula. Devia ter prestado mais atenção aos detalhes das fofocas que ouviu sobre ela naquele ano, ele pensou. Bem, agora era tarde demais.

— Foi bom ter respondido tão depressa ao meu bilhete, Sr. Hunt. O tempo é essencial.

A voz era grave, um pouco rouca, e acendeu uma fagulha de sensualidade nele. Infelizmente, apesar de as palavras estarem envoltas em urgência, ele não sentiu nenhuma promessa de paixão. Tudo indicava que a Perversa Viúva não o tinha atraído para a sua carruagem com a intenção de seduzi-lo para uma noite de amor ardente e arrojado. Artemis sentou e fechou a porta. Imaginou se devia ficar desapontado ou aliviado.

— Sua mensagem chegou quando eu estava pronto para jogar uma mão de cartas que tinha certeza que ia vencer — ele disse. — Espero que o que a senhora tem para me dizer possa compensar as centenas de libras que deixei de ganhar para vir encontrá-la.

Ela ficou tensa. Os dedos, cobertos por luvas de couro preto, apertaram a grande bolsa preta que carregava no colo.

— Permita-me que me apresente, senhor. Sou Madeline Reed Deveridge.

— Sei quem a senhora é, Sra. Deveridge. E como obviamente sabe quem eu sou, sugiro deixar as formalidades de lado e passar diretamente ao assunto.

— Sim, é claro — por trás do véu, os olhos dela faiscaram com algo que podia ser irritação. — Minha criada, Nellie, foi seqüestrada perto do portão oeste dos Pavilhões do Sonho, menos de uma hora atrás. Como o senhor é o dono daquele jardim, espero que assuma total responsabilidade pelos atos criminosos que ocorrem dentro ou perto da sua propriedade. Quero que me

ajude a encontrar Nellie.

Artemis teve a sensação de estar mergulhando num mar gelado. Ela sabia da ligação dele com os Pavilhões do Sonho. Como isso era possível? Ao receber o bilhete dela, ele avaliou e descartou meia dúzia de motivos para o improvável encontro daquela noite, mas nenhum deles chegou perto disto. Como é que ela sabia que ele era o dono dos jardins dos prazeres?

Tinha consciência dos riscos da exposição desde o início. Mas achava que mergulhara tão fundo nas Estratégias de Ocultação e Distração que ninguém, exceto talvez outro mestre Vanza, seria capaz de descobrir a verdade. E não havia por que outro mestre procurá-lo.

— Sr. Hunt? — Madeline levantou um pouco a voz. — O senhor ouviu o que eu disse?

— Cada palavra, Sra. Deveridge — para disfarçar a raiva, ele usou de propósito um tom de tédio na voz, o que se espera de um cavalheiro sob a ameaça de um grande aborrecimento. — Mas devo admitir que não compreendo. Creio que a senhora bateu na porta errada. Se sua criada realmente foi seqüestrada, deve instruir seu cocheiro para dirigir-se para a rua Bow. Lá com certeza, a senhora poderá contratar um investigador para procurá-la. Aqui em St. James preferimos perseguir outras coisas, menos extenuantes.

— Não me venha com seus jogos Vanza, senhor. Não me importa se é o mestre dos mestres. Como proprietário dos Pavilhões do Sonho, é sua responsabilidade garantir a segurança das pessoas que prestigiam seu estabelecimento. Espero que tome providências imediatas para encontrar Nellie.

Ela sabia que ele era um Vanza. Isto era ainda mais alarmante do que saber que ele era o dono dos Pavilhões.

O frio na barriga dele começou a se espalhar. Teve uma visão repentina e alucinante do seu esquema cuidadosamente armado desfeito, em ruínas. Essa fêmea extraordinária de alguma forma teve acesso a uma quantidade perigosa de informações sobre ele.

Ele sorriu para encobrir sua fúria e incredulidade.

— A curiosidade me leva a perguntar como a senhora chegou a essa idéia estapafúrdia de que eu tenho alguma ligação com os Pavilhões do Sonho ou com a Sociedade Vanzagariana.

— Isso não importa, senhor.

— Está enganada, Sra. Deveridge — disse ele bem baixinho. — Importa sim.

Obviamente alguma coisa na voz dele afetou Madeline. Pela primeira vez, desde que ele entrou na carruagem, ela hesitou um pouco. Já não era sem tempo, ele pensou, irritado.

Mas quando ela finalmente respondeu, foi com uma calma surpreendente.

— Eu sei que o senhor não é apenas um membro da Sociedade Vanzagariana, e sim um mestre consumado. Quando descobri isso a seu respeito, soube que tinha de examinar abaixo da superfície. Os que são treinados nessa filosofia raramente são o que parecem. Gostam de ilusões e têm uma inclinação para a excentricidade.

Isso era mil vezes pior do que ele imaginava.

— Sei. Posso saber quem contou isso para a senhora?

— Ninguém me contou, senhor. Pelo menos, não do jeito que o senhor quer dizer. Descobri a verdade sozinha.

Não era possível, ele pensou.

— Por favor, explique-se, madame.

— Não tenho tempo para tratar disso agora, senhor. Nellie está correndo um perigo muito sério. Insisto que o senhor me ajude a encontrá-la.

— Por que eu me daria ao trabalho de ajudá-la a localizar sua criada fujona, Sra. Deveridge? Estou certo de que pode contratar outra bem depressa.

— Nellie não fugiu. Eu já disse, ela foi seqüestrada por bandidos. A amiga dela, Alice, viu tudo.

— Alice?

— As duas foram assistir às novas atrações dos Pavilhões esta noite. Quando saíram dos jardins pelo portão oeste, dois homens agarraram Nellie. Jogaram-na numa carruagem e fugiram antes que as pessoas pudessem entender o que estava acontecendo.

— Acho muito mais provável que a sua Nellie tenha fugido com um rapaz

— Artemis disse sem meias palavras. — E a amiga dela inventou a história do seqüestro para Nellie poder voltar para o seu trabalho se por acaso mudasse de idéia.

— Bobagem. Nellie foi agarrada bem no meio da rua.

Com certo atraso, ele lembrou que diziam que a Perversa Viúva era louca.

— Por que alguém ia querer raptar a sua criada? — ele perguntou, e com razão, pensou, dadas as circunstâncias. — Temo que ela tenha sido levada por um daqueles homens cruéis que fornecem jovens para os bordéis — Madeline pegou uma sombrinha preta. — Chega de explicações. Não temos um segundo a perder.

Artemis ficou imaginando se ela pretendia usar a ponta da sombrinha para obrigá-lo a agir. Ficou aliviado quando Madeline segurou o cabo e bateu com a ponta no teto da carruagem. O cocheiro certamente estava aguardando o sinal. O veículo partiu na mesma hora.

— Que diabos pensa que está fazendo? — disse Artemis. — Já lhe ocorreu que eu posso não querer ser seqüestrado também?

— Não me importo com os seus protestos, senhor — Madeline recostou-se no banco. Seus olhos faiscaram através do véu de renda. — Encontrar Nellie é a única coisa que importa no momento. Se necessário, pedirei desculpas para o senhor depois.

— Vou esperar ansiosamente por isso. Para onde estamos indo?

— De volta à cena do seqüestro. O portão oeste do seu jardim, senhor.

Artemis semicerrou os olhos. Ela não parecia louca. Parecia extremamente decidida. — O que, exatamente, espera que eu faça, Sra. Deveridge?

— O senhor é o proprietário dos Pavilhões do Sonho. E é um Vanza. Com estes dois atributos imagino que tenha contatos em lugares que eu não tenho.

Ele ficou olhando para ela um longo tempo. — Está insinuando que conheço membros da classe criminosa, madame?

— Eu não tenho a pretensão de imaginar a extensão, menos ainda a

natureza da sua rede de associados.

O desprezo na voz dela era muito interessante, ainda mais junto com o conhecimento perturbador que possuía a respeito dos negócios particulares dele. Uma coisa era certa: ele não podia descer da carruagem e ir embora naquelas circunstâncias. O fato de Madeline saber que ele era o proprietário dos Pavilhões já bastava para criar confusão em seus planos cuidadosamente elaborados.

Ele não estava mais achando graça na sua curiosidade e expectativa. Era importante descobrir não só quanto Madeline Deveridge sabia, mas como ficara sabendo desses fatos mantidos em segredo com tanto cuidado.

Ele se ajeitou no canto do banco de veludo preto e estudou as feições de Madeline, cobertas pelo véu.

— Muito bem, Sra. Deveridge. Farei o que puder para ajudá-la a encontrar sua criada. Mas não me culpe se ficarmos sabendo que a jovem Nellie não deseja ser encontrada.

Ela levantou uma ponta da cortina da janela e espiou o nevoeiro na rua.

— Garanto que ela quer ser resgatada.

Ele se distraiu por um breve tempo com a mão graciosa e enluvada que segurava a ponta da cortina. Sem querer, ficou fascinado pela delicada curva do pulso e da palma daquela mão. Sentiu o perfume leve e embriagador de ervas e flores que ela provavelmente usara na água do banho. Teve de fazer um esforço para concentrar sua atenção de novo no assunto mais premente.

— Independente de como essa questão termine, madame, tenho de avisar que quando acabar vou querer algumas respostas.

Ela virou a cabeça rapidamente e olhou para ele.

— Respostas? Que tipo de respostas?

— Não me entenda mal, Sra. Deveridge. Estou tremendamente impressionado com a quantidade e a qualidade das informações que a senhora possui. Suas fontes devem ser excelentes. Mas temo que saiba demais sobre mim e sobre os meus negócios.

Tinha sido uma jogada desesperada, mas vencera. Ela estava cara a cara com o misterioso Mercador de Sonhos, o proprietário secreto do jardim dos prazeres mais exótico de Londres. Madeline sabia muito bem que tinha assumido um risco enorme deixando transparecer que conhecia a identidade dele. Ele tinha bons motivos para se preocupar, ela pensou. Vivia nos altos círculos da alta sociedade. Estava na lista de convidados de todas as anfitriãs mais importantes da cidade, e era membro de todos os melhores clubes. Mas mesmo a sua fortuna não poderia protegê-lo do desastre social que seria a sociedade descobrir que havia admitido em suas fileiras mais exclusivas um cavalheiro que lidava com um certo *tipo de comércio*.

Tinha de reconhecer que ele teve um desempenho audacioso. Na verdade, Hunt elaborou para si um papel digno do grande Edmund Kean. Conseguiu manter sua identidade como Mercador de Sonhos em segredo. Ninguém pensava em questionar a origem da sua fortuna. Ele era um cavalheiro, afinal de contas. Cavalheiros não discutiam tais assuntos, a menos que se tornasse óbvio que um homem estava completamente sem dinheiro, e neste caso seria alvo de desprezo e de muito falatório malicioso. Mais de um homem tinha posto uma pistola na cabeça para não ter de enfrentar o escândalo da ruína financeira.

Não havia como escapar. Tinha praticamente chantageado Hunt para forçá-lo a ajudá-la aquela noite, mas não teve escolha. Certamente teria de pagar um preço. Artemis Hunt era um mestre Vanza, um dos cavalheiros mais habilidosos no estudo das artes antigas. Tais homens costumavam ser muito reservados por natureza.

Hunt tinha se esforçado sobremaneira para ocultar seu passado Vanza — uma jogada realmente sinistra. Diferente do fato de ser proprietário dos Pavilhões do Sonho, a participação na Sociedade Vanzagariana não o prejudicaria nas rodas sociais. Afinal, apenas cavalheiros estudavam Vanza.

No entanto, ele insistia em fazer mistério. Isto não era um bom sinal.

De acordo com a sua experiência, a maioria dos membros da Sociedade Vanzagariana consistia de lunáticos inofensivos. Outros não passavam de excêntricos entusiásticos. Mas alguns eram completamente loucos. E uns realmente perigosos. Ela começava a acreditar que Artemis Hunt podia muito bem pertencer a esta última categoria. Quando os negócios daquela noite terminassem, ela poderia ter de enfrentar uma série de problemas inteiramente novos.

Como se já não tivesse bastante coisa com que se ocupar. Por outro lado, dada a sua dificuldade para dormir à noite ultimamente, podia muito bem continuar se ocupando, ela pensou sombriamente.

Sentiu um calafrio. Percebeu que estava muito consciente do fato de Hunt parecer ocupar muito espaço no interior da pequena carruagem. No todo ele não era tão corpulento quanto o seu cocheiro, Latimer, mas seus ombros possuíam uma largura impressionante e ele tinha uma espontaneidade lânguida que perturbava os sentidos dela de uma forma estranha, que não conseguia explicar. A inteligência atenta nos olhos dele só servia para acentuar aquela sensação inquietante.

Ela descobriu que, apesar de tudo que sabia a respeito de Artemis Hunt, estava fascinada por ele.

Arrumou a capa mais apertada em volta do corpo. *Não seja tola*, pensou. A última coisa que queria na vida era se envolver com outro membro da Sociedade Vanzagariana.

Mas era tarde demais para mudar de idéia. Tinha tomado uma decisão. Agora precisava continuar com seu plano. A vida de Nellie podia depender daquela jogada ousada.

A carruagem parou e atrapalhou aqueles pensamentos preocupantes. Artemis estendeu o braço e abaixou a chama da lamparina da carruagem. Então segurou a cortina e puxou-a para o lado. Ela ficou observando, hipnotizada pelo poder controlado dos movimentos dele, enquanto ele espiava a escuridão da noite.

— Bem, madame, chegamos ao portão oeste. Como pode ver, está bastante movimentado, mesmo a esta hora. Não posso acreditar que uma jovem possa ser levada à força numa carruagem na frente de toda essa gente. A não ser que ela queira ser levada embora.

Madeline se inclinou para a frente para examinar a cena. Era tudo iluminado por inúmeras lanternas coloridas. O baixo preço do ingresso tornava possível que pessoas de todas as classes tivessem uma noite de entretenimento dentro dos Pavilhões do Sonho. Damas e cavalheiros, pessoas do campo, lojistas, aprendizes, criadas, lacaios, almofadinhas, oficiais

militares, libertinos e vagabundos — todos entravam e saíam pelos portões bem iluminados.

Hunt tinha razão, ela pensou. Havia muitas pessoas e veículos nas redondezas. Teria sido difícil uma mulher ser arrastada à força para uma carruagem sem que alguém notasse.

— O rapto não aconteceu bem na frente do portão — disse Madeline. —

Alice contou que Nellie e ela estavam paradas na entrada de uma ruazinha próxima, à espera da carruagem que mandei para pegá-las, quando os bandidos apareceram — ela observou a entrada escura de uma rua estreita. — Ela devia estar se referindo àquela esquina lá, onde estão aqueles rapazes flanando.

— Humm.

O ceticismo dele era palpável. Madeline olhou para ele, assustada. Se ele não levasse o assunto a sério, não conseguiriam nada aquela noite. Ela sabia que o tempo estava se esgotando.

— Senhor, precisamos nos apressar. Se não formos rápidos, Nellie desaparecerá nos bordéis. Será impossível encontrá-la.

Artemis deixou a cortina cobrir a janela outra vez. Pôs a mão na maçaneta da porta.

— Fique aqui. Volto em poucos minutos. Ela chegou para a frente depressa.

— Aonde o senhor vai?

— Acalme-se, Sra. Deveridge. Não tenho intenção nenhuma de abandonar a busca. Voltarei assim que investigar algumas coisas.

Ele desceu da carruagem com um pulo ágil e fechou a porta antes que Madeline perguntasse mais detalhes. Irritada e desanimada com o modo com que ele subitamente tinha assumido o controle, ficou observando enquanto ele andava na direção da rua escura.

Ela viu Hunt arrumar o sobretudo e o chapéu e ficou espantada com o resultado. Com poucos passos, ele tinha alterado sua aparência por completo.

Apesar de não parecer mais um cavalheiro que acabava de chegar do seu clube, ele ainda se movimentava com uma segurança natural que ela reconheceu imediatamente. Era tão parecido com a postura de Renwick que Madeline estremeceu. Associaria para sempre aqueles passos furtivos com os praticantes mais habilidosos das artes marciais Vanza. Pensou mais uma vez se não estava cometendo um erro grave.

*Pare com isso, ela pensou. Você sabia o que estava fazendo quando enviou a mensagem para o clube dele. Queria a ajuda dele e agora a tem, seja qual for a consequência disto.*

Do lado positivo, em termos da aparência física, Hunt não se parecia em nada com seu falecido marido. Por alguma razão, considerava este fato tranquilizador. Com seus olhos azuis, cabelo louro e feições romanticamente belas, Renwick era mais angelical do que os anjos de cachos dourados nas pinturas dos grandes artistas.

Hunt, por outro lado, podia posar como o Diabo em pessoa.

Não eram só o seu cabelo quase negro, os olhos verdes e o rosto perfeitamente ascético que davam a impressão de profundezas sombrias e insondadas. Era a expressão fria e segura em seus olhos que provocava arrepios gelados nos nervos. Aquele era um homem que havia explorado a

periferia do Inferno. Diferente de Renwick, que encantava todas as pessoas que se aproximavam dele com a facilidade de um feiticeiro, Hunt parecia tão perigoso quanto sem dúvida devia ser.

Enquanto ela observava, ele desapareceu nas ondas de escuridão que cercavam a ilha de luzes brilhantes que eram os Pavilhões do Sonho.

Latimer desceu da boléia. Apareceu na janela, o rosto largo crivado de ansiedade.

— Eu não estou gostando disso, madame — disse ele. — Devia ter ido para a rua Bow tentar encontrar um informante.

— Talvez tenha razão, mas é tarde demais para tentar isso agora. Já assumi o compromisso de seguir esse caminho. Só posso esperar... — ela parou de falar quando Hunt se materializou atrás de Latimer. — Ah, o senhor voltou. Estávamos começando a ficar preocupados.

— Esse é John Pequeno — Artemis indicou um rapaz magro, musculoso e desarrumado, que não devia ter mais de dez ou onze anos. — Ele irá nos acompanhar.

Madeline franziu a testa olhando para John Pequeno.

— Já é tarde. Não devia estar na cama, meu jovem?

John Pequeno levantou o queixo num inconfundível gesto de orgulho profundamente ferido. Deu uma cusparada precisa na calçada.

— Não trabalho nessa linha de negócios, madame. Sou um comerciante respeitável.

Madeline olhou espantada para ele.

— Perdão? O que vende?

— Informação — disse John Pequeno alegremente. — Sou um dos Olhos e Ouvidos de Zachary.

— Quem é Zachary?

— Zachary trabalha para mim — disse Artemis, cortando pela raiz o que obviamente acabaria sendo uma explicação comprometedor. — John Pequeno, apresento-lhe a Sra. Deveridge.

John Pequeno deu um largo sorriso, tirou o boné rapidamente e fez uma mesura surpreendentemente graciosa para Madeline.

— Ao seu dispor, madame.

Madeline inclinou a cabeça, cumprimentando o rapaz.

— É um prazer, John Pequeno, espero que possa nos ajudar.

— Farei o melhor possível, madame.

— Já chega, não podemos mais perder tempo — Artemis olhou para Latimer, pondo a mão na maçaneta da porta da carruagem. — Depressa, homem. John Pequeno indicará o caminho. Vamos para uma taverna na Blister Lane. A Yellow-Eyed Dog. Você conhece?

— A taverna não, senhor, mas conheço a Blister Lane — Latimer fechou a cara. — Foi para lá que os bandidos levaram a minha Nellie?

— Foi o que John Pequeno me disse. Ele irá com você na boléia — Artemis abriu a porta e entrou na carruagem. — Vamos logo.

Latimer pulou de volta para o seu banco. John Pequeno subiu atrás dele. A carruagem começou a andar antes de Artemis fechar a porta.

— Seu cocheiro certamente está aflito para encontrar Nellie — ele observou depois que sentou.

— Latimer e Nellie eram namorados — explicou Madeline. — Pretendem

se casar logo — ela tentou decifrar a expressão no rosto dele. — Como foi que descobriu que Nellie foi levada para essa taverna?

— John Pequeno viu tudo.

Ela arregalou os olhos, atônita.

— E por que cargas d'água ele não comunicou o crime?

— Conforme ele disse, é um negociante. Não pode oferecer gratuitamente sua mercadoria. Estava esperando Zachary fazer suas rondas habituais para coletar informações, o que acabaria chegando a mim pela manhã. Mas apareci esta noite, por isso ele fez a venda para mim. Ele sabe que pode confiar em mim para pagar a parte do Zachary.

— Meu Deus, senhor, está me dizendo que emprega toda uma rede de informantes como John Pequeno?

Ele deu de ombros.

— Pago salários muito mais altos do que os receptadores para quem a maioria deles costumava vender relógios ou candelabros furtados. E quando Zachary e seus Olhos e Ouvidos negociam comigo, eles não se arriscam a serem trancafiados na prisão como acontecia quando trabalhavam em suas carreiras anteriores.

— Não estou entendendo. Por que pagaria pelo tipo de rumores e fofocas que uma gangue de jovens rufiões pode colecionar pelas ruas?

— A senhora ficaria espantada com o que se descobre com essas fontes. Ela bufou delicadamente em sinal de desprezo.

— Não duvido de que a informação seja mesmo espantosa. Mas por que um cavalheiro na sua posição ia querer saber dessas coisas?

Ele não respondeu. Ficou apenas olhando para ela. Com um brilho de riso sem alegria nos olhos, recolheu-se para algum lugar sombrio dentro dele mesmo.

O que ela esperava? Madeline pensou. Devia ter adivinhado que ele seria um excêntrico a toda prova. Ela pigarreou.

— Não quis ofendê-lo, senhor. Mas tudo isso parece um pouco... bem... incomum.

— Muito antigo, complexo e confidencial, quer dizer? — a voz de Artemis era cortês demais. — Muito Vanza?

É melhor mudar de assunto, pensou Madeline.

— Onde está esse Zachary esta noite?

— Ele é um jovem um pouco mais velho — disse Artemis secamente. — Está cortejando sua jovem dama esta noite. Ela trabalha numa chapelaria. Esta é sua noite de folga. Ele sentirá muito ter perdido a aventura.

— Bom, pelo menos sabemos o que aconteceu. Eu *disse* que a Nellie não tinha fugido com homem algum.

— Disse mesmo. Tem sempre tanta pressa em lembrar às pessoas quando tem razão em algum assunto?

— Não me agrada ficar com rodeios, senhor. Não quando se trata de alguma coisa tão importante quanto a segurança de uma jovem — ela franziu a testa. — Como foi que John Pequeno descobriu o lugar para onde levaram Nellie?

— Ele seguiu a carruagem a pé. Contou-me que não foi difícil, porque o trânsito estava muito lento devido o nevoeiro — Artemis sorriu com tristeza. — John Pequeno é um rapaz inteligente. Ele sabia que o rapto de uma jovem



perto de uma das entradas dos Pavilhões era o tipo de informação pela qual eu pagaria muito bem.

— Acho que de fato deve querer estar a par de tal atividade criminosa ocorrendo nas proximidades do local do seu negócio. Afinal de contas, como proprietário dos Pavilhões, tem uma certa responsabilidade.

— Tem razão — Artemis parecia estar se recolhendo ainda mais nas profundezas sombrias. — Não posso me dar ao luxo de ter esse tipo de coisa acontecendo na vizinhança. É mau para os negócios.

## DOIS

O vidro grosso das janelas do Yellow-Eyed Dog brilhava com uma luz maligna. O fogo na lareira criava sombras ameaçadoras que dançavam como fantasmas embriagados.

Os freqüentadores sem dúvida estavam bêbados, pensou Artemis, mas certamente não eram fantasmas inofensivos. A maioria devia estar armada. O Yellow-Eyed Dog era um ponto de encontro para alguns dos piores elementos da zona do meretrício.

Madeline estudou o cenário atentamente através da janela da carruagem.

— Por sorte lembrei de trazer a minha pistola.

Ele conseguiu evitar um gemido em voz alta. Estava com ela havia apenas uma hora, mas já a conhecia suficientemente bem para não se espantar com a novidade.

— Faça o favor de mantê-la dentro da bolsa — disse ele com firmeza. — Prefiro não recorrer a pistolas, se puder evitar. Elas tendem a precipitar confusões muito desagradáveis.

— Sei muito bem disso — retrucou ela.

Ele lembrou dos boatos que tinha ouvido sobre a morte do marido dela.

— É, imagino que saiba. — No entanto — continuou Madeline —, raptar uma jovem no meio da rua não é nenhum crime bem comportado ou agradável, senhor. Suspeito que não terá uma solução ordenada.

Ele retesou o maxilar.

— Se a sua Nellie está dentro do Dog, devo conseguir resgatá-la sem usar uma pistola.

Madeline continuava a duvidar.

— Acho que isso não vai ser possível, Sr. Hunt. Os freqüentadores parecem um bando bem rude.

— Mais motivo ainda para evitar barulho que pode chamar a atenção deles. — Ele olhou fixo para ela. — Meu plano só não vai funcionar se a <sup>23</sup> senhora não seguir as instruções, madame.

— Eu concordei em sujeitar-me ao seu esquema, e é isto que vou fazer. — Ela fez uma pausa. — A não ser, é claro, que alguma coisa dê errado.

Ele tinha de se contentar com aquela promessa fraca, pensou. A Perversa Viúva obviamente estava acostumada a dar ordens, não a receber.

— Muito bem, então vamos trabalhar. Compreendeu o seu papel? — Não se preocupe, senhor. John Pequeno e eu estaremos esperando na carruagem, na rua dos fundos.

— Tratem de estar lá. Ficarei muito aborrecido se sair pela porta dos fundos com a Nellie e não avistar nenhum meio de transporte conveniente para me afastar da vizinhança.

Artemis jogou o chapéu no banco e desceu da carruagem.

Latimer passou as rédeas para John Pequeno e desceu da boléia para juntar-se a Artemis. Parecia ainda maior de pé na calçada do que encurvado no banco da boléia. Os ombros largos do cocheiro escondiam a maior parte do brilho da única lamparina da carruagem.

Artemis lembrou da primeira impressão que teve de Latimer. *Mais um guarda do que um cocheiro.*

— Estou com a minha pistola, senhor — Latimer tranqüilizou Artemis.

— Você e a sua patroa andam sempre armados até os dentes? Latimer pareceu surpreso com a pergunta.

— Sim, senhor.

Artemis balançou a cabeça.

— E ela acha que eu sou excêntrico. Deixe para lá. Está pronto?

— Sim, senhor. — Latimer lançou um olhar ameaçador para as janelas do Yellow-Eyed Dog. — Por Deus, se machucaram a minha Nellie, farei cada um deles pagar por isso!

— Duvido que tenham tido tempo para fazer algum mal à moça. — Artemis foi atravessando a rua. — Para ser franco, se ela foi raptada com a intenção de ser vendida para um bordel, os bastardos terão de ter muito cuidado para não fazer nada que prejudique... é... seu valor nesse mercado específico, se é que me entende.

Latimer ficou tenso de apreensão e fúria.

— Compreendo muito bem, senhor. Ouvi dizer que vendem moças em leilões, do mesmo jeito que vendem cavalos em Tattersalls. As pobrezinhas ficam com quem dá mais.

— Não se preocupe, vamos encontrá-la em tempo — disse Artemis calmamente.

Latimer virou-se para Artemis. Seu rosto era uma máscara gelada à luz amarela que brilhava pelas janelas da taverna.

— Se tirarmos minha Nellie a salvo daqui esta noite, quero que saiba que serei seu devedor pelo resto da vida, senhor. ^^~

O pobre homem estava apaixonado, pensou Artemis. Sem encontrar palavras para acalmá-lo, apertou o ombro de Latimer.

— Não esqueça — disse Artemis. — Dê-me quinze minutos, não mais, e então invente alguma coisa para chamar a atenção — ele se escondeu nas sombras.

— Sim, senhor — Latimer caminhou com passos largos para a porta da taverna e desapareceu lá dentro.

Artemis foi para a rua que dava nos fundos da taverna. Com três passos ele ficou cercado por uma onda de odores pestilentos. A passagem estreita obviamente era usada como banheiro, além de depósito de lixo. Suas botas iam precisar de uma boa limpeza quando terminasse o trabalho aquela noite.

Chegou ao fundo da viela, virou a esquina e se viu no que um dia havia sido um jardim. O banheiro da taverna ficava num canto. A porta da cozinha estava aberta para deixar o ar da noite entrar. No andar de cima, uma luz tremulava numa janela.

Artemis puxou para cima a gola do seu sobretudo para esconder o rosto e foi andando na direção da porta da cozinha. Se alguém o visse, passaria como apenas mais um libertino bêbado que vagava pelos bordéis em busca de devassidão e divertimento.

Achou a escada dos fundos e subiu, dois degraus de cada vez, até o andar de cima. No patamar, ele ouviu as vozes abafadas de dois homens. Uma discussão violenta se desenrolava atrás de uma das portas que davam para o corredor escuro.

— Ela é seda pura, estou te dizendo. Podemos conseguir o dobro por ela daquela velha alcoviteira que dirige a casa da Rose Lane.

— Eu fiz um acerto, maldita seja, e não vou desfazer. Tenho de pensar na minha reputação.

— Isso que a gente está fazendo é um negócio, seu idiota, não algum esporte de cavalheiros, com regras e coisas assim. A questão é fazer dinheiro, e estou te dizendo, ela valerá muito mais se for vendida para a dona do bordel na Rose...

A discussão foi interrompida por uma barulheira vinda do andar térreo. Berros e gritos de alarme ecoaram pela escada. Artemis reconheceu a voz mais alta de todas. Era de Latimer. — Fogo! A cozinha está pegando fogo! Fugam, o lugar vai virar um inferno!

Então começou um barulho surdo de batidas fortes. O som de botas pesadas correndo para a porta, imaginou Artemis. Ele ouviu um ronco e uma pancada muito forte, quando algum objeto grande, uma mesa talvez, despencou de lado.

Ele experimentou a primeira maçaneta que viu no corredor. Girou-a com facilidade. Ele abriu um pouco a porta e parou. Seus sentidos informaram que o quarto escuro estava vazio. Entrou e deixou a porta ligeiramente aberta.

— Façam soar o alarme! — a voz abafada de Latimer transformou-se num berro. — A fumaça está tão densa na cozinha que agora não dá para ver sua maldita mão na frente da cara.

A segunda porta no corredor do andar de cima abriu com estrondo. Artemis observou na escuridão um homem grande e musculoso aparecer. Foi seguido por um companheiro magro, com o rosto vermelho. A luz da lamparina dentro do quarto revelou as roupas comuns e a expressão desconfiada dos dois.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou o homem grande.

— Você ouviu o aviso — o homem magro tentou e não conseguiu dar a volta no outro homem. — É um incêndio. Estou sentindo o cheiro da fumaça. Precisamos dar o fora daqui.

— E a garota? Ela vale demais para ser deixada para trás.

— Ela não vale a minha vida — o homem magro finalmente conseguiu abrir caminho e passou para o corredor. Saiu em disparada para a escada da frente. — Pode carregá-la, se acha que vale a pena.

O homem grande hesitou. Olhou para o quarto iluminado pelo lampião. A frustração travava uma guerra com o desespero nas suas feições grosseiras.

— Maldição dos infernos!

Infelizmente a ganância venceu. O homem deu meia-volta e entrou no pequeno quarto outra vez. Apareceu um minuto depois carregando uma mulher inconsciente nos ombros largos.

Artemis foi para o corredor.

— Permita-me ajudá-lo a salvar a jovem. O homem vociferou furioso.

— Saia do maldito caminho!

— Perdão — Artemis saiu da frente.

O homem avançou apressado, indo para a escada. Artemis pôs o pé na frente dele e ao mesmo tempo deu-lhe um golpe na região vulnerável entre o pescoço e os ombros.

O homem deu um grito quando sentiu seu braço esquerdo e

praticamente todo o lado esquerdo do corpo ficar insensível. Tropeçou e caiu por cima da bota de Artemis. Largou Nellie para estender o braço direito numa tentativa vã de aparar a queda.

Artemis agarrou Nellie antes de o homem bater no chão. Arrumou a moça em cima do ombro e dirigiu-se para a escada dos fundos. Ouviu lá embaixo o som das pessoas tentando fugir pela porta da cozinha.

Alguém apareceu na metade da escada estreita.

— Está com ela? — perguntou Latimer. Então ele viu o que Artemis carregava — *Nellie!* Está morta!

— Apenas dormindo. Provavelmente deram láudano para ela, ou alguma coisa parecida. Venha, temos de correr. — Latimer não conversou. Deu meia-volta e desceu a escada. Artemis foi rapidamente atrás dele.

Quando chegaram ao térreo, obviamente foram os últimos a sair do prédio. A fumaça enchia a cozinha.

— Você deve ter exagerado no óleo de lampião que jogou no fogo do fogão — observou Artemis.

— O senhor não disse quanto eu devia usar — rosnou Latimer.

— Tudo bem, funcionou.

Atravessaram correndo o jardim e entraram na rua estreita. Havia algumas pessoas ali, mas a atmosfera geral de pânico diminuía rapidamente. A ausência de labaredas sem dúvida prejudicava a eficiência da ilusão, pensou Artemis. Ele viu um homem, possivelmente o proprietário da taverna, tentando entrar de novo no prédio.

— Vamos sair logo daqui — ordenou Artemis.

— Sim, senhor.

A carruagem estava lá, exatamente onde Artemis tinha dito para ficar aguardando. Pelo menos a mulher tinha seguido as ordens. John Pequeno estava na boléia, com as rédeas nas mãos. A porta do veículo abriu assim que Artemis se aproximou.

— Vocês a encontraram! — gritou Madeline. — Graças a Deus!

Ela estendeu a mão para ajudar Artemis a pôr Nellie na carruagem pela pequena abertura. Latimer subiu e assumiu o controle dos cavalos.

Artemis conseguiu fazer Nellie passar pela porta e se preparou para entrar também.

— Fique parado aí onde está, seu ladrãozinho bastardo, ou ponho uma bala na sua espinha.

Artemis reconheceu a voz. Era o homem magro.

— Latimer, tire-nos daqui — Artemis se jogou pela porta e fechou-a rapidamente.

Puxou Madeline do banco e jogou-a no chão para sua silhueta não aparecer na janela. Mas ela resistiu por alguma razão misteriosa. Artemis sentiu que ela lutava contra ele enquanto a carruagem começava a se mexer. Ela levantou o braço. Artemis viu a pequena pistola na mão dela, a poucos centímetros da orelha dele.

-Não! —ele berrou.

Mas sabia que era tarde demais. Largou-a e protegeu as orelhas com as mãos.

Viu um clarão. Dentro da pequena cabine o estampido da pequena pistola parecia o troar de um canhão.

Artemis percebeu vagamente que a carruagem estava se movendo, mas o barulho das rodas e dos cascos era apenas um zumbido distante. Abriu os olhos e viu Madeline olhando aflita para ele. Os lábios estavam se mexendo, mas ele não ouvia uma palavra do que ela dizia.

Ela o segurou pelos ombros e o sacudiu. Sua boca abriu e fechou novamente. Ele compreendeu que perguntava se ele estava bem.

— Não — ele disse. Seus ouvidos estavam apitando. Ele não ouvia direito a própria voz. Esperava estar gritando. Certamente estava com vontade de gritar. — Não, não estou nada bem. Que diabos, madame, só posso torcer para que a senhora não tenha me deixado surdo para o resto da vida.

## TRÊS

Os vapores que saíam pela porta da pequena destilaria cheiravam a vinagre, camomila e flores secas. Madeline parou e examinou o pequeno cômodo. Com sua coleção de frascos, pilões e almofarizes e potes de diversos tamanhos, além da grande variedade de ervas e flores secas, a destilaria sempre fazia Madeline lembrar de um laboratório. Sua tia, protegida por um grande avental e concentrada num frasco borbulhante, podia ser confundida com uma alquimista.

— Tia Berenice?

— Um momentinho, querida — Berenice não tirou os olhos do que estava fazendo. — Estou bem no meio de uma infusão.

Madeline ficou esperando impaciente.

— Desculpe interrompê-la, mas quero pedir a sua opinião sobre um assunto muito importante.

— Claro. Só mais uns minutinhos. A potência desse tônico depende exclusivamente do tempo que as flores ficam embebidas no vinagre.

Madeline cruzou os braços e encostou o ombro no umbral da porta. Não adiantava apressar a tia quando estava envolvida na preparação de uma das suas poções. Graças a Berenice, Madeline tinha certeza de que a casa possuía a maior variedade de chás calmantes, infusões tônicas, pomadas medicinais e outros elementos do gênero de toda Londres.

Berenice tinha paixão pelos tônicos e elixires que fabricava. Dizia que sofria dos nervos e estava sempre experimentando tratamentos terapêuticos para isto. Além do mais, ela se dedicava ao diagnóstico de problemas similares nos outros e era dada a preparar remédios especiais para eles, baseados em seus temperamentos.

Berenice passava horas pesquisando antigas receitas de várias poções e decocções destinadas ao tratamento de doenças dos nervos. Conhecia todos os apotecários da cidade, especialmente os poucos que vendiam ervas vanzagarianas raras.

Madeline teria menos paciência com o passatempo da tia se não fosse por duas coisas. A primeira era que os remédios de Berenice muitas vezes provavam ser extraordinariamente eficazes. O chá de ervas que tinha dado para Nellie aquela manhã tinha provocado um efeito calmante maravilhoso nos nervos abalados da criada.

A segunda coisa era que ninguém entendia melhor do que Madeline como aquelas distrações eram necessárias em determinadas ocasiões. Os acontecimentos daquela noite escura, quase um ano antes, tinham sido suficientes para desequilibrar até os nervos mais fortes. As ocorrências perturbadoras dos últimos dias só pioravam as coisas.

Berenice tinha quarenta e poucos anos, era uma mulher requintada, animada e atraente, de raciocínio rápido. Anos atrás, ela costumava freqüentar as rodas sociais, mas abdicara do brilho na sociedade para tomar conta da filha pequena do irmão depois que Elizabeth Reed morreu.

— Pronto — Berenice tirou o frasco rapidamente do fogo e derramou o conteúdo numa panela, passando-o por um coador. — Agora precisa esfriar por uma hora.

Ela secou as mãos no avental e se virou para Madeline. Seus olhos cinza-azulados cintilaram de satisfação.

— O que queria conversar comigo, querida?

— Temo que o Sr. Hunt vá cumprir a promessa de vir nos visitar esta tarde — disse Madeline, bem devagar.

Berenice ergueu as sobrancelhas.

— Ele não pretende nos visitar, querida. É você que ele quer ver.

— É, bem, o que acontece é que a noite passada, depois de nos deixar em casa, ele me disse da forma mais direta que quer me fazer algumas perguntas.

— Perguntas?

Madeline soltou o ar lentamente.

— Sobre como descobri tanta coisa sobre seus negócios.

— Ora, é claro, querida. Não se pode culpar o homem. Afinal de contas, ele se empenhou muito para ocultar alguns aspectos da sua vida privada. Então, uma noite, sem mais nem menos, uma mulher que ele não conhecia entra em contato com ele no clube particular e pede ajuda para salvar a criada. Nesse processo, ela informa que sabe muito bem que, além de proprietário dos Pavilhões do Sonho, ele também é um mestre Vanza. Qualquer homem na posição dele ficaria naturalmente assustado.

— Por certo ele não pareceu nada satisfeito com isso. Não espero que seja uma conversa agradável. Mas depois do que ele fez por nós a noite passada, acho que seria falta de educação recusar-me a vê-lo hoje.

— Seria mesmo falta de educação — disse Berenice. — Pelo andar da carruagem, ele conquistou o lugar de um herói a noite passada. Latimer andou exaltando os feitos do Sr. Hunt a manhã toda.

— Tudo bem que o Latimer faça de Hunt um herói. Mas sou eu que tenho de encarar-lo esta tarde e explicar como fiquei sabendo dos detalhes mais íntimos de seus negócios.

— Compreendo que isso pode ser um pouco constrangedor — Berenice disse para Madeline com um olhar sagaz. — Você está ansiosa porque, apesar de ter ficado contente de usar as habilidades do Sr. Hunt ontem à noite, não sabe o que fazer com ele esta manhã.

— Ele é um Vanza.

— Isso não o transforma automaticamente num demônio. Nem todos os cavalheiros que são membros da Sociedade Vanzagariana são como Renwick Deveridge — Berenice deu um passo à frente e pôs a mão no braço de Madeline. — Basta pensar no seu querido pai para saber que isso é verdade.

— E, mas...

— Não há nada nos seus registros que indique que Hunt tenha alguma inclinação para o mal, há?

— Bem, não, mas...

— Na verdade, ele foi muito sensato quanto à questão da noite passada.

— Eu não lhe dei muitas opções. Berenice levantou uma sobrancelha.

— Não tenha tanta certeza disso. Tenho a impressão de que Hunt poderia ter sido muito mais difícil de manobra, se ele quisesse.

Madeline teve um lampejo de esperança.

— Sabe, tia Berenice, você pode ter razão. Hunt cooperou de forma espantosa ontem à noite.



— Tenho certeza de que você será capaz de explicar tudo para ele hoje, de um jeito que irá satisfazê-lo.

Madeline pensou na determinação inabalável que viu nos olhos dele quando a deixou em casa na noite anterior. O breve alento de alívio desapareceu.

— Não estou tão certa disso.

— O seu problema é só uma questão de esgotamento nervoso — Berenice pegou uma garrafinha azul que estava na mesa. — Tome uma colher disto com o chá. Ficará mais disposta logo, logo.

— Obrigada, tia Berenice. Distraída, Madeline pegou a garrafa.

— Eu não me preocuparia muito com o Sr. Hunt — disse Berenice animada. — Acho que a principal preocupação dele é que você não revele sua identidade como Mercador de Sonhos. E não podemos culpá-lo. Ele se movimenta em círculos bastante exclusivos no momento.

— É — Madeline franziu a testa. — Queria saber por que ele não parece ser do tipo que dá a mínima para a alta sociedade.

— Sem dúvida está à procura de uma esposa — disse Berenice com segurança. — Se a notícia de que está envolvido nesse comércio se espalhasse, seu campo ficaria bem estreito.

— Uma esposa? — Madeline ficou espantada com a própria reação à dedução de Berenice. Por que a decepção de saber que Hunt escondia suas ligações comerciais por estar à procura de uma esposa? Era uma conclusão perfeitamente lógica. — Sim, é claro. Não tinha pensado nessa possibilidade.

Berenice olhou longamente para a sobrinha.

— Porque anda ocupada demais ultimamente imaginando conspirações terríveis e vendo presságios agourentos nas coisas mais insignificantes e comuns? Não admira os seus nervos estarem tão inflamados que nem consegue dormir direito.

— Você pode estar certa — Madeline virou-se para o corredor. — Mas de uma coisa tenho certeza. Preciso convencer Hunt de que seus segredos estão seguros comigo.

— Sei que você conseguirá isso sem problemas, minha querida. A você não faltam recursos.

Madeline foi para a biblioteca. Parou para esvaziar a garrafinha azul num vaso de plantas perto da janela. Depois sentou à sua mesa e ficou pensando em Artemis Hunt.

Berenice tinha razão. Hunt havia cooperado muito na noite anterior. Também havia exibido um grau muito útil de habilidade. Talvez pudesse ser convencido a ser ainda mais útil no futuro.

Artemis estava confortavelmente sentado na sua cadeira, com um tornozelo apoiado no joelho, batendo com o abridor de cartas na bota. Olhava para o homem corpulento sentado diante dele, do outro lado da mesa larga.

Henry Leggett era o agente financeiro de Artemis muito antes de ele ter de cuidar de qualquer negócio de certa importância. De certa forma, havia herdado Henry de seu pai.

Não que os serviços de Henry tivessem muita utilidade para Carlton Hunt. Artemis gostava do pai, mas não se podia negar que Carlton não se interessava muito em investir no futuro. Depois da morte da mulher dele, esse pouco interesse pela administração do que restava da fortuna da família Hunt

desapareceu por completo.

Henry e Artemis testemunharam, impotentes, todos os conselhos sensatos do agente financeiro sendo ignorados pelo homem que vivia para o jogo e para as aventuras imprudentes nos bordéis. No fim, foi Henry quem viajou para Oxford para dizer para Artemis que Carlton tinha morrido, vítima de um duelo por causa de uma disputa num jogo de cartas. Foi Henry quem informou com tristeza que não restava nada nos cofres da família.

Sozinho no mundo, Artemis recorreu às casas de jogo para sobreviver. Diferentemente do pai, tinha uma certa habilidade com as cartas. Mas a vida de um jogador, na melhor das hipóteses, era precária.

Uma noite, Artemis conheceu um cavalheiro idoso que costumava ganhar com eficiência metódica. Todos os outros jogavam com uma garrafa de vinho ao lado, mas o velho não bebia nada. Diferentemente dos seus companheiros, que pegavam suas cartas e as jogavam na mesa com displicência estudada, o vencedor prestava muita atenção no que tinha nas mãos.

Artemis pediu licença para sair no meio do jogo porque compreendeu que, no fim, todos perderiam para o cavalheiro desconhecido. Depois de um tempo, o estranho pegou suas fichas e saiu do clube. Artemis seguiu o homem pela rua.

— O que eu teria de pagar para aprender a jogar cartas como o senhor?  
— ele perguntou quando o homem estava prestes a subir numa carruagem.

O estranho examinou Artemis com olhos tranquilos, avaliando-o por um tempo.

— O preço seria bem alto — respondeu. — Poucos jovens se disporiam a pagar. Mas suas intenções são sérias, pode me procurar amanhã. Conversaremos sobre o seu futuro.

— Eu não tenho muito dinheiro — Artemis sorriu. — Para falar a verdade, tenho agora bem menos do que tinha mais cedo, graças ao senhor.

— Você foi o único que teve o bom senso de abandonar o jogo quando viu o que ia acontecer — disse o estranho. — Talvez tenha o potencial de um aluno excelente. Estarei à sua espera amanhã de manhã.

Artemis estava nos degraus da entrada da casa do estranho às onze horas na manhã seguinte. Assim que entrou, percebeu que estava no lar de um homem erudito, não um jogador profissional. Logo descobriu que George Charters era matemático, por dom e estudo.

— Eu estava só experimentando uma idéia que tive alguns meses atrás, relativa à probabilidade de certos números aparecerem em série nas mãos do jogo de cartas — ele explicou. — Mas não tenho interesse em ganhar a vida nas mesas de jogo. Imprevisível demais para o meu gosto. E o senhor? Pretende passar sua vida nos salões de jogo?

— Não, se puder evitar — respondeu Artemis prontamente. — Prefiro uma carreira mais previsível também.

George Charters era um Vanza. E quis ensinar para Artemis algumas noções básicas da filosofia. Quando sentiu que tinha um aluno apto e disposto, ofereceu-se para pagar a passagem de Artemis para a ilha de Vanzagara. Henry Leggett achou que ele devia aproveitar a oportunidade.

Artemis passou quatro anos muito intensos nos Templos do Jardim e voltava para a Inglaterra todo verão para estar com George e Henry, e com sua amante, Catherine Jensen.

Na última visita, Artemis ficou sabendo que George estava morrendo de uma doença do coração e que Catherine havia morrido, vítima de uma queda misteriosa.

Henry ficou ao lado dele nos dois enterros. Quando terminaram, Artemis anunciou que não ia voltar para Vanzagara. Pretendia ficar na Inglaterra, fazer fortuna e buscar a vingança. Henry não gostou muito da idéia da vingança, mas aprovou o plano de fazer fortuna. E aceitou a oferta do cargo.

Henry provou ser brilhante, não só administrando investimentos com grande discrição, mas também aprendendo os detalhes íntimos dos negócios financeiros dos outros. Henry fornecia para Artemis o tipo de informação que os Olhos e Ouvidos de Zachary não obteriam nas ruas, do tipo que só um homem de negócios respeitável poderia descobrir.

Mas aquela manhã, Artemis resolveu que não bastava.

— Isso foi tudo o que descobriu sobre a Sra. Deveridge, Henry? Boatos, fofocas e escândalos de segunda mão? Eu já sei quase tudo que você me contou. Nos clubes todos sabem.

Henry, que consultava seu caderno de notas, levantou a cabeça. Olhou para Artemis por cima da armação de ouro dos óculos.

— Você não me deu muito tempo para cumprir essa tarefa, Artemis — ele olhou para o relógio encostado na parede. — Recebi o seu recado mais ou menos às oito horas esta manhã. Agora são duas e meia. Seis horas e meia simplesmente não são suficientes para o tipo de respostas que você deseja. Terei mais para oferecer daqui a alguns dias.

— Que inferno! Meu destino está nas mãos da Perversa Viúva, e tudo que você pode me dizer é que ela tem o hábito de assassinar os maridos.

— Um marido, não, vários — disse Leggett com seu jeito irritante de tão preciso. — E a história é baseada em fofocas, não em fatos. Devo lembrar-lhe que a Sra. Deveridge nunca foi considerada suspeita da morte do marido. Nem foi interrogada, quanto mais acusada de alguma coisa.

— Porque não havia prova. Apenas especulação.

— É verdade — Henry olhou para suas anotações. — De acordo com os fatos que pude apurar, Renwick Deveridge estava sozinho tarde da noite quando um assaltante arrombou sua casa. O vilão matou Deveridge com um tiro, ateou fogo à casa para ocultar o crime e fugiu com as coisas roubadas.

— Mas ninguém na sociedade acredita que foi isso que aconteceu.

— Não era segredo que Deveridge estava afastado da esposa. A Sra. Deveridge havia saído da casa semanas depois do casamento. Recusava-se a voltar a viver com ele maritalmente — Henry parou de falar para pigarrear. — Dizem que ela é um tanto... bem, voluntariosa.

— É, sou testemunha disso — Artemis bateu com o abridor de cartas na bota. — O que você pode me dizer sobre o infeliz do marido?

As sobrancelhas hirsutas e grisalhas de Henry se juntaram enquanto ele consultava suas notas.

— Pouca coisa. Como sabe, o nome dele era Renwick Deveridge. Não descobri nada sobre a família dele. Parece que passou algum tempo no continente durante a guerra.

— E daí? — Artemis olhou maliciosamente para Henry. — Você também fez isso.

Henry pigarreou outra vez.

— É, bom, acho que posso afirmar que ele não andou vadiando, espionando Napoleão. De qualquer forma, Deveridge voltou para Londres há cerca de dois anos. Conheceu Winton Reed e logo depois ficou noivo da filha de Reed. Madeline Reed e Deveridge casaram-se pouco tempo depois.

— Não foi um noivado longo.

— Na verdade eles se casaram com uma licença especial — Henry remexeu nos seus papéis como se desaprovasse. — Eu anotei aqui que a senhora tinha fama de ser bastante impetuosa e temerária. Dizem que dois meses depois da noite de núpcias Deveridge estava morto, e começaram a circular as fofocas especulando que tinha sido assassinado por ela.

— Deveridge deve ter sido um marido muito decepcionante.

— De fato — disse Henry enfaticamente — correram boatos de que antes de Deveridge ser despachado de forma tão conveniente, o pai da Sra. Deveridge, Winton Reed, havia instruído seu advogado para investigar se era possível a anulação do casamento ou uma separação formal.

— Uma *anulação* — Artemis jogou o abridor de cartas na mesa e se endireitou na cadeira abruptamente. — Tem certeza disto?

— A certeza que posso ter, com os fatos limitados de que disponho. Dada a grande dificuldade e as despesas necessárias para obter um divórcio, uma anulação, por mais demorado que fosse o processo, sem dúvida parecia o caminho mais simples.

— Mas nada lisonjeiro para Renwick Deveridge. Os motivos que justificam uma anulação são poucos, afinal de contas. Neste caso, eu suponho que os únicos que se aplicariam teriam envolvido uma acusação de impotência contra Deveridge.

— Verdade — Henry pigarreou mais uma vez.

Artemis lembrou que Henry era um pouco puritano no que dizia respeito à intimidade física.

— Mas mesmo com o auxílio de advogados habilidosos, a Sra. Deveridge levaria anos para estabelecer um caso de impotência.

— Sem dúvida. Quase todas as pessoas da alta sociedade supõem que ela não teve paciência para enfrentar os procedimentos legais — Henry fez uma pausa. — Ou talvez ela tivesse descoberto que o pai não podia arcar com as despesas.

— Então tomou providências para dar fim ao casamento do seu jeito, é isto?

— Certamente é isso que dizem os boatos.

Artemis havia estado com ela tempo suficiente na véspera para saber que era uma dama com uma determinação formidável. Se estivesse realmente desesperada para acabar com o casamento, será que chegaria a ponto de assassinar Deveridge?

— Você disse que Renwick Deveridge levou um tiro antes de o incêndio começar?

— Segundo o médico que examinou o corpo, sim. Artemis levantou da cadeira e foi para perto da janela,

— Devo dizer que ontem à noite a Sra. Deveridge demonstrou uma certa habilidade com pistolas.

— Hum. Não é o tipo de habilidade que combina com uma dama. Artemis sorriu, admirando seu jardim cercado por muros altos. Henry

— tinha uma visão tradicional sobre o comportamento das mulheres.

— Não. Tem mais alguma coisa para mim?

— O pai da Sra. Deveridge era um dos membros mais antigos da Sociedade Vanzagariana. Detinha a posição de mestre.

— É, eu sei.

— Tinha bastante idade quando casou e teve a filha. Dizem que, depois da morte da mulher dedicou-se à Madeline. Chegou a ensinar-lhe assuntos que a maioria das pessoas não consideraria apropriados para uma jovem dama.

— Tais como o uso de uma pistola, ao que parece.

— É, parece. Reed tornou-se uma espécie de recluso nos últimos anos de vida. Devotado ao estudo de línguas mortas.

— Creio que ele era um grande especialista na língua antiga de Vanzagara — disse Artemis. — Continue.

— Reed morreu numa manhã depois do incêndio. Os vendedores de escândalos afirmam que o fato de saber que a filha tinha perdido o juízo &■ assassinado o marido foi um choque tão grande que provocou um ataque do coração.

— Entendo.

Henry tossiu discretamente.

— Como homem de negócios, acho que devo explicar que, devido à série de mortes infelizes na família, a Sra. Deveridge é hoje a única herdeira dos bens do pai e do marido.

— Meu Deus, homem — Artemis deu meia-volta e encarou Henry. — Com certeza você não está insinuando que ela assassinou os dois para pôr as mãos em suas fortunas?

— Não, claro que não — Henry apertou os lábios, desgostoso. — É difícil acreditar que qualquer filha pudesse ser tão desumana. Estava apenas chamando a atenção para... bem, os resultados dos acontecimentos extemporâneos.

— Obrigado, Henry. Sabe que confio em você para esse tipo de análises — Artemis voltou para a sua mesa e apoiou-se na beirada. — E enquanto estamos tratando desses fatos impressionantes, não posso evitar citar mais um.

— Qual, senhor?

— Renwick Deveridge tinha estudado Vanza. Não seria nada fácil matá-lo.

Henry piscou várias vezes por trás das lentes dos óculos, absorvendo as implicações do que Artemis tinha dito.

— Compreendo o que quer dizer. É difícil acreditar que uma mulher poderia levar isso a cabo, não é?

— Assim como um arrombador comum, pelo mesmo motivo. Henry olhou para ele meio confuso.

— É verdade. — Eu acho — disse Artemis bem devagar — que dos dois possíveis suspeitos da morte de Deveridge, a mulher dele ou um salteador desconhecido, eu apostaria na mulher.

Henry parecia magoado.

— Eu juro, a idéia de uma mulher recorrendo a tal violência provoca um calafrio na espinha de um homem, não acha?

— Não sei sobre o calafrio, mas certamente suscita algumas perguntas

interessantes.

Henry gemeu em voz alta.

— Era disso que eu tinha medo. Artemis olhou para ele.

— O que quer dizer?

— Eu sabia, desde o momento que recebi o seu recado esta manhã, que havia algo de errado em todo esse caso. Você está curioso demais sobre Madeline Deveridge.

— Ela representa um problema. Estou tentando reunir informações sobre esse problema. Você me conhece, Henry. Eu gosto de estar a par de todos os fatos antes de agir.

— Não tente me iludir com essas explicações furadas. Isso é mais do que uma mera questão de negócios para você, Artemis. Estou percebendo que você está fascinado pela Sra. Deveridge. Na verdade, não vejo tanto interesse pessoal por uma mulher assim há muito, muito tempo.

— Acho que você deveria ficar contente por mim, Henry. Já faz algum tempo que vem me dizendo que fiquei obcecado demais com meus planos de vingança. No mínimo, a minha associação com a Sra. Deveridge servirá para ampliar o alcance dos meus interesses e atividades por um tempo.

Henry olhou para ele com tristeza.

— Infelizmente, acho que não será ampliado de um modo positivo.

— De qualquer modo, tenho algum tempo ocioso enquanto espero a conclusão dos meus outros planos — Artemis fez uma pausa. — Creio que vou me ocupar com uma investigação mais detalhada da Sra. Deveridge.

## QUATRO

Ele examinou a pequena casa no final da rua enquanto subia os degraus da entrada. Não era grande, mas tinha janelas bem proporcionais para deixar entrar a claridade e dar uma boa vista do parque. A vizinhança parecia silenciosa e sossegada, mas não era o que se poderia chamar de elegante.

A Sra. Deveridge podia controlar as heranças consideráveis deixadas pelo pai e pelo marido, mas não gastava seu dinheiro numa mansão luxuosa, num bairro da moda. Pelo que Henry tinha sido capaz de concluir, ela levava uma vida de quase reclusão com a tia.

— Os mistérios que cercavam a dama ficavam cada vez mais intrigantes, pensou Artemis. E a curiosidade de vê-la à luz do dia pela primeira vez também. A lembrança dos olhos provocantemente cobertos por um véu de renda negra mantivera Artemis horas acordado na noite anterior.

Latimer abriu a porta. Ele parecia ainda maior à luz do dia no pequeno hall do que no nevoeiro da véspera.

— Sr. Hunt — os olhos do homem brilharam.

— Bom-dia, Latimer. Como vai a sua Nellie?

— Muito bem, graças ao senhor. Não lembra muito bem o que aconteceu, mas acho que é melhor assim — Latimer hesitou um pouco. — Quero dizer mais uma vez, senhor, que sou muito grato pelo que fez.

— Formamos uma boa equipe, não é mesmo? — Artemis entrou na casa. — Por favor, diga à Sra. Deveridge que quero vê-la. Creio que está me esperando.

— Sim, senhor. Ela está na biblioteca. Vou anunciá-lo, senhor — ele deu meia-volta e seguiu na frente.

Artemis olhou para as venezianas nas janelas. Tinham tramelas e cadeados pesados, e sinos minúsculos que dariam o aviso se alguém tentasse abri-las à força. Quando trancadas à noite, formavam uma proteção bem robusta contra intrusos. Será que a dama temia assaltantes comuns, <sup>39</sup> ou alguma ameaça maior?

Ele seguiu Latimer por um longo corredor até a parte de trás da casa. O homenzarrão parou na porta de uma sala repleta, do chão ao teto, de livros com capa de couro, periódicos, cadernos e papéis de todos os tipos. As belas janelas davam para um jardim bem cuidado mas severamente podado, e também tinham tramelas, cadeados e sinos.

— O Sr. Hunt deseja vê-la, madame.

Madeline levantou-se atrás de uma pesada mesa de carvalho.

— Obrigada, Latimer. Entre, Sr. Hunt.

Ela usava um vestido preto num estilo muito em moda, com a cintura alta, mas não havia nenhum véu de renda cobrindo suas feições àquela manhã. Artemis olhou para ela e entendeu que Henry tinha razão quanto à profundidade do seu interesse por aquela mulher. Era muito mais que curiosidade, entrava no perigoso reino da fascinação. A sensação parecia tremeluzir em volta dele. Ficou imaginando se Madeline também sentia.

Havia uma mistura atordoante de inteligência, determinação e desconfiança em seus olhos azuis-claros. O cabelo escuro estava repartido no meio e preso na nuca, um penteado bem-feito e discreto. Sua boca era

carnuda e macia, o queixo marcante, e transmitia uma segurança que representava um desafio sutil a tudo que havia de macho nele.

Latimer ficou parado na porta da biblioteca.

— Vai precisar de alguma coisa, madame? — Não, obrigada — disse Madeline. — Pode ir.

— Sim, senhora. — Latimer saiu da biblioteca e fechou a porta. Madeline olhou para Artemis. — Por favor, sente-se, Sr. Hunt.

— Obrigado. — Ele sentou na cadeira com braços, de faia laqueada e dourada, que ela indicou. Uma rápida olhada no belo tapete, nas cortinas pesadas e na mesa finamente trabalhada confirmou a avaliação que Leggett havia feito das finanças da Sra. Deveridge. A casa era pequena, mas a decoração era de excelente qualidade.

Ela sentou à sua escrivaninha.

— O senhor recuperou a audição?

— Meus ouvidos ficaram zumbindo por algum tempo, mas felizmente parece que recuperei todos os meus sentidos.

— Graças a Deus — ela parecia realmente aliviada. — Não queria ser responsável por qualquer dano à sua pessoa.

— A propósito, nem eu, nem — ele levantou uma sobrancelha — o vilão que a senhora queria alvejar sofremos nenhum dano.

Ela apertou os lábios.

— Na verdade eu atiro bem, senhor. Só que a carruagem estava se movendo, estava escuro, e o senhor *agarrou* meu braço, se ainda se lembra. Temo que a combinação de tantos obstáculos tenha prejudicado a minha mira.

— Peço que me perdoe, madame. Soluções violentas acontecem de tempos em tempos, mas geralmente prefiro evitar esse tipo de coisa.

Ela semicerrou os olhos.

— Isso é um tanto surpreendente, dado o seu treinamento.

— Se a senhora conhece alguma coisa sobre as artes antigas Vanza, deve saber que a sutileza deve sempre superar o óbvio na filosofia. A violência\* não é nada sutil. Quando a ocasião se apresentar, a estratégia deve ser elaborada com precisão e levada a cabo de tal maneira que os resultados não deixem pistas que conduzam diretamente para quem iniciou a ação.

Ela fez uma careta.

— O senhor é mesmo um aluno Vanza, Sr. Hunt. Seu raciocínio nesses assuntos é inteligente, astucioso e labiríntico.

— Percebo que o fato de ser Vanza não me eleva no seu conceito, madame. Mas permita-me lembrar que matar um homem com um tiro na rua, ontem à noite, poderia ter produzido uma série de complicações que nós dois acharíamos muito inconvenientes esta manhã.

— O que quer dizer? — ela arregalou os olhos, surpresa. — O senhor ajudou-me a salvar uma jovem. Como é que alguém poderia se opor a isto?

— Prefiro não chamar atenção, Sra. Deveridge. Ela ruborizou.

— Sim, é claro. Sem dúvida deve temer que a notícia da sua ligação com os Pavilhões do Sonho se espalhe. Fique tranquilo, não direi nada para ninguém.

— Aprecio sua compreensão. Aliás, tenho muita coisa em jogo neste momento.

— Não pretendo intrometer-me nos seus... é... negócios financeiros. Ele



ficou gelado. Quanto será que aquela mulher sabia? Seria possível que também conhecesse seus cuidadosos planos de vingança?

— Não pretende se intrometer, a senhora disse? — ele repetiu num tom neutro.

Ela moveu a mão num gesto de desinteresse.

— Céus, não, senhor. Seus planos de selecionar uma esposa nos círculos mais altos da sociedade não me interessam absolutamente. Case-se com quem quiser, Sr. Hunt. E desejo-lhes toda a sorte do mundo.

Ele relaxou um pouco.

— A senhora me deixa tranquilo, Sra. Deveridge.

— Compreendo que sua busca por uma noiva de boa família seria muito prejudicada se todos soubessem que o senhor trabalha no ramo de diversões — ela fez uma pausa, e as sobrancelhas se uniram quando franziu a testa, meio confusa. — Mas o senhor tem certeza de que é sensato contrair matrimônio apresentando o que pode ser considerado uma fraude?

— Para dizer a verdade, não tinha pensado no assunto a partir dessa perspectiva — disse ele suavemente.

— O que vai fazer quando souberem a verdade? — havia mais do que um leve tom de desaprovação na pergunta. — Espera que sua mulher simplesmente ignore o fato de ter esse tipo de negócio?

— Hummm.

Ela inclinou o corpo para a frente e olhou para ele muito séria.

— Permita que lhe dê um conselho, senhor. Se tem a intenção de estabelecer um casamento baseado em respeito mútuo e afeição, seja honesto com sua futura esposa desde o início.

— Como não tenho intenção alguma de estabelecer esse tipo de casamento no futuro próximo, acho que não preciso me preocupar muito com as recomendações no seu sermão sobre o assunto.

Ela recuou, surpresa. Então destrancou os dedos e recostou na cadeira rapidamente.

— Meu Deus, eu estava mesmo fazendo um sermão, não é?

— Certamente era o que parecia.

— Perdoe-me, Sr. Hunt — ela apoiou os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. — Acredite, não sei o que deu em mim. Não tinha o direito de me envolver na sua vida pessoal. Ultimamente meu raciocínio tem andado meio confuso. A única desculpa que tenho é que estou com dificuldade para dormir e... — ela parou de falar, levantou a cabeça e fez uma careta —...agora estou divagando.

— Não se preocupe com suas divagações — ele fez uma breve pausa. — Mas quero deixar claro que ficaria muito aborrecido se meus negócios se complicassem neste momento, especificamente. Estou certo de que pode imaginar que estou envolvido em alguns assuntos extremamente delicados.

— Sim, é claro. Entendo perfeitamente, senhor. Não há necessidade de me ameaçar.

— Não sabia que tinha feito qualquer ameaça.

— O senhor é um Vanza — ela olhou para ele muito séria. — Não precisa nem avisar. Posso garantir que está tudo muito claro.

Por alguma razão, o desprezo de Madeline por tudo que era Vanza

começava a irritar Artemis.

— Para uma dama que recorreu à chantagem para forçar-me a ajudá-la na noite passada, a senhora é bem atrevida de insultar-me agora.

— Chantagem? — ela arregalou os olhos, ofendida. — Não fiz nada disto.

— Deixou bem claro que sabia que eu era o proprietário dos Pavilhões do Sonho, e sabia que não quero nenhuma fofoca sobre isto. Perdoe-me se compreendi mal a sua intenção, mas tive a nítida impressão de que utilizou essa informação para forçar-me a ajudá-la.

Ela ficou rubra.

— Simplesmente afirmei suas obrigações nesse caso.

— Chame do que quiser. Eu acho que é chantagem.

— Oh. Bom, é claro que o senhor tem o direito de ter a sua opinião.

— É. E devo acrescentar que chantagem não é meu jogo de salão preferido.

— Lamento a necessidade de...

O brilho de pânico nos olhos dela satisfaz Artemis. Ele interrompeu suas explicações com um gesto. <sup>y</sup>— Como está a sua criada?

Madeline pareceu um pouco desconcertada com a brusca mudança de assunto. Fez um esforço visível para se recompor.

— Nellie está muito bem, apesar de os seqüestradores terem feito ela engolir uma grande quantidade de láudano. Ainda está um pouco grogue e a lembrança que tem dos acontecimentos é extremamente vaga.

— Latimer me disse que ela não se lembra de muita coisa.

— É. A única coisa que ela se lembra com alguma clareza é que os dois homens discutiram sobre como conseguir o melhor preço por ela. Teve a impressão de que alguém tinha encomendado que a raptassem, mas um deles achava que podiam receber mais se a vendessem para um outro cliente — Madeline estremeceu. — É revoltante pensar que os donos de bordéis estão ativamente envolvidos na compra e venda de mulheres jovens.

— Não só mulheres jovens. Negociam meninos também.

— É um comércio terrível. As autoridades deviam...

— As autoridades não podem fazer grande coisa a respeito.

— Graças a Deus conseguimos encontrar Nellie a tempo — Madeline olhou nos olhos de Artemis. — Se não tivéssemos a sua ajuda, não íamos recuperá-la mais. Ontem à noite não tive a oportunidade de agradecer adequadamente. Por favor, permita-me fazer isto agora.

— A senhora pode me agradecer respondendo às minhas perguntas —ele disse suavemente.

Uma expressão desconfiada iluminou os olhos dela. Ela segurou a borda da mesa como se estivesse se preparando para um ataque.

— Não esperava outra coisa. Muito bem, o senhor tem o direito de receber algumas explicações. Suponho que sua principal preocupação seja descobrir exatamente como fiquei sabendo da sua ligação com os Pavilhões do Sonho.

— Perdão, Sra. Deveridge, mas minha curiosidade sobre isso foi suficientemente forte para manter-me acordado um bom tempo a noite passada.

— É mesmo? — ela se animou com o que só poderia ser um interesse empático. — O senhor tem muita dificuldade para dormir?

Ele deu um breve sorriso.

— Tenho certeza de que dormirei como morto assim que obtiver as respostas para as minhas perguntas.

Ela se assustou um pouco com a palavra morto, mas se recompôs imediatamente.

— Sei, bem, acho que devo dizer que meu pai era membro da Sociedade Vanzagariana.

— Isso eu já sei. Sei também que ele chegou ao nível de mestre.

— E. Mas seu principal interesse eram os aspectos eruditos Vanza, não as noções metafísicas ou os exercícios físicos. Ele estudou a língua antiga da ilha de Vanzagara por muitos anos. Na verdade, ele era um especialista famoso dentro da Sociedade.

— Eu sei.

— Ah, bom — ela pigarreou. — Nesse trabalho ele se comunicava com muitos outros estudiosos Vanza espalhados por toda a Inglaterra, do Continente e da América. Aqui em Londres freqüentemente consultava o próprio Ignatius Lorrington — Madeline fez uma pausa. — É claro que isto foi antes de Lorrington adoecer e parar de receber velhos amigos e colegas.

— Como Grão-mestre da Sociedade, Lorrington sabia mais sobre seus membros do que qualquer outra pessoa. Está me dizendo que seu pai conversava com ele sobre tais assuntos?

— Lamento informar que eles faziam mais do que meramente conversar sobre a vida pessoal dos membros da Sociedade. No fim da sua vida, Lorrington ficou obcecado com as informações sobre os cavalheiros da Sociedade — ela rolou os olhos para cima. — Pode-se dizer que ele se transformou no Grão-mestre Excêntrico da Sociedade das Excentricidades e Estranhezas.

— Acho que podemos pular essas suas reflexões pessoais sobre os membros da Sociedade Vanzagariana, não podemos?

— Desculpe-me.

Ela não parecia nada arrependida, Artemis concluiu, apenas frustrada por ter sido interrompida no meio do seu discurso.

— Compreendo que tenha opiniões formadas sobre o assunto — disse ele educadamente —, mas temo que se for descrever todas para mim, não vamos terminar esta conversa antes do anoitecer.

— Acho que o senhor tem razão — retrucou ela. — Afinal de contas, há tantas coisas passíveis de crítica na Sociedade, não é mesmo? Mas para ser breve, falarei do que é essencial. Basta dizer que, levado pelo desejo de obter os detalhes mais minuciosos, Lorrington pediu para meu pai manter um registro dos membros.

— Que tipo de registro?

Ela hesitou, como se estivesse indecisa num debate interior. Então, subitamente, ficou de pé.

— Vou mostrar para o senhor.

Ela tirou uma corrente de ouro do pescoço. Ele viu uma chave pequena, que estava escondida sob o fichu, pendurada nos elos delicados, de ouro. Jila foi para o outro lado da sala onde havia um pequeno armário com fechadura de bronze.

Madeline abriu o armário com a chave e tirou um diário grande com capa de couro. Carregou o volume e depositou-o com todo cuidado em cima da

mesa.

— Este é o registro que Lorrington pediu ao meu pai para organizar e guardar — ela abriu o livro e examinou a primeira página. — Não é atualizado desde a morte do meu pai, por isso as informações sobre os membros agora estão um ano atrasadas.

Ele ficou meio apreensivo. Levantou e foi espiar a primeira página do diário. Viu logo que era um registro de nomes que abrangia os primórdios da Sociedade Vanzagariana. Virou as páginas lentamente, examinando o que continham. Havia anotações extensas sob cada nome. Os detalhes cobriam bem mais do que fatos menores, como a data em que o cavalheiro havia sido admitido na Sociedade e o nível de especialidade que havia atingido. Incluíam dados pessoais e de negócios, além de comentários sobre o temperamento e as tendências mais particulares dos diversos membros.

Artemis sabia que grande parte do que estava vendo seria, no mínimo, excelente material para gerar escândalos. Algumas coisas serviam como chantagem. Ele parou para ler as anotações sobre ele mesmo. Não havia menção do seu caso com Catherine Jensen, nem dos três homens que pretendia destruir. Seus planos de vingança pareciam estar seguros, pelo menos por enquanto. No entanto, havia informação demais sobre sua vida pessoal naquele maldito livro. Franziu a testa ao ler as frases acrescentadas no fim da página.

*Hunt é um verdadeiro mestre Vanza. Raciocina de modo sombrio e tortuoso.*

— Quem mais sabe sobre este livro? — ele perguntou.

Ela deu um passo para trás. Ele percebeu que foi seu tom de voz, e não a simples pergunta, que a assustou.

— Só meu pai e Ignatius Lorrington conheciam este arquivo — ela se apressou em dizer. — Ambos estão mortos.

Ele desviou o olhar da página com seu nome e olhou para ela.

— Está esquecendo de si mesma, Sra. Deveridge — ele disse em voz baixa. — E a senhora parece muito viva.

Ela engoliu em seco, piscou os olhos e então deu um sorriso estonteante e um risinho completamente artificial.

— Sim, é claro. Mas não precisa se preocupar com o fato insignificante de eu possuir este velho livro, senhor.

Artemis fechou o diário com força.

— Gostaria de poder ter certeza disso.

— Ah, mas o senhor pode. Na verdade, pode ter certeza absoluta.

— Isso veremos — ele pegou o livro e levou de volta para o armário. — Livros antigos associados a Vanza podem ser muito perigosos. Há pouco tempo boatos sobre um texto antigo resultaram em algumas mortes misteriosas.

Ele ouviu um barulho surdo de alguma coisa caindo no tapete. O som foi seguido de um grito sufocado. Ele ignorou as duas coisas e guardou o livro no armário. Fechou e trancou a porta e virou-se lentamente para Madeline.

Ela estava abaixada, pegando uma pesada estatueta de prata que tinha caído da mesa. Ele notou que os dedos dela tremiam um pouco ao levantar e pôr a estatueta ao lado do tinteiro.

— Suponho que o senhor esteja se referindo aos boatos sobre o chamado *Livro dos segredos* — disse ela suavemente. Ela esfregou as mãos

ostensivamente. — Pura bobagem.

— Não na opinião de alguns membros da Sociedade.

- Devo notar, senhor, que muitos membros da Sociedade têm opiniões extremamente estranhas — ela emitiu um som de exasperação. — O *Livro dos segredos*, se é que realmente existiu, foi destruído num incêndio que consumiu uma certa *villa* na Itália.

— Só podemos torcer para que seja esse o caso — Artemis foi para perto da janela superprotegida. Olhou para o pequeno jardim e notou que não havia nenhuma árvore, cerca - viva ou qualquer volume de folhagem que pudesse ocultar um intruso. — Conforme eu disse, livros podem ser coisas perigosas. Mas diga-me, Sra. Deveridge, pretende utilizar as informações que seu pai escreveu naquele diário para chantagear alguém? Porque, se for este o caso, devo avisar que envolve um certo risco.

— Será que o senhor pode fazer a gentileza de parar de usar a palavra *chantagem* em cada assunto que conversamos? — disse ela aborrecida. — É muito irritante.

Ele virou a cabeça para olhar para ela. A expressão desconcertada de Madeline seria divertida em outras circunstâncias.

— Perdoe-me, madame, mas como meu futuro está nas suas mãos, sinto necessidade de estar sempre tomando cuidado.

Ela apertou os lábios, irritada.

- Eu já disse que não tenho nenhuma intenção sinistra, senhor. A noite passada fui forçada a utilizar medidas desesperadas, mas é pouco provável que uma situação como aquela aconteça novamente.

Ele olhou para os pequenos sinos pendurados nas pesadas trameiras das persianas.

— Não acho que a senhora esteja tão segura disso quanto quer me fazer acreditar, madame. O silêncio tomou conta da biblioteca. Artemis deu meia-volta e encarou Madeline. A expressão dela era de determinação inabalável, mas ele percebeu o ar assombrado por baixo da superfície.

— Diga-me, Sra. Deveridge — disse ele baixinho. — Quem, ou o quê a senhora teme?

— Nem imagino o que o senhor está falando.

— Sei que por eu ser Vanza, a senhora supõe que devo ser uma espécie de excêntrico, se não um doido varrido, mas faça a gentileza de considerar que tenho uma capacidade elementar de raciocínio.

Ela estava parecendo uma criatura encurralada.

— O que o senhor quer dizer?

— A senhora emprega um cocheiro armado que claramente executa os serviços de um guarda-costas. Protege suas janelas com trancas destinadas a evitar a entrada de intrusos. Seu jardim não tem plantas para ninguém se aproximar da casa sem ser visto. A senhora aprendeu; a manejar uma pistola.

— Londres é um lugar perigoso, senhor.

— É mesmo. Mas acho que a senhora se sente mais ameaçada do que a maioria — ele sustentou o olhar dela. — Do que tem medo, madame?

Ela olhou para ele em silêncio um longo tempo. Então sentou na cadeira atrás da mesa. Seus ombros estavam rígidos de tensão.

— Meus assuntos pessoais não são da sua conta, Sr. Hunt.

Ele analisou a expressão séria de Madeline, vendo seu orgulho e sua

coragem.

— Todas as pessoas têm sonhos, Sra. Deveridge. Imagino que o seu seja livrar-se do medo que sente.

O olhar dela era de especulação e curiosidade.

— O que acha que pode fazer por mim, senhor?

— Quem sabe? — ele sorriu. — Mas eu sou o Mercador de Sonhos. Talvez possa fazer seu sonho se realizar

— Não estou a fim de brincadeiras.

— Posso garantir que também não estou me divertindo neste momento.

Ela apertou um pequeno peso de papel de bronze. Analisou Artemis intensamente. — Mesmo se o que diz é verdade, se de fato pudesse me ajudar de alguma forma, senhor, suspeito que tais serviços teriam um preço. Ele deu de ombros.

— Tudo tem seu preço. Às vezes vale a pena pagar. Às vezes, não. Ela fechou os olhos. Quando abriu novamente, seu olhar era firme, penetrante.

— Devo admitir — disse ela com cuidado — que a noite passada, quando voltei para casa, uma certa idéia, de fato, passou pela minha cabeça.

Pronto, ele pensou. Ela mordeu a isca!

— Que idéia foi essa?

Ela largou o peso de papel.

— Passei muito tempo pensando em dois ditados antigos. Um é o que diz que é melhor combater o fogo com fogo. O outro é que é preciso um ladrão para pegar um ladrão.

E ele compreendeu.

— Que diabos, madame, isso é Vanza, não é? — Ela piscou duas vezes diante da rapidez de raciocínio dele. Depois franziu a testa. — De certa maneira. Pode ser — ela deu um suspiro. — Não tenho certeza.

— O que está pensando? Que vai empregar um mestre Vanza para tratar um assunto Vanza? É esta a sua lógica?

— É, alguma coisa assim — ela tamborilou na mesa. Ainda estou ponderando sobre o assunto, senhor, mas ocorreu-me que o senhor pode estar especialmente qualificado para me ajudar a resolver uma questão que está me preocupando muito.

— Quer dizer que pensou numa maneira de utilizar minhas habilidades de mestre para resolver seu problema.

— Se pudéssemos chegar a um acordo — disse ela determinada —, eu consideraria nossa associação de empregador e empregado. É claro que pagaria por seus serviços.

— Isso está ficando cada vez mais intrigante. E como é que planeja me pagar, Sra. Deveridge? — ele levantou a mão aberta. — Mas antes de responder a essa pergunta, vamos esclarecer uma coisa. Como já observou, meus negócios estão muito bem e não preciso, nem quero, o seu dinheiro, madame.

— Talvez não — ela semicerrou os olhos. — Mas acho que tenho uma coisa que quer, senhor.

Ele olhou-a calmamente de cima a baixo.

— É mesmo? Admito que a oferta é muito interessante — ele lembrou do prêmio oferecido nos livros de apostas. — E não deixa de ser lucrativa

também.

Ela ficou olhando para ele, sem compreender.

— Como assim?

A expressão de confusão completa indicou que ela não sabia da aposta.

— Não é todo dia que um homem tem a oportunidade de ter um caso com a Perversa Viúva. Diga-me, madame, será que sobreviverei à experiência? Ou seus amantes correm o mesmo risco que seus maridos?

Madeline ficou de queixo caído. Um segundo depois, uma fúria gelada surgiu em seus olhos.

— Se eu resolver contratá-lo, Sr. Hunt, certamente haverá algum risco, só que este risco não partirá de mim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Detesto parecer grosseiro, mas quanto à natureza do meu pagamento?...

Ela olhou para o armário onde estava o diário dos membros Vanza.

— Eu notei, pela expressão do seu rosto, que não gosta muito da idéia de tanta informação pessoal sobre seus negócios estar anotada naquele livro.

— Tem razão. Não gosto nem um pouco.

De uma forma ou de outra, ele descobriria um modo de pôr as mãos no maldito livro. Ele olhou para os ridículos sininhos nas janelas. Não seriam obstáculo para suas habilidades.

Ela observava Artemis com sagacidade.

— Se chegarmos a um acordo, senhor, pagarei o seu tempo e seus préstimos com aquele diário.

— Está dizendo que me dará aquele maldito livro se eu ajudá-la?

— Estou — ela hesitou um pouco. — Mas primeiro tenho de resolver se vou ou não contratá-lo. Tenho de pensar um pouco antes de chegar a uma decisão. Há muita coisa em jogo.

— Pelo seu próprio bem, Sra. Deveridge, sugiro que não demore muito. Ela ergueu o queixo com desdém infantil. — Outra ameaça, senhor?

— Nada disso. Estava apenas me referindo às suas tentativas de fortificar seu lar — ele apontou para as venezianas. — Se o que a senhora teme tiver relação com Vanza, posso assegurar que é possível que esses sininhos soem tarde demais para salvá-la.

Ela empalideceu e segurou o braço da cadeira com tanta força que as articulações dos dedos ficaram brancas.

— Acho que é melhor o senhor ir embora agora.

Ele ficou meio hesitante e depois inclinou a cabeça, cumprimentando Madeline.

— Como quiser, madame. Sabe onde me encontrar quando resolver alguma coisa.

— Eu aviso quando... — ela parou de falar quando a porta da biblioteca se abriu de repente, e olhou rapidamente para a recém-chegada. — Tia Berenice.

— Desculpe, querida — Berenice olhou alegremente para Artemis. — Não sabia que você ainda estava com seu convidado. Não vai nos apresentar?

— Sim, é claro — resmungou Madeline.

Ela apresentou os dois rapidamente e de má vontade. Artemis não tinha pressa alguma. Gostou de Berenice Reed à primeira vista. Era uma mulher

elegante e refinada que tinha um instinto óbvio para a moda e o estilo. Ele apreciou o brilho risonho nos olhos azuis e límpidos. Segurou a mão dela, fez uma medida e foi recompensado com uma reação graciosa que indicou que a senhora tinha experiência de salões de baile.

— Minha sobrinha disse que temos muito que agradecer ao senhor por sua ajuda ontem à noite — disse Berenice. — Hoje o senhor é um herói nesta casa.

— Obrigado, Srta. Reed. Agradeço por suas palavras gentis — ele deu uma olhada para Madeline. — Mas a Sra. Deveridge explicou que não fui exatamente um herói neste caso. Estava simplesmente cumprindo as minhas obrigações como proprietário do estabelecimento onde ocorreu o rapto.

Madeline fez uma careta. Artemis divertiu-se com a expressão dela. Berenice ficou olhando espantada para Madeline.

— Deus do céu, querida, você não pode ter dito uma coisa dessas para o pobre Sr. Hunt. Ele foi muito além das suas responsabilidades na noite passada. Não entendo como você pode afirmar que ele tinha qualquer obrigação nessa história. Nellie foi raptada fora do parque, não dentro da propriedade.

— Deixei bem claro para o Sr. Hunt que apreciei seus serviços — Madeline disse com os dentes cerrados.

— Deixou mesmo — disse Artemis. — Na verdade, fui tão útil que ela está pensando em me contratar para outra missão. Alguma coisa a ver com empregar um ladrão para pegar um ladrão, eu acho.

Berenice deu um grito sufocado.

— Ela chamou o senhor de *ladrão*. Bem... — Artemis ia dizendo. Madeline levantou as mãos.

— Eu nunca chamei o senhor disso.

— E verdade — concordou Artemis, virando-se de novo para Berenice.

— Ela nunca me chamou de ladrão.

— Espero que não mesmo — disse Berenice. Madeline deu um gemido.

— Sendo do ramo de diversões — disse Artemis —, naturalmente fico muito animado com a perspectiva de estar sempre empregado — ele piscou para Berenice, indo para a porta. — Cá entre nós, Srta. Berenice, tenho muita esperança de conseguir o cargo. Há pouquíssimos candidatos qualificados, sabe?

Ele passou pelo hall e saiu pela porta da frente antes que as duas tivessem tempo de fechar a boca.



## CINCO

— Ele é Vanza — disse Madeline. — Isto significa que está envolvido num jogo misterioso. Contratá-lo para nos ajudar será muito arriscado.

— Eu não acho sensato usar palavras como *contratar* ou *empregar* quando estamos falando em pedir a ajuda do Sr. Hunt — disse Berenice fazendo bico.

— É difícil imaginá-lo como um empregado pago, se é que me entende.

— Pelo contrário, pensar no Sr. Hunt como empregado pago é a única maneira sensata de considerar qualquer ligação com ele — Madeline chegou um pouco para a frente na cadeira atrás da escrivaninha e estudou o peso de papel de bronze como se fosse um oráculo antigo. — Se formos adiante com esse meu plano, precisaremos tomar muito cuidado para garantir que Hunt saberá qual é o seu lugar.

Berenice tomou um gole do chá que Nellie havia trazido.

— Hummm. Meu maior medo é não termos mais escolha nessa questão. Berenice piscou os olhos, sem entender.

— Como assim?

— É que ele sabe sobre o livro do papai.

— Meu Deus.

— É, eu sei que foi um erro mostrá-lo para ele — Madeline levantou, inquieta. — Conte para ele sobre o livro quando explicava como fiquei sabendo da sua ligação com os Pavilhões do Sonho. Pensei que ele ficaria tranqüilo por saber que eu não havia espionado a vida dele.

Os olhos de Berenice perderam o brilho animado.

— Agora que ele sabe que alguns dos seus segredos estão registrados, vai querer pôr as mãos naquele diário a todo custo.

— Acho que você tem razão — Madeline olhou para o jardim severamente podado. — Vi a expressão nos olhos dele quando chegou à página com seu nome. Descobri na mesma hora que tinha cometido um grave erro.

— Então ofereceu-lhe uma barganha — Berenice balançou a cabeça, aprovando. — Não foi uma má idéia. Ele me pareceu disposto a aceitar um acordo desses.

— Disposto demais, se quer saber, mas eu não sabia o que fazer para manter o meu curso — Madeline olhou para Berenice. — Não há dúvida de que ele pode ser útil para nós. Eu o vi em ação a noite passada. O plano que ele inventou para resgatar Nellie daquela taverna foi muito inteligente. E carregou-a nos ombros do começo ao fim da ruazinha. Pareceu fisicamente em forma para um homem da idade dele.

— Ele não é tão velho assim.

— Não, claro que não — Madeline apressou-se em dizer. — Estava apenas observando que ele não é um homem extremamente jovem.

— Não é.

— E tampouco velho, como você acabou de dizer — ela continuou, obstinadamente. — Na verdade, podemos dizer que ele aparenta ter exatamente a idade certa. Maduro, mas ainda muito ágil.

— Maduro, mas ainda muito ágil — Berenice repetiu num tom neutro. —

É, isto descreve Hunt, eu acho.

— Estou tendo algumas dúvidas sobre os motivos que você acha que levaram o Sr. Hunt a querer manter a posse dos Pavilhões do Sonho em segredo-.

— Está?

— Estou. Não tenho mais certeza se ele faz isso por querer encontrar uma esposa rica e bem-nascida.

Berenice pareceu um pouco surpresa.

— Por quê? Formar uma aliança com uma família poderosa me parece uma atitude perfeitamente lógica para um cavalheiro ambicioso.

— E fácil acreditar que o Sr. Hunt tem algumas ambições — Madeline tamborilou no parapeito da janela. — Mas não tenho tanta certeza de que incluem casamento. Algo me diz que se esse fosse o objetivo dele, já teria realizado a esta altura.

— Bem pensado.

— Já devia ter anunciado o noivado. No mínimo, teríamos ouvido alguma fofoca associando o nome dele a alguns bons partidos da cidade.

— Tem isso também — disse Berenice. — É interessante não termos ouvido nenhum nome. O que você acha que está acontecendo?

— Quem pode saber, com um mestre Vanza? — Madeline deu meia-volta e começou a andar de um lado para outro da biblioteca. — Mas ele tem qualquer coisa.

— Qualquer coisa?

— É — Madeline balançou a mão como se buscasse as palavras para explicar o que sua intuição dizia ser verdade. — Ele certamente não é um cavalheiro típico da cidade. É como se fosse feito de algo mais substancial do que os representantes habituais do mundo da sociedade. Ele é um falcão no meio de mariposas.

— Portanto um falcão maduro, mas ainda ágil, no meio de mariposas, não é? — um brilho de divertimento iluminou os olhos vividos de Berenice. — Que descrição interessante. Tão poética... Quase metafísica.

Madeline olhou zangada para a tia.

— Acha a descrição que fiz de Hunt engraçada?

Berenice deu uma risadinha. — Minha querida, eu acho imensamente animadora.

Madeline parou de repente. — O que quer dizer com isso?

— Depois da sua experiência com Renwick Deveridge, eu comecei a temer que você nunca mais sentiria um interesse saudável pelos machos da espécie. Mas agora parece que não tinha por que me preocupar, afinal.

Madeline emudeceu com o choque. Quando finalmente se recuperou, não conseguiu pensar em nada coerente para dizer.

— *Tia Berenice*. Que idéia!

— Já faz um ano que você está afastada do mundo. É perfeitamente compreensível, por tudo que você passou. No entanto, essa coisa toda seria uma tragédia ainda maior se soubessem que você nunca mais recuperou sua sensibilidade feminina natural. Considero seu interesse evidente pelo Sr. Hunt um sinal excelente.

— Eu não estou *interessada* nele, pelo amor de Deus! — Madeline voltou para o armário de livros. — Pelo menos não do jeito que você imagina. Mas

estou convencida de que agora que ele sabe da existência do diário do papai, será muito difícil escapar dele. Por isso, podemos muito bem utilizá-lo, se entende o que quero dizer.

— Você poderia simplesmente dar o diário para Hunt — disse Berenice secamente.

Madeline parou diante do armário.

— Pode acreditar que pensei nisso. — Mas?

— Mas nós precisamos de um especialista. Por que não fazer uma troca pelas habilidades dele? Dois coelhos com uma cajadada só e tudo o mais.

Estava recorrendo a provérbios demais aquela manhã — refletiu Madeline.

— É, por que não? — Berenice ficou pensativa. — Não temos mesmo muita escolha nesse caso.

— É, não temos — Madeline olhou para os sininhos nas janelas. — Na verdade, suspeito que se não oferecermos o diário para o Sr. Hunt, em troca dos seus serviços, ele virá nos visitar numa noite escura para pegar o maldito livro.

Na manhã seguinte, Madeline largou a caneta que tinha usado para fazer anotações e fechou o livro fino, com capa de couro, que tentava decifrar. *Decifrar* era, de fato, a palavra certa, ela pensou. O livrinho era muito velho e estava bem gasto. Era um amontoado de frases escritas à mão, aparentemente sem sentido. Até onde conseguia determinar, as palavras eram uma mistura de grego antigo, hieróglifos egípcios e a língua antiga, e há muito tempo morta, de Vanzagara. Tinha sido entregue havia semanas, depois de uma longa e complicada viagem desde a Espanha, e Madeline ficou intrigada no momento em que o viu. Começou a trabalhar nele na mesma hora.

Mas até ali não tinha feito nenhum progresso. O grego até que era simples, mas as palavras traduzidas não faziam sentido. Os hieróglifos eram um grande mistério, é claro, apesar de ter ouvido dizer que o Sr. Thomas Young estava desenvolvendo uma teoria interessante sobre a escrita egípcia baseado em seu trabalho com a *Pedra de Roseta*. Infelizmente, ainda não tinha publicado sua análise.

Quanto à língua antiga de Vanzagara, ela sabia que fazia parte de um número reduzido de estudiosos que tinham alguma chance de traduzir uma parte do texto. Poucas pessoas que não eram da família sabiam que Madeline possuía esta habilidade. O estudo Vanza e da sua língua morta era considerado território de cavalheiros. As damas não eram admitidas na Sociedade e tampouco era considerado apropriado instruí-las em assuntos ligados a ele.

Mesmo se tivessem sido informados de que Winton Reed ensinara tudo que sabia para a filha, poucos membros da Sociedade Vanzagariana teriam acreditado que uma mulher era capaz de compreender as complexidades da estranha linguagem dos livros antigos.

Madeline já estava trabalhando no pequeno livro em seus momentos de folga havia alguns dias. O projeto, por mais difícil e trabalhoso que fosse, era uma distração bem-vinda de suas outras preocupações. Mas aquela manhã não estava funcionando.

Tirava os olhos do livro muitas vezes para verificar que horas eram. Ficava irritada de ver que contava os minutos e as horas desde o momento em que enviara a mensagem para Artemis Hunt, mas não conseguia evitar.

— Está aqui! — a voz de Berenice soou no corredor. — Chegou!

— O que está acontecendo? — Madeline ficou olhando para a porta fechada da biblioteca, ouvindo os passos da tia correndo no corredor.

Alguns segundos depois a porta se abriu. Berenice entrou triunfante na sala, acenando com o que parecia ser um cartão branco.

— Isso é muito excitante. Madeline olhou para o cartão.

— O que é? — A resposta do Sr. Hunt ao seu bilhete, é claro. — Madeline sentiu um alívio enorme. Ficou de pé de um pulo.

— Deixe-me ver isso. — Berenice entregou o cartão para ela como um mágico tirando um pombo do ar.

Madeline abriu o bilhete e leu uma vez, rapidamente. Primeiro pensou que tinha lido errado. Atordoada, voltou ao começo e leu tudo de novo. Não fez mais sentido nessa segunda vez. Ela abaixou o bilhete e encarou Berenice, completamente atônita.

— Qual é o problema, querida?

— Enviei uma mensagem para o Sr. Hunt, informando que eu desejava discutir com ele nosso acordo de negócios. Ele mandou de volta este... esse...

— Esse o quê? — Berenice tirou o cartão da mão de Madeline. Pegou seus óculos, colocou-os no nariz e leu o bilhete em voz alta.

*Peço que me conceda a honra de escoltá-la ao baile de máscaras que acontecerá no parque dos Pavilhões do Sonho, quinta-feira à noite.*

Berenice arregalou os olhos de prazer. — Ora, querida, é um convite.

— Eu percebi isso — Madeline arrancou o bilhete dos dedos de Berenice e olhou furiosa para a letra forte e masculina. — Que diabos ele está tramando?

— Minha nossa, Madeline, você está desconfiada demais para uma mulher da sua idade. O que há de tão estranho em ser convidada para um baile por um cavalheiro respeitável?

— Não estamos falando aqui de um cavalheiro respeitável, trata-se de Artemis Hunt. Tenho o direito de ficar desconfiada.

— Você está ficando esgotada, minha querida — Berenice franziu a testa. — Teve problemas para dormir de novo? Está tomando meu elixir especial, não está?

— Estou, estou. É muito eficiente.

Ela não via motivo para contar a verdade para Berenice. Havia derramado o elixir no urinol a noite anterior, como fazia todas as noites, porque não tinha coragem de usá-lo. A última coisa que queria fazer à noite era dormir. Os seus pesadelos estavam piorando.

— Bom, então, se não é falta de sono que está afetando seus nervos, talvez seja alguma outra coisa — disse Berenice.

— Minha reação a este bilhete do Hunt não é um caso de nervos delicados. É questão de bom senso — Madeline bateu com o cartão na palma da mão. — Pense um pouco. Eu informo ao homem que quero contratar seus serviços por um preço determinado e ele manda de volta um convite para um baile à fantasia. Que tipo de resposta é essa?

— Uma resposta muito interessante, se quer saber o que eu acho. Especialmente vinda de um cavalheiro maduro mas ainda ágil.

— Não — Madeline olhou carrancuda para a tia. — Temo que seja uma resposta muito Vanza. Hunt está querendo me confundir de propósito. Precisamos descobrir por quê.

— Só consigo pensar em uma maneira de descobrir a resposta para essa pergunta, minha querida.

— E qual é?

— Você tem de aceitar o convite dele, é claro. Madeline fez cara de espanto.

— Você enlouqueceu? Ir a um baile de máscaras com Hunt? Que idéia mais bizarra.

Berenice adotou um ar muito sério, de quem sabe das coisas.

— Você está lidando com um mestre Vanza. Terá de tratá-lo com toda inteligência e habilidade. Não tenha medo, acredito piamente na sua capacidade para chegar à verdade.

-Humm.

— De qualquer modo, não vejo como ir a um baile pode prejudicá-la — acrescentou Berenice. — Tenho certeza de que você precisa de algum divertimento. Está começando a ficar excêntrica, reclusa e reservada como qualquer cavalheiro da Sociedade Vanzagariana.

## SEIS

— Vejo que Glenthorpe já está nas alturas um pouco mais cedo do que de costume esta noite — lorde Belstead deu uma olhada de desaprovação para o homem caído numa poltrona diante da lareira. — Ainda nem são dez horas e o homem já está bêbado.

— Quem sabe não devemos convidá-lo para uma partida ou duas de cartas? — Sledmere não tirou os olhos das cartas — Glenthorpe é um tolo, especialmente quando está bêbado. Certamente poderíamos arrancar-lhe o couro esta noite.

— Fácil demais — Artemis examinou suas cartas. — Qual é a graça de jogar cartas com um idiota bêbado?

— Eu não estava pensando no jogo — disse Sledmere. — Imaginava os lucros.

Artemis pôs suas cartas na mesa.

— Por falar nisso, permita-me informar que acabo de bater. Belstead olhou para as cartas e bufou. — Às minhas custas, ao que parece. Tem uma sorte dos diabos, meu senhor. Do outro lado da sala, Glenthorpe largou o copo vazio e levantou-se da poltrona com dificuldade. Olhando para ele, Artemis disse:

— Já abusei dessa sorte até onde podia esta noite. Com a sua licença, estou meio atrasado para um compromisso.

Belstead deu uma risadinha.

— Quem é a bela dama, Hunt?

— Não consigo lembrar o nome dela no momento — Artemis levantou da cadeira. — Sem dúvida vou lembrar na hora certa. Boa-noite, cavalheiros.

Sledmere riu.

— Cuide para lembrar do nome certo, na hora certa, senhor. Por alguma estranha razão, as mulheres se ofendem quando trocamos nomes.

— Obrigado pelo conselho — disse Artemis.

Ele saiu do salão de jogo e foi pegar seu sobretudo, chapéu e luvas com o porteiro.

Glenthorpe estava perto da porta. Ele cambaleou um pouco e virou-se para Artemis.

— Ei, Hunt, está de saída?

— Estou.

— Quer dividir uma carruagem? — Glenthorpe espiou pela janela com olhos lacrimejantes. — É difícil encontrar uma numa noite assim, como sabe. O diabo do nevoeiro está tão espesso que dá até para cortá-lo com uma faca.

— Por que não? — Artemis vestiu o sobretudo e saiu.

— Excelente — a expressão de alívio de Glenthorpe foi quase cômica. Ele se apressou para seguir Artemis pela rua coberta de névoa. — E é mais seguro sair acompanhado. Numa noite como esta, deve haver salteadores e vilões por aí.

— É o que dizem — Artemis fez sinal para um carro de aluguel.

A carruagem parou diante dos degraus do clube. Glenthorpe subiu desajeitado e afundou em um dos bancos. Artemis entrou depois dele e fechou a porta.

— Nunca vi tanto nevoeiro assim no início do verão — resmungou Glenthorpe.

A carruagem seguiu barulhenta pela rua.

Artemis observou Glenthorpe. O homem nem notou o exame. Estava ocupado demais vigiando a rua. Parecia ansioso. Seu olhar parecia aflito, angustiado.

— Não é da minha conta, é claro — Artemis afundou ainda mais no escuro canto da cabine. — Mas não pude deixar de notar que parece um pouco inquieto esta noite, Glenthorpe. Está preocupado com alguma coisa?

Os olhos de Glenthorpe pularam da rua para o rosto de Artemis e de volta para a rua.

— Alguma vez já teve a sensação de que alguém o está vigiando?

— Alguém me vigiando?

— *A mim.* Não a você — Glenthorpe fechou as cortinas e afundou no banco gasto. — Ultimamente ando tendo esta impressão estranha de que estou sendo vigiado às vezes. Mas quando me viro para olhar, nunca tem ninguém atrás de mim. É muito aflitivo.

— Por que alguém iria segui-lo?

— Como é que eu vou saber? — Glenthorpe estava falando muito alto e com veemência demais. Piscou os olhos assustado ao som da própria voz. Rapidamente abaixou o tom. — Mas ele está lá. Posso sentir nos meus ossos.

— Quem é esse homem que acha que está atrás de você? — Artemis perguntou, sem grande interesse.

— Você não vai acreditar, mas acho que ele é... — Glenthorpe parou de falar.

— Quem? — Artemis insistiu educadamente.

— É difícil explicar — Glenthorpe remexeu os dedos sobre o banco. — Remonta a uma coisa que aconteceu alguns anos atrás. Uma história que envolvia uma jovem.

— É mesmo?

— Ela era apenas uma atriz, sabe? Ninguém importante — Glenthorpe engoliu em seco. — Aconteceu uma coisa terrível. Não era essa a minha intenção, é claro. Os outros disseram que seria divertido. Disseram que a moça estava apenas brincando. Fingindo que era difícil. Mas não estava, sabe?

— O que aconteceu? — perguntou Artemis calmamente.

— Levamos a moça para um lugar discreto — Glenthorpe esfregou o nariz com as costas da mão enluvada. — Achamos que todos poderíamos brincar um pouco. Mas ela... ela lutou contra nós. Fugiu. Não foi nossa culpa ela ter... Deixa para lá. De qualquer forma, eu não tive nada a ver com o que aconteceu. Os outros fizeram o que queriam com ela, mas quando chegou a minha vez, não consegui, se é que me entende. Tinha bebido demais. Ou talvez tenha sido o modo que ela olhou para mim.

— E como foi que ela olhou para você?

— Como se fosse uma espécie de bruxa lançando uma maldição. Ela disse que todos nós pagaríamos. Bom, era bobagem, é claro. Mas eu percebi que os outros estavam errados. Ela não estava provocando ninguém. Não queria nenhum de nós. Eu... eu simplesmente... não pude ir até o fim.

— Mas você estava lá naquela noite.

— Estava. Mas só porque os outros me arrastaram junto. Não é o tipo de

coisa que eu gosto, sabe? Não sou... isto é, a minha natureza não é assim... tão física quanto a dos outros homens — Glenthorpe estremeceu. — De qualquer forma, eu dei uma desculpa. Os outros riram de mim, mas não me importei. Só queria sair dali. Mas a moça, ela conseguiu se soltar. Fugiu correndo. Houve um acidente. Ela caiu.

— O que você fez?

— Eu? — Glenthorpe parecia horrorizado. — Ora, nada. Nada mesmo. É isto que estou tentando explicar. Não há por que ele vir atrás de mim. Eu nem toquei nela.

— Quem está atrás de você?

— Ela disse... — Glenthorpe lambeu os lábios e esfregou o nariz outra vez — ... Ela disse que seu amante nos destruiria por termos feito aquilo com ela. Mas isso aconteceu cinco anos atrás. *Cinco longos anos*. Achei que já estava tudo esquecido.

— Mas agora não tem tanta certeza?

Glenthorpe hesitou, e então enfiou a mão no bolso. Tirou um selo de tampa de relógio.

— Recebi isto aqui alguns meses atrás. Simplesmente apareceu na minha porta.

Artemis deu uma olhada no selo de ouro com a imagem gravada de um garanhão empinando.

— E o que tem isso?

— Acho que foi *ele* que mandou. O homem que ela disse que ia vingá-la.

— Por que ele faria isso? Glenthorpe esfregou o nariz.

— Tenho a sensação terrível de que ele está brincando comigo. Como um gato faz com um rato, sabe? Mas não é justo.

— Por quê?

— *Porque de nós três, eu fui o único que não fiz nenhum mal a ela.* — Glenthorpe afundou no banco. — Eu fui o único que não tocou na moça.

— Mas você estava lá naquela noite, não estava?

— Estava, mas...

— Poupe suas explicações, Glenthorpe. Não estou interessado nelas. Talvez possa tentar usá-las com a pessoa que acha que está atrás de você — Artemis deu uma batida no teto para chamar a atenção do cocheiro. — Se me dá licença, vou saltar aqui. Acho que prefiro caminhar o resto do caminho até em casa, sozinho.

— Mas os salteadores...

— Um homem deve saber escolher suas companhias.

A carruagem parou lentamente. Artemis desceu e fechou a porta. Não olhou para trás enquanto caminhava no meio do nevoeiro.



## SETE

Ele estava quebrando todas as suas regras aquela noite. As leis pelas quais vivia durante tantos anos eram poucas, mas rígidas e inflexíveis. Vendia sonhos mas jamais cometera a tolice de se permitir acreditar neles. Tinha feito sua carreira criando ilusões, mas ele mesmo nunca confundia a fantasia com a realidade.

Tinha se convencido de que algumas valsas com a Perversa Viúva não resultariam em nada além de elementos da sua estratégia, jogadas inteligentes para atraí-la para ele. A dama sabia demais sobre ele, e tinha de conquistar a posição de comando. O antigo adágio Vanza resumia tudo muito bem: *aquele que representa um perigo deve ser compreendido antes de poder ser controlado*.

Madeline olhava para ele impaciente através das aberturas dos olhos de sua máscara emplumada.

— Já passou da hora de tratar de negócios, senhor.

Era esse o resultado de querer seduzi-la com uma valsa.

— Eu esperava que pudesse divertir-se um pouco antes de conversar sobre os detalhes de negócios — Artemis puxou-a para mais perto e deu mais uma volta no salão apinhado. — Eu, com certeza, pretendia fazer isso.

— Não sei que jogo está fazendo, Sr. Hunt, mas até agora, no que me diz respeito, não vim aqui para dançar ou me divertir.

— Devo dizer, Madeline, que não está correspondendo à sua reputação de mulher sedutora, capaz de atrair um homem para o seu fim. Confesso que estou um pouco desapontado.

— Naturalmente fico arrasada de saber que não estou sendo suficientemente atraente, mas não posso dizer que estou surpresa pelo fato de o senhor ter notado meu fracasso nesse aspecto. Ora, anteontem mesmo a minha tia observou que eu me tornei reclusa e excêntrica como qualquer membro da Sociedade Vanzagariana.

— Não precisa se preocupar, madame. Acho que estou adquirindo rapidamente um gosto por mulheres reclusas e excêntricas.

Ele viu Madeline abrir a boca, surpresa e ofendida. Antes que ela pudesse dar a resposta desaforada que ele sem dúvida merecia, ele a fez rodopiar mais uma vez, formando um círculo bem aberto. As dobras da capa preta com capuz que ela usava ondularam em torno dos seus tornozelos.

Ele estava definitivamente determinado a aproveitar pelo menos uma parte daquela noite. Era bom segurá-la nos braços, como ele já sabia que seria: quente, vibrante e sensual. O perfume dela era mais inebriante do que o incenso mais exótico. Uma temeridade estranha tinha tomado conta dele desde a conversa que tiveram na biblioteca. Aquela noite seria de prazer apesar dos riscos.

Ela precisou de um quarto da superfície do salão de baile para se recuperar.

— Por que o senhor insiste nessa farsa ridícula de dançar a valsa? — perguntou ela irritada.

— Não é uma farsa. Estamos realmente dançando uma valsa, caso não tenha notado. E diferente de tanta coisa que é oferecida nos Pavilhões do

Sonho, nossa dança não é nenhuma ilusão. Espero que nós dois fiquemos bem cansados quando acabar.

— Sabe muito bem o que eu quis dizer, senhor. Ele sorriu.

— Estou no comércio de sonhos e ilusões, madame. A senhora está querendo comprar alguns produtos meus. Como bom comerciante, insisto para que experimente meus produtos antes de chegar aos detalhes grosseiros da barganha.

Ele a conduziu em outra direção antes que ela pudesse argumentar. Talvez, se rodopiasse com ela com bastante vigor, ela ficaria sem ar, a ponto de não conseguir falar de negócios por um tempo.

Teriam de acabar entrando no assunto, é claro, mas ele pretendia que a negociação acontecesse ali, no território que ele controlava, não num lugar que ela escolhesse. Tais detalhes importavam muito em qualquer negociação. Quando se discutiam negócios com uma dama com a reputação de matar cavalheiros, era melhor tratar de ficar num terreno mais alto.

Enquanto ele rodopiava com Madeline pelo salão, o lado prático da sua natureza observou, com uma satisfação distanciada, que os salões de reunião dos Pavilhões do Sonho estavam apinhados aquela noite. Os bailes de máscara, que aconteciam todas as quintas-feiras à noite nos meses de verão, estavam entre as atrações mais populares dos jardins dos prazeres. Eram abertos para qualquer pessoa que pudesse pagar a entrada. A única exigência para a admissão era que os dançarinos deviam usar máscaras.

A natureza democrática da festa ofendia muita gente. Mas os bailes de máscaras eram considerados divertidos por alguns dos elementos mais insensíveis do mundo da moda. Bastava isto para atrair as multidões. A leve ameaça de escândalo e intriga que pairava sobre os jardins era infinitamente sedutora. Em qualquer noite de quinta-feira, almofadinhas, militares, jovens libertinos e a nobreza rural se misturavam com atrizes, damas, comerciantes e trapaceiros no salão de baile. Dançavam no meio de uma recriação elegante dos esplendores do Egito e da Roma antigos.

A iluminação indireta brilhava em colunas douradas, obeliscos e estátuas. Uma extremidade do espaçoso salão era dominada por uma versão de decorador de um templo egípcio completo, com imitações de esfinges em pedra. Na outra extremidade, uma fonte romana cercada de colunas artisticamente quebradas jorrava numa piscina larga e rasa. Múmias, tronos luxuosos e muitas urnas pintadas tinham sido estrategicamente distribuídos no meio. Havia também algumas alcovas e cantos escuros equipados com pequenos bancos de pedra, com espaço suficiente para duas pessoas.

Ao comprar o parque maltratado três anos antes, Artemis teve uma visão do que desejava criar. Henry Leggett tinha cumprido suas instruções à risca. Foi Henry que tratou com o empreiteiro, os arquitetos e decoradores. Todos receberam instrução para preencher o extenso parque com o que havia de mais exótico, suntuoso e misterioso.

Ninguém era capaz de entender melhor a sedução dos sonhos do que um homem que não se permitia sonhar.

A música parou cedo demais para o gosto dele. Relutantemente, fez Madeline parar. As dobras pretas da capa com capuz que ela usava rodopiaram pela última vez em volta dos tornozelos elegantes e se aquietaram. Os olhos dela desafiavam Artemis através da máscara.

— Agora que já se divertiu me provocando, será que podemos tratar de negócios, senhor?

Ora, ora. Ele sabia que não podia fazer a dança durar a noite toda.

— Muito bem, Sra. Deveridge, vamos tratar da nossa barganha. Mas não aqui. Precisamos de privacidade para um ato tão sórdido.

— Não é sórdido, senhor.

— Aos olhos da Sociedade, madame, não há nada tão vulgar quanto os assuntos de negócios.

Segurou o braço de Madeline e guiou-a pelas largas portas duplas, para os jardins iluminados por lampiões dos Pavilhões do Sonho. A noite agradável tinha atraído uma multidão considerável para usufruir das emoções levemente escandalosas dos jardins do prazer.

A iluminação caprichada ressaltava os efeitos fantasmagóricos dos cenários de arcos triunfais, cenas míticas e ruínas clássicas que se espalhavam pelos caminhos sinuosos pelo meio das árvores. No alto, um acrobata andava pela corda bamba. Lá embaixo, um grupo de almofadinhas fazia apostas nos resultados das ilusões criadas por um mágico com um manto oriental. As pessoas passeavam comendo tortas de carne e doces comprados em barracas próximas. Homens e mulheres flertavam na penumbra das alcovas do jardim e desapareciam nos caminhos escuros. Música, risos e aplausos ocasionais cresciam e diminuía em todo o parque.

Madeline olhou para um grupo de jovens barulhentos que estavam reunidos diante da gruta da ermitã.

— Aquela caverna parece muito real.

— É essa a idéia, Sra. Deveridge.

Ele apertou mais o braço dela e levou-a para a parte de trás do jardim, onde a escuridão cobria as árvores. Passaram pela entrada do Pavilhão de Cristal, onde o público se reunia para assistir a uma batalha de soldados de brinquedo movidos a corda.

Ouviram aplausos de outro pavilhão próximo. Madeline virou-se para ver a entrada iluminada.

— Que espetáculo estão executando naquele salão?

— Aquele é o Pavilhão de Prata. Contratei um hipnotizador para fazer demonstrações.

— Ah, sim, é claro. O hipnotizador que Nellie e Alice estavam loucas para ver aquela noite — ela olhou para ele com curiosidade. — O senhor acredita no poder do hipnotismo?

Ele prestou atenção nos gritos entusiasmados de aprovação que ecoavam do Pavilhão de Prata.

— Acredito em vender entradas, madame. O hipnotizador faz isso muito bem.

Em vez de sorrir com a ironia dele, Madeline apertou os lábios formando uma linha de preocupação.

— Há elementos Vanza que se apóiam no que pode ser chamado de hipnotismo.

— Não posso discordar disso. A mente é um território desconhecido. Seus mistérios são o centro da filosofia Vanza.

O caminho ficava cada vez mais deserto e escuro.

— Para onde estamos indo? — perguntou Madeline, com certo receio.

— Para uma parte do jardim que ainda não está aberto ao público. Podemos ficar a sós lá. Vou mostrar a atração mais recente.

— Qual é?

— A Mansão Mal-assombrada. Ela virou a cabeça rapidamente.

— *Mal-assombrada* ?

O tom aflito da pergunta surpreendeu Artemis.

— Não me diga que tem medo de fantasmas, Sra. Deveridge! Não posso acreditar nisto.

Ela não disse nada, mas ele sentiu que ela estava tensa. Fantasmas?

Quando chegaram às sebes escuras que separavam a parte dos fundos dos jardins, Artemis tirou a máscara.

— Não precisa se preocupar, que ninguém nos verá aqui, Sra. Deveridge. Nesta parte do terreno é proibida a entrada do público.

Ela hesitou um pouco e depois tirou a máscara. O luar brilhava em seu cabelo escuro.

— A Mansão Mal-assombrada ainda está em obras — Artemis abriu um portão e pegou um lampião apagado que haviam deixado ali perto. — Deve ser inaugurada no mês que vem. Espero que seja muito popular para os jovens e casais de namorados.

Madeline não disse nada enquanto ele acendia o lampião e a levava por um caminho cercado de sebes bem altas. Dobraram uma esquina e se depararam com um portão de pedra.

— O novo labirinto — Artemis explicou quando atravessaram o portão. — Será aberto junto com a Mansão. Eu mesmo o desenhei, utilizando um padrão Vanza que acho que vai confundir a maioria dos meus fregueses.

— Tenho certeza disso. Meu pai sempre dizia que os labirintos Vanza eram os mais intrincados que ele conhecia.

A desaprovação na voz dela fez Artemis sorrir.

— Não gosta de labirintos?

— Quando menina, eu gostava. Mais tarde, contudo, passei a associá-los a Vanza.

— E obviamente deixou de achá-los divertidos.

Ela deu uma olhada enigmática para ele, de canto de olho, mas não respondeu.

Ele a conduziu por mais uma curva no caminho. A fachada gótica da

Mansão Mal-assombrada avolumou-se ao luar, suas janelas estreitas devidamente escuras e ameaçadoras.

Madeline analisou a estrutura assustadora.

— Parece exatamente um castelo de um dos romances horríveis da Sra. York. Juro que pensaria duas vezes antes de entrar aí.

— Vou considerar isso um elogio.

Ela reagiu com espanto. Então sorriu, meio a contragosto.

— Imagino que também colaborou no desenho dessa atração, como fez com o labirinto?

— É. Creio que essa vai provocar alguns calafrios na espinha dos meus convidados mais aventureiros.

Ela olhou para ele tentando entender.

— Os Pavilhões do Sonho representam mais do que um investimento comercial para o senhor, não representam?

Ele contemplou o castelo enquanto pensava na resposta que ia dar.

— Vou contar-lhe um segredo que não revelaria para mais ninguém, Sra. Deveridge. Eu comprei este parque porque achava que era um investimento excelente. Pretendia construir casas e lojas no terreno. Talvez ainda faça isso, um dia. Mas, por enquanto, só descobri que gosto muito de planejar e desenhar as várias atrações. Vender sonhos é um comércio lucrativo/

— Entendo — ela olhou para a Mansão Mal-assombrada. — Pretende continuar a operar este parque depois de encontrar uma esposa?

— Ainda não decidi — ele apoiou um pé no muro baixo de pedra que marcava o caminho para o castelo. — Esta é a segunda vez que pergunta sobre as minhas intenções de procurar uma esposa. Parece muito preocupada em saber se serei honesto com ela.

— É o que eu recomendo.

— Ah, mas e se ela se opuser à minha fonte de renda?

Madeline pôs as mãos enluvadas para trás. Parecia fascinada com o Pavilhão Gótico.

— Meu conselho é que seja honesto com ela desde o princípio, senhor.

— Mesmo se isso significar o risco de perdê-la?

— De acordo com a minha experiência, uma omissão não é uma boa base para um casamento.

— Está me dizendo que o seu casamento foi construído sobre esse tipo específico de alicerce?

— Meu marido mentiu para mim desde o momento em que nos conhecemos, senhor.

A combinação de frieza e de medo na voz dela fez Artemis parar.

— Sobre o que ele mentiu?

— Sobre tudo. Ele mentiu para o meu pai e mentiu para mim. Descobri tarde demais que não podia acreditar em nada do que ele dizia. Até hoje ainda me esforço para separar a verdade da mentira.

— Um estado de coisas bem desagradável.

— Pior do que o senhor imagina — sussurrou ela secamente.

Ele estendeu a mão e segurou o queixo dela na ponta dos dedos.

— Antes de prosseguir com o nosso negócio, Sra. Deveridge, sugiro que façamos um pacto.

— E que pacto seria esse?

— Vamos prometer que não mentiremos um para o outro durante o tempo que durar nossa associação. Pode haver coisas que preferimos não discutir. Cada um de nós poderá guardar os próprios segredos. Afinal de contas, todos temos direito à nossa privacidade. Mas não vamos mentir um para o outro. Concorde?

— É bem fácil cumprir esse pacto, senhor — os olhos dela pareciam tristonhos à luz da lua. — Mas como teremos certeza de que o outro cumprirá a promessa?

— Excelente pergunta, Sra. Deveridge. Não tenho uma boa resposta para isso. No fim, tudo se resume em confiança.

Madeline torceu os lábios um pouco.

— Dizem que eu devo ser louca, e ainda acrescentam que sou uma assassina. Tem certeza de que quer se arriscar a confiar em mim?

— Todos nós temos peculiaridades e fraquezas, não temos? — ele deu de

ombros. — Se fizermos esse acordo, terá de aceitar muita coisa em mim. Há o meu passado Vanza e o triste fato de que, afinal, eu lido com este comércio.

Ela olhou espantada para ele. Depois emitiu um som curto e abafado que poderia ser uma risada.

— Muito bem, senhor, tem a minha palavra de honra. Não mentirei para o senhor.

— E eu também não.

— Uma barganha interessante, não é mesmo? — comentou ela sarcasticamente. — Um pacto de honestidade entre uma mulher que dizem que assassinou o marido a sangue frio e um cavalheiro que esconde a verdade sobre sua vida do resto do mundo.

— Eu estou satisfeito com ela — ele olhou para Madeline. — Agora que acertamos esse acordo, talvez deva me contar o que deseja de mim, Sra. Deveridge.

— Não precisa ficar alarmado, senhor. Não quero nada do senhor além do que se pode esperar de uma louca — ela continuou a olhar fixamente para o castelo. — Quero que me ajude a encontrar um fantasma, senhor.

Ele ficou pensando nas implicações daquela afirmação por um longo tempo. Então, soltou lentamente o ar dos pulmões.

— Não consigo imaginar que uma dama inteligente e culta como a senhora acredite em fantasmas.

Ela cerrou os dentes.

— Eu quase acredito nesse espectro específico.

— Esse fantasma tem nome?

— Ah, tem — respondeu ela baixinho. — Ele tem um nome, sim. É Renwick Deveridge.

Talvez os boatos fossem verdade, afinal. Talvez ela fosse mesmo louca, candidata ao manicômio de Bedlam. Artemis percebeu de repente o frio que fazia. O nevoeiro subia do Tamisa e cobria os jardins.

— Acredita mesmo que seu falecido marido tenha retornado do mundo dos mortos para assombrá-la? — perguntou ele com todo cuidado.

— Logo antes de... morrer naquele incêndio, meu marido jurou matar todas as pessoas da minha família.

- Meu Deus!

— Ele conseguiu matar meu pai. Artemis observou Madeline intensamente.

— Dizem que Winton Reed morreu de um ataque do coração.

— Foi veneno, Sr. Hunt — ela olhou para ele e depois virou para o outro lado. — Minha tia tentou salvá-lo, mas meu pai já era bem idoso e o seu coração era fraco. Ele morreu algumas horas depois do incêndio.

— Entendo — ele manteve a voz calma. — Suponho que não tenha nenhuma prova disso?

— Nenhuma.

— Humm.

— Não acredita em mim, não é? — ela fez um gesto de abandono com a mão. — Não posso culpá-lo. Quem pensa que matei meu marido, sem dúvida afirma que a culpa que senti deve ter provocado a visão do fantasma dele.

— A senhora viu o fantasma dele?

— Não — ela hesitou. — Mas conheço alguém que viu.

Louca de hospício? ele ficou pensando. Ou uma assassina muito esperta tentando usá-lo em algum plano sinistro? O que quer que fosse, aquela conversa certamente não estava sendo aborrecida.

— O que acha que está acontecendo, Sra. Deveridge?

— Eu sei que isso parece loucura, mas ultimamente comecei a imaginar se é possível que o meu marido não tenha morrido no incêndio aquela noite.

— Eu soube que o corpo de Deveridge foi encontrado no meio das cinzas.

— É. O médico identificou. Mas, e se...?

— E se o médico se enganou? É isto que está querendo dizer?

— É. Disseram que o corpo estava muito queimado, mas não irreconhecível. No entanto, podem ter cometido um erro — ela se virou de repente e encarou Artemis, os olhos vazios à luz do lampião. — De uma forma ou de outra, tenho de descobrir a verdade, e preciso fazer isto depressa. Se meu marido continua vivo, só posso supor que voltou para concretizar sua vingança contra a minha família. Preciso fazer alguma coisa para proteger a mim e à minha tia.

Ele ficou olhando um bom tempo para ela.

— E se começarem a dizer que, de fato, é vítima de uma imaginação doentia, Sra. Deveridge? O que acontecerá então?

— Prove que estou errada em acreditar que Renwick voltou do túmulo. Mostre-me que estou louca. Eu prometo, senhor, que a certeza de ter sucumbido a uma doença neurológica será bem-vinda para mim — ela contraiu os lábios com tristeza. — No mínimo, posso começar o tratamento. Minha tia é muito habilidosa na preparação de tônicos para esse tipo de coisas.

Ele flexionou a mão lentamente.

— Talvez devesse recorrer à rua Bow, Sra. Deveridge. Alguém lá talvez possa ajudá-la.

— Mesmo se eu pudesse convencer um investigador da rua Bow de que não sou louca, ele não teria a menor chance com um especialista na arte Vanza.

— Deveridge era especialista?

— Era. Não era mestre, mas queria ser, e era muito habilidoso. Devo dizer, senhor, que depois de ler as anotações que meu pai fez sobre os membros da Sociedade, concluí que há apenas uma pessoa além do senhor que posso consultar. Infelizmente ele não está disponível.

Por algum motivo, Artemis ficou irritado em saber que ela já havia pensado em contratar outra pessoa.

— Quem é o outro homem que considerou preparado para essa tarefa?

— O Sr. Edison Stokes.

— Ele nem está na Inglaterra no momento — resmungou Artemis. — Casou-se há pouco tempo. Levou a noiva para uma excursão pelas ruínas romanas, eu acho.

— Isso mesmo. O que me deixa praticamente sem escolha.

— É sempre gratificante saber que se está no topo da lista, mesmo quando se chega lá por falta de concorrente.

Ela olhou bem nos olhos dele.

— E então, senhor? Vai me ajudar na investigação, em troca do diário do meu pai?

Ele olhou bem nos olhos dela e não viu nenhuma loucura, apenas uma determinação muito forte e uma pitada de verdadeiro desespero. Se não a ajudasse, ela assumiria o risco sozinha e talvez procurasse a ajuda de um dos membros lunáticos da Sociedade Vanzagariana. De qualquer forma, ela estaria correndo um grande risco se suas suspeitas fossem verdade.

Se fossem verdade.

Havia um milhão de razões para não se envolver com aquela mulher, ele pensou. Mas não conseguia lembrar de nenhuma naquele momento.

— Vou fazer algumas investigações — disse ele com cautela. Artemis viu os lábios de Madeline se entreabrindo. Levantou a mão para silenciá-la.

— Se confirmarem suas preocupações, discutiremos o assunto novamente. Mas não posso prometer nada além disto.

Ela deu um sorriso inesperado, que fez a luz do lampião parecer fraca.

— Obrigado, senhor. Garanto que quando isso terminar, terá o diário do meu pai para fazer com ele o que quiser.

— Está bem — ele disse. *De um jeito ou de outro.*

— Bem, agora imagino que queira fazer algumas perguntas — disse ela, animada.

— Quero fazer muitas perguntas.

— Sei que o que tenho para dizer pode parecer um tanto bizarro.

— Sem dúvida.

— Mas posso assegurar que tenho bons motivos para me preocupar.

— Por falar na verdade, madame... Ela olhou para ele sem entender. — Sim?

— Já que concordamos em ser sinceros um com o outro, é melhor que saiba aqui e agora que a considero muito atraente, Madeline.

Fez-se um silêncio pesado.

— Que coisa — disse ela finalmente. — Isso não é nada bom.

— É, mas é a verdade.

— Eu tinha esperança de poder evitar esse tipo de complicação.

— Então somos dois, madame.

— Mesmo assim — disse ela rapidamente —, acho que leva vantagem sobre os outros cavalheiros que sofreram do mesmo mal.

— Sofreram — ele pensou um pouco. — É, a palavra realmente parece se aplicar ao problema.

Ela franziu a testa.

— Com certeza não é o primeiro homem a sofrer desse interesse peculiar por mim.

— Eu deveria ficar aliviado de saber que não estou sozinho. Ela deu um suspiro.

— E meio incompreensível, mas na verdade recebi alguns bilhetes e buquês de flores de cavalheiros no último ano. Todos buscando uma ligação romântica, se é que acredita.

— Compreendo.

— É muito estranho, mas a tia Berenice explicou que um certo tipo de cavalheiro sente atração por viúvas. Esse tipo aparentemente tem a impressão de que uma dama na minha posição teve alguma experiência do mundo, e por isso o homem não precisa se preocupar com a sua... bem... falta de



experiência, digamos assim.

Artemis balançou a cabeça muito sério.

— Em outras palavras, ele não tem de se conter com o cuidado cavalheiresco com a inocência dela.

— Exatamente. Como diz a tia Berenice, há alguma coisa especial numa viúva.

— Humm.

— Mas veja bem, eu entendo a atração que a experiência exerce em um homem que deseja ter um caso com uma dama.

— Humm.

Ela balançou um pouco a cabeça.

— Mas poderíamos concluir que os boatos envolvendo o modo como atingi esta viuvez deviam servir para desestimular os cavalheiros.

— É mesmo.

— A experiência é ótima em si, mas confesso que não compreendo o que há de atraente numa mulher que dizem ter assassinado o marido a sangue frio.

— Há gosto para tudo.

Ele resolveu não mencionar a aposta que havia nos livros de apostas do clube. O prêmio de mil libras para o homem que conseguisse passar uma noite com ela bastava para explicar os buquês e convites que ela recebia. Mas Madeline podia não gostar desta história.

Ela dirigiu-se a ele em tom de advertência.

— O meu conselho, senhor, é recorrer ao seu treinamento Vanza para se fortalecer contra qualquer interesse que possa ter em uma ligação romântica comigo.

Artemis emoldurou o rosto dela com as mãos.

— Sinto dizer que nem minha posição de mestre me protege do desejo de ter uma ligação com a senhora, Madeline.

Ela arregalou os olhos.

— Verdade?

— Verdade.

Ela engoliu em seco.

— Que estranho.

— É mesmo, não é? Mas como está sempre me fazendo lembrar, os cavalheiros Vanza são muito estranhos.

Ele inclinou a cabeça para a frente e beijou Madeline na boca antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Artemis sentiu que ela ficou surpresa e confusa, mas não tentou afastá-lo. Ele a abraçou e apertou contra o peito. Madeline estava muito próxima agora, bem mais do que quando dançaram a valsa. Ele sentia o calor do seu corpo. Sabia que estava tendo uma ereção em contato com a curva macia dos quadris de Madeline. Seu perfume sutil encheu a cabeça dele.

Ela deu um grito sufocado. Então, de repente, seus lábios cederam aos dele. As dobras da capa de Madeline roçaram nas botas de Artemis.

Ele enfiou as mãos por dentro da capa e espalmou-as logo acima da cintura do vestido. O peso suave dos seios de Madeline pousava feito tortura no contorno das mãos. Uma urgência percorreu o corpo dele. Sentiu o sangue esquentar rapidamente.

Talvez haja mesmo *alguma coisa* especial numa viúva, ele pensou.

Ele bebeu sedento da boca de Madeline. A reação dela era de entusiasmo, mas meio sem jeito. Ele lembrou que ela não era esposa havia um ano, e que seu casamento devia ter sido insatisfatório.

As exigências poderosas do seu corpo pegaram Artemis de surpresa. Seu treino o havia ensinado a controlar tudo, inclusive as relações com mulheres. Além do mais, não gozava mais do fogo da paixão da juventude.

Mas, naquele momento, sentia de fato um desejo ardente.

Deslizou a boca para a pele doce e vulnerável do pescoço dela e apertou as mãos em seu corpo elegante. Os dedos dela se crisparam no cabelo dele. Ela estremeceu em seus braços.

Definitivamente, havia algo especial nas viúvas, ele concluiu. Pelo menos naquela viúva.

-*Artemis* — foi como se uma represa tivesse se rompido dentro dela.

A reação de Madeline provocou nele uma onda enorme de paixão. Havia anos não ficava assim à mercê de desejo tão intenso. O fato de essa sede ameaçar abalar o controle cuja conquista tinha custado tanto tempo e esforço devia deixá-lo indeciso. Ao contrário, estava louco para entregar-se às suas garras.

— Eu estava errado — disse ele com os lábios encostados nos dela. — A senhora é ainda mais perigosa do que os boatos fazem acreditar.

-Não. —É.

— Talvez não passe desse mal peculiar que mencionei há pouco — ela disse, sem ar.

— Pode ser. Mas devo dizer que não ligo a mínima.

Ele procurou pensar enquanto aprofundava o beijo. Não foi fácil. Mas um fato ficou martelando em sua cabeça. Não podia deitar com ela ali na grama molhada.

Artemis segurou Madeline no colo e caminhou na direção da escada da Mansão Mal-assombrada. A capa caía em cascata dos braços dele.

— Meu Deus! — Madeline interrompeu o beijo e na mesma hora ficou tensa nos braços dele. Seus olhos estavam arregalados na escuridão, mas não era de paixão. — *A janela*.

— O quê? — voltando à realidade de estalo com o choque e o medo na voz dela, Artemis a pôs rapidamente no chão e olhou para a fileira de janelas estreitas e arredondadas. — O que foi?

— Tem alguém lá dentro — ela olhava para os vidros escuros no segundo andar. — Vi alguém se mexer, eu juro!

Artemis deu um gemido.

— Acredito.

— O quê? — ela deu meia-volta e encarou Artemis. — Mas quem?...

— Meu jovem amigo Zachary, ou um dos seus Olhos e Ouvidos, sem dúvida. Avisei inúmeras vezes para eles ficarem longe dessa atração até estar terminada. Mas os diabinhos sedentos de sangue estão muito animados com ela. Deram ao Henry todo tipo de idéias para criar um efeito fantasmagórico.

Ele começou a subir os degraus.

— Artemis, espere...

— Fique aqui — ele pegou o lampião e abriu a porta da frente. — Só vou levar um minuto. Logo eles terão ido embora.

— Não estou gostando disso, Artemis — ela cruzou os braços, se protegendo, e olhou para a porta. — Por favor, vamos embora. Mande algum dos seus empregados cuidar do problema.

A ansiedade dela era fora de propósito, ele pensou. Por outro lado, era uma mulher que temia o fantasma de um marido assassinado. Ele lembrou das trancas pesadas e dos sinos de alarme que instalara na casa dela. Que destino diabólico o pusera nas mãos daquela mulher? Mas não podia escapar dela, e não era apenas o diário do seu pai que o acorrentava.

— Acalme-se — disse ele, com um tom que esperava ser tranquilizador. — Volto num minuto.

Ele entrou na Mansão Mal-assombrada. A luz do lampião brilhou na parede que imitava pedra, criando cantos de escuridão profunda sob a escada tortuosa.

— Maldição, como pode ser tão teimoso? — Madeline ergueu as saias e subiu correndo a escada da entrada, seguindo-o para dentro da casa. — Eu vi mesmo alguém na janela.

— Eu disse que não duvidava da senhora.

— Não finja que quer me agradar. Agora está a meu serviço. Se insistir em enfrentar o intruso, então é minha responsabilidade acompanhá-lo.

Ele considerou e rejeitou rapidamente a idéia de forçá-la a voltar lá para fora. Madeline obviamente estava perturbada com o que quer que tinha visto na janela escura. Só podia ficar mais ansiosa se a deixasse esperando sozinha no caminho lá fora. Era improvável que o intruso, se é que existia mesmo, representasse alguma ameaça séria.

— Como quiser.

Ele começou a subir a escada estreita que levava ao segundo andar do castelo. A luz do lampião dançava assustadora nas paredes.

— Sem querer ofender — Madeline resmungou atrás dele —, mas eu, por exemplo, não tenho intenção nenhuma de gastar meu dinheiro para ver esta atração horrorosa.

— É bem eficiente, não é? — ele olhou para os ossos esbranquiçados pendurados num buraco na parede — O que acha do esqueleto?

— Simplesmente horrível.

— Foi a contribuição do John Pequeno para a decoração. Quando a atração estiver pronta, haverá alguns fantasmas pendurados no teto e um belo corpo sem cabeça. Um dos outros rapazes sugeriu algumas criaturas encapuzadas no topo da escada.

— Artemis, pelo amor de Deus, isto não é hora de fazer uma excursão com guia. Há um intruso em algum lugar lá em cima. Ele pode estar esperando para nos atacar.

— Pouco provável. Zachary e seus amigos sabem muito bem que eu não gostaria nada desse tipo de coisa.

Nada mesmo. Quando pusesse as mãos no moleque que tinha interrompido seu interlúdio apaixonado com Madeline, ele saberia exatamente o quanto Artemis se opunha a tal interferência.

— Em geral Olhos e Ouvidos são um bom grupo, mas de vez em quando...

Ele parou de falar repentinamente, distraído por um movimento de sombras no topo da escada. A luz do lampião captou uma ponta de capa, mas

a pessoa já estava se afastando. O intruso desapareceu por um longo corredor com passos quase silenciosos.

— Artemis — Madeline chamou baixinho.

Ele ignorou-a, subiu de um pulo os últimos degraus e correu atrás da figura que fugia. Ouviu Madeline atrás dele. Pela primeira vez questionou a decisão de deixá-la acompanhá-lo. Tinha visto o intruso de relance, mas foi suficiente para saber que a pessoa que estava perseguindo era um homem, não um moleque.

No final do corredor uma porta bateu. Artemis parou na frente dela, deixou o lampião no chão e virou a maçaneta. Ela girou mas a porta não abriu.

— O filho da mãe escorou a porta com alguma coisa pesada — disse ele para Madeline.

Artemis encostou o ombro numa almofada da porta e deu um tranco com força.

— Deixe-me ajudar — Madeline ficou atrás dele e plantou as duas mãos na porta.

Artemis sentiu a porta se mexer quando o objeto pesado que estava encostado nela deslizou no assoalho. Ele ouviu um movimento dentro do quarto.

— Que diabos está acontecendo aqui? — ele reclamou.

Deu um último empurrão na porta. Ela abriu o suficiente para ele se esgueirar para dentro do cômodo escuro.

— Fique aqui — disse para Madeline. Desta vez, uma ordem clara de comando.

— Pelo amor de Deus, tenha cuidado — disse ela com uma voz que continha um quê de autoridade, tão imperiosa quanto a dele.

Artemis mergulhou no quarto, com o corpo abaixado e para o lado, para ser um alvo mais difícil. Instintivamente, recorreu ao seu antigo treinamento e buscou os pontos mais escuros.

Mas já sabia que era tarde demais.

O vento frio da noite entrou pela janela que dava para uma varanda em miniatura. Uma rede de teias de aranha artificiais balançava na corrente de ar. A cortina de gaze inflava fantasmagórica ao luar, zombando dele em silêncio.

Seu idiota, pensou Artemis. Como é que esperava escapar daquela maneira? A menos que resolvesse arriscar uma longa queda até o chão, o intruso estava realmente encurralado.

Mas criaturas encurraladas em geral eram extremamente perigosas.

Ele deu a volta numa tela de fundo recentemente pintada, que apresentava um par de espectros pairando sobre uma cripta. Afastando as teias de aranha, ele se esgueirou até a janela. Dava para ver toda a pequena varanda. Estava vazia.

— Não há ninguém lá fora — Madeline sussurrou do meio do quarto. — Ele desapareceu.

— Precisaria de muita sorte para não quebrar o pescoço no pulo.

— Não ouvi nada. Madeline tinha razão.

Artemis foi até a varanda e olhou para baixo. Não viu ninguém encolhido deitado na grama. E tampouco avistou alguém mancando pela floresta a caminho do portão sul, raramente usado.

— Fugiu — ela murmurou.

— Não há como ele ter pulado de tão alto sem torcer um tornozelo — ele chegou para trás e olhou para cima. — Será que utilizou outra rota de fuga?

— O telhado?

— É possível, mas continuaria enfrentando o problema de descer do seu poleiro... — Artemis parou de falar quando encostou com o bico da bota num objeto macio, maleável. Olhou para o chão. Sentiu um calafrio. — Que diabos!

Madeline viu Artemis se abaixar para pegar o que tinha encontrado.

— O que é?

— A razão de o nosso intruso não ter rachado a cabeça ao pular desta varanda alguns minutos atrás. — Artemis levantou um pedaço de corda com um nó complicado na ponta. — Com certeza usou isto para entrar na mansão e para sair também.

Madeline deu um suspiro.

— Bom, pelo menos o senhor sabe que não vi um fantasma.

— Ao contrário, acho que não podemos ter certeza absoluta desse fato. Ela ficou tensa.

— O que quer dizer?

Artemis passou a corda grossa lentamente pela palma da mão.

— Os nós que ele usou nesta escada de corda são nós Vanza.

## OITO

— Conte a história desde o começo — disse Artemis.

Madeline olhou para o jardim pequeno e deserto pela janela da biblioteca. Estava com as mãos para trás e concentrada em organizar seus pensamentos. Tinha uma consciência muito aguçada da presença de Artemis, apoiado na beira da mesa, esperando que ela comesse a dar suas explicações.

Na noite anterior, depois do incidente na Mansão Mal-assombrada, ele a levou direto para casa, verificou as trancas nas janelas e prometeu mandar alguém para vigiar a casa de Madeline o resto da noite.

— Procure descansar — disse ele. — Preciso pensar um pouco. Volto amanhã de manhã e faremos planos.

Madeline tinha passado a noite tentando resolver quanto devia contar para ele. Agora tinha de escolher suas palavras com o maior cuidado.

— Eu disse que o meu marido assassinou meu pai com veneno. Encontrei papai antes de ele morrer. Berenice tentou salvá-lo, mas nem os remédios mais potentes funcionaram. Ela disse que Renwick tinha usado alguma poção Vanza fatal.

— Continue.

A voz dele parecia neutra. Não revelava nada. Não dava para saber se acreditava nela ou não.

— Naquela altura todos já sabiam que Renwick estava louco. Oh, ele escondeu isto alguns meses. Tempo suficiente para enganar o meu pai, a mim e todo mundo. Mas, no fim, já era óbvio.

— O que a fez concluir que seu marido estava louco? Ela hesitou um pouco.

— Depois do nosso casamento, logo ficou claro que havia algo muito estranho em Renwick. Ele passava horas num quarto especial no último andar da casa. Chamava-o de o seu laboratório. Mantinha-o sempre trancado. Não permitia a entrada de ninguém. Mas uma tarde, enquanto fazia seus exercícios de meditação, consegui roubar a chave.

— Entrou no quarto trancado?

— Entrei — ela olhou para as mãos. — Suponho que esteja pensando que isso não é obra de uma esposa obediente.

Artemis ignorou essa observação.

— O que encontrou?

Ela virou lentamente e olhou nos olhos dele.

— Prova de que Renwick estava muito envolvido com o lado sombrio da filosofia Vanza.

— Que tipo de prova?

— Diários. Livros. Anotações. Bobagem de alquimia que meu pai sempre desprezou. Dizia que esse tipo de coisa não era a verdadeira filosofia Vanza. Mas sei por minhas próprias pesquisas que sempre houve uma corrente misteriosa e clandestina de magia e alquimia paralela à filosofia.

— Besteirada de ocultismo. Os monges dos Templos do Jardim não ensinam essas coisas. Esse conhecimento é proibido.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Sabe o que dizem sobre conhecimento proibido, não sabe? Costuma ser muito atraente.

— Seu marido era um daqueles que se sentia atraído por isso, então?

— Era. Foi esse o verdadeiro motivo para procurar meu pai e conseguir entrar para a nossa família. Ele chegou até a se casar comigo na tentativa de convencer papai a ensinar para ele o que queria saber. Acreditava que entrando para a nossa família papai revelaria todos os seus segredos para ele.

— Que segredos Deveridge queria aprender?

— Duas coisas. A primeira era o conhecimento da antiga língua Vanza, usada nos livros antigos de alquimia e magia.

— E a segunda coisa? Ela cerrou os dentes.

— Renwick queria realmente ser um mestre completo, era sua obsessão conquistar esse nível.

— Seu pai não quis ensinar o conhecimento dos círculos mais elevados? Ela respirou fundo.

— E. Papai finalmente percebeu, tarde demais, que Renwick era mau. Meu marido acreditava mesmo que, se conseguisse decifrar os segredos dos textos de ocultismo Vanza, poderia se transformar num feiticeiro.

— Deveridge devia estar mesmo louco se acreditava nisso.

— Pior que louco. Com instinto assassino. Pouco antes de morrer, meu pai avisou a mim e a Berenice que Renwick tinha jurado nos matar. Meu marido pretendia destruir toda a família porque papai se recusara a ensinar o que precisava saber para decifrar os antigos livros de ocultismo.

— Mas Deveridge morreu convenientemente nas mãos de um assaltante antes de poder completar sua vingança — disse Artemis em voz baixa.

— É — Madeline encarou o olhar intenso e firme de Artemis. — Berenice acha que foi a mão do destino em ação.

— Humm — Artemis balançou a cabeça pensativo. — O destino é sempre uma explicação prática para esse tipo de coisa, não é?

Ela pigarreou.

— Na verdade eu não sei o que poderia ter acontecido se Renwick sobrevivesse. Com a morte de papai, não havia mais ninguém para proteger Berenice e a mim dele.

— Se o que me disse é verdade, certamente posso compreender o seu dilema.

Ela fechou os olhos por alguns segundos, reunindo coragem.

— Não acredita em mim.

— Digamos que estou evitando um julgamento final neste ponto.

— Sei que tudo parece muito bizarro, senhor, mas é a verdade — ela fechou as mãos com força. — Juro que não estou louca. As coisas que contei não são produto de uma imaginação perturbada. Tem de acreditar em mim.

Ele a observou mais algum tempo. Então, sem dizer nada, levantou e foi até a mesa onde estava o conhaque. Pegou o pesado recipiente de cristal, tirou a tampa e derramou a bebida num cálice.

Ele pôs o cálice nas mãos de Madeline.

— Beba.

O cálice parecia frio em seus dedos. Ela ficou olhando para o líquido, e sentiu que sua mente estava vazia. Disse a única coisa que lhe veio à cabeça.

— Mas são só onze horas da manhã, senhor. Não se bebe conhaque a

esta hora.

— Ficaria surpresa com o que algumas pessoas fazem às onze horas da manhã. Beba isto.

— Olha, o senhor é tão irritante quanto a tia Berenice com seus tônicos. Ela ergueu o cálice e bebeu um gole. O líquido desceu queimando, mas o calor era uma sensação surpreendentemente boa. Tão boa que ela resolveu dar um segundo gole.

— Bem, agora vamos ao que importa nesta situação. Já faz um ano que seu marido morreu. O que mais aconteceu, além do incidente na Mansão

Mal-assombrada a noite passada, para fazê-la pensar que Renwick Deveridge voltou para se vingar da sua família?

— Não me entenda mal, senhor — ela largou o cálice. — Eu sei que correm boatos de que sou dada a fantasias loucas e visões alucinadas. Mas tenho bons motivos para temer que alguma coisa muito estranha esteja acontecendo.

Ele deu um pequeno sorriso.

— Estou vendo que o conhaque produziu um efeito de recuperação no seu ânimo, madame. Fale-me do fantasma de Renwick Deveridge.

Ela cruzou os braços e começou a andar de um lado para outro na biblioteca.

— Com toda certeza, não acredito que Renwick Deveridge tenha conseguido por qualquer razão o impossível e retornado da sepultura para nos assombrar. Se ele estiver em algum lugar, fora dali, é porque conseguiu sobreviver. Eu pedi para o senhor caçar um fantasma, mas na verdade não acredito em espectros.

— Vou acreditar na sua palavra — ele encostou o ombro na ponta de uma estante. Não tirou os olhos do rosto de Madeline. — Permita-me refazer minha pergunta. O que aconteceu recentemente para reviver seu medo de Deveridge?

Explicar o que vem a seguir será meio complicado, ela pensou.

— Uma semana atrás eu recebi um bilhete de um cavalheiro que era colega do meu pai. Ele também é um especialista nas línguas antigas, e estudou a antiga língua de Vanzagara.

— O que dizia o bilhete? Ela ficou tensa.

— Na mensagem ele dizia que tinha visto o fantasma de Renwick na biblioteca dele. Achava que devia me contar sobre esse incidente.

-Que diabos!

Ela deu um suspiro.

— Eu sei que é uma história absurda, senhor. Mas deve levar a sério cada parte dela, senão não me servirá de nada.

— Quem é esse estudioso que afirmou ter visto o fantasma? Outra parte complicada, ela pensou.

— Lorde Linslade.

— *Linslade*? — Artemis olhou para ela incrédulo. — Todo mundo sabe que o homem é doido. Ele vê fantasmas há anos. E conversa regularmente com a sombra da mulher morta, segundo me disseram.

— Eu sei — ela parou de andar e afundou na cadeira mais próxima. —

Mas acredite, apesar de o bilhete ter me causado um certo sobressalto, não dei crédito a ele até...



— Até o quê?  
— Até quatro dias atrás, quando recebi a mensagem do Sr. Pitney. Artemis olhou para ela intrigado.  
— Eaton Pitney?  
— Conhece?  
— Conversei com ele uma ou duas vezes, anos atrás. Ele também é um especialista no estudo de línguas antigas.  
— Isso mesmo.  
— O que sei é que Pitney acabou tão excêntrico quanto Linslade nestes últimos anos.

— É — ela reclinou na cadeira e olhou para ele. — Ele é bem esquisito, mesmo para os padrões dos membros da Sociedade Vanzagariana. Durante anos acreditou que era observado por fantasmas que chamava de “Estranhos”. O que eu sei é que ele despediu todos os empregados domésticos no ano passado para livrar-se de qualquer Estranho fingindo ser um deles.

— Pitney afirmou que viu o fantasma de Deveridge também? — perguntou Artemis secamente.

— Não, Sr. Hunt — ela tamborilou os dedos no braço da cadeira e esforçou-se para manter o pouco de paciência que restava. — Ele não mencionou fantasmas em seu bilhete.

A expressão dele ficou um pouco mais suave, mas seus olhos permaneceram frios e penetrantes.

— O quê, exatamente, ele disse no bilhete?

— Vou mostrar para o senhor.

Ela levantou da cadeira, tirou a chave que levava pendurada ao pescoço e foi até o armário onde guardava o diário dos membros da Sociedade Vanzagariana. Abriu a porta e tirou uma das anotações que tinha acabado de pôr lá dentro.

Madeline olhou para a caligrafia minúscula e compacta e depois entregou a mensagem para Artemis sem dizer nada. Ele pegou o pedaço de papel e leu em voz alta:

*Minha querida Sra. D.,*

*Como antigo colega do seu estimado pai, sinto que é minha responsabilidade informar que depois de anos me observando da escuridão, um dos Estranhos recentemente ficou tão ousado que tentou invadir a minha biblioteca. Felizmente, foi impedido por minhas trancas e cadeados.*

*O fato de o Estranho aparentemente querer ter acesso aos meus livros e anotações fez com que eu ficasse imaginando se ele poderia representar uma ameaça para outros especialistas da língua antiga. Seu pai me disse uma vez que havia ensinado para a senhora seu conhecimento da língua antiga de Vanzagara. Também sei que a senhora ainda possui os livros e papéis de Winton Reed. Achei melhor avisá-la de que alguém pode estar procurando esse tipo de coisa.*

*Conforme a senhora sem dúvida sabe, recentemente surgiram boatos sobre um antigo texto Vanza chamado Livro dos segredos. É a mais pura bobagem, é claro, mas as histórias podem ter atraído o Estranho do seu esconderijo para procurar este livro...*

Artemis dobrou o bilhete. Parecia pensativo. Madeline considerou isto um bom sinal.

— Sei que isso não é muito para começar — disse ela cuidadosamente. Uma mensagem sobre um fantasma, de um cavalheiro que costuma vê-los regularmente, e um aviso sobre um fantasma que pode ou não ter tentado entrar na biblioteca de um cavalheiro que é perseguido por idéias estranhas há anos. No entanto, não consigo ignorar esses bilhetes de Linslade e Pitney.

— Não precisa explicar mais nada, Madeline — disse Artemis em voz baixa. — Entendo agora o que a deixou alarmada.

Uma grande sensação de alívio tomou conta dela.

— Então está vendo os elos que unem os dois bilhetes, senhor?

— Claro que estou. Cada uma dessas mensagens, considerada separadamente, poderia ser ignorada como simples devaneios de um lunático. Mas, juntas, elas formam um padrão.

— Exatamente.

Ele estava entendendo, ela pensou. Não era para menos, ele era Vanza. A disposição de enxergar através das camadas da realidade para ver as possibilidades que existiam por baixo da superfície era um dos princípios mais básicos da filosofia.

— O fato mais interessante aqui — continuou Artemis — é a convicção de Linslade de que não foi um fantasma qualquer que ele encontrou, mas o espectro do seu falecido marido.

— Está vendo por que eu achei necessário tomar precauções e investigar o assunto?

— Estou — ele olhou para ela. — Suponho que queira começar pelo Linslade?

— É. Achei que poderíamos visitá-lo esta tarde mesmo, se o senhor concordar.

Artemis deu de ombros.

— Admito que sinto um pouco de curiosidade sobre esse assunto. Nunca tive uma discussão prolongada com um homem que afirma conversar regularmente com fantasmas.

— Que gentileza vir me visitar, Sra. Deveridge — lorde Linslade sorriu de prazer, levando Madeline até uma poltrona. Ela poderia jurar que seus olhos brilhantes como os de um pássaro cintilaram ao ver Artemis.

— E o senhor também. É um prazer vê-lo novamente, Sr. Hunt — ele deu um sorriso maroto para Artemis. — Já faz algum tempo que não nos vemos, não é?

— Alguns anos, eu acho — disse Artemis ao sentar.

— É mesmo — Linslade balançou a cabeça e se instalou atrás da mesa. Tempo demais, senhor. Soube que o senhor estudou nos Templos do Jardim e que agora é um mestre das artes antigas.

Madeline observou o retrato em tamanho natural da Sra. Linslade que dominava a parede atrás da mesa do barão. O quadro mostrava uma mulher forte e maternal que em vida contrastava com o marido pequeno e animado. Usava um vestido de noite com decote quadrado e generoso, estampado com desenhos gregos e etruscos. Era um estilo que estava no auge da moda na época em que ela morreu, doze anos atrás.

Madeline lembrou que o lorde e a Sra. Linslade sempre gostaram de estar em dia com a moda. Enquanto a Sra. Linslade agora estava presa para sempre naquele vestido de doze anos atrás, o marido continuava a manter-se

atualizado. Linslade estava usando um conjunto elegante, feito sob medida, que incluía um colete de cetim cor-de-rosa e uma gravata amarrada com a última palavra em nó.

Linslade juntou as mãos pequenas e bem tratadas sobre a mesa e olhou feliz para Madeline.

— Devo dizer, minha querida, que tive algumas conversas muito estimulantes com seu pai.

Madeline ficou paralisada.

— O senhor conversou com papai?

— Conversei — Linslade deu uma risadinha. — Mas juro que vejo o Reed mais agora do que quando era vivo.

Madeline observou o brilho de riso nos olhos de Artemis e procurou ignorar.

— Que assuntos o senhor discutia com meu pai? — perguntou ela com cautela.

— Em geral consultávamos um ao outro sobre nossas pesquisas da antiga língua vanzagariana, é claro — disse Linslade. — Winton Reed tinha sempre idéias muito interessantes. Há muito sou da opinião de que Ignatius Lorrington e ele estavam entre as maiores autoridades da língua em toda a Europa.

— Entendo.

Madeline olhou de novo rapidamente para Artemis, pouco à vontade. Não tinha certeza do que devia dizer.

— Diga-me, senhor — disse Artemis casualmente —, hoje em dia o senhor também tem conversado com Lorrington?

— Lorrington não conseguiu vir me visitar desde sua morte há poucos meses. Na verdade, não me surpreende — fungou Linslade. — O homem sempre foi extremamente arrogante e dogmático. Com o rei na barriga, sabe? Achava que era a autoridade máxima em todos os assuntos relativos a Vanza. Duvido que tenha mudado muito nesse aspecto depois de morto.

— Ele *foi* o explorador e acadêmico que descobriu a ilha de Vanzagara — lembrou Artemis. — Foi Lorrington que nos apresentou a arte e a filosofia. Ele foi o fundador e o primeiro Grão-mestre da Sociedade Vanzagariana. Pode-se dizer que tinha o direito de se valorizar tanto.

— Sim, sim, eu sei — Linslade abanou a mão num gesto delicado de condescendência. — Ninguém está discutindo sua posição como descobridor de Vanzagara. Para ser franco, eu até esperava que ele viesse me visitar depois que morreu. Ele ficou muito doente no fim da vida, sabe? Não recebia quase ninguém. Nunca tive a oportunidade de perguntar a ele sobre um certo boato que ouvi logo antes da sua morte.

— Que boato foi esse? — perguntou Artemis.

— O senhor deve ter ouvido também, não? — Linslade olhou para Artemis. — Alguns meses atrás, os membros da Sociedade Vanzagariana estavam alvoroçados com as histórias do furto de um certo livro muito antigo.

— O *Livro dos segredos* — disse Artemis. — Sim, ouvi os boatos. Mas não dei nenhum valor a eles.

— Não, claro que não — apressou-se Linslade em dizer. — Pura besteira.

Mas muito curioso, não acha? Seria interessante saber a opinião de Lorrington sobre o assunto.

— De acordo com o pouco que ouvi — disse Artemis —, o *Livro dos segredos*, se é que existiu, foi destruído num incêndio que consumiu a casa de Farrell Blue na Itália.

— É, é, eu sei — suspirou Linslade. — Infelizmente, Blue também não veio me ver desde a sua morte, por isso não pude perguntar isso para ele.

Não estavam chegando a lugar algum, pensou Madeline. Era hora de assumir o controle da conversa.

— O senhor mencionou em seu bilhete que tinha visto meu falecido marido recentemente.

— Bem aqui na minha biblioteca — a expressão alegre de Linslade se dissolveu numa testa franzida de preocupação. — Foi uma surpresa, sabe? Tínhamos nos falado em uma ou duas ocasiões, quando ele era aluno do seu pai, mas não éramos o que se pode chamar de amigos íntimos.

Artemis esticou as pernas e examinou as pontas das suas botas reluzentes.

— Considera Deveridge seu colega?

— Certamente compartilhávamos interesses nos estudos, mas Deveridge não via utilidade nas minhas teorias e opiniões. Na verdade, ele deixou bem claro que me considerava um velho tolo e titubeante. Achava que ele era muito grosseiro — Linslade parou de falar de repente e olhou arrependido para Madeline. — Perdoe-me, minha querida, não tive a intenção de criticar seu falecido marido.

Ela conseguiu dar um sorriso frio.

— Estou certa de que o senhor sabe que meu casamento não era uma união feliz.

— Eu confesso que ouvi boatos a esse respeito — a simpatia transpareceu nos olhos brilhantes de Linslade. — Que tragédia! Sinto muito que não tenha conhecido o grau de felicidade, tanto física quanto metafísica que a Sra. Linslade e eu tivemos a sorte de vivenciar.

— Eu sei que esse tipo de felicidade no casamento é incomum, senhor — disse Madeline secamente. — Agora, sobre a conversa que teve com meu falecido marido, pode contá-la para nós?

— Certamente — Linslade fez um bico. — Não durou muito. Na verdade, quase não nos encontrávamos. Foi pura sorte, por assim dizer. — Artemis parou de examinar as botas e olhou para ele.

— O que quer dizer?

— Já era bem tarde quando Deveridge apareceu aqui na biblioteca. Todos na casa já estavam dormindo havia horas. Se eu não tivesse problemas para pegar no sono aquela noite, e não resolvesse descer para pegar um livro, não o teria visto.

Madeline inclinou-se um pouco para a frente.

— O que, exatamente, ele disse para o senhor?

— Deixe-me pensar — as sobancelhas de Linslade se juntaram e ele ficou pensativo. — Acho que eu falei primeiro. Trocamos as amabilidades de praxe. Eu disse que estava surpreso de vê-lo. Mencionei que tinha ouvido falar sobre a morte dele num incêndio, um ano atrás.

— O que ele disse então? — Artemis perguntou num tom que parecia ser de verdadeira curiosidade.

— Acho que ele observou que foi muito inconveniente.

— Inconveniente? — Madeline sentiu gotas de suor gelado escorrendo sob o vestido. — Foi esta a palavra que ele usou?

— Foi, tenho certeza de que foi isso — Linslade se remexeu pouco à vontade e olhou para ela como se pedisse desculpas. — Conforme eu disse, nós conversamos. Naturalmente não entrei em detalhes quanto ao boato que ouvi sobre as circunstâncias exatas da morte dele, minha querida.

— Naturalmente — Madeline tossiu um pouco para limpar a garganta. Muita gentileza sua de não discutir os boatos infelizes que andaram circulando.

— Sou sempre muito educado com os mortos — garantiu Linslade. — Parece que eles apreciam isto. Sempre achei que o que acontece entre um homem e uma mulher só diz respeito aos dois, em qualquer situação.

Artemis olhou para Linslade.

— Como foi que Deveridge reagiu quando falou com ele?

— Pareceu meio espantado da primeira vez que falei — Linslade levantou as sobrancelhas. — Foi como se não esperasse me ver. Não consigo imaginar por quê. Ele que veio me visitar e estava na minha biblioteca, afinal de contas.

— De fato. O que mais vocês conversaram?

— Eu perguntei se ele continuava estudando a língua antiga. Ele disse que continuava — Linslade levantou uma sobrancelha, depois a outra. — Mencionou a história do *Livro dos segredos*, por falar nisso. Perguntou se eu tinha ouvido o último boato a respeito.

— E qual era esse boato? — perguntou Artemis calmamente.

— Que o *Livro dos segredos* tinha escapado do incêndio na Itália. Ele disse que tinha ouvido dizer que as receitas do livro, além de escritas

na língua antiga, tinham sido codificadas. Uma coisa muito complicada, mesmo para uma grande autoridade na língua. Parece que ele achava que seria necessário algum meio de explicar ou decifrar para traduzir a coisa. Madeline fechou a mão com força.

— O senhor fez algum comentário sobre isso? Linslade bufou discretamente.

— Disse que qualquer menção ao *Livro dos segredos* não passava de conversa fiada.

— Ele disse mais alguma coisa? — Madeline ouviu a própria voz tremida e cerrou os dentes.

— Nada importante. Conversamos um pouco mais e ele foi embora. Artemis olhou para Madeline.

— Ele pediu que lhe mandasse lembranças, minha querida — disse Linslade. — Falou alguma coisa no sentido de não querer que a senhora o esquecesse. Foi por isso que mandei o bilhete contando do nosso encontro.

Madeline parou de respirar por alguns segundos. Não conseguia mover nem um dedo. Sabia que Artemis a observava com um olhar enigmático, de canto de olho, mas não podia virar a cabeça para encará-lo.

Ela olhou fixo para Linslade. O homem conversava regularmente com fantasmas. Não era completamente são. Mas também não parecia ser completamente louco. Quanto do que tinha dito era verdade, e quanto era fantasia? Como separar as duas coisas?

Ela olhou de soslaio para o retrato pintado da Sra. Linslade com o vestido de doze anos atrás. Teve uma idéia.

— Meu senhor — disse ela bem devagar —, estou curiosa sobre uma

coisa. Quando encontra o fantasma da sua senhora, como é que ela está vestida?

— Vestida? Ora, com um belo vestido, é claro — Linslade sorriu. — A Sra. Linslade sempre teve um excelente gosto.

Madeline percebeu que Artemis olhava para ela. Ele deve ter entendido a sua intenção, porque inclinou um pouquinho a cabeça, denotando aprovação.

— A Sra. Linslade continua em dia com a moda? — Madeline prendeu a respiração.

Linslade pareceu surpreso e depois vagamente pesaroso.

— Temo que não. Ela sempre aparece com aquele lindo vestido que usou quando posou para o retrato. Gostava muito dos estilos grego e etrusco, sabe?

— Entendo — Madeline respirou com cuidado. — E o meu pai? Quando viu o fantasma dele, como estava vestido?

Linslade ficou animado.

— Exatamente como da última vez que fui visitá-lo. Usava aquele paletó azul-escuro que sempre usava quando ia às reuniões da Sociedade e um colete amarelo que não combinava. Deve lembrar dele, é claro.

— Sim — ela engoliu em seco —, lembro do colete amarelo. E o meu marido? Lembra da roupa do fantasma dele quando veio visitá-lo naquela noite?

— A propósito, lembro sim. Até achei que ele estava muito elegante. Usava um paletó com corte da última moda e a gravata amarrada ao estilo serenata. Aquele nó é a última palavra no momento, sabe?

— Compreendo — sussurrou Madeline.

— Ah, e tem mais uma coisa. Ele usava uma bengala. Tinha um belo cabo de ouro com a forma de uma cabeça de falcão. Muito bonita.

Madeline sentiu um arrepio nos fios de cabelo da nuca.

Dez minutos depois, Artemis ajudou Madeline a subir na carruagem, subiu em seguida e fechou a porta. Não gostou do olhar dela. Ela estava aparentemente tranqüila, mas muito pálida.

— Está tudo bem? — ele perguntou quando o veículo começou a andar.

— Está, é claro — ela entrelaçou os dedos devagar. — Artemis, está me parecendo que Linslade encontrou um verdadeiro intruso na sua biblioteca naquela noite, não um fantasma.

— Um intruso que se parecia muito com seu falecido marido, a ponto de fazer Linslade pensar que era o fantasma de Renwick Deveridge — ele recostou no banco. — Interessante. Por falar nisso, devo dizer, Madeline, que suas perguntas no fim foram muito inteligentes. Gostaria de ter pensado em perguntar sobre a roupa dos diversos fantasmas eu mesmo.

Ela demonstrou estar surpresa com o cumprimento.

— Obrigada, senhor. Ele deu de ombros.

— Parece-me que em geral os fantasmas que aparecem para Linslade estão sempre com as roupas que costumavam usar quando eram vivos. Mas a sombra de Renwick usava a moda atual, não o estilo do ano passado.

— Linslade é muito excêntrico — lembrou Madeline, inquieta.

— Não vou discutir isso. É possível que estejamos dando ênfase demais às respostas que ele deu para as suas perguntas. É óbvio que o homem é dado a fantasias muito loucas. Talvez tenha inventado roupas atuais para o fantasma de Deveridge porque seu cérebro desordenado não era capaz de

lembrar o que o seu marido estava usando da última vez que se encontraram.

Ela pensou nisso alguns segundos.

— Percebo o que quer dizer. Tenho certeza de que ele é cavalheiro demais para imaginar um fantasma nu.

— Um fantasma nu. Que idéia interessante. Ela olhou para ele com ar de desespero.

— Não posso acreditar que estamos aqui sentados discutindo o gosto para roupas dos fantasmas. Qualquer desavisado que ouvir nossa conversa, sem dúvida, vai concluir que nós dois fugimos de um manicômio.

—É.

— Artemis, tenho de dizer-lhe uma coisa.

— O que é?

— Lorde Linslade mencionou que o fantasma usava uma... bengala.

— E daí? As bengalas estão muito na moda no momento. Eu não uso, mas só porque acho uma complicação.

Ela olhou para a rua.

— O que soou realmente especial foi a bengala que Linslade descreveu.

— Ah, sim. O cabo de ouro com a forma da cabeça de uma ave de rapina. O que tem ela?

Madeline soltou o ar lentamente.

— Além de especial, pareceu horivelmente familiar. Renwick usava sempre uma bengala que corresponde exatamente à descrição de Linslade.

Uma espécie de imobilidade começou a crescer dentro dele.

— Tem certeza disso?

— Tenho — uma expressão que chegou perigosamente perto do pânico ardeu nos olhos dela. Ela recuperou o controle imediatamente. — Tenho certeza sim. Uma vez ele me disse que tinha sido presente do pai dele.

Artemis observou Madeline por um longo tempo.

— Acho que seria melhor se a senhora e sua tia se mudassem para a minha casa até essa coisa terminar — disse ele finalmente.

Ela olhou para ele espantada.

— Mudar para a sua casa? Mas isto é ridículo. Por que cargas d'água devemos fazer isto?

— Porque estou convencido de que seu cocheiro grandalhão e aqueles sininhos nas suas janelas serão inúteis contra o fantasma de Renwick Deveridge.

—Mas, Artemis...

Ele continuou olhando nos olhos dela.

— A senhora me arrastou para este caso, madame. Então está bem. Temos um acordo. Vou encontrar o seu fantasma. Mas a senhora, em troca, deve concordar em seguir as minhas instruções quanto à sua segurança.

Ela olhou para ele desconfiada.

— Suas ordens, é o que quer dizer.

— Pode usar o termo que mais lhe agradar. Mas em casos como esse, não pode haver duas pessoas no comando. Porá todas as pessoas da sua casa em risco se ficar me desafiando.

— Não estou desafiando o senhor. Estou questionando a sensatez da sua sugestão.

— Por mais estranho que pareça — ele disse —, interpreto isso como um

desafio.

Ela se remexeu, inquieta.

— É bem sensível nesse assunto de autoridade, não é, senhor?

— Sou extremamente sensível quanto a esse assunto específico. Na verdade, tão sensível que raramente permito que alguém o questione.

Ela olhou furiosa para ele.

— Não pode esperar que eu deixe todas as decisões por sua conta.

— Devo lembrar mais uma vez que foi a senhora que me procurou, madame? Ofereceu-me uma barganha e eu aceitei. Fizemos um pacto.

Ela hesitou e depois aparentemente decidiu tentar outra tática.

— O senhor não deve perder de vista seu outro objetivo.

Por um momento desagradável, ele pensou outra vez que ela sabia, de alguma forma, dos seus planos para vingar Catherine.

— Meu outro objetivo?

— Sabe muito bem que está no mercado à procura de uma esposa bem relacionada — ela olhou para ele irritada. — O senhor deixou bem claro que se preocupa com o risco de os seus negócios ficarem conhecidos, e assim não poder mais formar o tipo de aliança matrimonial que deseja.

— E daí?

— Devo dizer que não é apenas o fato de estar nesse negócio que pode desencorajar algumas pessoas — disse ele misteriosamente. — Muitas famílias nos melhores círculos podem muito bem se opor à idéia de estar recebendo a Perversa Viúva como hóspede em sua casa.

— Não tinha considerado essa possibilidade — ele ergueu uma sobrancelha. — Realmente acredita que o pessoal da alta pode se opor à minha escolha de hóspedes?

— Sim, acredito.

— Que intolerância a deles.

— O fato é que não teria um reflexo positivo na sua sensibilidade — disse ela. — Deve compreender isso. Posso assegurar que o tipo de damas que podem estar na sua lista de esposas potenciais não gostariam de saber que estive sob seu teto por um período prolongado.

— Madeline, quando foi a última vez que dormiu bem uma noite inteira? Ela arregalou os olhos, porém mais uma vez se recompôs com velocidade espantosa.

— Como foi que adivinhou?

— Conversei com o homem que pus de guarda na rua, na frente da sua casa a noite passada. Ele disse que a luz ficou acesa na sua janela até o nascer do sol. Suspeito que isso ocorra com frequência.

Ela virou a cabeça e observou a rua ensolarada.

— Por algum motivo eu supus que, se ele voltasse, seria à noite. Ele era uma criatura notívaga, sabe?

— Deveridge?

— É. Tinha a aparência de um anjo, mas era, na verdade, um demônio. Acho que quem, *ou o quê*, voltou para vingá-lo também prefere a noite.

Artemis inclinou o corpo para a frente e cobriu as mãos dela delicadamente com as suas. Esperou até ela olhar para ele.

— Seu raciocínio é lógico. As pessoas que gostam das bobagens do ocultismo que pertencem ao ramo sombrio Vanza são bem melodramáticas. E



costumam preferir a noite para agir. Mas temo que não possa contar com um praticante do ocultismo que só trabalhe à noite. O simples fato de ser mais provável que o espere à noite pode levá-lo a optar por agir à luz do dia.

— Tudo é tão complicado — ela murmurou com veemência e angústia. — Queria que meu pai nunca tivesse se envolvido com Vanza, queria nunca ter ouvido falar da filosofia, nem ter conhecido quem a estuda.

— Madeline...

Ela fechou as mãos com força dentro das dele.

— Eu juro, quando isso terminar, nunca mais quero saber de qualquer coisa ou qualquer pessoa ligada a essa filosofia horrível.

Ele gelou por dentro.

— Já deixou bem claro seus sentimentos em relação à Vanza. O que resolver fazer quando esse caso estiver acabado é problema seu. Mas neste meio tempo, a senhora me contratou pela minha experiência. Espero que tenha bom senso. Se não pensa na própria segurança, deve considerar sua tia. Quer expô-la ao risco?

Ela estudou o rosto dele por um longo tempo. A lógica de Artemis era inquestionável e ele percebia que ela sabia disto. *Lógica Vanza*. Ele já conhecia a resposta antes de Madeline falar.

— Não, claro que não — disse ela baixinho. — O senhor tem razão. Tenho de pensar na segurança da tia Berenice. Vou tratar disto imediatamente. Podemos mudar para a sua casa hoje mesmo.

— Uma decisão sábia, madame.

Madeline olhou para ele muito séria e atônita.

— Não acho que fui eu que tomei essa decisão, senhor. Acho que foi o senhor

-Humm.

— Talvez — disse ela pensativa —, se formos bem cuidadosos, muito discretos, e se tivermos sorte, ninguém dos nossos círculos sociais vai notar que o senhor tem hóspedes em casa. Ou então, se ficarem sabendo, não vão me reconhecer.

-Humm.

Ele resolveu não mencionar a aposta de mil libras em todos os livros de apostas dos clubes.

## NOVE

Logo depois das duas da manhã, Artemis abaixou suas cartas e olhou para seu oponente.

— Creio que me deve quinhentas libras, Flood.

— Não se preocupe, pago seu maldito dinheiro no fim do mês, Hunt. — Corwin Flood rabiscou seu nome numa promissória e jogou-a em cima da mesa.

Artemis levantou uma sobrancelha quando pegou o pedaço de papel.

— Pagará sua dívida no fim do mês? Quer dizer que está encrencado no momento, Flood?

— De jeito nenhum — Flood pegou a garrafa e sentou na mesa. Encheu o copo e bebeu todo o vinho com um único gole. Quando terminou, largou o copo e olhou para Artemis, mal-humorado. — Investi uma fortuna numa oportunidade, do tipo que só aparece uma vez na vida de um homem. Raspei tudo que tinha para comprar minha parcela. Terei rendimentos em quinze dias. Aí você terá seu dinheiro.

— Esperarei ansioso pela chegada do seu navio. Flood bufou impaciente.

— Não é uma droga de navio. Não teria investido tanto dinheiro num maldito navio. É arriscado demais. Navios naufragam. Navios desaparecem no mar. Navios são atacados por piratas — ele inclinou o corpo por cima da mesa e falou bem baixinho, em tom de confidencia. — Não há nenhum risco no meu investimento, senhor. Aliás, pagará muito melhor do que participações em navios — ele deu um sorriso malicioso. — A menos, é claro, que o navio tenha um carregamento de ouro puro.

— Confesso que agora fiquei interessado. Nada como ouro para chamar a atenção de um homem.

O sorriso de Flood desapareceu subitamente. Dava a impressão de que ele tinha percebido que falara demais.

— Estava apenas brincando, senhor — ele olhou furtivamente em volta e então serviu-se de mais vinho. — Uma piada, só isto.

Artemis ficou em pé calmamente.

— Espero que não esteja brincando sobre sua situação financeira no fim do mês — ele sorriu. — Ficaria muito desapontado se soubesse que não pode pagar suas dívidas de jogo, Flood. Muito desapontado.

Flood fez uma careta. Depois resmungou zangado:

— Receberá seu dinheiro — a voz dele estava um pouco arrastada.

— Fico contente de ouvir isso. Tem certeza de que não pode me contar sobre esse investimento que renderá em quinze dias? Talvez seja alguma coisa que me interesse.

— Sinto muito — disse Flood laconicamente. — Todas as cotas foram vendidas. Eu nem devia ter mencionado. Pediram para os sócios guardar segredo — ele parecia preocupado. — Olha, não conte a ninguém sobre isso, está bem?

Artemis deu um sorriso.

— Não vou dizer nada para ninguém, Flood. Tem a minha palavra. A última coisa que quero é prejudicar o seu investimento.

Flood ficou olhando fixo, como se alguma coisa no sorriso de Artemis lhe

provocasse um transe. Então piscou uma vez e balançou a cabeça.

— Está certo. O interesse é seu de ficar de boca fechada, não é? Não receberá seu dinheiro se prejudicar meu investimento.

— É verdade.

Artemis deu meia-volta e caminhou para a porta. Três jovens com roupas extravagantes, todos aparentemente bêbados, surgiram na frente dele.

Um deles se adiantou com os olhos arregalados, com um ar de espanto teatral. Estendeu a mão com um gesto dramático.

— Ora, ora! Meus amigos, quem vejo diante de nós? Creio que é o mais corajoso, mais ousado e mais valente homem de toda a Inglaterra. Apresento-lhes Hunt.

Os outros dois cantaram em coro:

— *Hunt, Hunt, Hunt.*

— Examinem com atenção esse semblante nobre, observem bem, pois podemos nunca mais vê-lo neste belo salão do clube.

— *Hunt, Hunt, Hunt.*

— Amanhã o nosso bravo Hunt estará mil libras mais rico, ou...

— *Hunt, Hunt, Hunt.*

— Ou terá abandonado este plano mortal para sempre, despachado para o Além por ninguém menos que a Perversa Viúva.

— *Hunt, Hunt, Hunt.*

— Desejamos sorte para ele esta noite. No mínimo, desejamos um pênis rijo e incansável para ele poder aproveitar sua última noite na Terra.

— *Hunt, Hunt, Hunt.*

Artemis avançou na direção dos três rapazes. Eles deram uma gargalhada ruidosa e fizeram medidas exageradas, cambaleando um pouco e abrindo caminho para ele.

— *Hunt, Hunt, Hunt.*

Artemis parou perto da porta e se virou para trás. Olhou pensativo e por um longo tempo para eles. Um silêncio de expectativa percorreu o salão do clube. Ele tirou o relógio do bolso. Ninguém tirou os olhos dele. Ele abriu a tampa e verificou as horas.

Satisfeito, ele fechou a tampa e deixou o relógio cair casualmente de novo no bolso.

— Preciso sair um pouco mais cedo esta noite. Tenho negócios que exigem a minha atenção. Estou certo de que todos vocês compreendem.

Os três rapazes riram baixinho. Uma risada abafada soou da mesa de jogo.

— Mas amanhã... — Artemis fez uma pausa para causar mais impacto. — Supondo que eu sobreviva a esta noite, é claro...

Um dos jovens almofadinhas soltou uma gargalhada.

— Assumindo esse grau de otimismo, senhor, o que fará amanhã?

— Amanhã estarei ansioso para marcar duelos com cada homem deste clube que seja tão mal-educado a ponto de insultar minha nova hóspede perto de mim.

Os três se viraram para Artemis, os olhos arregalados de espanto, boquiabertos. O silêncio interessado que havia no clube transformou-se num silêncio atônito.

Satisfeito com o efeito que causou, Artemis caminhou até o saguão.

Pegou seu sobretudo e suas luvas e desceu os degraus para a rua.

Estava a menos de três passos da porta quando ouviu passos apressados atrás dele.

— Espere aí, Hunt — chamou Flood. — Divido uma carruagem com você.

— Não há nenhuma por perto — Artemis apontou para a rua vazia, coberta de névoa, com um aceno de cabeça. — Vou andando até a praça. Espero que haja carruagens de aluguel por lá.

— Nenhuma carruagem? — Flood olhou em volta meio confuso. — Mas há sempre algumas à espera aqui na frente.

— Esta noite não. Certamente por causa do nevoeiro. Talvez seja melhor você ficar lá dentro até uma aparecer.

Artemis deu as costas para Flood e começou a andar.

— Espere, vou acompanhá-lo — disse Flood rapidamente. Havia um tom de ansiedade na voz dele. — Você está certo, deve haver algumas carruagens na praça, e estaremos mais seguros se caminharmos juntos até lá.

— Como quiser.

Flood acertou o passo ao lado de Artemis.

— As ruas são perigosas a esta hora, especialmente numa noite como esta.

— Fico surpreso em saber que tem medo de andar por estas ruas, Flood. Pensei que costumasse passar muito tempo nos bordéis. Esta certamente é uma parte da cidade bem menos perigosa.

— Não tenho medo — rosnou Flood. — Só estou sendo sensato, só isto. Artemis percebeu a ansiedade na voz de Flood. Deu um sorriso. Flood estava com medo.

Flood olhou rapidamente, meio confuso, para Artemis.

— Que diabos foi aquela história lá no clube? Pretende realmente desafiar qualquer homem que faça algum comentário sobre a Sra. Deveridge?

— Não. Flood bufou.

— Foi o que eu pensei.

— Só vou desafiar aqueles que fizerem comentários que considero ofensivos para a senhora.

— Que coisa! Arriscaria duelar por uma mulher como a Perversa Viúva? Está louco, senhor? Ora, ela não passa de uma...

Artemis parou de andar e virou de frente para ele.

— Sim, Flood? Você estava dizendo?

— Danação, senhor, todo mundo sabe que ela é uma assassina.

— Não há provas — Artemis sorriu. — E todos nós sabemos que não se pode condenar uma pessoa por assassinato sem provas.

— Mas todo mundo sabe...

— Ah, é mesmo?

Flood mexeu a boca mas não existiu nenhuma palavra inteligível. Ele ficou olhando para Artemis, que não se moveu, e deu um passo incerto para trás. A luz difusa do lampião mais próximo, o rosto dele, envelhecido por anos de libertinagem, parecia encovado e assustado.

— Ia dizer mais alguma coisa sobre o assunto, Flood?

— Nada — ele ficou um bom tempo arrumando o casaco. — Não ia dizer mais nada. Só fiz uma pergunta.

— Considere essa pergunta respondida — Artemis retomou seu caminho.

Flood hesitou, e depois, talvez resolvendo que não queria se arriscar voltando sozinho para o clube, correu para alcançar Artemis.

Andaram sem dizer nada algum tempo. Os passos de Flood ecoavam fantasmagóricos na noite. Artemis, graças ao hábito e ao treino de muito tempo, caminhava sem fazer nenhum barulho.

— Devia ter trazido um lampião — Flood deu uma espiada para trás. — Estas drogas de lampiões a gás são inúteis no nevoeiro.

— Eu prefiro não levar um lampião, se puder evitar — disse Artemis. — O brilho do lampião nos transforma num alvo perfeito para os salteadores.

— Que inferno! — Flood olhou para trás outra vez. — Nunca pensei nisso. Ouviram o som de alguma coisa raspando numa ruela próxima. Flood agarrou o braço de Artemis.

— Ouviu alguma coisa?

— Sem dúvida, deve ser um rato — Artemis olhou bem para os dedos enluvados de Flood no seu braço. — Está amassando meu casaco, senhor.

— Perdão — Flood soltou o braço de Artemis imediatamente.

— Parece estar muito ansioso, Flood. Talvez deva tomar algum tônico para os nervos.

— Danação, senhor, deve saber que meus nervos são fortes como o ferro.

Artemis deu de ombros e não disse nada. Uma parte dele automaticamente registrava todos os pequenos sons da noite, separando os conhecidos, catalogando as sombras, escutando o suave raspar do couro dos sapatos no chão.

Ouviram o bater de cascos à distância no outro extremo da rua.

— Talvez seja uma carruagem — disse Flood agitado. Mas a carruagem se afastou na direção oposta.

— Devia ter ficado no clube — resmungou Flood.

— Por que está tão inquieto esta noite?

Flood hesitou um breve momento antes de responder:

— Se quer mesmo saber, fui ameaçado alguns meses atrás.

— Não diga — Artemis observou uma vela numa janela à frente. — Quem ameaçou o senhor?

— Não sei o nome dele.

— Certamente pode descrevê-lo, não pode?

— Não — Flood fez outra pausa. — O fato é que nunca o vi.

— Se nunca viu o homem, por que, em nome de Deus, ele ia querer ameaçá-lo?

— Eu não sei — gemeu Flood. — É por isso que tudo é muito esquisito.

— Não tem nem idéia de por que esse estranho o escolheu para ameaçar?

— Ele enviou... — Flood deu um grito de susto quando um gato atravessou a calçada em disparada e desapareceu em um beco. — Pelo fogo do Inferno, o que foi aquilo?

— Foi só um gato — respondeu Artemis. — Está precisando mesmo de alguma coisa para esses nervos, Flood. O que esse homem enviou?

— Um selo. Do tipo que vem grudado na tampa de um relógio.

— E como é que pode considerar isso uma ameaça?

— É... é difícil explicar — agora que tinha começado a contar, Flood

parecia não ser capaz de parar. — Tudo remonta a uma coisa que aconteceu alguns anos atrás. Uns amigos e eu estávamos nos divertindo com uma atriz. A idiota da mulher escapou e fugiu. Estava escuro. Estávamos no campo, sabe, e houve um acidente, e ela... bem, deixa para lá. O fato é que ela jurou que o seu amante ia vingá-la.

— E agora acha que ele veio atrás do senhor, é isto?

— É impossível — Flood olhou para trás novamente. — Não pode ser aquele que ela disse que ia vingá-la. Mesmo se a tola mulherzinha tivesse mesmo um amante, por que ele se daria ao trabalho de vir atrás de nós agora? Isto é, ela era apenas uma atriz. E já faz cinco anos.

— Conhece o velho ditado, Flood. A vingança é um prato que se come frio.

— Mas nós não matamos a moça — Flood levantou a voz. — Ela caiu e morreu quando fugia no meio da noite.

— Parece que ela caiu quando tentava escapar do senhor e dos seus amigos, Flood.

— Tenho de dar um jeito de falar com ele, seja quem for — Flood olhou em volta, ansioso, outra vez. — Posso explicar para ele que não pretendíamos fazer mal algum a ela. Só brincar um pouco. Não foi nossa culpa se aquela tola...

— Poupe seu fôlego, Flood. Não há necessidade de dar explicações para mim. Eu não quero ouvir suas desculpas.

Uma prostituta numa janela iluminada por uma vela sorriu para Artemis e deixou o xale cair dos ombros para exibir um seio. Ele olhou para ela sem interesse e voltou a prestar atenção na rua.

— Já se passaram alguns meses — Flood disse depois de algum tempo. — Talvez tenha sido apenas uma piada de mau gosto.

— Se for esse o caso, o vingador deve ter um senso de humor bem estranho.

Com o canto dos olhos, Artemis notou uma certa mudança nas sombras atrás dele. Por um segundo não conseguiu determinar o que tinha mudado. Então compreendeu.

— Maldição — disse ele baixinho. — Ela apagou a vela.

— A prostituta? — Flood olhou para a janela escura que ficara para trás. — E daí? Será que ela...

Ele parou de falar ao ver que Artemis tinha se encostado na parede de pedra, sem prestar nenhuma atenção nele.

O assaltante não surgiu de um beco, nem de um vão escuro. Em vez disso, ele mergulhou para a rua de uma janela alta. Sua capa preta flutuou em torno dele, apagando a luz fraca que emanava dos lampiões a gás.

Ele devia estar com uma faca, pensou Artemis. A maioria dos movimentos Vanza não se baseava em facas, mas havia exceções. O ataque "aranha na nuvem" sempre envolvia uma faca.

Ele agarrou a ponta da capa de modo que não o cobrisse como pretendia o assaltante. Com um puxão para o lado, ele mal conseguiu evitar um chute do homem de botas.

O lutador Vanza aterrissou habilmente na calçada, de frente para Artemis. As feições dele estavam escondidas sob uma máscara feita com uma gravata preta. Uma luz fria cintilou na faca. Ele avançou.

Artemis desviou para um lado. Sabia que já tinha prejudicado aquele tipo específico de manobra. Precisava agir rápido, antes de o atacante poder recorrer a outra estratégia.

O assaltante mascarado viu que ia errar o alvo. Tentou se recuperar. Conseguiu não bater na parede, mas ficou sem equilíbrio por um instante.

Artemis deu um chute no braço do lutador, do lado da faca. O golpe o pegou em cheio. Ele ouviu um gemido, e a lâmina caiu no calçamento.

Tendo perdido a vantagem, o atacante deve ter resolvido que não queria mais insistir. Ele deu meia-volta. A capa esvoaçou atrás dele como uma enorme asa preta.

Artemis segurou a bainha da capa e puxou-a com força. Não ficou surpreso quando ela se soltou, pendurada na sua mão. O homem mascarado tinha desamarrado o fecho.

O atacante desapareceu na escuridão de uma rua sem iluminação. Seus passos ecoaram baixinho ao longe. Artemis ficou com a capa na mão.

— Que diabo, homem — Flood olhava fixo para Artemis, atônito. — Ele foi direto para cima do senhor. O bastardo tentou cortar sua garganta.

Artemis olhou para a capa pendurada na mão. —É.

— Devo dizer que cuidou dele de forma brilhante. Nunca tinha visto esse estilo de luta antes. Muito incomum.

— Foi sorte. Tive um aviso — Artemis olhou para a janela escura onde a prostituta tinha apagado a vela logo antes do ataque. — Não era para mim, mas isso não vem ao caso.

— Esses malditos salteadores estão ficando cada dia mais ousados — declarou Flood. — Se a situação piorar, um homem não poderá mais andar pelas ruas sem um guarda para vigiar suas costas.

Artemis pegou a corda pendurada na janela. Uma olhada rápida nos nós intrincados foi suficiente. Londres tinha uma grande variedade de assaltantes e ladrões, mas poucos eram treinados nas antigas artes marciais Vanza.

## DEZ

*As chamas subiam furiosas no ar. Continuavam confinadas no laboratório, no andar de cima, mas produziam uma luz infernal no longo corredor. A fumaça rodopiava como uma bandeira negra liderando uma legião de demônios do fundo do Inferno.*

*Ela se encolheu na frente da porta do quarto. A pesada chave de ferro estava molhada com o sangue dele. Procurou não olhar para o corpo sobre o tapete. Mas na hora em que ia enfiar a chave na fechadura, o homem morto deu uma risada. A chave escapou da mão dela...*

Madeline despertou assustada e trêmula. Sentou na cama, sufocando, sem ar, torcendo para não ter gritado em voz alta. Estava toda molhada de suor gelado. O tecido fino da camisola estava grudado nas costas e no peito.

Por alguns segundos não conseguiu lembrar onde estava. Uma nova onda de medo percorreu seu corpo. Ela desceu da cama. Quando tocou o chão frio com os pés descalços, subitamente lembrou que estava num quarto da grande mansão de Artemis Hunt.

A mansão grande e bem guardada, ela lembrou.

Seus dedos tremiam, como no sonho. Teve de se concentrar para acender a vela. Quando conseguiu, a pequena chama gerou uma luz tranqüila que iluminou o balaústre da cama e a pia. Os baús cheios de livros que ela mesma tinha empacotado às pressas estavam empilhados num canto.

Uma espiada no relógio mostrou que já eram quase três horas da manhã. Tinha dormido duas horas inteiras antes de acordar com o sonho. Espantoso. Raramente dormia antes do amanhecer. Talvez tivesse conseguido dormir por saber que naquela casa as trancas eram fortes e um guarda com um cão bem grande patrulhava o jardim à noite.

Foi até a porta e abriu-a com cuidado. O corredor estava escuro, mas havia uma luz fraca na escada. Vinha do andar de baixo. Ela ouviu vozes abafadas. Artemis estava em casa.

Já era hora mesmo, ela pensou. Ele tinha dito que pretendia fazer umas perguntas nas casas de jogo e nos clubes àquela noite. Ela estava ansiosa para saber o que ele havia descoberto.

Uma porta fechou devagar em algum ponto lá embaixo. Depois, silêncio. Ela esperou alguns minutos mas não ouviu Artemis subindo a escada. Compreendeu que ele devia estar na biblioteca.

Ela voltou para a cama e pegou seu robe que estava pendurado na cabeceira. Vestiu o robe, amarrou a faixa e calçou os chinelos. A touca franzida tinha caído com o sonho. Ela a encontrou sobre o travesseiro e enfiou-a de novo sobre o cabelo despenteado.

Satisfeita de estar com uma aparência decente, ela saiu do quarto e passou rapidamente pelo corredor escuro, chegando à escada larga e curva. Os chinelos macios não produziram nenhum som nos degraus atapetados.

Ela atravessou o hall de entrada e parou diante da biblioteca. Havia algo de proibitivo na porta bem fechada. Dava a impressão de que Artemis não queria companhia. Ocorreu a Madeline que ele podia ter voltado para casa muito embriagado. Ela franziu a testa. Era difícil imaginar Artemis bêbado. Havia uma aura de disciplina, um aspecto de firme autocontrole na natureza



dele, que devia prevenir esse tipo de fraqueza.

Ela bateu de leve na porta. Não houve resposta.

Madeline ficou meio indecisa, mas depois abriu a porta com cuidado. Se Artemis realmente estivesse embriagado, ela o deixaria em paz e falaria com ele pela manhã.

Ela espiou pelo lado da porta entreaberta. O fogo estalava na lareira mas não havia sinal de Artemis. Talvez não estivesse na biblioteca, afinal. Mas para que acender o fogo?

— É a senhora, Madeline? — a voz grave e misteriosa surgiu das profundezas da enorme poltrona de frente para o fogo.

— Sou eu.

Ela percebeu que ele não parecia nem um pouco embriagado. Aliviada, Madeline entrou na biblioteca e fechou a porta. Ficou com a mão na maçaneta às suas costas.

— Ouvi o senhor chegar.

— E veio logo aqui para baixo para ouvir o relatório, apesar de serem quase três horas da madrugada — ele parecia estar achando aquilo divertido. — Estou começando a perceber que será uma empregadora extremamente exigente, Sra. Deveridge.

Ele não estava bêbado, mas também não estava de bom humor. Ela apertou os lábios com força e soltou a maçaneta da porta. Atravessou a biblioteca.

Quando chegou à lareira, virou-se para encarar Artemis. Ao vê-lo largado na poltrona com uma elegância sinistra, ela prendeu a respiração. Soube na mesma hora que alguma coisa horrível tinha acontecido.

Havia um brilho misterioso nos olhos dele. Estava sem paletó. A gravata, desamarrada, pendurada no pescoço. A frente da camisa pregueada de linho branco desabotoada até a metade do peito. Dava para ver os pêlos encaracolados, mesmo no escuro.

Com uma das mãos ele segurava um cálice quase cheio de conhaque. Os dedos da outra mão seguravam com força um objeto que Madeline não conseguiu ver.

— Sr. Hunt — ela olhou fixo para ele, cada vez mais preocupada. — Artemis. Está doente, senhor?

— Não.

— Estou vendo que alguma coisa desagradável aconteceu. O que foi?

— Um conhecido e eu fomos atacados na rua esta noite.

— *Atacados?* Meu Deus! Por quem? Furtaram alguma coisa? — ela lembrou de uma coisa e examinou o rosto dele rapidamente. — O senhor ou o seu amigo se machucaram?

— Não. O vilão não conseguiu atingir seu objetivo. Ela deu um suspiro de alívio.

— Graças a Deus. Um salteador, suponho? As ruas costumam ser muito perigosas nas vizinhanças dos bordéis. O senhor devia ter mais cuidado.

— Esse ataque não aconteceu perto de nenhum bordel. Foi bem próximo de um dos meus clubes — ele fez uma pausa para tomar um gole de conhaque. Abaixou o cálice lentamente. — Quem quer que tenha sido, era Vanza.

Madeline ficou arrepiada.

— Tem certeza?

— Tenho.

— O senhor conseguiu...? — ela parou de falar, engoliu em seco e tentou novamente. — O senhor o viu?

— Não. Ele usava uma máscara. E acabou fugindo no escuro. Acredito que deve ter elaborado sua estratégia com a ajuda de uma prostituta que lhe deu o sinal quando nos viu na rua. Amanhã verei se consigo localizá-la. Pode ser que ela nos dê alguma pista da identidade do bandido.

Madeline sentiu o estômago apertar.

— Outra visita do fantasma de Renwick Deveridge, o senhor acha?

— Admito que não sou muito versado em metafísica, mas até onde eu sei, os fantasmas não costumam recorrer a facas.

— Ele tinha uma *faca*.

— Tinha. Deu uma excelente demonstração da estratégia de ataque “aranha na nuvem” — Artemis rodou o cálice de conhaque. — Felizmente perdeu seu elemento surpresa, porque eu notei que a prostituta tinha apagado a vela.

— Seu amigo escapou sem ferimentos? Artemis apertou o objeto que segurava.

— Meu companheiro não é meu amigo.

— Entendo — ela sentou lentamente numa cadeira e procurou pensar nas implicações daquela notícia chocante. — Esse homem que está fazendo o papel do fantasma de Renwick está atrás do senhor agora, não está? Ele deve saber que minha tia e eu estamos hospedadas aqui. Talvez ele até saiba que o senhor concordou em me ajudar. Eu não tinha me dado conta...

— Madeline, acalme-se.

Ela endireitou os ombros e olhou para ele.

— Sem dúvida ele pretendia matá-lo esta noite. Temos de supor que tentará de novo.

Artemis não demonstrou estar impressionado com essa dedução.

— Pode ser. Mas não imediatamente. Ele terá muito mais cuidado da próxima vez. Ele sabe que depois desta noite eu ficarei de guarda.

— Ele sabe mais do que isso, senhor. O senhor lutou com ele. Isto significa que agora ele sabe que o senhor é um Vanza.

— É — Artemis deu um sorriso frio. — E pelo fato de ter sido o perdedor no nosso encontro, ele também sabe que sou mais habilidoso que ele nas artes marciais. Acho que podemos supor que ele será bem menos descuidado no futuro.

Ela estremeceu.

— O que disse para o seu companheiro? Explicou isso tudo para ele?

— Não expliquei nada. Ele achou que o bandido era um salteador de fundo de quintal. Deixei essa idéia prevalecer.

Artemis contemplou seu conhaque.

— Compreendo — disse ela outra vez. — Pelo seu tom de voz, percebo que o senhor não gosta desse homem com quem esteve esta noite.

Artemis não respondeu. Em vez disto, tomou outro gole de conhaque. Ela resolveu tentar uma abordagem diferente.

— Ficou sabendo de alguma coisa nos seus clubes ou bordéis esta noite, senhor?

— Muito pouco. Certamente não havia boatos de fantasmas aparecendo nas bibliotecas de qualquer outro cavalheiro da cidade.

— A maioria dos cavalheiros da cidade relutaria muito em admitir que viu um fantasma — observou Madeline secamente.

— É verdade — ele levou o copo à boca e bebeu mais conhaque. Madeline pigarreou.

— Enquanto o senhor esteve fora, aquele jovem que emprega para trazer informações bateu à porta da cozinha.

— Zachary? Que notícia ele tinha para nós?

— Ele disse que Eaton Pitney não tem sido visto há alguns dias. Os vizinhos acreditam que ele foi para a sua propriedade no campo. A criada, que aparentemente só aparece duas vezes por semana, foi informada de que não vão precisar dos seus serviços até algum dia do mês que vem.

Artemis olhava fixo para as chamas.

— Interessante.

— É, eu também achei — ela hesitou um pouco antes de continuar. — Eu não sei se esta é uma boa hora para discutir nosso próximo passo nesse caso, senhor, mas pensei muito depois da minha conversa com Zachary. Acho muito estranho que o Sr. Pitney tenha saído da cidade nesse momento específico. Ele tem viajado muito pouco ultimamente, mesmo assim resolveu ir para o campo logo depois de enviar aquele bilhete para mim.

— Realmente é estranho — disse Artemis um tom melodramático. — Pode-se até dizer que tudo isto é profundamente suspeito.

Ela franziu a testa.

— Está zombando de mim, senhor? Ele torceu um pouco os lábios.

— Eu nem sonharia em fazer tal coisa. Por favor, continue.

— Bom, eu pensei que talvez o Sr. Pitney tenha deixado a cidade por causa de algum incidente novo. Pode ser que o intruso tenha voltado para assustá-lo. De qualquer forma, concluí que existe apenas um curso lógico de ação.

— É mesmo? — um brilho lacônico perigoso iluminou os olhos de Artemis. — E qual é, madame?

Ela não respondeu logo, sem saber o que Artemis estava pensando. Então chegou um pouco para a frente e abaixou a voz, apesar de não haver mais ninguém por perto.

— Proponho dar uma olhada na casa do Sr. Pitney enquanto ele está no campo. Quem sabe não encontramos alguma coisa interessante, alguma pista que indique por que ele saiu da cidade?

Para surpresa de Madeline, Artemis balançou a cabeça concordando.

— Excelente idéia. Essa mesma idéia ocorreu-me hoje mais cedo.

— Soube que ele tinha deixado a cidade? Ele deu de ombros.

— Alguém mencionou quando dava as cartas.

— Entendo — ela ficou animada. — Ora, é óbvio que nossos pensamentos estão ligados, senhor. Isto é muito gratificante, não é?

O olhar dele ficou enigmático.

— Não tão gratificante quanto outras formas de ligação.

Ela resolveu ignorar aquela observação. Ele estava mesmo com um humor extraordinário, ela pensou. Por outro lado, ela não o conhecia tão bem assim. Talvez aquele aspecto estranho do seu temperamento fosse habitual

para ele. Ela resolveu que seria melhor manter a conversa no terreno dos negócios.

— Suponho que devamos ir à casa de Pitney à noite — ela pensou em voz alta.

— E arriscar que os vizinhos notem luzes estranhas na casa dele? Não, acho que este não seria um bom plano.

— Oh — ela pensou um pouco. — Está sugerindo que devemos entrar na casa durante o dia? Não será um pouco arriscado?

— Em volta do jardim de Pitney há um muro muito alto. Quando eu estiver lá dentro, ninguém poderá me ver.

Ela levou um ou dois segundos para entender o que ele estava dizendo. E quando entendeu, ficou furiosa.

— Espere aí, senhor. Não vai cuidar disso sozinho. Esse plano é meu e pretendo executá-lo.

Ele semicerrou os olhos.

— Eu cuidarei do assunto. A senhora ficará aqui enquanto vasculho a casa do Pitney.

A suposição arrogante de autoridade de Artemis era demais. Ela ficou de pé.

— Insisto em acompanhá-lo, senhor.

— Esse hábito de discutir comigo toda hora está ficando irritante, Madeline — ele largou o cálice com muita precisão nos movimentos. — A senhora me contratou para fazer essa investigação, no entanto discute cada decisão que tomo.

— Isso não é verdade.

— É verdade sim. Esse processo está me cansando. Ela cerrou os punhos.

— Está esquecendo qual é seu lugar, senhor.

Artemis moveu apenas uma sobrancelha, mas ela soube na mesma hora que tinha cometido um erro terrível.

— Meu lugar? — ele repetiu, num tom neutro aterrador. — Suponho que seja difícil para a senhora considerar-me seu igual nesse caso. Afinal de contas, estou no negócio de diversões.

Ela ficou com a boca seca.

— Refiro-me ao seu lugar no que se refere ao nosso acordo, senhor — ela disse logo. — Não pretendia dar a entender que considero o senhor menos do que um cavalheiro só porque... é...

— Só porque sou o Mercador de Sonhos?

Ele levantou da poltrona com a languidez de um gato que avistou um passarinho no jardim.

— Seus negócios não têm nada a ver com isso — disse ela com o que esperava parecer uma convicção muito grande.

— Fico encantado de ouvir isso, madame.

Ele abriu a mão esquerda. Ela ouviu um som metálico e viu que ele tinha jogado fora o pequeno objeto com que brincava. Ele caiu na mesa. De onde ela estava não dava para saber o que era, mas achou que tinha visto o brilho de ouro.

Artemis encurtou a distância entre eles. Ela olhou novamente para o rosto dele.

— Artemis?

— É muita bondade sua relevar minha infeliz ligação com esse comércio, madame — ele sorriu com frieza. — Só que a senhora na verdade não pode se dar ao luxo de ser muito seletiva, não é mesmo?

Ela deu um passo para trás e encostou na parede ao lado da lareira de mármore.

— Senhor, estou achando que esta não é uma boa hora para continuar a nossa conversa. Talvez seja melhor eu ir dormir agora. Podemos discutir nossos planos de busca na casa do Sr. Pitney no café da manhã.

Ele chegou muito perto e pôs as mãos grandes na parede, uma de cada lado da cabeça dela, aprisionando Madeline.

— Ao contrário, Madeline. Realmente acho que devemos discutir a sua opinião sobre o *meu lugar*.

— Uma outra hora, senhor.

— Agora — o sorriso dele era frio, seus olhos não. — Na minha opinião, a senhora não tem o direito de reclamar muito dos meus defeitos. Afinal de contas, dizem que matou seu marido e queimou a casa com o corpo lá dentro para esconder o crime.

— Bem, Artemis...

— Admito que a sua reputação pode colocá-la um pouquinho acima do nível social de um cavalheiro que está nesse ramo de negócios, mas certamente nada além de um ou dois degraus, no máximo.

Ela respirou fundo e concluiu imediatamente que era outro erro. O cheiro dele, uma mistura de suor, conhaque e a indescritível essência que era exclusivamente dele, provocou um abalo nos sentidos dela.

— O senhor obviamente está fora de si esta noite. Suspeito que o encontro com aquele bandido Vanza tenha perturbado seus nervos.

— A senhora acha?

— Era de esperar — garantiu ela enfaticamente. — Na verdade, se foi Renwick que o atacou, o senhor tem sorte de ter sobrevivido.

— Não me engalfinhei com fantasma nenhum esta noite, Madeline. E com toda a devida modéstia, devo lembrar que fiz mais do que simplesmente sobreviver ao ataque. Fiz o bastardo fugir correndo. Mas meus nervos estão definitivamente inflamados.

— Minha tia tem alguns tônicos maravilhosos para esse tipo de coisa — a voz dela soou aguda demais. — Eu posso subir e pegar um vidro ou dois para o senhor.

— Só conheço um tipo de cura.

Ele inclinou a cabeça e deu-lhe um beijo. Um beijo pesado, embriaga-dor e sedento, que projetou os sentidos dela aos quatro ventos. Ela ficou trêmula e sem ar. Um arrepio de excitação percorreu-lhe o corpo.

Ela soube imediatamente que ele sentira sua reação.

Ele gemeu e chegou mais perto ainda, aprofundando o beijo. Ela foi dominada por uma onda crescente de desejo e urgência, a mesma mistura estonteante de emoções que tinha experimentado quando ele a beijou pela primeira vez fora da Mansão Mal-assombrada.

— *Madeline* — ele murmurou o nome dela com os lábios colados nos seus. — Que diabos, mulher, não devia ter vindo aqui esta noite.

Uma temeridade súbita floresceu dentro dela. Era como se acabasse de

descobrir que seria capaz de voar se quisesse.

*Ele é o Mercador de Sonhos*, ela pensou. *Este tipo de ilusão fantástica faz parte dos negócios dele.*

Mas alguns sonhos valiam o preço.

— Eu tomo as minhas decisões, Artemis — ela passou os braços em volta dele e mergulhou no seu fogo. — Eu quis entrar nesta sala.

Ele levantou a cabeça até seus olhos encontrarem os dela.

— Se ficar, farei amor com a senhora. Entende isto, não entende? Não estou com disposição para brincadeiras esta noite.

A fogueira que ardia nele era mais quente do que a da lareira. Na verdade, ela mesma estava ficando cada vez mais quente. Uma coisa que acreditava estar morta para sempre dentro dela adquiria vida. Havia algo, no entanto, que precisava conferir, ela pensou.

— Essa inclinação que o senhor tem... Ele passou os lábios nos dela.

— Garanto que o meu desejo de fazer amor é mais do que uma inclinação inconveniente.

— É, bem, o fato é que, não é porque há algo especial numa viúva, é? Porque eu não suportaria pensar que...

— Há algo de especial na *senhora*, Madeline — ele a beijou com força e profundamente, abafando todas as palavras. — Por Deus, há algo de especial na senhora.

A urgência grave e rascante na voz dele fez jorrar um poder feminino pelo corpo de Madeline. Subitamente, ela ficou meio zozza. Pôs as mãos nos ombros dele e afastou bem os dedos. Sob o tecido fino da camisa ela sentia músculos e ossos. Sorriu lentamente e olhou para ele por baixo dos cílios.

Havia mesmo algo especial em *ser* viúva, ela pensou. Algo que a fazia sentir-se muito ousada aquela noite.

— Tem certeza de que deseja assumir o risco de fazer amor com a Perversa Viúva? — perguntou ela baixinho.

Os olhos dele escureceram com o tom ardente e provocante de Madeline.

— E tão perigoso ser seu amante quanto ser seu marido?

— Não posso dizer, senhor. Nunca tive um amante. Tem de tentar a sorte.

— Devo lembrar-lhe, madame, que está lidando com um homem que costumava ganhar a vida nos salões de jogos — ele passou os dedos no cabelo dela, soltando a pequena touca. Segurou a cabeça dela. — Estou disposto a assumir o risco se o prêmio valer a pena.

Ele a segurou no colo e levou-a para o largo sofá carmim. Deitou Madeline nas almofadas e se afastou.

Ela ficou observando enquanto Artemis atravessava a sala, ouviu quando ele girou a chave na fechadura da porta. Outro arrepio de antecipação percorreu o corpo dela. Tinha a sensação de estar na beira de um precipício, olhando para baixo e vendo as águas profundas de um mar que não estava nos mapas. O desejo de saltar era quase insuportável.

Artemis voltou para perto dela, desabotoando a camisa. Quando chegou ao sofá a camisa já estava no chão.

À luz bruxuleante da lareira, ela viu a pequena tatuagem no peito dele. Reconheceu-a como a Flor de Vanza. Mas, curiosamente, aquela visão não fez com que ela voltasse de repente à terra firme. Não despertou temores antigos

nem lembranças más. Em vez disto, conseguia se concentrar apenas no poderoso contorno do peito de Artemis. A força dele era ao mesmo tempo impressionante e atraente, e inexplicavelmente gratificante para todos os seus sentidos.

Ele sentou na almofada ao lado dos pés de Madeline, ainda de chinelos, e tirou as botas. Uma de cada vez, elas caíram no tapete. Os baques suaves eram como o badalar de um sino de alarme.

Mas a visão dos ombros largos dourados com a luz do fogo abafou o alarme. Ele era elegante e rijo, e devastadoramente masculino. Ela foi dominada por uma excitação doce e intoxicante, infinitamente mais poderosa do que qualquer droga que Berenice já inventara.

Incapaz de resistir, ela estendeu o braço e passou um dedo no músculo saltado do braço dele. Artemis segurou a mão dela, virou-a com a palma para cima e beijou a pele sensível do pulso.

Então ele montou em cima dela, apertando-a contra as almofadas. Estava apenas de calças, o que não servia para esconder a excitação do seu corpo. Enfiou uma perna entre as coxas dela. Ela sentiu o robe se abrir com um toque de Artemis. A camisola fina não era barreira para as mãos dele. Artemis segurou um dos seios de Madeline. Ela se sentiu febril.

Ele beijou um mamilo, depois o outro, umedecendo os dois através do tecido diáfano. Ele passava os dedos pelo corpo dela, deslizando pela curva do quadril de Madeline. Ele pôs a mão sobre sua coxa e apertou-a lentamente.

Madeline deu um grito sufocado ao sentir a umidade entre as pernas. Um calor líquido provocou uma louca agitação. Ela agarrou as costas nuas de Artemis, saboreando aquela sensação de força e músculos. Sentia o membro grosso e ereto de Artemis contra sua coxa.

Ele deslizou a mão por dentro das pernas dela, até aquele ponto quente e inchado onde a sensação crescia sem parar. Enfiou um dedo bem devagar e deliberadamente na vagina de Madeline. Um choque de energia perpassou o corpo dela.

— Artemis.

— Alguns riscos — ele observou satisfeito, com a voz rouca — valem mesmo a pena.

— Cheguei à mesma conclusão, senhor.

Madeline já tinha esquecido como respirar normalmente, mas quando ele segurou a bainha da sua camisola e puxou-a até a cintura, ela achou que nunca mais precisaria de ar.

Ele parou o tempo suficiente para desabotoar as calças. Então pôs seu mastro na palma da mão de Madeline. Ela fechou a mão em volta dele, fascinada com a sensação lisa e sólida do seu membro ereto.

Ela ouviu Artemis respirar fundo ao toque da sua mão.

Estimulada pela reação rápida, ela apertou com mais força. Artemis ficou tenso.

— Se continuar a fazer isso, nós dois acabaremos desapontados. Assustada, ela soltou-o rapidamente.

— Desculpe. Não tive a intenção de machucá-lo.

Ele deu uma risada breve e meio engasgada e encostou a testa úmida na dela.

— Posso garantir que estou muito além da dor comum no momento. Mas

não quero que isto termine rápido demais.

Ela deu um sorriso trêmulo.

— Eu também não. Na verdade, gostaria muito de passar o resto da noite assim.

— Se consegue até pensar em passar horas suportando este grau de tormento, pode dar aulas de autocontrole para um mestre Vanza.

— Deus do céu, está mesmo sofrendo um tormento? Ele beijou o pescoço dela.

— Estou.

— Não tinha percebido — disse ela ansiosa. — Não quero que sofra, Artemis.

Ele deu outra risada maliciosa.

— E bondosa demais, meu doce. Vou me aproveitar da sua misericórdia. Ele mudou de posição e encaixou seu corpo no dela. Ela não se deu conta da alteração até sentir subitamente o membro dele encostando lenta e inexoravelmente naquele ponto molhado e quente entre suas pernas. Ela estremeceu de novo.

— Artemis?

— É o fim do seu autocontrole, hein? — parecia que ele estava achando graça. — Tudo bem, meu doce — ele acrescentou com a voz rouca. — Também não consigo esperar mais.

Ele se lubrificou no calor molhado, e então penetrou-a de uma vez.

Ela já conhecia o assunto suficientemente para saber que poderia haver alguma dor, mas não estava preparada para a sensação de ser preenchida e esticada até o limite de suas forças.

— *Artemis.*

Madeline mal conseguia falar. O nome dele soou como pouco mais do que um guincho.

Ele ficou completamente imóvel em cima dela.

— Que diabos?

Ela percebeu que estava arfando como um cachorrinho.

— Será que, por favor, poderia sair? Parece que está havendo algum problema.

— Madeline — ele estremeceu todo. Cada músculo do seu corpo estava retesado como um arco esticado. — Por que não me contou? Como isto é possível? Maldição, a senhora é uma *viúva*.

— Mas nunca fui uma esposa de verdade.

— Os advogados — ele gemeu com o rosto nos seios dela. — A anulação. Nunca imaginei que pudesse ter sido baseada em um fato concreto.

Ela cerrou os dentes e empurrou os ombros dele.

— Sei muito bem que é minha culpa, mas em minha defesa só posso dizer que não imaginava que o senhor pudesse combinar tão mal comigo assim. Faça a gentileza de sair de cima imediatamente.

— Não faça isso — disse ele muito aflito quando ela começou a se mexer embaixo dele. — Por favor, não se mexa deste jeito.

— Eu gostaria que o senhor saísse daí imediatamente.

— Isso não é a mesma coisa que me enxotar da sua sala. Madeline, eu estou avisando, *não se mexa*.

— Quantas vezes vou ter de dizer que não aceito ordens vindas do



senhor?

Ela se agitou embaixo dele, tentando escapar do peso e do volume entre suas pernas.

Foi como se o incendiasse. Ele começou a recuar, mas alguma coisa deu errado. Seu corpo volumoso estremeceu sobre o dela.

Ele deu um gemido abafado e grave.

Alarmada, Madeline enfiou as unhas nos ombros de Artemis. Ficou imóvel, sem coragem de se mexer, enquanto ele bombeava dentro dela.

Quando terminou, Artemis despencou em cima de Madeline.

Fez-se um enorme silêncio.

— Maldição dos infernos — disse ele, abalado.

Com muito cuidado, ela sondou o companheiro.

— Artemis?

— O que é agora, madame? Estou avisando, acho que meus nervos não suportam mais nenhum choque esta noite. Talvez deva mandá-la lá para cima para tomar um dos tônicos da sua tia, afinal.

— Não é nada — ela umedeceu os lábios — É só que... bem... eu queria dizer que essa posição não está mais tão desconfortável agora, como estava há poucos minutos.

Ele ficou imóvel dois segundos. Então, bem devagar, levantou a cabeça e olhou para ela carrancudo.

— O que disse? — perguntou ele com uma polidez sinistra. Ela conseguiu dar um pequeno sorriso de paz.

— Agora está tudo bem, é verdade. Apesar da minha impressão inicial, acho que o senhor se encaixa muito bem.

— Maldição dos infernos — desta vez o impropério foi dito tão baixinho que quase não deu para ouvir.

Ela pigarreou.

— Será que gostaria de tentar outra vez?

— O que eu gostaria — disse ele entredentes — é de uma explicação. Ele saiu de dentro dela e ficou de pé. Uma sensação de perda e de decepção dominou Madeline quando ele virou de costas para ela e fechou as calças.

Sem uma palavra, Artemis deu para ela um grande lenço de linho branco. Mortificada, Madeline aceitou. Só podia dar graças a Deus que a capa espessa tivesse absorvido a maior parte da prova das recentes atividades dos dois. Pelo menos não teria de enfrentar o olhar arguto da criada pela manhã.

Madeline se arrumou como pôde, respirou fundo e levantou rápido demais. Seus joelhos bambearam na mesma hora. Estendeu a mão para segurar a extremidade enrolada do braço do sofá. Artemis agarrou-a e sustentou-a com uma gentileza surpreendente, dado seu óbvio mau humor.

— Está tudo bem? — perguntou com aspereza.

— Está, é claro.

A raiva e o orgulho chegaram para socorrer Madeline. Ela amarrou a fita do robe. Percebeu que ainda segurava o lenço que Artemis tinha dado. Olhou para ele e viu que estava manchado. Constrangida, enfiou-o rapidamente no bolso.

Artemis soltou Madeline e foi para perto do fogo. Apoiou o braço no consolo da lareira e ficou olhando para as chamas.

— Ouvi dizer que seu pai andou se informando sobre anulação de

casamento — disse ele friamente. — Agora compreendo que vocês realmente tinham motivo para isso.

— É — ela olhou com tristeza para o fogo. — Mas na verdade eu teria aceitado qualquer coisa para escapar daquele casamento.

Ele olhou nos olhos dela.

— Deveridge era impotente?

— Não sei — ela enfiou as mãos geladas nas mangas do robe para aquecê-las. — Só sei que não tinha interesse por mim. Não dessa forma. Infelizmente só descobri isso na nossa noite de núpcias.

— Por que ele se casou com a senhora, se não era capaz de desempenhar os deveres mais fundamentais de um marido?

— Achei que tinha deixado claro que Renwick não me amava. Não se interessava pelo casamento. O que ele queria eram os segredos Vanza mais misteriosos e sinistros. Acreditava que meu pai podia passá-los para ele ensinando a língua antiga.

A mão de Artemis se retesou no consolo da lareira.

— Sim, é claro. Não estou pensando direito. Deve me perdoar.

— Teve uma noite difícil — arriscou ela.

— Pode-se dizer que sim.

— Eu poderia pegar um dos tônicos da minha tia... Ele olhou para ela aborrecido.

— Se mencionar esse maldito tônico mais uma vez, não vou me responsabilizar pelos meus atos.

Ela estava ficando cada vez mais irritada.

— Só queria ajudar.

— Pode acreditar, madame, que a senhora já fez mais do que suficiente por uma noite.

Ela hesitou um pouco e depois resolveu explicar o pouco que sabia sobre o comportamento de Renwick.

— Eu já contei que investiguei o laboratório do meu marido um dia. Artemis olhou para ela atento.

— E daí?

— Tive a oportunidade de ler algumas anotações dele. Parece que tinha se convencido de que sua impotência era provocada por sua dedicação a Vanza. Ele escreveu que tinha de concentrar toda a sua energia vital nos estudos para poder desvendar os antigos segredos da alquimia da filosofia.

— Entendo — Artemis tamborilou no consolo da lareira. — E a senhora não tinha idéia de que ele não se interessava por seus deveres matrimoniais até sua noite de núpcias?

— Eu sei que é difícil entender, senhor — ela suspirou. — Pode acreditar que revi as semanas antes do meu casamento na minha memória mil vezes, me perguntando como podia ter sido tão tola.

Ele franziu a testa.

— Madeline...

— Tudo que posso dizer é que Renwick era um demônio enlouquecido, com a aparência de um anjo brilhante — ela cruzou os braços, com as mãos nos ombros. — Ele achou que podia enfeitiçar a nós todos. E conseguiu, por um tempo.

Artemis retesou o maxilar.

— A senhora se apaixonou por ele? Ela balançou a cabeça.

— Olhando para trás, posso quase acreditar que ele utilizou algum tipo de magia para esconder a verdade dele mesmo. Mas esta explicação é fácil demais. Tenho de ser honesta. Renwick sabia exatamente como me seduzir.

Pela primeira vez desde o incidente no sofá, Artemis pareceu estar se divertindo, com certa frieza.

— Obviamente ele não a cobriu de paixão.

— Não, é claro que não — ela retrucou. — A paixão não é ruim em si, eu acho. Mas nunca fui tão imatura ou tão ingênua a ponto de confundir esse tipo de coisa com o verdadeiro amor.

E não devia cometer esse erro esta noite, ela lembrou com severidade.

— Claro que não — resmungou ele. — Nenhuma mulher com o seu temperamento exclusivo e força mental permitiria que tal aflição fútil como a paixão abalasse seu bom senso e seu raciocínio lógico.

— Exatamente, senhor. Tenho muitas objeções à filosofia Vanza e, como sabe, não a aprovo.

— A senhora deixou bem claro sua opinião sobre o assunto.

— Mas fui criada numa casa que era guiada pelos princípios Vanza, e confesso que um pouco do desprezo da filosofia pelas paixões fortes ficou em mim — ela hesitou um pouco. — Renwick foi bastante esperto para compreender isto. Temo que ele me atraiu com uma tática infinitamente mais envolvente do que a paixão.

— O que diabos é mais envolvente do que paixão para uma mulher com o seu temperamento, madame? — ele olhou para ela de lado, de um modo estranho e cintilante. — Admito que tenho uma curiosidade enorme sobre isso.

— Senhor, não estou entendendo esse seu jeito de falar. Está aborrecido comigo?

— Eu não sei — respondeu ele com espantosa sinceridade. — Apenas responda à pergunta.

— Bom, o fato é que ele fingia estar encantado com a minha inteligência e o meu conhecimento.

— Ah, sim. Estou entendendo muito bem agora. Em outras palavras, ele a fez pensar que a amava por sua inteligência.

— É. E fui uma idiota, acreditei nele — ela fechou os olhos para afastar a lembrança. — Pensei que éramos destinados um ao outro. Almas gêmeas unidas numa ligação metafísica que transcendia o físico e que permitia uma união num plano mais elevado.

— Uma união diabolicamente forte.

— Na verdade provou ser meramente uma ilusão. Artemis olhou para as chamas.

— Se pelo menos a metade do que diz é verdade, então Renwick Deveridge era realmente louco.

— Era. Conforme eu disse, ele foi capaz de esconder o fato no início. Mas depois da nossa noite de núpcias, foi ficando cada vez mais claro que havia alguma coisa terrivelmente errada.

— Louco ou não, o homem está morto e enterrado — Artemis continuou a fitar o fogo. — No entanto, parece que alguém está tentando nos fazer acreditar que ele retornou do túmulo.

— Se não é o fantasma de Renwick, então deve ser alguém que o

conhecia bem, para poder imitá-lo. Alguém que também é Vanza.

— Temos de ampliar o alcance das nossas investigações para incluir o passado de Deveridge. Vou pedir para Henry Leggett trabalhar no assunto amanhã de manhã — Artemis deu as costas para o fogo e ficou de frente para Madeline. — Neste meio tempo, precisamos encarar a situação que agora existe entre nós, madame.

— O que quer dizer?

— Sabe muito bem o que eu quero dizer — ele olhou para o sofá vermelho e de novo para ela. — Obviamente é tarde demais para eu pedir desculpas pelo que aconteceu nesta sala hoje à noite...

— Não há nenhuma necessidade de se desculpar — ela o interrompeu depressa. — Ou, se há, o pedido deve partir de mim.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não vou discutir isso. Ela ficou ruborizada.

— O que acontece, senhor, é que, de certa forma, nada mudou.

— Nada?

— Quero dizer, continuo sendo uma viúva com certa reputação. Estou vivendo sob o seu teto. Se isso se espalhar, as pessoas sem dúvida vão imaginar o pior, que estamos tendo um caso.

— Essa suposição agora é correta.

Ela segurou as lapelas do robe com mais força e levantou o queixo.

— Verdade ou não, como eu disse, nada se alterou na nossa situação. Estamos na mesma posição que estávamos antes dos... bem... acontecimentos no sofá.

— Não exatamente — ele chegou mais perto dela. — Mas não vamos discutir mais esse assunto hoje. Acho que nós dois já tivemos bastante excitação por uma noite.

-Mas, Artemis...

— Trataremos disso uma outra hora — ele segurou o braço dela. — Depois de dormirmos um pouco e de termos tido tempo para pensar. Venha, Madeline. É hora de voltar para a cama.

Ela tentou ficar parada.

— É claro que temos de fazer planos. Há a investigação na casa do Sr. Pitney...

— Mais tarde, Madeline.

Ele apertou o braço dela e levou-a para a porta. Quando passaram pela pequena mesa de canto que ficava ao lado da poltrona, uma coisa pequena e brilhante chamou a atenção de Madeline. Ela olhou para baixo e viu o objeto que Artemis segurava mais cedo.

Antes de poder perguntar para ele o que era, já estava perto da porta.

— Boa-noite, Madeline — o olhar dele ficou um pouco mais suave quando a empurrou para fora da biblioteca. — Procure dormir um pouco. Acho que está se privando de uma boa noite de sono há tempo demais. E péssimo para os nervos, sabe? Pode perguntar para a sua tia.

Ele a beijou com uma gentileza surpreendente e depois fechou a porta com firmeza, na cara dela. Ela ficou olhando para a porta fechada durante um longo tempo e só depois deu meia-volta e subiu a escada para o seu quarto.

Ao deitar sob as cobertas, Madeline pensou no pequeno objeto sobre a mesa de canto. Tinha quase certeza de que era uma tampa de relógio com um

pequeno selo de ouro pendurado.

## ONZE

Um Estranho tinha entrado na casa. Seu pior pesadelo virou realidade. Tinham mandado alguém para fazê-lo parar.

Sabia que estava sendo observado há anos pelos Estranhos, sabia que o espionavam furtivamente. Fazia tempo que desistira de explicar para seus amigos por que não podia confiar em ninguém. Achavam que estava louco, mas conhecia a verdade: os Estranhos o perseguiam porque sabiam que ele estava chegando perto dos maiores segredos de Vanza. Estavam esperando que ele desvendasse o conhecimento científico guardado pelos antigos. Quando descobrisse, pretendiam atacar e roubar esse conhecimento.

O fato de um deles ter entrado na casa aquela noite significava que devia estar muito, muito perto de uma grande revelação.

Ele segurou com força o livro que estava estudando quando detectou o intruso. Suas mãos tremiam agarrando o volume antigo enquanto encostava a orelha na parede. Graças a Deus havia uma passagem secreta para se esconder. Tinha construído aquele corredor havia anos, logo depois da morte da sua mulher. Era muito mais jovem e bem mais forte naquela época. E claro que tinha feito todo o trabalho sozinho. Não podia confiar nos carpinteiros e operários. Eles poderiam muito bem ser espiões dos Estranhos.

Mesmo naqueles dias, ele pressentia que um dia faria uma grande descoberta nos antigos textos Vanza. Compreendia que tinha de se proteger. Os Estranhos tinham começado a observá-lo logo no início. Primeiro, a impressão de estar sendo vigiado era esporádica. Mas, aos poucos, essa sensação foi ficando constante. Ele tinha se preparado. E agora ia empregar esses preparativos.

Ficou perfeitamente imóvel na passagem escura, concentrado na Estratégia da Invisibilidade. Estava sozinho na velha mansão de pedra. Até recentemente, só permitia que a governanta fosse fazer a limpeza duas vezes por semana, mas mesmo assim ficava de olho nela cada segundo

que passava na casa. Acima de tudo, tinha se certificado de que ela nunca tentasse descer às escondidas para o porão. Ele mesmo cuidava da cozinha. Claro que não era trabalho para um cavalheiro, mas quando se era vigiado pelos Estranhos, não se podia fazer cerimônia. Tinha de fazer o que era necessário. O grande objetivo de decifrar o conhecimento secreto do âmago Vanza era infinitamente mais importante do que seu orgulho de cavalheiro.

O assoalho rangeu no corredor do outro lado da parede. O Estranho deve ter concluído que a casa estava vazia porque, apesar de ter entrado sorrateiramente, agora fazia bastante barulho para alguém com treinamento Vanza.

Dentro da passagem secreta, Eaton Pitney deu um sorriso sinistro. Obviamente a história que tinha inventado para convencer seus vizinhos de que tinha viajado para o campo funcionara, só que não exatamente como pretendia. Esperava que se os Estranhos pensassem que estava em sua propriedade rural, sairiam da cidade e tentariam segui-lo, e ele, por sua vez, teria um pouco de paz.

Em vez disso, eles enviaram um dos seus para vasculhar sua casa.

Ele ouviu um baque surdo. Foi seguido por outros ruídos semelhantes.

Levou algum tempo para compreender que o Estranho estava no andar de cima. Permitiu-se uma certa satisfação. Será que o intruso pensava que ele era tão tolo a ponto de deixar suas anotações largadas, onde pudessem ser facilmente encontradas e furtadas?

A geração mais nova de homens com treinamento Vanza tinha de aprender algumas coisas com os mais velhos.

Ficou atento ao som de gavetas abrindo e fechando. O assoalho de madeira rangeu em cima da cabeça dele. Mais batidas abafadas e baques. Eaton se encolheu na passagem e esperou. Manter a serenidade mental necessária para a Estratégia da Invisibilidade estava ficando difícil ultimamente. Estivera sob uma enorme tensão durante anos, e seus nervos já não eram mais tão fortes como costumavam ser.

Colou a orelha na parede, prestando atenção na sensação além do som dos movimentos. Só torcia para que o intruso não descobrisse os segredos do porão.

Pareceu uma eternidade até conseguir detectar o Estranho descendo a escada. Eaton prendeu a respiração quando ouviu o intruso abrir a porta que dava para as salas sob o andar térreo. O Estranho desceu até os depósitos e ficou andando por lá algum tempo. Mas acabou voltando para o andar térreo da casa. Eaton fechou os olhos por um segundo e se permitiu um pequeno tremor de alívio. O vilão não tinha descoberto o quarto secreto.

Depois de alguns minutos, os ruídos cessaram. Eaton esperou mais meia hora para ter certeza absoluta de que o Estranho tinha ido embora. Quando se convenceu de que estava mais uma vez sozinho na casa, levantou lentamente. Seus músculos doíam por ter ficado na mesma posição tanto tempo.

Depois de recobrar a firmeza das pernas, foi para o painel na parede que funcionava como uma entrada oculta para a passagem secreta. Parou antes de abri-lo, escutando atentamente.

Não ouviu nada.

Deslizou o painel para o lado e passou para o corredor escuro. Parou novamente e ficou ouvindo.

O silêncio era denso como o nevoeiro lá fora nas ruas.

Eaton correu pelo corredor até a escada escondida que levava às entranhas da velha mansão. Pegou uma vela, acendeu-a e desceu os degraus de pedra. Tinha de certificar-se de que estava tudo seguro no seu estúdio secreto.

Passou pelos depósitos antigos, abriu uma porta secreta e desceu mais uma escada para as câmaras há muito esquecidas que um dia serviram como masmorra e rota de fuga utilizadas pelos primeiros proprietários quando se viam sitiados.

Tinha descoberto as salas escondidas anos antes e não contou para ninguém da sua existência. Em vez disto, começou a fazer algumas modificações. Criara um estúdio e um laboratório secretos onde podia fazer suas importantes pesquisas sem medo de ser visto pelos Estranhos. Chegara ao ponto de proteger sua câmara secreta com armadilhas verdadeiramente Vanza.

Na base do último lance de antigos degraus de pedra, ele empurrou para o lado mais um painel e preparou-se para entrar na sala mais secreta da sua casa.

O barulho do couro de uma bota no assoalho acima quase fez seu coração parar. Ele se virou tão depressa que a perna ruim fraquejou sob seu peso. Deixou cair a vela quando se agarrou na borda da porta-painel. Sombras dançaram nas paredes de pedra.

— Pensou que podia esconder seus segredos de mim, velho tolo? Eu sabia que só precisava esperar. A primeira coisa que qualquer pessoa faz depois que um intruso vai embora é verificar seus bens mais valiosos para certificar-se de que continuam escondidos em segurança. Previsível demais.

Eaton não conseguia ver o rosto do Estranho na escuridão, mas a vela no chão ainda não tinha apagado. A luz bruxuleante cintilou no tambor da pistola na mão do intruso. Também brilhou no cabo de ouro de uma bela bengala.

Enquanto observava horrorizado, Eaton viu o Estranho levantar um pouco a pistola, mirando-a com precisão.

— Não — sussurrou Eaton, dando um passo cambaleante para trás.

Por que não tinha lembrado de pegar sua pistola? Tinha uma na sua mesa, no estúdio secreto, mas podia estar na lua pelo benefício que podia representar para ele naquele momento.

— O fato é que — disse o Estranho — eu não preciso mais que me guie — até seus segredos. Acabou de abrir a porta para mim. Muita gentileza sua, senhor.

Eaton se jogou para trás assim que sentiu que o Estranho estava apertando o gatilho. O movimento súbito provocou outra onda de dor na sua perna, mas ele sabia que a rapidez e o inesperado do gesto eram sua única esperança.

Fez-se um clarão. O estampido da pistola foi ensurdecedor na câmara de pedra. Ele sentiu a bala atingi-lo. *Não tão rápido como era antigamente, Eaton.* O impacto projetou-o mais para dentro da sala secreta.

A vela tremeluziu no chão pela última vez e apagou. Uma escuridão intensa e impenetrável ocupou o espaço.

— Que diabo — resmungou o Estranho.

Ele parecia muito irritado com a escuridão repentina.

Eaton espantou-se ao descobrir que não estava morto como a vela. Alto demais, ele pensou. A bala o atingira no ombro, não no coração. Ou talvez a mira do Estranho estivesse levemente torta, resultado da dança das sombras criadas pela chama quando estava se apagando.

De qualquer modo, tinha apenas alguns segundos. Dava para ouvir o intruso vociferando e tentando acender outra vela.

Eaton apertou com força o ferimento por cima do paletó, tentando evitar que o sangue pingasse no chão. Pôs a mão espalmada na parede mais próxima. A superfície estava lisa e escorregadia. Manteve os dedos encostados na parede e foi avançando até encontrar a primeira intercessão. Seguiu a quina da parede, contando com o tato para guiá-lo.

Uma luz brilhou fraca às suas costas. Não olhou para trás. Não via nada à sua frente, mas sentia a parede vítrea com a mão. Era tudo que precisava.

Foi ele que desenhou o labirinto. Conhecia seus segredos de cor.

— Com mil demônios...? — a voz do Estranho soava abafada pelas grossas paredes de pedra que formavam desfiladeiros do chão ao teto no labirinto subterrâneo. — Saia daí, Pitney. Não vou matá-lo se aparecer agora mesmo. Está me ouvindo? Não vou matá-lo. Só quero a maldita chave.



Eaton ignorou a ordem furiosa. Apertou a mão com mais força sobre o ferimento, rezando para o sangue ser absorvido pelo paletó. Se pingasse no chão, criaria um rastro que o Estranho poderia seguir pelo labirinto.

Tinha de chegar ao seu estúdio e à pistola na gaveta da mesa, pensou Eaton.

— Volte aqui, seu velho estúpido. Não tem a menor chance.

Eaton ignorou-o. Pressionou o ferimento com fúria e embrenhou-se no labirinto escuro.

Artemis estava com Zachary no pequeno cômodo sombrio. Juntos observavam a rua estreita pela janela.

— Foi aqui que ele se escondeu — Artemis passou a mão enluvada nas ranhuras sob o parapeito. — Dá para ver onde prendeu os ganchos da corda.

Zachary balançou a cabeça.

— Ainda bem que o senhor notou a vela da prostituta e percebeu que era um sinal.

— Já descobriu o nome da mulher?

— Lucy Denton. Ela alugou o quarto de baixo há um ano e trabalhou aqui este tempo todo, até hoje.

— Alguém sabe do seu paradeiro?

— Ainda não. Ela desapareceu na região dos bordéis. John Pequeno disse que um dos rapazes ouviu algumas histórias na frente do café esta manhã, mas até agora ninguém a viu.

Artemis olhou para o companheiro. As sobrancelhas de Zachary estavam unidas numa expressão de preocupação. Seu rosto estreito denotava tensão. A postura habitual de desafio tinha dado lugar a um ar pensativo que não era do seu feitio.

Zachary era bastardo. Tinha sobrenome mas, como costumava acontecer com muitos que viviam nas ruas, raramente usava. Era empregado de Artemis havia pouco mais de três anos. Tinham se conhecido quando um dos membros da pequena gangue de moleques de rua de Zachary certa noite tentou aliviar Artemis de seu relógio de ouro diante do clube.

O esforço temerário falhou espetacularmente quando Artemis capturou o jovem rufião pelo colarinho. Em vez de abandonar o rapaz ao seu destino, Zachary, que observava das sombras de uma ruela próxima, correu um risco desesperado para salvar seu pequeno sócio.

Ele saiu correndo do beco, brandindo uma faca e ameaçando Artemis. Artemis tirou a faca da mão de Zachary com um movimento simples, mas o rapaz pulou para cima dele, tentando desesperadamente libertar o moleque.

Artemis ficou impressionado com os esforços de Zachary para salvar o menino menor. Quando tudo se aquietou, ele chamou o rapaz para um canto.

— Você é um rapaz esperto, inteligente — disse para ele antes de deixá-lo escapar com seu jovem companheiro. — Tenho um lugar para alguém com esse tipo de lealdade. Se um dia resolver que gostaria de assumir um posto que garante um salário quinzenal, venha me ver.

Artemis encontrou Zachary à sua espera na frente do clube, três dias depois. O rapaz estava desconfiado mas determinado. Conversaram por algum tempo e acabaram chegando a um acordo.

O relacionamento entre ele e Zachary tinha começado com o distanciamento frio e profissional que era de esperar entre empregador e

empregado. Mas em algum ponto dessa convivência evoluiu para uma amizade baseada em respeito e lealdade mútuos. Artemis confiava mais em Zachary do que em qualquer cavalheiro da cidade.

— Não se preocupe, vamos acabar encontrando a mulher — Artemis deu um tapinha no ombro de Zachary. — Enquanto isso, investigamos em outras direções.

Zachary não pareceu aliviado. Pelo contrário, demonstrava mais preocupação do que nunca.

— Ele é um Vanza, Sr. Hunt. Artemis sorriu.

— Eu também sou.

Zachary enrubesceu mas continuou argumentando.

— É, e agora ele sabe disso. O que o torna ainda mais perigoso. Será mais esperto da próxima vez que resolver experimentar seus truques.

— Sei que você pensa que estou senil, mas a idade traz certos benefícios. Eu também aprendi alguns truques.

— Sei disso mais do que ninguém, senhor. Mas tem certeza de que não quer que eu o proteja, senhor?

— Preciso de você lá fora nas ruas pegando informação, Zachary, não como meu guarda-costas. Posso cuidar de mim.

Zachary hesitou um pouco e depois assentiu com a cabeça.

— Sim, senhor.

Artemis olhou em volta pensativo.

— Sem dúvida ele pagou bem a Lucy. O suficiente para ela se esconder nos bordéis por um bom tempo, se quiser.

Zachary franziu a testa preocupado novamente.

— Vamos encontrá-la, mas pode demorar um pouco. O senhor sabe como é naquela parte da cidade. Um verdadeiro labirinto.

— O dinheiro não vai durar para sempre. Mais cedo ou mais tarde, ela vai sair para procurar clientes. Então nós a pegaremos.

— É, mas pode ser tarde demais para nós — resmungou Zachary. Artemis sorriu com tristeza.

— É por isso que não vamos empenhar todas as nossas esperanças em encontrá-la. Lembre do velho ditado Vanza: quando procuramos respostas, devemos buscar onde menos esperamos que elas estejam. Temos outros lugares para procurar, fora os bordéis.

Zachary encarou Artemis.

— Temos alguns ditados antigos nas ruas também, Sr. Hunt. Não entre em nenhum beco escuro se não tiver uma pistola na mão e um amigo vigiando suas costas.

— Bom conselho — disse Artemis. — Não vou esquecer.

Madeline acordou e descobriu que tinha dormido mais tempo e mais profundamente do que fazia durante anos. O melhor de tudo é que não sonhara com fogo nem sangue, com um toque da gargalhada de um homem morto.

Ficou muito animada quando afastou as cobertas. Olhou pela janela e notou que a cidade estava mais uma vez sufocada com um nevoeiro cinzento e espesso, mas isto não diminuiu a sensação de bem-estar. Sentia-se cheia de energia, pronta para assumir a tarefa de resolver o mistério do fantasma de Renwick.

Então se deu conta de que podia ter de se confrontar com Artemis à mesa do café da manhã.

Na mesma hora seu entusiasmo com o novo dia se desfez. Talvez fosse mais fácil enfrentar um espectro do que Artemis. Ela olhou para sua imagem amassada de sono refletida no espelho da penteadeira. Uma coisa era chantagear o Mercador de Sonhos para ele ajudá-la a resgatar uma criada e depois negociar seu auxílio para descobrir o paradeiro do fantasma vingativo do seu finado marido. Outra coisa completamente diferente era ter uma conversa trivial com ele sobre ovos e torradas pela manhã, logo depois de ter permitido que ele a seduzisse.

A aflição irritou Madeline. Por que estava tão ansiosa diante da perspectiva de ver Artemis aquele dia? Pensando bem no assunto, conforme havia tentado explicar para ele na véspera, ficava bem claro que *nada havia mudado*. Ela continuava sendo a Perversa Viúva aquela manhã, igual à manhã anterior. Uma dama não podia ficar mais famosa aos olhos de um cavalheiro simplesmente por ele ter descoberto que era uma viúva *virgem*.

Ela crispou os dedos na borda da bacia. Por que tudo tinha de parecer tão complicado esta manhã?

Olhou furiosa para seu reflexo no espelho. A visão da face ruborizada era tremendamente irritante.

A onda de raiva reviveu seu ânimo. Por que tinha de se sentir constrangida? Artemis não tinha como ser arrogante ou zombeteiro. Afinal de contas, ele era um cavalheiro que estava no *comércio de diversão*.

Ela gemeu em voz alta e pegou o cântaro de água. Com um pouco de sorte, ele dormiria até mais tarde, pensou. Ou talvez fosse um daqueles cavalheiros que acordavam muito cedo e tomavam café bem antes do resto da casa. O pai dela tinha este hábito.

Derramou água na grande bacia branca e esfregou o rosto vigorosamente. Tremendo, lavou-se rapidamente com a esponja e depois vestiu seu vestido mais austero, preto, com flores de cetim cinza na barra.

Reunindo coragem, ela abriu a porta e desceu para a sala de café da manhã.

Mas não estava com sorte. Artemis não dormira até mais tarde. Nem tivera o mínimo de decência de tomar café mais cedo e desaparecer discretamente na biblioteca. Em vez disso, lá estava ele à mesa, nada discreto, conversando amigavelmente com Berenice, como se nada extraordinário houvesse acontecido na noite anterior.

O que era exatamente o caso, ela lembrou mal-humorada. *Nada havia mudado*.

— Bom-dia, querida — os olhos azuis de Berenice cintilaram de prazer ao ver Madeline. — Minha nossa, hoje você parece descansada e leve como uma margarida, querida. Estou vendo que meu novo tônico funcionou muito bem. Tenho de dar outro vidro para você esta noite.

Madeline viu o brilho do riso nos olhos de Artemis. Lançou-lhe um olhar gelado e dirigiu-se à tia.

— Bom-dia — disse ela educadamente.

Uma expressão estranha apareceu no olhar de Berenice. E sumiu num instante.

Madeline deu meia-volta na mesma hora e ficou de frente para o

aparador, fingindo analisar o que havia nas travessas de prata postas ali.

Para horror de Madeline, Berenice continuou a tagarelar com uma animação inocente.

— Juro que não a vejo com um ar tão bem disposto há anos, Madeline. Ela não parece maravilhosamente descansada, Artemis?

— Nada como uma boa noite de sono — concordou Artemis, num tom surpreendentemente afável.

Apesar da decisão de se comportar como se *nada tivesse mudado*, Madeline torceu para o chão se abrir e engoli-la de uma vez ali mesmo.

— O Sr. Hunt acabou de me informar sobre os lamentáveis acontecimentos da noite passada — disse Berenice.

— Ele contou para você? — Madeline deixou cair a colher de servir de volta na travessa e deu meia-volta rapidamente. Olhou furiosa para Artemis. — Ele contou para você o que aconteceu a noite passada?

— E claro que contou, querida — Berenice fez *tisc, tisc*. — Devo dizer que fiquei chocadíssima.

Madeline engoliu em seco.

— É, bem, eu posso explicar... — ela não sabia mais o que dizer. A boca de Artemis formou um sorriso irônico.

— Sua tia naturalmente está preocupada.

— Eu tenho todo o direito de ficar preocupada — Berenice foi logo dizendo. — Atacado na rua, perto do seu clube, senhor. Uma afronta. Esse vilão é ousado demais para o meu gosto. Imagino que vá pegá-lo em breve.

A sensação de alívio que dominou Madeline deixou-a tonta. Ela sentou bem depressa na cadeira mais próxima e franziu a testa olhando para Artemis.

— Tem alguma notícia, senhor?

— Para dizer a verdade, estive com Zachary hoje cedo — disse Artemis. Ele parecia estar se divertindo mais ainda. — Descobrimos o quarto em que o lutador Vanza estava escondido, e demos uma olhada por lá. Lamento informar que não encontramos nada útil, mas os Olhos e Ouvidos de Zachary estão trabalhando duro agora mesmo, enquanto conversamos. Mais cedo ou mais tarde um deles trará alguma coisa que poderei usar.

Madeline ficou atônita. Ele estava de pé havia horas. Tinha saído de casa, conversado com Zachary, investigado o esconderijo do vilão e voltado para tomar o café da manhã... tudo isto antes que ela saísse da cama.

Ele andara ocupado com exatamente o tipo de tarefas que ela o empregara para executar, Madeline pensou. No entanto, a atitude profissional de Artemis era enervante.

Ele cuidava de tudo exatamente como se *nada tivesse mudado*.

Uma hora depois, Berenice encurralou Madeline no quarto dela. Não se preocupou com amabilidades e foi direto ao assunto.

— Você está se apaixonando pelo Sr. Hunt, não está?

Madeline deixou cair a caneta que usava para fazer algumas anotações.

— Céus, o que está querendo dizer, tia Berenice?

— Meu Deus, isto é ainda mais complicado do que eu imaginava — Berenice ficou pensativa e sentou na beirada da cama. — Vocês dois estão tendo um caso.

— *Tia Berenice.*

— Naturalmente percebi logo no começo desse negócio que vocês dois

sentiam atração um pelo outro.

Madeline sentiu o maxilar cair.

— O que a fez pensar nessa idéia esquisita?

Berenice levantou a mão e assinalou seus argumentos nos dedos.

— Primeiro, você pediu para ele ajudar com o seu problema. Segundo, ele concordou.

— E a partir disso você concluiu que sentíamos atração um pelo outro? — Foi.

Madeline balançou a cabeça.

— Essa é a suposição mais ridícula e sem sentido que já ouvi. Como pode ter chegado a essa conclusão com provas tão fracas?

— Estou errada?

— Pedi para ele nos ajudar porque precisávamos dos serviços de um homem que entendesse como pensa alguém com treinamento Vanza. O Sr. Hunt concordou em ser útil porque quer pôr as mãos naquele diário do papai. Foi um simples acordo de negócios, nada além disso.

— Exatamente o que pensei. Você está tendo um caso com ele. Madeline tamborilou na escrivaninha.

— Não é tão simples como imagina, tia Berenice.

— Minha querida, graças à sua situação de viúva, você é uma mulher do mundo, quer se sinta assim ou não. Eu não tenho a pretensão de lhe dar conselhos.

— Ah. Sabe perfeitamente bem que não hesitará em fazer isso.

— Tem razão. Mas como eu estava dizendo, não pretendo aconselhá-la, mas sugiro que tenha uma coisa em mente.

Madeline ficou desconfiada na mesma hora.

— O que é?

— Você diz que ele concordou com a barganha que lhe ofereceu porque quer o diário de Winton.

—É.

— Ele é um mestre Vanza.

— Foi exatamente por isso que o contratei. Berenice olhou para ela com ar de piedade.

— Ora, Madeline, você é uma mulher inteligente. Como é que pode ignorar o óbvio?

— O que é tão óbvio assim?

— O Sr. Hunt não precisava aceitar a sua oferta para se apossar do diário. Não se lembra? Você mesma disse que, com as suas habilidades, ele poderia ter roubado aquele diário num piscar de olhos.

— Ah — Madeline adotou um ar triunfante. — É aí que você se engana. Pensei mais um pouco sobre essa questão, e me ocorreu que o Sr. Hunt sabe perfeitamente bem que qualquer tentativa da parte dele de furtar aquele diário representaria um sério risco para ele.

— Que risco?

— Ora, que eu possa retaliar, expondo o fato de ele ser o proprietário dos Pavilhões do Sonho, é claro. Ele não pode correr o risco de a cidade descobrir que está nesse negócio. Está entendendo? Ele não tinha escolha. Foi obrigado a fazer esse pacto comigo.

Berenice ficou olhando para Madeline um longo tempo. Não disse nada.

Madeline começou a ficar inquieta.

— O que é agora? O que você está pensando?

— Você sabe tão bem quanto eu que se ele quisesse poderia descobrir uma maneira de garantir que você não espalharia seus segredos pelo mundo.

Madeline ficou imóvel. Um arrepio atigou seus nervos. Ela olhou para o pequeno livro que estava estudando. Olhava sem ver para a capa de couro vermelho e ficou assim algum tempo, seus pensamentos um caos completo.

Berenice tinha razão.

Depois de alguns minutos ela se refez e olhou bem nos olhos preocupados de Berenice.

— Você pode ter razão quando diz que ele não está me ajudando por ser a única maneira de pôr as mãos no diário. Mas se isto for verdade, então temos um problema ainda mais complicado para enfrentar, não temos?

Berenice olhou para ela sem entender.

— E qual é, querida?

— Se ele não está nos auxiliando por causa daquele maldito diário, então por que está fazendo isso?

— Acabei de dizer, querida. Ele sente atração por você. Imagino que goste de bancar o herói.

— Se ele sente atração por mim, isso não vem ao caso — disse Madeline com firmeza. — Não explica por que ele veio nos socorrer. Afinal de contas, um mestre Vanza é treinado para não se deixar levar por suas paixões físicas.

Berenice achou graça.

— Eu não pensaria que esse treinamento funciona sempre, se fosse você. Paixões físicas podem ser extraordinariamente poderosas.

Madeline balançou a cabeça lentamente.

— Artemis jamais se permitiria ser controlado pelos seus sentimentos. Se não está nos ajudando por causa do diário do papai, ou porque deseja calar minha boca, então isto só pode significar que tem uma outra razão muito misteriosa para concordar com a nossa barganha.

— Mas e que outra razão será essa? Madeline fez uma careta.

— Quem sabe? Ele é um Vanza. — Minha querida...

— Eu não quero mais conversar sobre isso, tia Berenice.

— Entendo — Berenice fez uma pausa. — Muito bem, então, você está bem?

— É claro que estou bem. Por que não estaria?

— Não quero ser indelicada, mas sei muito bem que a noite passada foi uma experiência nova para você.

— Não foi exatamente o que eu esperava, mas não me fez mal algum — disse Madeline secamente.

— Não foi exatamente o que você esperava? — Berenice fez um bico. — Isso me surpreende. Imaginava que o Sr. Hunt teria tanta habilidade para fazer amor como aparenta ter para todo o resto.

— Ora, tia Berenice, pensei que tinha deixado bem claro que não quero conversar sobre esse assunto.

— É claro, querida.

— E se quer mesmo saber — resmungou Madeline —, o Sr. Hunt demonstrou ser exatamente como o descrevi no início dessa história. Maduro, mas bastante ágil.

## DOZE

Ele estava sendo seguido.

Artemis parou na reentrância de uma porta e ficou escutando. Os passos eram leves e abafados no nevoeiro rodopiante, mas ele conseguiu perceber o padrão.

Pararam.

Ele saiu da proteção da porta e continuou a descer a rua. Depois de alguns segundos, ouviu o atrito ocasional de solas de sapato na calçada atrás dele. Os passos não se aproximavam nem se distanciavam demais. Ele sabia que se virasse a cabeça não veria nada além de uma forma indefinida por causa do espesso nevoeiro cinzento.

Na maior parte da distância da sua casa havia bastante barulho nas ruas para disfarçar os passos silenciosos. Mas mesmo então ele percebeu que estava sendo seguido.

Dobrou a esquina à esquerda. Havia um grande parque do outro lado da rua. As árvores eram apenas esqueletos vagos pairando na névoa. Uma carruagem passou bem devagar, como se tateasse para encontrar o caminho no breu. Os cascos dos cavalos criavam um som oco e fantasmagórico. Ele aproveitou o barulho das rodas para se esgueirar para um outro nicho de porta.

Ficou esperando.

A carruagem se afastou e então ele ouviu novamente os passos. Mais lentos agora. Hesitando muito. O seguidor sem dúvida percebera que a presa se escondera.

Depois de alguns segundos de silêncio incerto, os passos subitamente aceleraram. O seguidor andava depressa agora. Abandonara todo o esforço para não se revelar.

Da porta, Artemis viu uma figura de capa e capuz caminhando no nevoeiro, bem na frente dele. A barra da capa chicoteava no ar enquanto ele se apressava pela rua.

Artemis saiu de mansinho da reentrância da porta e acertou o passo com seu perseguidor.

— Tarde adorável para um passeio, não acha? — disse ele com gentileza.

— *Artemis* — a voz de Madeline se elevou a um gritinho agudo. Ela deu meia-volta e parou. Sob o capuz da sua capa, tinha os olhos arregalados. — Por Deus, senhor, não me assuste dessa maneira de novo. É muito ruim para os nervos.

— O que está fazendo aqui? Eu disse que cuidaria dessa investigação na casa do Pitney sozinho.

— E eu deixei bem claro que não tinha intenção alguma de permitir que fizesse isso. A busca na casa do Pitney foi um plano meu, se não se lembra.

Ele a analisou com o canto dos olhos. Ela estava realmente aborrecida, mas Artemis ficou imaginando se um pouco daquela raiva era apenas uma tentativa de encobrir emoções mais profundas, mais perturbadoras. Ele lembrou que apesar de ela ser viúva, e possivelmente até uma assassina, até a noite anterior também era inocente. Pensou em como Madeline tinha corado no café da manhã.

— Como está se sentindo esta manhã? — perguntou ele gentilmente.

— Minha saúde está excelente, senhor, como sempre — disse ela com impaciência. — E o senhor?

— Devastado pela culpa. Mas obrigado por perguntar.

— Culpa? — ela parou de novo e virou de frente para ele. — Sente-se culpado de quê?

Ele parou de andar também.

— Já se esqueceu da noite passada? Estou arrasado de saber que causei tão pouca impressão.

Madeline olhou para ele com raiva.

— É claro que não esqueci a noite passada. Mas garanto que não há motivo nenhum para o senhor estar sentindo essa culpa toda em relação ao que aconteceu na sua biblioteca.

— A senhora era uma virgem inocente.

— Bobagem. Eu era virgem, mas nada inocente — ela ajustou as luvas.

— Fique certo de que nenhuma mulher que passou pelo que eu passei enquanto era casada com Renwick Deveridge poderia permanecer inocente.

— Entendo o que quer dizer.

— Conforme eu disse ontem à noite, nada mudou.

— Humm. Ela pigarreou.

— Além do mais, não foi nem um pouco fraca a impressão que o senhor causou.

— Obrigado. Não imagina o que esse cumprimento gentil, apesar de meio morno, representa para mim. Pelo menos posso manter um fiapo do meu orgulho masculino.

Ela fez uma careta.

— A humildade não combina bem com o senhor. É melhor se poupar desse trabalho e esforço todo.

— Se a senhora insiste.

— Se deseja sentir-se culpado de alguma coisa, sugiro que experimente umas pontadas bem agudas de remorso por sair sorrateiramente de casa agora há pouco, sem me chamar.

Ele contemplou a rua coberta pelo nevoeiro. Não havia muita gente e as poucas pessoas que caminhavam no meio da névoa espessa não enxergavam grande coisa. Era pouco provável que alguém notasse Madeline. Se ele tomasse algumas precauções, ela estaria razoavelmente segura. Não que tivesse muita escolha, pensou Artemis. Se não quisesse aceitar a companhia dela, era fácil visualizar Madeline tentando segui-lo até a mansão de Pitney.

— Muito bem — ele segurou o braço dela e começou a andar. — Pode vir comigo. Mas fará o que eu disser quando estivermos dentro da casa. Entendeu?

Não deu para ele ver Madeline revirar os olhos, porque o capuz da capa que ela usava escondia seu rosto, mas teve certeza de que ela estava fazendo exatamente isto.

— Realmente, senhor, sua atitude me irrita. Parece que o senhor não consegue entender a idéia simples de que é o senhor que deve seguir minhas instruções, e não o contrário. O senhor só está envolvido nesse caso por causa do acordo que eu sugeri que fizéssemos. Ora, se não fosse por mim, o senhor nem saberia desse problema relacionado ao fantasma de Renwick.



— Pode acreditar, madame, que eu não esqueço nem por um segundo que tudo isso é culpa sua.

O muro alto que cercava o quintal nos fundos do casarão de Pitney não foi obstáculo para as habilidades de Artemis. Madeline segurou o pequeno lampião apagado que ele tinha levado e observou com impaciência Artemis

galgar a barreira de pedra. Quando chegou ao topo do muro, ele jogou uma corda com um laço na ponta para ela apoiar o pé.

Madeline pegou a corda, enfiou o pé no laço e segurou-a firme enquanto Artemis puxava com facilidade para cima do muro. Um minuto depois, os dois desceram para o jardim cheio de névoa.

— Sabe, Artemis, isto é muito estimulante.

— Temia que pensasse assim — ele parecia resignado e emburrado.

O nevoeiro era tão espesso que a imponente mansão não passava de uma forma volumosa. Nenhuma luz brilhava em nenhuma janela. Artemis encontrou a porta da cozinha e tentou abri-la.

— Trancada — disse ele.

— Era de esperar, já que o dono da casa está no campo — Madeline observou a janela com venezianas. — Tenho certeza de que o senhor consegue destrancá-la.

— O que a faz pensar que posso destrancar fechaduras? Ela deu de ombros.

— O senhor é um Vanza. Pela experiência que tenho, os homens com treino das artes antigas são muito bons em passar por portas trancadas.

— Obviamente a senhora não aprova tais habilidades. Ele tirou um conjunto de gazuas do bolso do casaco.

Cenas dos seus pesadelos adejaram na mente de Madeline. Ela se viu abaixada na frente da porta do seu quarto, tentando enfiar a chave que sempre escapava-lhe dos dedos na fechadura.

— Admito que tais habilidades têm a sua utilidade — disse ela com frieza. — E não posso reclamar das suas habilidades com as gazuas. Meu pai era muito habilidoso com elas também. Na verdade, ele me ensinou... Deixa para lá. Não tem sentido agora.

Artemis olhou para ela curioso antes de começar a trabalhar na fechadura, mas não fez nenhum comentário.

Madeline foi ficando mais nervosa à medida que os segundos iam passando.

— Algum problema?

— A preocupação de Pitney em relação aos chamados Estranhos que ele acredita estarem observando seus movimentos deve ter feito com que ele investisse em fechaduras especiais — o rosto de Artemis tinha rugas de intensa concentração. — Estas não são do tipo comum que se consegue em qualquer serralheiro.

Ela observou Artemis trabalhando delicadamente com as gazuas.

— Vai conseguir abri-las, não vai?

— Pode ser — ele chegou mais perto da pesada fechadura de ferro. — Se parar de me distrair.

— Sinto muito — ela resmungou.

— Ah, agora sim. Um desenho inteligente, baseado num padrão clássico Vanza. Preciso lembrar de perguntar ao Pitney que serralheiro fabricou isto

para ele.

O interesse profissional na voz dele preocupou Madeline.

— Não seja absurdo. Não pode perguntar sobre as fechaduras para o Sr. Pitney sem admitir que invadiu a casa dele.

— Obrigado por me lembrar desse pequeno detalhe. Ele guardou as gazuas de novo no bolso e abriu a porta.

Madeline ficou diante de um vestíbulo estreito e deprimente. Nenhuma governanta ou criado apareceu para exigir explicações ou dar o alarme. Ela entrou na casa com todo cuidado.

— Parece que não há ninguém na casa. Para onde será que o Sr. Pitney foi?

— Com um pouco de sorte podemos encontrar alguma pista que indique o seu destino — Artemis entrou depois dela e fechou a porta. Ficou calado um tempo, examinando o corredor escuro. — Se de fato descobirmos uma pista, mando Leggett atrás dele para fazer algumas perguntas. Eu gostaria muito de saber exatamente por que Pitney sentiu necessidade de sair da cidade.

— É verdade, eu... — Madeline parou na porta da cozinha e ficou olhando para a fatia de queijo e o pedaço de pão meio mordido que estavam sobre uma mesa de cavalete.

— O que foi? — Artemis parou atrás dela. Ele viu a comida por cima da cabeça de Madeline e ficou imóvel. — Ah, estou vendo.

Madeline foi até a mesa e pegou o pão.

— O Sr. Pitney deve ter saído às pressas. E recentemente. Este pão está fresco.

Artemis semicerrou os olhos.

— Venha, precisamos nos apressar. Não quero passar mais tempo aqui do que é necessário.

Ele deu meia-volta e desapareceu no corredor. Madeline foi logo atrás dele. Alcançou-o quando ele parou diante de outra porta.

— É a biblioteca? — ela perguntou quando chegou perto dele.

— É — Artemis não se mexeu. Olhava intensamente para dentro da sala. Pitney está precisando muito de uma governanta, ou então alguém chegou aqui antes de nós.

— O que quer dizer? — ela ficou na ponta dos pés para espiar por cima do ombro dele, e prendeu a respiração com a visão dos livros e papéis caídos no tapete desbotado. — Deus do céu. É claro que Pitney não fez esta bagunça. Isto vai muito além de qualquer excentricidade. De qualquer forma, os excêntricos de Vanza tendem a pecar pelo exagero no que diz respeito à ordem e à precisão. A desordem os perturba.

— Uma excelente observação — Artemis deu um passo atrás e seguiu rapidamente pelo corredor.

— Espere — disse ela baixinho. — Não vai vasculhar esta sala?

— Duvido que haja motivo para termos esse trabalho agora. Quem quer que tenha vasculhado o lugar antes de nós já levou tudo que podia haver de interessante aqui.

— Artemis, talvez o Sr. Pitney tivesse mesmo razão o tempo todo. Talvez estivesse mesmo sendo observado por alguém.

— Talvez — ele pareceu bastante evasivo. Madeline sentiu um arrepio de pavor.

— Está pensando que não foi nenhum Estranho que fez isso, não está? Foi o fantasma de Renwick.

— Sugiro que pare de se referir ao homem como fantasma. Só complica tudo. Seja quem for, ele é de carne e osso.

— E é um Vanza. Ele não disse nada.

Madeline continuou atrás dele e esperou mais uma vez quando ele deu uma parada rápida na entrada da sala de estar. Lá dentro a mobília estava coberta com capas protetoras. As pesadas cortinas estavam fechadas.

— Parece que Pitney não recebia muito — disse Artemis secamente.

— Um homem muito estranho — concordou Madeline. — Mas, afinal, ele é...

— Não diga. Não é uma boa hora para me lembrar do que sente por esse assunto.

Ela fechou a boca.

Juntos, inspecionaram rapidamente os outros andares. Era tudo um completo caos. Tinham tirado as roupas dos armários. As cômodas também estavam vazias. Havia baús abertos e revirados.

— O que acha que ele estava procurando? — perguntou Madeline.

— A mesma coisa que procurava quando vasculhou a biblioteca de Linslade, certamente. O *Livro dos segredos*, talvez, só que não entendo como é que um homem são pode acreditar que ele exista.

— Acho que já mencionei que Renwick Deveridge não era mentalmente são.

— É, a senhora disse alguma coisa nesse sentido — Artemis olhou para a escada estreita no fim do corredor. — Podemos descer por ali.

— E o porão? Na certa deve ter quartos de depósito e coisas assim — disse Madeline, seguindo Artemis pela escada dos fundos. — Quem sabe o fantasma, quero dizer, o intruso, não teve idéia de examiná-los.

— Eu acho que ele foi muito minucioso, mas não custa nada dar uma olhada.

No corredor perto da cozinha, Artemis encontrou a porta que dava para a escada do porão. Parou para acender o lampião e então começou a descer para as profundezas da casa, que provaram ser uma série de depósitos empoeirados.

Madeline examinou os baús ainda fechados e as canastras trancadas.

Tudo indica que o intruso não se incomodou em verificar estes cômodos. Talvez não tenha encontrado o porão.

No fim da escada Artemis parou e levantou o lampião.

— Ele esteve aqui. Ela parou atrás dele.

— Por que diz isso?

— Há pegadas na poeira do chão. Dois pares — ele inclinou o lampião. — Um pára ali na parede. O segundo volta para esta escada. Dois homens entraram aqui recentemente, mas só um saiu.

Madeline ficou olhando para o lugar onde o caminho do primeiro par de pegadas terminava.

— Parece que um deles conseguiu atravessar as paredes. — Humm.

Artemis foi até a parede de pedra e examinou-a longamente. Depois passou os dedos numa fenda. Empurrou-a com cuidado. Ouviu um ruído agudo e abafado.

Madeline correu para perto dele.

— Tem algum mecanismo dentro da parede? — Tem.

Na hora em que ela se aproximou, a pedra tinha saído do lugar e revelado outra pesada tranca de ferro. Artemis pôs o lampião no chão e pegou suas gazuas.

— Sorte nossa que Pitney gosta de usar padrões e artefatos Vanza clássicos — disse ele depois de trabalhar um pouco na tranca. — Uma das qualidades da tradição.

Pouco tempo depois, ele deu um suspiro de satisfação. Dentro da parede roldanas bem lubrificadas e cordas gemeram novamente. Madeline ficou observando, fascinada, uma parte da parede de pedra em forma de porta deslizar para um lado.

— Outro lance de escadas — sussurrou ela. — Deve haver uma sala embaixo desta.

— Esta parte da casa é muito antiga — Artemis contemplou o lance de degraus antigos de pedra que davam num mar de escuridão. — Esta escada provavelmente leva ao que deve um dia ter sido uma masmorra. Pode ter havido uma rota de fuga lá por baixo também. Essas coisas eram muito comuns nos velhos castelos e fortalezas.

Madeline espiou o breu profundo no fundo da escada.

— Talvez Pitney tenha usado este caminho para escapar do intruso. Artemis ficou pensativo.

— Voltarei depois para ver onde esta escada vai dar.

— Depois de me levar para casa, o senhor quer dizer? Bobagem — ela notou um pequeno monte de velas no chão. — Venha, não podemos perder mais tempo.

Ele olhou para ela aborrecido.

— Madeline, estou percebendo que terei de ser firme desta vez...

— Poupe seu fôlego, Artemis — ela pegou uma das velas e a acendeu. — Se não quiser me acompanhar, eu vou sozinha.

Por um momento, ela pensou que ele ia discutir. Então, com a sugestão de um sorriso, ele ergueu o lampião e começou a andar.

— Será que alguém já lhe disse que muitos cavalheiros não acham a teimosia uma qualidade atraente na mulher? — ele perguntou, em tom de conversa.

Com uma careta, ela tentou não se ofender. Mas não podia negar uma ponta de dor.

— Como não estou no mercado à procura de outro marido, no momento, não considero isto como um problema sério. Seja como for, quando se trata de teimosia, acredito que somos iguais, senhor.

— Peço licença para discordar. A honra é toda sua. — Parou de falar bruscamente — Ora! Ora!, o que temos aqui?

Ele parou tão de repente que os dois quase colidiram. Ela parou um degrau acima e espiou sobre o ombro dele. Por um momento, tudo que fez foi olhar com espanto.

A luz do lampião iluminava o que, a princípio, parecia um corredor estreito ornado com gemas em forma de diamantes, dispostas em desenhos caprichosos. Precisou de alguns segundos para compreender que estava vendo, através de uma porta estreita, um corredor coberto de pequenos

ladrilhos.

— Por que Pitney teve tanto trabalho e gastou tanto tempo para fazer um desenho tão elaborado aqui embaixo? — perguntou ela. — Sem dúvida, ele deve ser um homem muito estranho.

— Acho que podemos aceitar esse veredicto definitivamente — Artemis desceu o último degrau e deu alguns passos no corredor ladrilhado. — Mas, como a senhora está sempre me lembrando, ele é um Vanza.

Ela olhava cada vez mais atônita para a passagem. A luz do lampião cintilava nos milhares de ladrilhos brilhantes dispostos em desenhos estranhos que perturbavam e enganavam os olhos. Aqui a luz revelava uma série infundável e repetida de pequenos quadrados que pareciam desaparecer no infinito. Filas e filas de linhas paralelas de vários tamanhos subiam pelas paredes, atingiam o teto e desciam pelo outro lado, deixando Madeline atordoada e um pouco tonta.

Ela observou uma parte da parede que apresentava uma estranha coleção de triângulos dentro de triângulos. Parecia não poder focalizar o desenho. Ergueu os olhos e viu uma infundável coleção de círculos que parecia formar um túnel de tamanho suficiente para se entrar nele. O efeito era tão real que ela estendeu a mão para tocar a abertura. Sentiu apenas o ladrilho frio sob as pontas dos dedos.

— São desenhos Vanza — murmurou ela. — Vi em alguns livros antigos.

— Isso mesmo — Artemis examinava um desenho que enganava a vista, dando a impressão de uma grande câmara, mas não passava de uma parede lisa. — Ilustrações de textos antigos sobre a Estratégia da Ilusão. Usei algumas nos quadros dos Pavilhões do Sonho.

Ele foi até o fim do corredor ladrilhado, virou-se para a direita e desapareceu imediatamente. Era como se simplesmente tivesse atravessado a parede. O brilho reconfortante do lampião desapareceu também. Madeline ficou sozinha com a vela.

Uma sensação inquietadora de medo a envolveu como uma mortalha invisível. Sentiu outra rajada de ar frio.

— Artemis.

Ele reapareceu no fim do corredor, trazendo a luz de novo.

— É um labirinto. Ela franziu o nariz.

— Todo feito de ladrilhos formando esses desenhos horríveis?

— Aparentemente.

— Muito estranho.

— Na verdade — Artemis falou lentamente —, é um modo muito inteligente de esconder uma saída secreta. E talvez outras coisas também.

Madeline olhou para ele quando compreendeu a implicação disso.

— Você acha que Pitney pode ter escondido algo importante aqui?

— Alguma coisa extremamente importante para um homem tão excêntrico quanto Eaton Pitney pode não ter nenhum interesse para qualquer outra pessoa — observou Artemis.

— Certo, mas dada a generalizada falta de pistas, talvez seja melhor seguir esta.

— Concordo. Vamos precisar de linha.

— Linha? Oh, sim, é claro. Para marcar nosso caminho no labirinto. Creio que deve ter alguma na cozinha.

Artemis voltou para onde ela estava, na passagem estreita. Quando estava apenas a um passo, Madeline o viu olhar para trás dela, para a escada escura na entrada do labirinto.

— Maldição — ele murmurou.

Artemis apagou o lampião de repente e a vela com um sopro. Imediatamente ficaram num escuro completo.

— Qual o problema? — Instintivamente Madeline falou em voz muito baixa.

— Há alguém na sombra, no meio daquela escada — ele falou também em voz baixa.

— Pitney?

— Não sei. Não pude ver muito bem. Venha.

Segurou o braço dela e a puxou para dentro do labirinto. Madeline percebeu que ele tateava a parede para se orientar. Entrou em pânico. A idéia de estar perdida num labirinto sem luz desencadeou um medo elementar. De repente sentiu dificuldade para respirar. Lembrou que ainda tinham o lampião.

Ouviu uma rajada de ar e depois um baque surdo.

— O que foi isso? — perguntou.

— O miserável fechou a porta no topo da escada — Artemis disse em voz baixa.

Ouviram o som abafado de ferro sobre ferro.

— Ele a trancou também — disse Artemis, aborrecido. — É bem o que mereço por deixar que a senhora me convencesse a explorar este lugar.

— Aposto que é Eaton Pitney lá em cima — a fúria substituiu parte do medo que apertava seu peito. — Provavelmente ele pensa que surpreendeu um par do que chama de Estranhos no seu labirinto.

— Ele surpreendeu um par de estranhos — Artemis acendeu o lampião. — Nós, para ser mais preciso.

— Talvez seja melhor chamá-lo. Explicar que não tínhamos más intenções.

— Duvido que ele possa nos ouvir atrás daquela porta pesada. Mesmo que fosse possível, não creio que poderíamos convencê-lo de que somos inofensivos. Afinal, ele nos apanhou espionando seu maldito porão — Artemis ficou pensativo. — E sempre há a possibilidade de que não tenha sido Pitney quem nos trancou aqui.

Ela ficou imóvel.

— Acha que pode ser o intruso que revistou a casa antes de chegarmos?

— Talvez — Artemis tirou do bolso uma pistola, verificou rapidamente se estava em ordem e depois olhou para o teto com grande interesse.

Estava fascinado pelo reflexo da própria imagem nos ladrilhos do teto, ou rezando, pedindo orientação divina, Madeline pensou. Nem uma coisa nem outra prometia grande avanço no sentido de ajuda imediata, na sua opinião.

— Artemis, hesito em dizer isto, mas não podemos ficar aqui indefinidamente.

— Humm? Não, é claro que não. A cozinheira ficará preocupada se não voltarmos para o jantar, para não falar na sua tia. Provavelmente vou ficar ouvindo reprimendas pelo resto da vida.

— Não é só sua cozinheira e minha tia que ficarão preocupadas — ela olhou em volta, inquieta. — Posso começar a ficar um pouco ansiosa se formos

obrigados a ficar aqui por algum espaço de tempo. Quero lembrar que não temos nenhum dos tónicos de Berenice conosco.

— Precisa lembrar de levar um pouco quando sairmos outra vez para alguma aventura.

Ela olhou para ele, desconfiada de repente.

— Com os diabos, senhor, começo a pensar que está se divertindo.

— Parece-me justo que eu me divirta um pouco com esse caso todo. — Ele continuou a contemplar o teto do corredor. — Afinal, foi a senhora quem disse que invadir a casa de Pitney seria mais do que divertido.

— Isto não é uma brincadeira, senhor. Por quanto tempo acha que um intruso ficaria vigiando a porta?

— Não tenho a mínima idéia — Artemis parou de olhar para o desenho do teto e outra vez olhou para ela com um sorriso divertido. — Nem pretendo descobrir. Venha, vamos sair ou nos atrasaremos para o jantar.

— Como assim? Aonde pensa que vai?

— Isto é um labirinto Vanza.

— Sim, sei disso. E daí?

— Deve haver outra saída — virou o ângulo do corredor e desapareceu.

— Artemis, não se atreva a brincar comigo. — Suspendeu as saias e correu atrás dele. Ela o encontrou na outra passagem ladrilhada. — O que está fazendo?

— Pretendo encontrar a outra saída. O que mais poderia estar fazendo? Madeline olhou furiosa para as costas dele e o seguiu em outra volta

do labirinto. — E exatamente como, pode me dizer, pretende encontrar a segunda entrada do labirinto?

— Seguindo a trilha, é claro.

— *Que trilha?* — Ela tentava não olhar para os desenhos inquietadores e sinistros que a rodeavam — Artemis, se está fazendo um jogo Vanza bizarro, quero que saiba que não acho graça nenhuma.

Ele olhou para trás. Havia mais do que uma sugestão de arrogante satisfação no seu fraco sorriso.

— O caminho através do labirinto foi claramente marcado. É óbvio para qualquer pessoa que pensar em procurá-lo.

Ela olhou em volta rapidamente, mas tudo que viu foi uma série de linhas que parecia se estender para um horizonte distante e para outra falsa abertura na parede.

— Não vejo marca nenhuma.

Ele ergueu a mão, indicando o teto. Ela acompanhou com os olhos o movimento. A princípio, viu apenas um redemoinho de ladrilhos que dificultava a concentração. Então olhou de mais perto e viu o fraco vestígio de resíduo de fumaça na superfície brilhante de alguns dos ladrilhos mais pálidos.

Reconheceu a evidência deixada pelas inúmeras velas e lampiões a óleo que Eaton Pitney devia ter usado para iluminar seu caminho através do labirinto durante anos. O alívio que sentiu foi tão intenso que resolveu que quase era capaz de desculpar Artemis por sua esperteza e seu ar de superioridade.

— Muito astuto da sua parte notar as marcas — disse ela, rispidamente.

— Tome cuidado com seus elogios e adulação, minha cara. Não pode saber o efeito que isto tem em mim. — Virou outro ângulo do corredor e

entraram numa passagem cintilante coberta de desenhos mais impressionantes ainda. — Juro, suas palavras de incentivo fazem girar minha cabeça. Madeline fez uma careta, que ele não viu porque estava de costas para ela, e resolveu mudar de assunto.

— Pobre Sr. Pitney. Ele deve estar literalmente apavorado com seus míticos Estranhos, para agir com tanta precaução. Imagine, nos trancar neste labirinto tolo! Quando sairmos daqui, vou tentar falar com ele.

— De que vai adiantar?

— Ganhei muita experiência com os excêntricos amigos Vanza do meu pai. Tenho certeza de que posso falar com o Sr. Pitney diretamente. Posso discutir com ele.

— Espero que tenha razão, porque tenho algumas perguntas para Pitney também — Artemis parou mais uma vez, olhando para alguma coisa no chão. — Porém, espero que não seja preciso encontrá-lo no reino metafísico para isso.

Ela olhou para as manchas secas, marrons, em alguns ladrilhos amarelados. Sentiu um arrepio na espinha.

— Sangue?

Artemis se abaixou para ver melhor.

— Sim. Recentemente seco. O que aconteceu aqui foi nas últimas horas.

— Levantou-se e olhou para trás, para o caminho por onde tinham vindo. — Não havia manchas no chão até esse ponto. De duas, uma, ou a vítima foi ferida aqui, ou em algum outro lugar do labirinto e conseguiu deter a hemorragia até chegar aqui.

Madeline estava horrorizada.

— Acha que o Sr. Pitney realmente atirou em alguém que ousou entrar no seu labirinto? É difícil acreditar. É excêntrico, sem dúvida, mas nas poucas ocasiões que estivemos com ele, sempre me pareceu um homem velho agradável e inofensivo.

— Ele pode ser agradável, mas certamente não é inofensivo, mesmo com sua idade avançada.

— Não precisa insistir nesse ponto.

— Não sabemos ainda se ele foi a vítima ou o atacante — disse Artemis.

— Espere aqui, enquanto faço uma investigação.

— Mas, Artemis...

Ele não discutiu, mas seu olhar foi tão autoritário que ela ficou sem fala. Era a primeira vez, Madeline pensou, que ele demonstrava esse lado especial da sua natureza. Era extremamente intimidador. Ela piscou os olhos e lembrou que tinha pedido sua ajuda exatamente por causa do seu treinamento. Devia deixar que ele fizesse seu trabalho.

Ela inclinou a cabeça uma vez, para mostrar que compreendia.

Aparentemente satisfeito, Artemis ergueu a pistola à altura da cintura e saiu andando com um passo silencioso e ágil. Virou um ângulo do corredor e desapareceu.

Ela acendeu a vela com dedos trêmulos e escutou intensamente os ecos do silêncio. Respirando lenta e deliberadamente, tentou aquietar sua mente, como fazia quando meditava.

Não sabia quando começou a sentir a leve fragrância no ar. Respirou profundamente e sentiu um cheiro agridoce. *Incenso*. Não sabia o nome das



ervas, mas tinha quase certeza de já ter sentido o odor daquela mistura em outra ocasião.

O cheiro acre ficou mais forte. Da sua reserva de lembranças veio a imagem do dia em que, parada na porta da sala de Berenice, viu a tia macerar ervas Vanzagarianas num almofariz, com um pilão.

*"O que está experimentando desta vez, tia Berenice!"*

Fragmentos da resposta de Berenice passaram pela sua mente.

*... Em pequenas quantidades, dizem que a mistura causa alucinação e visões estranhas, mas em grandes doses induz ao sono, mesmo o mais irrequieto...*

Chocada, ela ficou imóvel por alguns segundos. Então, reunindo toda sua força de vontade, começou a andar.

— Artemis, onde está? Algo terrível está acontecendo.

— Por aqui — a voz de Artemis tinha uma urgência sinistra. — Venha depressa. Siga as manchas de sangue. São bem claras.

Ela correu pelos corredores sinuosos, seguindo as terríveis manchas nos ladrilhos. Virou o último ângulo e se encontrou numa pequena câmara mobiliada como uma pequena biblioteca.

Era um cenário incrível. Viu uma mesa antiga de mogno com papéis e um caderno de notas. Um velho tapete cobria as pedras frias. Duas lâmpadas apagadas pareciam em posição de sentido atrás da cadeira. Três estantes com portas de vidro numa das paredes, com desenhos de inúmeros triângulos, estavam repletas de volumes encadernados em couro.

A sala de trabalho de um cavalheiro no coração de um labirinto. Não tão estranho, ela pensou, quando se considera que o cavalheiro em questão é um Vanza e, portanto, naturalmente inclinado a estranhezas.

Então viu Artemis agachado atrás da mesa. Ela deu a volta na peça maciça e prendeu a respiração quando viu Eaton Pitney.

Ele estava deitado no chão, meio encostado na mesa, com uma pequena pistola no tapete, perto da sua mão flácida e manchada de sangue. Havia feito uma desajeitada mas evidentemente bem-sucedida tentativa de deter a hemorragia do ombro esquerdo, com sua gravata.

— Sr. Pitney — Ela agachou e tocou o pulso dele. Pitney não se moveu nem abriu os olhos, mas estava respirando regularmente. — Graças a Deus, ele ainda está vivo.

— Muito bem, isto responde a duas perguntas importantes — disse Artemis. — Obviamente não foi Pitney quem nos trancou aqui.

Madeline ergueu os olhos do rosto pálido de Pitney.

— Senti o cheiro de incenso há pouco. Acredito que é feito de ervas usadas para criar alucinações e finalmente induzir ao sono. Alguém, deliberadamente, está poluindo o ar nesta câmara.

Ele respirou fundo e balançou a cabeça de leve.

— Não sinto nenhum cheiro diferente.

— Pode estar certo, tenho um nariz excelente, senhor, e senti o cheiro de ervas do sono. Minha tia certa vez fez algumas experiências com elas. Precisamos sair daqui imediatamente.

Os olhos dele encontraram os dela, firmes e atentos.

— Não vou discutir com a senhora.

— Precisa localizar a segunda saída de que falou. Ele olhou para o teto.

— Tem de ser aqui, no coração do labirinto.

— Como sabe?

— A fuligem nos ladrilhos é mais espessa neste ponto e não há sinal de fumaça saindo daqui para qualquer direção. De qualquer modo, faz sentido. Pitney instalou sua via de fuga num local perto da sala de trabalho.

Tirou da bainha, de dentro do casaco, uma faca e foi até a parte mais próxima da parede. Inseriu a ponta da faca na fresta entre dois painéis de ladrilhos. Só a ponta desapareceu. Passou para a outra linha de junção e tentou outra vez. Não conseguiu inserir muito a ponta também.

Impaciente, Madeline o viu tentar todas as linhas entre os painéis, com metódica precisão. Quando ele terminou o exame das paredes, abaixou-se, apoiado no joelho, e começou a experimentar as juntas do assoalho. O cheiro de ervas ficou mais forte.

— Eu devia ter trazido a faca que meu pai me deu — Madeline olhou inquieta para o curativo de Pitney. — Duas facas agilizariam este trabalho. Da próxima vez não vou esquecer.

— Detesto ter de dizer isto, Madeline, mas o fato de a senhora saber como usar uma pistola, uma faca e coisas parecidas é mais prejudicial para sua procura de marido do que sua teimosia.

— Obviamente, se alguma vez eu voltar a procurar marido, tenho de escolher um que tenha a mente aberta para esse assunto.

— Sim, sem dúvida, não é mesmo? Mas se ele tiver a mente aberta, temo que se encaixe na categoria de excêntrico. E a senhora já deixou bem clara sua opinião sobre os excêntricos. — Artemis respirou fundo e franziu a testa. — Tem razão sobre o incenso. Sinto o cheiro agora.

— Amarre sua gravata em volta do rosto — disse ela, urgentemente.

— Vai evitar que respire grande parte dos vapores. — Enquanto falava, amarrou sua leve echarpe de lã sobre o nariz e a boca. Ainda sentia o cheiro acre das ervas, mas agora não tão forte.

Artemis fez uma máscara com a gravata, e continuou a inserir a ponta da faca entre as fendas estreitas. Madeline começava a duvidar da sua teoria de uma segunda saída, mas não disse nada porque não podia pensar em uma idéia melhor.

Ela olhou para um dos desenhos na parede e teve a impressão de que ele se movera levemente. Piscou os olhos, tentando clarear a vista. O desenho se moveu outra vez.

— Artemis, os efeitos alucinatórios das ervas estão começando. Temos pouco tempo.

Dois quadrados a partir da borda do tapete, Artemis experimentou outro espaço entre dois ladrilhos. A faca mergulhou até o cabo.

— Creio que encontramos nossa saída — Artemis guardou a faca na bainha.

Ele encontrou espaço para os dedos, e puxou para cima a ponta da pedra. Madeline ouviu o ranger de dobradiças. Uma parte do assoalho foi levantada, revelando uma passagem escura. O ar úmido saiu da abertura, fazendo voar alguns papéis da mesa.

Artemis olhou para ela.

— Está pronta?

— Estou, mas e o Sr. Pitney? Não podemos deixá-lo aqui.

- Eu carrego o Sr. Pitney. — Levantou-se e pôs o lampião na mão dela.
- A senhora vai na frente.

Ela segurou o lampião e saltou para a passagem debaixo do assoalho do labirinto. Artemis levantou Pitney do tapete manchado de sangue e o pôs sobre o ombro. Seguiu Madeline no túnel escuro de pedra. Parou apenas o tempo suficiente para fechar a abertura no assoalho, sobre sua cabeça.

## TREZE

— O ferimento está limpo — Berenice terminou de aplicar o curativo no ombro magro de Eaton Pitney. — Não vejo sinal de infecção. O senhor teve muita sorte.

— Meus mais profundos agradecimentos, madame. — O rosto de Eaton, como o de um coelho, se enrugou numa careta de dor, mas com um olhar de gratidão para ela, recostou outra vez a cabeça no travesseiro. — Eu tinha algumas ervas curativas na gaveta da minha mesa e as apliquei antes de perder os sentidos.

— Foi sorte ter essas ervas à mão — disse Madeline, de pé nos pés da cama.

— Meu escritório está cheio desse tipo de emergência — disse Pitney —, balas extras para minha pistola, comida, água, essas coisas. Eu sempre soube que algum dia ia precisar me refugiar no meu labirinto. Os Estranhos dariam seu golpe mais cedo ou mais tarde.

O velho homem podia ser completamente doido, Artemis pensou, mas tinha ânimo forte e suficientes recursos para escapar de quem havia atirado nele e o trancado no labirinto.

Olhou para Madeline. Por falar em ânimo forte e amplos recursos, ele pensou, ela não parecia nem um pouco abalada pelo que tinham passado no labirinto. Ele sentiu admiração e orgulho.

Madeline havia tomado banho e estava com um vestido cinza-claro de musselina. Seu cabelo estava outra vez perfeitamente repartido no meio, com ondas graciosas nos dois lados. Pequenos e finos anéis de cabelo se moviam soltos na frente das orelhas. Se não fosse por seu ar preocupado, qualquer pessoa pensaria que não tinha feito nada mais cansativo naquela tarde do que visitar uma velha amiga.

O fato de encarar os eventos do dia com tanta frieza era um sinal evidente do que tinha passado no último ano.

A passagem secreta no assoalho os levara por um túnel de pedra, antigo e embolorado, até um armazém abandonado. Sujos de lama e carregando Pitney, tiveram alguma dificuldade em conseguir uma carruagem de aluguel. Mas, finalmente, chegaram em casa.

Ouvindo as explicações apressadas e incompletas, Berenice se encarregou de Pitney. Sob seus cuidados, ele finalmente acordou e tomou consciência de onde estava. Ele a reconheceu imediatamente.

— Pode nos dizer o que aconteceu? — perguntou Artemis.

— Temo não ser tão ágil quando antigamente — disse Pitney. — O Estranho me apanhou de surpresa. Não teria acontecido nos velhos tempos.

Madeline suspirou de leve. Artemis não a culpava por isso. Interrogar\* Pitney ia ser difícil, pensou. Aparentemente o homem atribuía a culpa de tudo aos seres criados pela sua ilusão.

Madeline olhou para Pitney.

— Conhece a identidade do... bem, do Estranho que atirou no senhor?

— Não. Ele tinha uma gravata amarrada no rosto, assim como uma máscara e um chapéu quase escondendo os olhos.

— Pode nos dizer alguma coisa sobre ele? — insistiu Madeline. — Para

que possamos procurá-lo?

Pitney franziu a testa.

— Movia-se como um homem moço, sem reumatismo ou juntas endurecidas, isto posso dizer. Usava uma bengala com castão de ouro.

Artemis viu Madeline segurar com força a guarnição da cama.

— Uma bengala? — ela repetiu, cautelosamente.

— Isso mesmo. Lembro de ter estranhado isso. Não é o tipo de coisa que um Vanza usaria naquela situação — Pitney fez uma pausa —; por outro lado, ele tinha de se aproximar da casa vindo da rua e, sem dúvida, queria ter um bom disfarce. Uma bengala combinava com o resto dos seus trajes, suponho. Mesmo assim achei estranho.

Madeline trocou um olhar com Artemis. Então se voltou outra vez para Pitney:

— Pode nos dizer alguma coisa mais sobre ele, senhor?

— Creio que não. Não reconheci sua voz, e tenho bom ouvido para vozes. Com eu disse, ele era um Estranho.

Artemis deu um passo para a cama.

— Ele falou com o senhor? O que ele disse, homem?

Pitney arregalou os olhos, alarmado com a urgência da pergunta. Madeline olhou para Artemis com a testa franzida, balançou a cabeça uma vez, muito de leve, e voltou-se outra vez para Eaton com um sorriso suave.

— O Sr. Hunt está ansioso para identificar esse Estranho, senhor. Não podemos imaginar o que ele teria feito a todos nós se conseguisse nos deixar inconscientes com seu incenso. A menor pista pode nos ajudar a encontrá-lo.

Pitney balançou a cabeça assentindo.

— Bem, não lembro das palavras exatas. Alguma coisa sobre levá-lo aos meus segredos. Exigindo a chave da minha escrivaninha ou qualquer bobagem desse gênero. Naturalmente, eu logo tive certeza do que ele procurava.

— O que era? — perguntou Artemis.

— Ora, minhas anotações, é claro — Pitney olhou desconfiado para a porta, como para se certificar de que não havia ninguém no corredor ouvindo a conversa. — Há anos venho trabalhando nelas. Estou muito perto dos segredos e eles sabem disto.

— Segredos? — Artemis olhou para Madeline. — Por acaso está falando do *Livro dos segredos*, dos Vanza? O volume que dizem ter sido roubado dos Jardins dos Templos, no ano passado?

— Não, não, não — Pitney franziu as sobrancelhas, num gesto de extremo desagrado. — O *Livro dos segredos* não passa de uma coleção de antigas receitas para elixires e poções da alquimia. Bobagem. Minhas pesquisas vão ao verdadeiro coração do Vanza. Procuro os grandes segredos científicos que os antigos descobriram, e que estão perdidos há séculos.

Artemis se conteve para não gemer em voz alta. Interrogar o homem era inútil.

Pitney olhou para Madeline.

— Sinto o que aconteceu ao seu casamento, minha querida. Devo admitir que fiquei aliviado quando soube que Deveridge morreu naquele incêndio. Solução excelente para um problema muito infeliz.

Artemis franziu a testa.

— O senhor conhecia Renwick Deveridge?

— Nunca o vi, mas um pouco antes da sua morte comecei a ouvir certos rumores — Pitney balançou a cabeça duas vezes. — Quase não tenho dúvidas de que o homem era um Estranho. São muito bons nos disfarces, vocês sabem.

Artemis usou toda a força de vontade para dominar a impaciência.

— O que foi que ouviu? Pitney olhou para Madeline.

— Um pouco antes de o seu pai morrer, ele mandou avisar alguns dos seus velhos conhecidos que se Deveridge começasse a fazer perguntas sobre os antigos textos Vanza, não devíamos nos deixar levar pelo seu charme. Ele soube imediatamente que tinha casado a filha com um Estranho. Artemis hesitou, e então resolveu atacar.

— Linslade acredita que o fantasma de Deveridge o tenha visitado na sua biblioteca certa noite.

Pitney bufou com desprezo.

— Linslade está sempre falando de fantasmas. O homem é doido, todo mundo sabe disto.

Artemis imaginou se era mais fácil reconhecer a loucura nos outros quando se é também um candidato ao hospício.

— O senhor acha possível que Deveridge tenha sobrevivido ao incêndio e tenha voltado a servir os Estranhos na procura dos antigos segredos Vanza?

Pitney bufou outra vez.

— Duvido. Madeline é bem filha do seu pai. A dama não é tola.

— Como assim? — perguntou Artemis. Pitney sorriu benevolmente para Madeline.

— Digamos que estou certo de que ela teria a sensatez de se certificar da morte de Deveridge, antes de o fogo consumir a casa. Não tenho razão, minha querida?

Uma expressão de choque e desalento apareceu nos olhos de Madeline.

— Na verdade, o senhor me surpreende. Eu jamais poderia pensar que o senhor deu ouvidos aos terríveis rumores de que eu matei meu marido.

Berenice deixou escapar um som brusco de desaprovação.

— Pelo amor de Deus, Pitney, como pôde acreditar nessa conversa tola?

— De fato, não passa de escândalo da pior qualidade — Pitney piscou um olho para Artemis. — Nunca dou atenção a esse tipo de coisa. E o senhor?

Artemis percebeu que Madeline o observava ansiosa. Pensou nos rumores infundáveis e fragmentos de informação que haviam chegado à sua mesa naquela manhã, graças aos Olhos e Ouvidos de Zachary.

— Acho esses rumores comuns extremamente aborrecidos — disse ele. Foi recompensado com um olhar de alívio de Madeline.

Ele acabava de dizer a verdade, garantiu a si mesmo, mentalmente. Só os rumores *incomuns* o interessavam.

Henry Leggett fechou o livro de notas e se preparou para sair. — Parece que vocês dois tiveram uma aventura e tanto.

— Certamente esse é um modo de descrever o que aconteceu — comentou Artemis.

— Eaton Pitney é um homem de sorte. Podia ter morrido, mesmo depois de escapar do intruso.

— Pitney é resistente.

— Verdade. Mesmo assim, foi por pouco. E se não fosse por ela... —

Henry fez uma pausa. — Bem, não há dúvida de que é uma bela mulher.

Artemis serviu-se de outra xícara de café e foi até a janela. Olhou para o jardim e evocou a imagem de Madeline. Foi uma tarefa fácil.

— Sim — ele disse. — Muito bela.

— E com a mente realmente impressionante.

— Sem dúvida.

— Uma mulher de vontade forte, também. Na verdade, acho sua conversa bastante estimulante.

— Sim, ela pode ser muito... estimulante.

— Tive uma longa conversa com ela hoje. Devo dizer que um homem não encontra com frequência esse tipo de mulher.

— Tem razão.

Henry deu uns passos para a porta.

— Vou agora. Sinto ainda não ter conseguido nenhuma outra informação sobre Renwick Deveridge, mas continuarei a investigar. Acho que esta tarde vou visitar algumas lojas que fabricam bengalas fora do comum. Talvez descubra alguma coisa sobre essa bengala com castão de ouro do seu vilão.

— Muito obrigado, Henry. Se descobrir alguma coisa, me avise imediatamente.

— Sim, é claro — Henry abriu a porta. Artemis se virou para ele.

— Henry?

— Sim?

— Gostei de saber que começa a ver a Sra. Deveridge sob uma luz mais positiva. Sei que você tinha dúvidas, por causa dos infelizes rumores.

Henry olhou para ele inexpressivamente por alguns segundos. Então seu olhar clareou.

— Eu não estava falando da Sra. Deveridge. Estava me referindo à sua tia, a Sita. Reed.

Ele saiu e fechou a porta.

Artemis continuava a trabalhar, sentado à sua mesa uma hora depois, quando Berenice entrou na biblioteca. Ele notou o seu olhar decidido e se levantou gentilmente para cumprimentá-la.

— Posso fazer alguma coisa pela senhora, madame?

— Pode. Quero falar sobre um assunto delicado. Artemis conteve um gemido.

— Por favor, sente-se.

Ela sentou no outro lado da mesa e olhou para ele com expressão decidida.

— Tenho certeza de que sabe do que se trata, senhor. Instintivamente, ele procurou um modo de evitar uma conversa que

tudo fazia parecer desagradável. Olhou para a porta.

— Onde está Madeline?

— Lá em cima com o Sr. Pitney. Acho que ela quer a opinião dele sobre um pequeno livro enviado a ela recentemente por um dos velhos colegas de Winton, na Espanha.

Lá se ia a esperança de fugir ao assunto.

— Compreendo — Artemis sentou-se. — Por falar em Pitney, devo dizer que estou muito impressionado com seu conhecimento da medicina, Srta. Reed. Madeline tem razão, a senhorita é muito boa com ervas.

— Obrigada. Há alguns anos Winton trouxe alguns volumes de notas sobre ervas e plantas nativas da ilha de Vanzagara. Devotei muito tempo estudando o assunto. Mas não é sobre isto que quero falar hoje.

— Exatamente o que eu temia. — Apanhou distraidamente o selo do relógio de bolso que estava sobre a mesa. — É sobre Madeline, não é?

— Sim.

Ele examinou a gravação no selo por alguns segundos. Então, ergueu os olhos.

— Está preocupada com minhas intenções. Berenice ergueu as sobrancelhas.

— O senhor vai direto ao assunto.

— Passei muito tempo pensando nisso.

Com um brilho raivoso nos olhos azuis, ela disse:

— Tenho certeza de que pensou. Afinal, quando um cavalheiro seduz uma dama...

Ele interrompeu.

— Ela disse que eu a seduzi?

Berenice descartou a pergunta com um movimento brusco da mão.

— Não foi preciso. Eu sabia que algo havia acontecido, assim que vi os dois juntos esta manhã, no café. Sei perfeitamente que alguns cavalheiros consideram as viúvas presa fácil, mas confesso, senhor, jamais me ocorreu que usaria minha sobrinha desse modo. Deve saber que, apesar da sua condição, ela tem pouca experiência com homens.

— Eu sei disso — disse ele através dos dentes cerrados. Berenice olhou para ele como quem sabia das coisas.

— Sem dúvida.

— Espere um pouco, madame. — Artemis jogou o selo para o lado e endireitou o corpo na cadeira. Cruzou as mãos sobre a mesa. — Não sou eu quem a senhora deve pressionar tanto. É sua sobrinha, que recusa encarar com seriedade uma situação real. Tentei conversar com ela a esse respeito, esta tarde mesmo, mas ela não quis nem ouvir.

— Se suas intenções são honrosas, senhor, é seu dever tomar a iniciativa.

— *Minhas* intenções? — Exasperado, Artemis olhou para ela. — É ela quem afirma que *nada mudou* por causa do que aconteceu entre nós. Faz questão de afirmar isto.

— Bobagem, tudo mudou. Vocês dois estão envolvidos num caso de amor.

— Ela insiste em dizer que isso não altera nada. Sente que ainda é a Perversa Viúva aos olhos do mundo, hoje, exatamente como era ontem.

— Sim, sim, ela já me disse essa bobagem, mas é ridículo. Na minha família não nos preocupamos com a opinião do mundo. Damos atenção aos fatos — Berenice olhou altivamente para ele. — E, neste caso, o fato evidente é que ontem minha sobrinha era uma jovem inocente. Hoje, ela não é tão inocente, e isto é culpa sua.

— Sugiro que diga isso a ela, Srta. Reed. Certamente não dará ouvidos a mim. Na verdade, começa a parecer que ela está me usando para seus próprios fins.

Berenice arregalou os olhos.



— Usando o senhor?

— Exatamente. Para encontrar aquele maldito fantasma que a assombra. Ela me trata como um empregado, não como um amante.

— Ah, sei o que quer dizer — Berenice franziu os lábios. — Sim, há a questão do fantasma de Renwick, não é mesmo?

Ele esperou um momento, mas Berenice não tentou dissuadi-lo das suas conclusões. Artemis se levantou e foi até a janela.

— Não acho que ela venha a reconhecer qualquer sentimento terno para comigo.

— O senhor fez alguma pergunta a respeito?

— Não havia necessidade de uma pergunta direta — disse ele, em voz baixa. — Sua sobrinha deixou bem claro que desconfia profundamente de qualquer cavalheiro ligado à Vanza. Não posso, de modo algum, negar que sou um Vanza.

Depois de um silêncio curto e tenso, ele se voltou e olhou para Berenice. Com surpresa, viu que ela o estudava com ar pensativo. Ela começou a bater com o dedo no braço da poltrona.

Ele rilhou os dentes silenciosamente.

— Creio que não compreendeu bem a situação, senhor — disse Berenice, finalmente.

— E mesmo? E que diabo exatamente eu não compreendo, madame?

— Não são os cavalheiros Vanza que preocupam Madeline.

— Pelo contrário, ela não perde oportunidade de falar sobre as deficiências dos que são ligados a essa filosofia. No que lhe diz respeito, os homens da Sociedade Vanzagariana, na melhor das hipóteses, são doidos excêntricos, como Linslade e Pitney, e, na pior das hipóteses, perigosos vilões.

— Ouça o que eu digo, senhor. Madeline culpa a si mesma por ter se deixado levar completamente por Renwick Deveridge. Ela acha que se não tivesse cedido à sua sedução, e casado com ele, sua pai estaria vivo hoje.

Artemis ficou calado.

— Não é nos homens Vanza que ela não pode confiar — Berenice fez uma pausa. — É na própria intuição e na sua sensibilidade feminina.

## CATORZE

Oswynn saiu com passo incerto do inferninho enfumaçado, com seu novo companheiro. Tentou focalizar a carruagem de aluguel que esperava na rua. Por algum motivo, foi difícil enxergar o veículo, embora ouvisse as batidas das patas dos cavalos e o tilintar dos arreios. Concentrou-se, mas os contornos da carruagem pareciam se mover levemente. Tinha bebido bastante naquela noite, porém não mais que o de costume. De qualquer modo, nunca tivera esse problema peculiar com a visão, nem mesmo quando estava completamente embriagado, e tinha muita experiência disto. Talvez a névoa leve da noite estivesse obscurecendo a cena.

Balançou a cabeça para clarear a visão e bateu no ombro do novo companheiro. O homem de cabelos dourados se dizia poeta. Sem dúvida, tinha a graça física lânguida e o belo rosto de um poeta.

O poeta era também um homem elegante. O nó da sua gravata era complicado e incomum. O casaco escuro tinha um corte elegante. Sua bengala era também diferente. O castão de ouro tinha a forma da cabeça de um pássaro muito feroz.

O poeta demonstrava um tédio de quem está cansado do mundo e sente um desprezo jocoso por todos. Não era do tipo que desperdiçava tempo com as pessoas que o aborreciam. O fato de o homem de cabelos dourados ter se interessado por ele, Oswynn pensou, significava que o poeta o considerava um membro da elite do mundo, um homem que saboreava somente os prazeres mais exóticos.

— Tive todo o vinho e todos os jogos de carta por esta noite — Oswynn anunciou. — Acho que vou a um certo estabelecimento em Rose Lane. Quer me acompanhar? — Piscou maliciosamente. — Dizem que a velha que dirige aquela casa vai leiloar hoje alguma mercadoria nova, chegada do campo.

O poeta olhou para ele com ar de indizível tédio.

— Um bando de ordenhadoras com cara de soro e leite, suponho. Oswynn deu de ombros.

— E um ou dois ordenhadores, sem dúvida. — Ele riu maliciosamente com o próprio jogo de palavras. — A Srta. Bird se orgulha de satisfazer os gostos mais variados.

O poeta parou na calçada. Uma sobrancelha dourada se ergueu divertida.

— Surpreende-me que um homem com a sua experiência se satisfaça tão facilmente com ofertas desse tipo. Que graça tem dormir com a filha abobada de um fazendeiro, deixada quase inconsciente com uma dose de láudano?

-Bem...

— E quanto aos garotos, sei que a Srta. Bird vai buscá-los nos bairros de prostituição, onde aprenderam muito bem a roubar sua carteira enquanto você se recobra do exercício.

A atitude condescendente do companheiro era desagradável, mas Oswynn compreendeu que o poeta era um cavalheiro de sensibilidades infinitamente refinadas. Todos sabiam que esse tipo de pessoa se dava ao luxo dos mais refinados excessos. Algo a ver com ser um escritor, ele supunha. Os

rumores sobre as escapadas de Byron nos bairros das prostitutas eram lendários.

Oswynn se surpreendeu lutando para defender o próprio entusiasmo.

— O caso é que prefiro as jovens, e a Srta. Bird geralmente tem os petiscos mais tenros.

— Pessoalmente, prefiro meus petiscos acordados e experientes. Oswynn piscou os olhos outra vez, tentando clarear sua vista.

— Experientes?

O poeta desceu os degraus da frente do clube.

— Pode estar certo, há uma diferença incrível entre uma jovem adequadamente instruída nas artes eróticas e sua ordenhadora típica, que chegou na cidade na parte de trás de uma carroça de vegetais.

Oswynn viu seu companheiro louro caminhar para a carruagem que o esperava.

— Instruída, você diz?

— Sem dúvida. Geralmente escolho uma bem treinada no método chinês. Mas, ocasionalmente, quando estou disposto a uma variação, escolho uma jovem que aprendeu as técnicas egípcias.

Oswynn desceu os degraus apressadamente.

— As mulheres que mencionou, são todas bem jovens?

— É claro! — O poeta abriu a porta da carruagem e, sorrindo, o convidou a entrar. — Por um preço, pode-se comprar uma garota cheia de vida que sabe entreter, não somente versada nas mais exóticas artes, como também, certamente, virgem. Na minha opinião de conhecedor, não há nada como uma inocente bem escolada.

Profundamente intrigado agora, Oswynn pôs a mão na porta da carruagem.

— Eles treinam *virgens* nessas práticas estrangeiras?

Os olhos do poeta brilhavam na luz cor de âmbar das lâmpadas do veículo.

— Não me diga que nunca experimentou as delícias do Templo de Eros?

— Não posso dizer que já experimentei.

— É bem-vindo a vir comigo esta noite. — O poeta subiu na carruagem e sentou no banco azul-escuro. — Terei prazer em apresentá-lo à proprietária. Ela aceita clientes novos somente com recomendação dos que já freqüentam seu estabelecimento.

— Muita bondade sua, senhor — Oswynn subiu desajeitadamente na carruagem e se sentou rápido demais. Por alguns segundos, o interior da carruagem girou lentamente em volta dele.

O poeta o observava, sentado de frente para ele.

— Está se sentindo mal, homem?

— Não, não — Oswynn passou a mão na testa. — Devo ter bebido um pouco mais que de costume. Só preciso de ar fresco e ficarei bom como novo.

— Excelente. Eu não ia querer que perdesse o entretenimento especial que pretendo lhe mostrar esta noite. Poucos homens sabem apreciar o exótico e o raro.

— Eu sempre tive gosto por essas coisas.

— É mesmo? — A voz do poeta era de dúvida.

Oswynn recostou a cabeça na almofada e fechou os olhos para não ver a

carruagem girando em volta dele. Tentou pensar em alguma escapada do passado que pudesse impressionar o poeta, mas era difícil se concentrar. Embora a noite ainda estivesse começando, sentia-se muito cansado sem saber por quê.

— Alguns anos atrás, alguns sócios e eu fundamos um clube dedicado a experiências do prazer mais exótico.

— Ouvi falar desse clube. Além do senhor, os membros incluíam Glenthorpe e Flood, não é mesmo? Chamavam-se de Os Três Cavaleiros, se não me engano.

Um murmúrio ameaçador acordou Oswynn brevemente. Ele conseguiu manter os olhos abertos.

— Como foi que ouviu falar nos Três Cavaleiros? — ouviu a própria voz alongar o s na última palavra.

— Ouvem-se aqui e ali pedacinhos de rumores — o poeta sorriu. — Por que desfizeram o clube?

Oswynn sentiu outra pontada de mal-estar. Já se arrependia de ter mencionado o maldito clube. Depois dos eventos daquela noite, há cinco anos, todos juraram solenemente nunca mais falar no clube. A morte da atriz os assustou demais.

Ele pensava ter se livrado da lembrança da mulher jurando que seu amante algum dia voltaria para destruí-los. Era verdade que, durante um ano depois do incidente, ele sofrera repentinos ataques de medo no meio da noite, que o deixavam encharcado de suor. Mas depois de algum tempo, seus nervos se aquietaram.

Garantiu a si mesmo que estava a salvo. Mas, três meses atrás, recebeu uma carta com um selo dourado muito seu conhecido. Os ataques noturnos de medo voltaram. Durante semanas vivia olhando por sobre os ombros.

Mas nada aconteceu, e ele chegou à conclusão de que o selo dentro do envelope era uma brincadeira bizarra perpetrada por Flood ou Glenthorpe. Era um desafio ao bom senso acreditar que o amante misterioso viria se vingar. Ela era uma *atriz*, afinal, uma criatura de baixa ordem, sem família. O amante, se é que existia, sem dúvida era um pobre coitado que provavelmente há muito havia esquecido o nome dela. Nenhum cavalheiro ia gastar um pensamento com uma tola mulher de vida fácil que teve um fim infeliz.

— O Clube dos Três Cavaleiros perdeu a graça — Oswynn tentou fazer um gesto casual com a mão, descartando o clube, mas aparentemente não podia mover os dedos como queria. — Fui à procura de coisas mais interessantes. Sabe como são essas coisas.

— E claro que sei — o poeta sorriu. — E a maldição daqueles entre nós que possuem a sensibilidade exigida para saborear o raro e o exótico. Devemos procurar sempre novos estímulos.

— Shim... Quero dizer, sim — Oswynn notou que cada vez era mais difícil ordenar seus pensamentos. O balanço da carruagem parecia ter um efeito hipnótico. Tudo que ele queria era dormir. Olhou para o poeta com os olhos semicerrados. — Onde o senhor disse... disse, que estamos indo?

O poeta aparentemente achou a pergunta extremamente engraçada.

Seu riso ecoou na noite. A luz da lâmpada da carruagem transformava seus cabelos em ouro.

— Ora, para outro inferno, é claro — respondeu.

A platéia toda prendeu a respiração quando o homem alto, magro, de cabelos cor de prata, no palco, se dirigiu à jovem sentada na cadeira.

— Quando vai acordar, Lucinda? — perguntou com voz estranhamente sem expressão.

De pé, no fundo da sala, com um ombro encostado na parede, Zachary se inclinou para Beth e murmurou no ouvido dela:

— Esta é a melhor parte. Veja só o que vai acontecer.

Beth estava fascinada pela apresentação no palco, mas olhou para Zachary com um sorriso tímido.

No palco, o mesmerista se moveu num gesto circular na frente do rosto de Lucinda.

— Vai lembrar que citou um trecho de *Hamlet* quando estava em transe?

- Não.

O mesmerista apanhou um pequeno sino e tocou-o levemente. Lucinda sobressaltou-se e abriu os olhos. Olhou em volta, intrigada.

— O que estou fazendo neste palco? — ela perguntou. Parecia genuinamente surpresa por estar de frente para a platéia em vez de sentada no meio dela, como há poucos momentos.

Com exclamações abafadas, o público aplaudiu.

Lucinda corou e olhou interrogativamente para o mesmerista.

Com um sorriso tranquilizador, ele disse:

— Diga-nos, Lucinda, você lê muito Shakespeare?

— Não, senhor, não agora que não estou mais na escola. Prefiro a poesia de Lorde Byron.

O público riu apreciativamente. Uma mulher como ele gostava, Zachary pensou. Ele estava no meio do livro *O corsário*, presente do Sr. Hunt. Era exatamente o tipo de coisa de que ele gostava, repleto de ação e de aventuras ousadas.

— Você alguma vez decorou algum trecho do *Hamlet*, Lucinda? — o mesmerista perguntou.

— Minha governanta me fez decorar algumas passagens, mas isto foi há muito tempo. Não lembro de nenhuma delas.

Murmúrios e exclamações soaram na platéia.

— Isso é muito interessante, porque você acaba de nos brindar com uma passagem da primeira cena do segundo ato dessa peça — disse o mesmerista.

Lucinda arregalou os olhos.

— Não diga! É impossível! Não me lembro de uma palavra, eu juro. A platéia vibrou, aplaudindo com exclamações de espanto. O mesmerista fez uma profunda reverência para o público.

— Foi incrível — murmurou Beth para Zachary. Ele sorriu, satisfeito com a reação dela.

— Se você gostou disso, tenho algo muito mais incrível para mostrar. — Segurou o braço dela e a levou para fora do Pavilhão de Prata.

A noite estava fria e era tarde. A multidão que enchera os jardins a noite toda começava a caminhar para os portões. Era quase hora de fechar.

— Acho que você deve me acompanhar até em casa — disse Beth. — Foi uma noite maravilhosa.

— Gostaria de ver a Casa Mal-assombrada antes?

Beth olhou para ele por debaixo da aba do seu chapeuzinho elegante.

— Pensei que você tinha dito que essa atração não está aberta ao público. Zachary riu.

— Tenho conhecidos aqui. Posso arranjar para entrarmos — fez uma pausa. — Mas quero avisar que poderá ver algumas coisas estranhas e terríveis.

Beth arregalou os olhos.

— A casa é mesmo mal-assombrada?

— Não precisa ter medo — garantiu ele. — Tomarei conta de você.

Ela deu uma risadinha nervosa. Zachary apertou um pouco o braço dela. Gostava quando ela ria assim. O chapeuzinho atrevido era uma bela moldura para os olhos azuis, ele pensou. Beth parecia ter sempre os mais lindos chapéus e capas. Uma das vantagens de trabalhar numa loja de chapéus, sem dúvida.

Zachary sabia que ela gostava dele. Esta era a terceira vez que a convidava para uma noite nos Pavilhões do Sonho e ela aceitara prontamente. Um dos benefícios do seu emprego era que podia levar os amigos aos jardins, sem pagar nada.

Sentia-se otimista nesta noite. Com um pouco de sorte e algum cuidadoso planejamento, esperava roubar um beijo de Beth. Seu plano dependia da eficiência do fantasma arranjado por ele, naquela tarde, na Casa Mal-assombrada. Se tudo corresse bem, Beth ia gritar e se atirar nos seus braços.

— Eu gostei muito da demonstração de mesmerismo — disse Beth enquanto ele abria o portão que dava acesso à parte fechada dos jardins. — Você se ofereceria para ser posto em transe?

— Nenhum mesmerista pode me pôr em transe — Zachary soltou o braço dela por um momento para fechar o portão e acender um lampião. — Minha mente é forte demais.

— Forte demais? É mesmo?

— Sim — ergueu o lampião para iluminar o caminho escuro. — Estou estudando uma filosofia secreta que dá à mente grandes poderes de concentração.

— Uma filosofia secreta. É formidável. Ele gostou da resposta.

— Há exercícios físicos também. Estou aprendendo todo tipo de truques para proteger a mim e a você dos ladrões e vilões.

— Isso tudo é muito interessante, e tenho certeza de que você tem a mente forte demais para ser posto em transe. Mesmo assim, tem de admitir que a demonstração desta noite foi fantástica. Imagine recitar um trecho inteiro de uma peça e não lembrar que fez isto depois.

— Foi incrível — ele concordou. Na sua opinião, o mesmerista provavelmente pagou a Lucinda um bom dinheiro para que ela decorasse a passagem de *Hamlet*. Mas não era ele quem ia questionar a autenticidade do transe. Ninguém mais do que ele admirava um truque inteligente, e sabia que o Sr. Hunt ficara muito satisfeito com a multidão que acorria aos jardins para ver as demonstrações de mesmerismo.

Dobram um canto do prédio e pararam. Ele ergueu o lampião para mostrar o efeito total da Casa mal-assombrada pairando no meio da neblina. Ela arregalou os olhos, encantada e com medo.

— Minha nossa, é um lugar apavorante! Parece um castelo do novo livro

da Sra. York.

— *A ruína.*

— Esse mesmo. É uma história maravilhosa. Você já a leu?

— Prefiro Byron.

Subiram os degraus e pararam para ele abrir a porta pesada. As dobradiças gemeram sinistramente, como deviam. A abertura se alargava aos poucos, mostrando o interior com impressionante lentidão.

Beth hesitou no limiar da porta, espiando a escuridão.

— Tem certeza de que é seguro entrar?

— Não precisa se preocupar — com o lampião, lançou um facho de luz na sala. — Estou com você.

— Ainda bem — Beth entrou cuidadosamente na sala.

Zachary se preparou para os gritos dela. Estaria bem atrás, pronto para apanhá-la nos braços quando ela visse o fantasma.

Beth parou. Abriu a boca, chocada. Mas não soltou nenhum gritinho delicado, berrou como se a estivessem matando. O grito de terror reverberou por toda a casa. Zachary pôs o lampião no chão e tampou os ouvidos.

— Que diabo é isso? — Fez uma careta. — Não é um fantasma de verdade. Mas ela não ouvia. Virou-se rapidamente. À luz fraca, ele viu o medo intenso nos olhos dela. Beth não se atirou nos seus braços como ele tinha imaginado. Ela o empurrou com força e correu para a porta. Zachary tentou detê-la, segurando seu braço.

— Beth, espere! É só um velho lençol.

— *Saia da minha frente!*

— Não pode lhe fazer mal nenhum — ele tentou segurá-la, mas Beth lutou para se livrar dele.

— É horrível! Como pode fazer isso? Tire-me daqui! — Ela continuou a lutar desesperadamente. — *Deixe-me sair!*

Sem saber o que fazer, Zachary a soltou.

— Beth, pelo amor de Deus, não precisa ficar deste jeito. Juro, na verdade é só um lençol.

Mas Beth já estava fora da casa, descendo os degraus. Ela desapareceu numa curva do caminho escuro que levava à parte principal do Pavilhão do Sonho.

Lá se ia seu grande plano, Zachary pensou tristemente. Imaginou se valia a pena consultar o Sr. Hunt sobre mulheres. Obviamente precisava de conselho, e nos últimos três anos aprendera a respeitar a opinião do Sr. Hunt em diversos assuntos.

Virou para trás, para ver por que seu fantasma não surtira o efeito esperado. Foi quando ele viu o que Beth tinha visto um pouco antes.

O fantasma que ele havia pendurado nas vigas do teto balançava sinistramente, tocado pela brisa que entrava da porta. Mas não eram os olhos vazios cortados no velho lençol que olhavam para ele da alcova da escadaria de pedra. O sangue era um toque muito especial. Mas certamente ele não tinha pensado em encharcar seu fantasma de mentira com ele.

## QUINZE

*O brilho das chamas no corredor dos fundos era intenso agora. Estalos e uma crepitação horrível acompanhavam a proximidade do fogo, os sons de um animal grande banquetando-se com a caça recente. Ela quase não tinha mais tempo. Apanhou a chave ensangüentada e começou a lutar para inseri-la na fechadura do quarto de dormir.*

*Notou o brilho do ouro. Olhou e viu a bengala de Renwick no tapete, ao lado do corpo dele. Com esforço, procurou se concentrar em inserir na fechadura a chave escorregadia, coberta de sangue.*

*Para seu horror, a chave escapou dos seus dedos trêmulos. Pensou ter ouvido Renwick rir zombeteiramente; quando se abaixou para pegá-la, olhou para ele. Renwick continuava morto. Pegou a chave e outra vez tentou inseri-la na fechadura.*

*A chave caiu pela segunda vez. Ela olhou para baixo, com uma intensa sensação de terror e frustração. Tinha de abrir a porta trancada.*

*Com o canto dos olhos, viu a mão de Renwick se mover. Apavorada, viu os dedos dele apanhando a chave...*

Como sempre acontecia, Madeline acordou logo depois do sonho, bruscamente e suando frio. A conhecida sensação de desorientação tomou conta dela. Empurrou as cobertas, acendeu uma vela e olhou para o relógio. Era uma hora e um quarto da manhã. Pela segunda vez, desde que se mudara para a casa de Artemis, conseguira dormir duas horas inteiras, antes de o sonho explodir em sua mente. Pelo menos estava pondo em dia o descanso de que tanto precisava.

Mas se conhecia muito bem para saber que não adiantava tentar voltar a dormir. Provavelmente ficaria acordada até o nascer do dia. Viu o pequeno livro na escrivaninha, quando estendeu o braço para o robe. Sentiu uma

onda de frustração. Mostrara o livro para Eaton Pitney por desencargo de consciência. Ele o examinou com grande interesse, mas disse que não sabia o que dizer.

Porém, a tranqüilizou sobre uma questão que começava a perturbá-la.

— Sei que vai achar graça na minha idéia, senhor — ela disse —, mas o senhor é especialista nos aspectos eruditos Vanza, por isso quero sua opinião. É possível que este pequeno livro seja o *Livro dos segredos*? O livro que, segundo dizem, foi roubado e destruído num incêndio há vários meses?

— De modo algum — respondeu ele com absoluta convicção. — O *Livro dos segredos*, se é que existiu, segundo dizem foi todo escrito na linguagem antiga de Vanzagara, não numa mistura de grego e hieróglifos egípcios como este. E dizem também que era um livro grande, não pequeno.

Madeline ficou aliviada com o veredicto de Pitney, mas, por alguma razão, não estava completamente satisfeita.

Calçou os chinelos, apanhou a vela e virou resolutamente para a porta. Se ia ficar acordada, podia muito bem comer alguma coisa na cozinha. Um pedaço de queijo ou alguns pãezinhos podiam ajudar a apagar as imagens ainda vivas do sonho.

Seus dedos roçaram na chave quando girou a maçaneta. Ela hesitou ao toque do ferro frio, vendo outra vez o chão cheio de sangue do sonho.



Afastou a visão, respirou fundo e saiu rapidamente para o corredor, desceu a escada, com um ou dois rangidos dos degraus, e seguiu para a cozinha escura. Pondo a vela sobre uma mesa, começou a procurar algo para comer.

Sentiu uma presença na porta, atrás dela, quando encontrou o que restava de uma torta de maçã. Assustada, deixou cair o prato da torta na mesa, e virou para a porta.

Artemis estava na sombra, com as mãos nos bolsos de um robe de seda negra, o cabelo escuro interessantemente despenteado.

— Há o bastante para dois? — perguntou.

Era evidente que acabava de se levantar da cama. O brilho preguiçoso e quente nos seus olhos dizia que ele estava fazendo a mesma observação a seu respeito. Lembranças do interlúdio apaixonado na biblioteca a envolveram. Esse homem a conhecia como nenhum outro jamais conhecera. A intimidade sensual do momento ameaçava imobilizá-la.

Ela tossiu discretamente.

— Sim, é claro — teve de juntar uma enorme força de vontade para pegar a faca.

— Não conseguiu dormir por causa da sua aventura no labirinto de Pitney? — perguntou ele casualmente, sentando-se à mesa.

— Não. Fui acordada por um sonho que tenho freqüentemente desde que... — parou de falar. — Um sonho que tenho freqüentemente.

Ele a observou com atenção enquanto ela cortava duas fatias de torta e punha nos pratos.

— Sua tia achou necessário me encurralar na biblioteca esta tarde.

— Meu Deus — disse ela zangada, sentando no outro lado da mesa e dando a ele o garfo e a faca. — Por que ela ia fazer uma coisa dessas?

Artemis enfiou o garfo num grande pedaço da torta de maçã.

— Ela deixou bem claro que sabe que eu violei sua inocência. Madeline respirou fundo e imediatamente engasgou com um pedaço de torta que acabava de levar à boca.

— Violou minha inocência? — perguntou, prendendo a respiração.

— Isso mesmo. Eu disse a ela que você achava que nada mudou com isso. Descrevi sua lógica a respeito da sua situação de Perversa Viúva, etecétera, etecétera. Mas ela não pareceu disposta a aceitar esse raciocínio.

— Meu Deus — Madeline tossiu outra vez, respirou fundo, e então olhou para Artemis, incapaz de pensar em algo inteligente para dizer. — Meu Deus.

— Naturalmente ela se preocupa com o fato de que tirei vantagem da senhora.

— O senhor não fez nada disso — ela enfiou o garfo na torta. — Não é como se eu fosse uma menina há pouco saída da escola. Aos olhos do mundo, nada...

Ele a interrompeu erguendo a mão aberta com as palmas para fora.

— Eu agradeceria se não dissesse isso. Já ouvi essas palavras muitas vezes hoje.

— Mas é a pura verdade, como nós dois sabemos muito bem. *Nada havia mudado.*

Com um brilho enigmático nos olhos, ele disse:

— Pode falar por si mesma. Mas não pense que está falando por mim.

Madeline olhou zangada para ele.

— Está fazendo pouco de mim, senhor.

— Não, Madeline, não estou fazendo pouco — comeu outro pedaço de torta. — As coisas mudaram para mim.

— Deus do céu — arregalou os olhos. — Está falando em sentir-se extremamente culpado, não é mesmo? Sente que é obrigado pela honra a reparar o que fez, por ter descoberto que eu era virgem. Garanto, senhor, não precisa se preocupar com isto.

— Não compete à senhora ditar os pontos da minha honra.

— Com os diabos, senhor, se está pensando em fazer alguma coisa tão estranha, como me pedir em casamento, simplesmente por causa daquele... daquele *incidente* no sofá, pode esquecer — horrorizada, ouviu a própria voz se erguer estridentemente como a de uma vendedora no mercado de peixes, mas não podia evitar. — Fui casada uma vez porque um homem pensou em me usar para seus próprios fins. Certamente não vou me casar uma segunda vez pela mesma razão.

Lentamente, ele pôs o garfo no prato. Outra vez olhou com ar enigmático para ela.

— Pensa que o casamento comigo será exatamente igual à sua primeira experiência? Que um marido Vanza é idêntico a outro? É nisto que acredita?

Ela daria qualquer coisa para simplesmente desaparecer. Corou furiosamente quando percebeu que ele havia interpretado mal suas palavras.

— Bom Deus, não, é claro que não. Não há nenhuma semelhança entre o senhor e Renwick Deveridge. Não foi o que eu quis dizer, e acho que o senhor sabe disso muito bem.

— Então, o que, exatamente, quis dizer, madame?

Ela segurou com força o garfo e atacou a torta outra vez.

— Eu quis dizer que não pretendo me casar só para o senhor satisfazer um ridículo ponto de honra.

— Não considera a honra uma razão adequada para o casamento?

— Em certas circunstâncias, é sem dúvida razão suficiente — ela disse bruscamente. — Mas não no nosso caso. Com o risco de me repetir, nada...

— Se disser outra vez, não me responsabilizo pelas minhas ações. Ela olhou furiosa para ele.

O olhar dele se abrandou.

— Talvez seja melhor mudar de assunto. Fale sobre seu sonho, o que a acordou esta noite.

Madeline sentiu um arrepio. A última coisa que queria era falar sobre o pesadelo recorrente. Por outro lado, era uma alternativa para o tópico mais perigoso do casamento.

— Tentei uma ou duas vezes descrever o sonho para Berenice, mas descobri que falar sobre ele, de certo modo, o torna mais vivido — disse ela lentamente.

— Há quanto tempo tem esses sonhos?

Ela hesitou, e então resolveu que não faria mal contar a ele uma parte da verdade.

— Desde pouco depois da morte do meu pai.

— Compreendo. Seu pai está no sonho?

A pergunta a apanhou de surpresa. Ergueu os olhos rapidamente. — Não,

é o meu...

— Seu marido — ele concluiu para ela. — Sim.

— Diz que vem tendo esse sonho freqüentemente, há um ano. O sonho tem ficado menos vivido com o passar do tempo?

Ela pôs o garfo no prato e olhou nos olhos dele, no outro lado da mesa.

— Não.

— Então, o que estará arriscando se o descrever para mim?

— Por que quer ouvir os detalhes de um pesadelo extremamente desagradável?

— Porque estamos tentando resolver um mistério e o seu sonho pode nos dar algumas pistas.

Madeline olhou para ele, atônita.

— Não vejo como isso é possível.

— Os sonhos sempre podem trazer mensagens — disse ele calmamente.

— Talvez possamos aprender alguma coisa com o seu. Afinal, estamos procurando um homem que pode estar se fazendo passar pelo fantasma de Renwick Deveridge, e Deveridge, ao que sei, aparece no seu sonho. Talvez valha a pena examinar alguns detalhes.

Ela hesitou.

— Sei que os Vanza ensinam que os sonhos podem ser importantes, mas, na minha opinião, as coisas que acontecem nos sonhos não podem ser adequadamente explicadas.

Ele deu de ombros.

— Não tente explicar coisa alguma. Apenas descreva. Leve-me para seu sonho, do modo que ele vem para a senhora.

Ela empurrou a torta para o lado e cruzou os braços sobre a mesa. Haveria algumas pistas escondidas no pesadelo? Era verdade que ela não as havia explorado atentamente. Seu único objetivo sempre foi esquecer, não lembrar os detalhes.

— Começa sempre no mesmo lugar — falou com voz lenta. — Estou agachada na frente da porta de um quarto de dormir. Sei que há um incêndio na casa. Sei que devo entrar no quarto, mas a porta está trancada. Não tenho a chave, por isso tento abri-la com um grampo.

— Continue — disse ele, suavemente.

Ela respirou fundo.

— Vejo o corpo de Renwick no tapete. A chave do quarto está ao lado dele. Apanho a chave e tento abrir a porta. Mas a chave está molhada. Escorrega da minha mão.

— Por que a chave está molhada? Ela olhou para ele.

— Está coberta de sangue.

Ele ficou calado por um momento, mas sem tirar os olhos dela.

— Continue.

Toda vez que tento inserir a chave na fechadura, ouço a risada de Renwick.

— Bom Deus.

— É muito... enervante. A chave cai de minha mão. Viro a cabeça, olho para Renwick, mas ele continua morto. Estendo o braço para apanhar a chave, e continuo a me esforçar para abrir a porta.

— É assim que acaba?

— Sim. É sempre a mesma coisa. — Ocorreu a ela que esta não era a verdade sobre a visão mais recente no seu pesadelo. Os dedos mortos de Renwick se estenderam para a chave, no sonho desta última noite. Isto era novo.

— Conte-me tudo que puder sobre o que vê no corredor — Artemis afastou o prato para o lado e, estendendo o braço, segurou as mãos dela nas suas. — Todos os detalhes.

— Eu já disse, vejo o corpo de Renwick.

— Como ele está vestido? Ela franziu a testa.

— Eu não... espere, acho que lembro de algumas coisas. Uma camisa branca, manchada de sangue. Calças. Sapatos. A camisa deve estar parcialmente abotoada, porque vejo a Flor de Vanza tatuada em seu peito.

— O que mais você vê?

Ela se esforçou para examinar o cenário do sonho.

— A bengala dele. Está no chão, ao lado do corpo. Noto o castão de ouro.

— Ele está usando colete ou gravata? — Não.

— Nem casaco, chapéu ou gravata, mas com a bengala.

— Eu já disse, a bengala era importante para ele porque era presente do seu pai.

— Sim — disse Artemis pensativamente. — Vê algum móvel no corredor?

— Móvel?

— Uma mesa, cadeira, um candelabro, talvez? Nichos na parede? Por que diabos ele queria esse tipo de detalhe ela pensou.

— Há uma mesa com um par de candelabros de prata, que Berenice me deu como presente de casamento.

— Interessante. Vê algum?...

Interrompeu-se bruscamente quando ouviu uma batida forte na porta da cozinha.

Madeline estremeceu com o barulho inesperado. Virou rapidamente a cabeça para a porta.

— O leiteiro ou o peixeiro — disse Artemis, calmamente.

— É cedo demais — ela murmurou. — Falta muito ainda para amanhecer.

— Um intruso ou um ladrão que conseguisse passar pelo guarda e pelo cão dificilmente bateria na porta — Artemis levantou-se e foi até a porta. Parou com a mão no cadeado. — Quem está aí?

— Zachary, senhor — a voz abafada era carregada de urgência. — Tenho informações para o senhor. Muito importantes.

Madeline viu Artemis abrir o cadeado da pesada porta de madeira. Zachary estava no degrau, muito pálido e sério.

— Graças a Deus o senhor está em casa. Eu temia que estivesse em um dos seus clubes, e então teria de perder tempo procurando-o.

— Qual o problema? — perguntou Artemis.

— Há um cadáver, senhor. Na Casa Mal-assombrada.

— Zachary, se é mais uma das suas piadas, acho melhor avisar que não estou disposto.

— Não é piada, senhor — Zachary enxugou o suor da testa com a manga. — Juro, senhor, há um corpo morto na casa. E há mais alguma coisa.

— O que mais?

— Um bilhete, senhor. Endereçado ao senhor.

Os Pavilhões do Sonho tinham fechado, como sempre, nos dias de semana, quando não havia nenhum evento especial marcado ou um baile de máscaras, logo depois da meia-noite. Artemis consultou o relógio enquanto caminhava para a Casa Mal-assombrada. A luz do lampião que Zachary levava, viu que eram quase duas horas da madrugada.

— Tem certeza de que o homem está morto? Não bêbado ou doente? Zachary estremeceu.

— Acredite em mim, senhor, ele está bem morto. Me pregou um susto. Isto posso dizer. Pensei que ia morrer também quando o vi.

— E o bilhete. Onde estava?

— Pregado no casaco. Eu não toquei nele.

O Jardim dos Prazeres era outro mundo depois que o parque fechava. Sem as luzes brilhantes das centenas de lâmpões coloridos que normalmente iluminavam os caminhos, tudo estava mergulhado nas sombras. A névoa leve acentuava a impressão sinistra. Os pavilhões pairavam ameaçadores, as janelas escuras e impenetráveis.

Artemis parou na barreira erguida para evitar a entrada de visitantes na mansão incompleta. Zachary levantou o lampião para que ele pudesse abrir o cadeado do portão.

Uma vez no outro lado, seguiram rapidamente pelo caminho que levava à casa. Quando chegaram na porta, Zachary hesitou.

— Dê-me o lampião — Artemis o tirou das mãos dele. — Não há necessidade de nós dois entrarmos.

— Não tenho medo do homem morto — insistiu Zachary. — Eu já o vi.

— Eu sei, mas prefiro que fique vigiando aqui fora. Zachary ficou aliviado.

— Certo, senhor. Farei isto. Artemis perguntou.

— O que acha que Beth vai dizer disto?

— Beth ficou muito assustada e me culpa por isso, mas pensa que é parte da nova atração. Eu não disse que o corpo era de verdade.

— Excelente — Artemis abriu a porta e entrou no hall. Os véus de algumas teias de aranha artificiais tocaram seus braços. A caveira num pedestal sorria para ele.

Caminhou para a alcova onde Zachary pensara em pendurar um esqueleto de mentira. Viu o corpo. Estava no chão, com o rosto virado para a parede. A luz mostrou uma calça bastante cara e um casaco escuro.

Havia muito sangue na frente da camisa branca, mas nenhum no chão. O homem não fora morto ali, Artemis pensou. Fora assassinado em algum lugar, mas o assassino teve um grande trabalho para carregar o corpo até a casa.

Ficou parado ao lado do homem morto e virou a luz do lampião para o rosto dele.

*Oswynn!*

Artemis sentiu uma raiva gelada. Apertou os dedos em volta da alça do lampião.

O bilhete manchado de sangue estava onde Zachary dissera, pregado no casaco de Oswynn. Ao lado dele, estava o selo de um relógio de bolso com a

cabeça de um garanhão gravada.

Procurando não tocar no sangue seco, Artemis apanhou o bilhete e o abriu. Leu rapidamente a mensagem:

*Pode considerar isto como um favor e um aviso. Fique longe dos meus negócios, que ficarei longe dos seus. A propósito, tenha a bondade de dar lembranças minhas à minha mulher.*

## DEZESSEIS

Madeline ouviu quando ele voltou um pouco antes do amanhecer. Ouviu uma agitação da escada, a voz abafada de dois lacaios e depois silêncio.

Conteve pelo maior tempo possível o suspense e, finalmente, saiu para o corredor. Parou por um momento, escutando. Os sons fracos da rotina costumeira das manhãs ainda não tinham começado na área da cozinha. Os empregados dormiam, exceto os dois lacaios que já tinham desaparecido da escada.

Cautelosamente, caminhou até o fim do corredor e bateu de leve na porta de Artemis. Nenhuma resposta. O homem tinha direito a algumas horas de sono, ela pensou. Certamente devia estar exausto.

Desapontada, começou a voltar. Teria de esperar as respostas até de manhã.

A porta abriu inesperadamente. Artemis apareceu, o cabelo brilhando, molhado do banho recente. Havia trocado a camisa e as calças que usava quando saiu com Zachary, e estava outra vez com o robe negro. Ela compreendeu que o barulho que ouvira havia pouco era dos criados carregando água quente.

Artemis fora chamado para resolver o caso de um homem morto, ela lembrou. Nestas circunstâncias, ela também sentiria a necessidade de um banho.

— Pensei que devia ser você, Madeline.

A despeito da grande curiosidade, ela parou o tempo suficiente para olhar para trás, para o corredor. Era uma casa diferente, mas isto não queria dizer que os empregados não iriam comentar se a vissem entrar no quarto de Artemis.

Certa de que não havia ninguém no corredor, ela entrou no quarto. A banheira, recentemente usada, estava na frente do fogo, parcialmente escondida por um biombo. Toalhas úmidas pendiam de suas bordas. Uma bandeja com um bule de chá, uma xícara e pires, um prato com pão e queijo estava numa mesa. A comida parecia intocada.

Ela parou de repente quando viu a única vela ambarina acesa sobre a mesa baixa. Reconheceu imediatamente a vela Vanza. A cera derretida exalava um odor diferente, a mistura única de ervas Vanzagarianas. Artemis era um mestre Vanza. Cada mestre criava sua mistura pessoal de ervas que, para sempre, distinguiriam suas velas das dos outros mestres.

Ela ouviu a porta sendo fechada. Voltou-se rapidamente. A inquietação que sentia cresceu.

A expressão de Artemis era carregada e fechada, todo o rosto ângulos agudos e planos severos. Ela compreendeu imediatamente que o homem morto, fosse quem fosse, não era um estranho para ele. Mas não havia dor nos olhos de Artemis, apenas uma fúria controlada.

Ela jamais o vira com aparência mais perigosa do que naquele momento. Lembrou que, apesar da intimidade que havia acontecido entre eles, não sabia muita coisa sobre Artemis.

— Peço que me desculpe por perturbar sua meditação, senhor — ela deu uns passos para a porta. — Vou deixá-lo em paz. Podemos conversar mais

tarde.

— Fique — era uma ordem. — Querendo ou não, você se envolveu nos meus negócios quando fizemos nosso pacto. Precisa saber de certas coisas.

— Mas sua meditação...

— Um exercício fútil, para não dizer mais.

Ele foi até a mesa baixa, estendeu o braço e apagou a vela. Ela cruzou as mãos e virou para ele.

— Quem era, Artemis?

— O nome dele era Charles Oswynn — Artemis olhou para a fina espiral de fumaça que indicava a morte da pequena chama. — Era um dos três homens que destruíram uma mulher chamada Catherine Jensen. Eles a seqüestraram certa noite, para se divertir. Eles a estupraram. Ela morreu de uma queda quando tentava escapar. Seu corpo foi encontrado três dias depois por um fazendeiro que procurava algumas cabeças de gado.

A falta de inflexão da sua voz aumentava o impacto das palavras. Madeline não se moveu.

— Ela era sua amiga?

— Mais do que amiga. Tínhamos muito em comum, você compreende. Éramos ambos sozinhos no mundo. A mãe de Catherine morreu quando ela era muito jovem. Foi criada por parentes distantes que a usavam como empregada sem salário. Ela fugiu para ser atriz. Eu a conheci uma noite,

depois do espetáculo, em Bath. Juntos sonhamos nossos sonhos por algum tempo.

— Foram amantes?

— Por algum tempo — ele não tirou os olhos da vela apagada. — Mas naqueles dias eu não tinha nada. Não podia dar a Catherine a segurança que ela tanto desejava.

— O que aconteceu?

— Conheci um mestre Vanza. Foi sorte. Ele se interessou por mim. Providenciou para que eu estudasse nos Jardins do Templo. Fiz planos de ir a Vanzagara, por mar. Antes de embarcar, prometi a Catherine que quando terminasse meus estudos eu faria fortuna e nos casaríamos. Eu voltava para a Inglaterra todos os verões. Mas quando voltei, na última vez, fiquei sabendo que ela estava morta.

— Como descobriu os nomes dos homens responsáveis pela sua morte?

— Procurei o fazendeiro que encontrou o corpo. Ele me ajudou a revistar a área. Descobri a caverna para onde eles a haviam levado — parou de falar e foi até uma pequena escrivaninha. Abriu uma gaveta e retirou um objeto. — Encontrei isto no chão da caverna. Acho que Catherine o agarrou durante sua luta contra os três homens. Eu localizei a loja onde foi comprado, em Bond Street.

Madeline aproximou-se dele. Apanhou o relógio de bolso da mão dele e examinou a cabeça do garanhão gravada.

— O dono da loja que fez isto disse quem o comprou?

— Ele disse que foi encomendado por três cavalheiros da cidade. Glenthorpe, Oswynn e Flood. Investiguei e descobri que os três eram muito amigos e haviam fundado um pequeno clube, destinado, segundo eles, a prazeres refinados de libertinagem.

Ela ergueu os olhos do relógio.



— Você jurou vingança.

— A princípio simplesmente resolvi matá-los. Ela engoliu em seco.

— Matar os três?

— Sim. Mas cheguei à conclusão de que seria fácil demais. Resolvi destruir cada um deles social e financeiramente. Queria saborear os *prazeres refinados* da sua descida para a pobreza. Queria que soubessem como era ser um pária no mundo social, não ter proteção por causa do baixo nível do seu status e sua falta de recursos. Queria que compreendessem, até certo ponto, como era estar na posição de Catherine.

— E quando tivesse alcançado esse objetivo? O que planejava fazer então, Artemis?

Ele não disse nada. Não precisava falar. Ela sabia a resposta. Madeline sentiu um verdadeiro pavor. Cuidadosamente, pôs o relógio e o selo na mesa ao lado da vela apagada.

— Por isso você se esforçou para manter em segredo seu título de propriedade dos Pavilhões do Sonho. Não por temer a censura da sociedade se descobrisse que está nesse negócio. Você não está à procura de uma noiva.

- Não.

— Manteve o segredo porque precisava ter acesso ao mundo no qual Oswynn e os outros se moviam, para realizar sua vingança.

— O plano funcionou muito bem até agora. Minha renda dos jardins tornou possível conhecer Oswynn e os outros no seu território. Levei meses para preparar a armadilha designada a arruiná-los. — Artemis apanhou a xícara de chá vazia e a girou delicadamente entre as mãos. — Eu estava tão perto. Tão perto. E agora *e*le me privou de um dos meus alvos.

Ela deu um passo e estendeu a mão.

— Artemis.

— O miserável maldito! Como ele *ousa* interferir nos meus negócios? — De repente, Artemis atirou a xícara contra a parede. — Durante cinco anos trabalhei para realizar meu plano. Cinco malditos anos!

Madeline gelou quando a xícara de porcelana fina se desfez em dezenas de pedaços. Não foi a pequena explosão que a deixou perplexa. Foi o choque de ver Artemis dominado por uma emoção tão forte.

Desde que o conheceu, sempre o viu controlado, tão inalteravelmente dono de si mesmo. Até quando fez amor com ela, seu autodomínio fora completo.

Ele olhou para os pedaços de porcelana como se olhasse para a entrada do Inferno.

— Cinco anos.

Madeline não podia mais suportar tanta dor. Era por demais o reflexo da sua própria angústia. Correu para Artemis, o abraçou pela cintura e encostou o rosto no seu ombro.

— O senhor se culpa pela morte dela — murmurou Madeline.

— Eu a deixei sozinha. — Ele não retribuiu o abraço. Estava frio como uma pedra. — Ela não tinha ninguém para protegê-la enquanto estive fora. Disse que era uma mulher do mundo. Disse que podia tomar conta de si mesma. Mas, no fim...

— Eu compreendo — Ela o abraçou com força, tentando passar o próprio calor para o corpo gelado dele. — Eu sei o que é viver sabendo que suas

decisões provocaram a morte de alguém. Meu Deus, eu compreendo.

— Madeline — Ele se virou bruscamente e suas mãos se fecharam convulsivamente em volta da cabeça dela.

— Às vezes eu pensava que ia enlouquecer. — Ela encostou o rosto no robe de seda negro. — Na verdade, se não fosse por Berenice, há muito tempo eu estaria internada num hospício.

— Que dupla nós somos — ele murmurou, a boca no cabelo dela. — Eu vivi para a vingança e você se amaldiçoa pela morte do seu pai.

— Agora eu trouxe uma força maligna para a sua vida que ameaça aquilo que é mais importante, a sua vingança — ela lutava para conter as lágrimas. — Eu sinto tanto, Artemis!

— Não diga isso — ele segurou o rosto de Madeline com as duas mãos e olhou nos olhos dela. — Eu prometo, não permitirei que se culpe pelo que aconteceu esta noite.

— Mas a culpa é minha. Se eu não tivesse pedido sua ajuda, nada disto teria acontecido.

— Eu tomei minha decisão sobre o assunto.

— Não é verdade. Tudo começou na noite em que eu praticamente usei de chantagem para me ajudar a encontrar Nellie.

— Não diga mais nada. — Ele cobriu os lábios dela com um beijo longo e ardente, silenciando-a.

Seu coração se apertou quando sentiu a necessidade dele. Instintivamente ela queria confortá-lo, mas seu desejo foi súbito e arrasador. Ela se perdeu debaixo da onda violenta.

Ele a levou para a cama. Madeline mergulhou nos acolchoados e se agarrou nele, enquanto sua boca se movia sobre a dela. Então ele começou a beijar seu pescoço. Seu robe se abriu e suas mãos fecharam-se nos seus seios.

A urgência desesperada de Artemis despertou uma resposta profunda. Com a mão sob o robe negro, Madeline procurou os contornos firmes do corpo dele. Artemis murmurou alguma coisa ininteligível quando ela acariciou suas coxas musculosas e curvou o corpo sob o calor furioso dele. Sentiu sua mão na parte interna da coxa, por baixo da camisola. Prendeu a respiração quando a mão dele aberta a segurou.

Madeline se abriu para ele e Artemis tomou o que era oferecido. Ela sentiu-se úmida, quente e satisfeita. Perdida nas espirais do desejo, ela tocou todas as partes do corpo dele que podia alcançar. Ele empurrou o pênis rígido e espesso para os dedos dela. Madeline o acariciou gentilmente, aprendendo a senti-lo.

Artemis gemeu, deitou de costas e a puxou para cima dele. As pontas do robe dele adejaram. Madeline o segurou com os joelhos, e gritou quando as mãos dele se moveram entre suas pernas.

Olhou para baixo, para ele. Artemis a observava com uma intensidade que não deixava espaço para palavras. Naquele momento, a única coisa que importava no mundo inteiro era satisfazer a sede intensa que ela via nos olhos dele.

Sentiu as mãos dele se fecharem em volta dos seus quadris, guiando-a, enquanto ela lutava para fundir o próprio corpo com o dele. Quando ele começou a penetrá-la, Madeline sentiu que se apertava, procurando se defender da intrusão. Ainda estava sensível por causa do último encontro dos

dois.

— Devagar — ele prometeu, em voz baixa e abafada. — Vamos devagar desta vez.

Ele a penetrou gentil, cuidadosa e deliberadamente. Ficou imóvel para que ela pudesse se ajustar à sensação de Artemis completamente dentro dela. Madeline respirou cautelosamente e relaxou. Sentia ainda a intrusão, mas sem dor, desta vez. Apenas uma antecipação crescente.

Ele encontrou o botão sensível com o polegar. Ela prendeu a respiração. Os dedos dele deslizaram nela, macios, quentes e intoleravelmente excitantes.

— *Artemis* — ela enfiou as unhas nos ombros dele.

— Sim — seus olhos brilhavam na sombra. — Assim mesmo.

Ele começou a se mover dentro dela. Uma enorme tensão a envolveu. Madeline lançou a cabeça para trás e segurou nele, procurando um alívio inexplicável para as atordoadas exigências do seu corpo.

Ele recusou apressar o movimento. Ela queria gritar com frustração. Ele continuou a se mover lentamente, imprevisivelmente dentro dela.

Madeline segurou os ombros dele e tomou o controle, estabelecendo o próprio ritmo. Ela não sabia o que procurava com tanto ardor, mas sentia que a mágica estava ali, esperando que ela a encontrasse.

Artemis riu silenciosamente para ela e, neste momento, Madeline soube que ele havia planejado o tempo todo levá-la àquele ponto. Não se importou. O fim da urgente necessidade era tudo que importava agora.

Inesperadamente, a comporta dentro dela se abriu. Onda após onda de prazer pulsaram em todo o seu corpo. Artemis puxou a cabeça dela para baixo, cobrindo sua boca com a dele quando ela teria começado a gritar.

Por alguns segundos atordoantes, ele pareceu saborear os leves estremecimentos da satisfação dela. Então, com um gemido áspero e abafado, começou a se movimentar dentro dela, até os dois ficarem exaustos.

Alguns minutos depois, ele se levantou relutantemente da doce letargia. A raiva fria que inundara suas veias nas últimas horas se dissipou, pelo menos por algum tempo. Obra de Madeline, ele pensou. Sua paixão foi como uma cataplasma para o velho ferimento reaberto nele. Sabia agora que jamais tinha cicatrizado.

Ao lado dele, ela acordou, sentou na cama rapidamente e piscou os olhos, como que aturdida. Então, seus olhos clarearam. Madeline olhou para Artemis.

— O senhor deve ter amado muito Catherine — ela murmurou.

— Eu gostava dela. Sentia-me responsável por ela. Éramos amantes. Não sei se era amor. Não sei como é sentir amor. Mas sei que o que sentia por ela era importante.

— Sim — ela disse.

Olhando nos olhos dela, Artemis lutou para encontrar as palavras para explicar.

— Fosse o que fosse que tínhamos entre nós, empalideceu nos cinco anos desde a sua morte. Não sou perseguido pela sua lembrança, só pela certeza de que falhei com ela. Prometi à sua alma que a vingaria. Era a única coisa que podia fazer por ela.

Madeline sorriu tristemente.

— Eu compreendo. Viveu para sua vingança, e agora, ajudando-me,

arriscou esta vingança. Eu lamento, Artemis.

— Madeline...

— Céus, veja a hora! — Ela procurou o cinto do robe. — Preciso voltar ao meu quarto. Alguém pode chegar aqui a qualquer momento.

— Ninguém entra neste quarto sem a minha permissão.

— Uma das criadas, talvez — ela levantou da cama e atou o cinto do robe. — Seria embaraçoso para nós dois.

— Madeline, precisamos conversar.

— Sim, eu sei. Talvez depois do café — deu um passo para trás e bateu com força na penteadeira.

Pôs a mão para trás, para se equilibrar. Ele viu seus dedos roçarem o bilhete encontrado no corpo de Oswynn. Ela olhou para o pedaço de papel.

— Acho melhor a senhora ler — ele sentou lentamente na beirada da cama.

Madeline olhou para ele.

— Está endereçado ao senhor.

— Foi deixado pelo assassino.

Um alarme cintilou nos olhos dela.

— O vilão deixou um bilhete?

— Um aviso para eu ficar fora dos seus negócios — levantou-se e foi até a penteadeira para apanhar a mensagem manchada de sangue. Sem uma palavra, a estendeu para ela.

Madeline leu rapidamente e ele percebeu com precisão quando ela chegou à última linha. Os dedos dela estremeceram quando leu a frase em voz alta:

— “A propósito, dê lembranças à minha mulher.” — Ela levantou a cabeça. Seu olhos estavam cheios de medo. — Bom Deus, é verdade. Renwick está vivo.

— Não — Artemis tirou o bilhete da mão dela e a puxou para ele. — Não sabemos disto.

— Mas fui mencionada no bilhete — um tênue véu de horror mal disfarçado sublinhava as palavras. — “Dê lembranças à minha mulher.”

— Madeline, pense. É muito mais provável que alguém queira nos fazer acreditar que ele está vivo — concluiu Artemis.

— Mas, por quê?

— Porque serve aos seus propósitos.

— Nada disso faz sentido — levou a mão à testa. — O que está acontecendo? O que é tudo isto?

— Não sei ainda, mas prometo que vou descobrir a verdade.

Ela balançou a cabeça. A determinação a envolveu como um manto escuro.

— Arrependo-me de tudo que fiz para envolvê-lo neste meu caso, senhor. Berenice e eu devemos sair hoje mesmo de sua casa.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Espero que não me faça destacar um guarda para mantê-las aqui. Seria extremamente inconveniente.

— Isso já foi longe demais, Artemis. O bilhete é uma advertência. Quem sabe o que ele fará agora?

— Duvido que resolva despachar mais dois cavalheiros sem mais nem

menos.

— Mas ele já matou um deles.

— Oswynn era um alvo fácil, porque quase não tem família para se preocupar com a sua morte. Dada sua reputação, não será surpresa se viermos a saber que foi morto por um assaltante, a caminho de casa, quando saía de um dos inferninhos. Mas assassinar Flood e Glenthorpe será muito mais arriscado. Acredito que nosso vilão misterioso seja bastante esperto para saber disto.

— Mas o corpo de Oswynn foi encontrado no terreno dos Pavilhões do Sonho. Isto certamente o envolverá num grande escândalo.

— Não — disse Artemis, calmamente. — O corpo de Oswynn, quando for finalmente encontrado, vai estar boiando no Tamisa. Zachary e eu nos encarregamos disto há uma hora.

— Sim — ela absorveu as implicações dessa revelação e franziu a testa. — Mas isso não resolve o nosso problema. O vilão obviamente sabe da sua ligação com os Pavilhões do Sonho. Por isso ele deixou lá o corpo de Oswynn para que você descobrisse.

— Sim.

— Ele sabe também dos seus planos de vingança. — Sim.

Madeline olhou para ele preocupada.

— Ele ainda pode causar muito mal.

— Se isso acontecer, eu tratarei do caso.

— Mas, Artemis...

Ele passou o braço pelos ombros dela.

— Escute, Madeline. Independentemente do que venha a acontecer, estamos nisto juntos. É tarde demais para mudar nosso caminho agora.

Madeline olhou para ele por alguns tensos segundos. Então, sem uma palavra, o abraçou e repousou a cabeça no ombro dele.

Artemis a abraçou com força. Lá fora, a primeira luz tristonha do nascer do dia, envolto em névoa, apareceu.

## DEZESSETE

— Falo sério, acredito que eu teria ficado louca se não tivéssemos saído da casa de Hunt, por algum tempo, esta manhã. — Berenice olhou para a rua pela janela da carruagem. — Não me entenda mal, aprecio a preocupação dele com a sua segurança, mas confesso que começava a me sentir encurralada.

— Nossa liberdade esta manhã é pouco mais que uma ilusão — disse Madeline, secamente.

Latimer estava na boléia, mas não sozinho. Zachary sentava-se ao lado dele, armado com uma pistola. Estava na casa quando Madeline e Berenice chamaram a carruagem. Insistiu em acompanhá-las.

— Sim, é mais como se estivéssemos viajando sob guarda armada, não é mesmo? — perguntou Berenice. — Mesmo assim, é bom estar fora outra vez, apesar desta névoa.

— Sim.

— É uma pena que o Sr. Leggett não estivesse por perto quando saímos de casa — comentou Berenice, casualmente. — Eu teria sugerido que ele nos acompanhasse.

Madeline olhou para ela, surpresa.

— Gostaria de que o Sr. Leggett estivesse conosco?

— Tivemos uma conversa muito interessante enquanto você e o Sr. Hunt estavam tendo sua pequena aventura no labirinto de Pitney. Pudemos nos conhecer melhor. Ele é um cavalheiro muito viajado.

— É mesmo?

— Passou algum tempo no continente durante a guerra, você sabe. Madeline estava surpresa com esta conversa.

— Não, eu não sabia. O que ele estava fazendo lá?

— Ele foi muito circunspecto sobre isso, mas tive a impressão de que trouxe algumas informações sobre o sistema usado por Napoleão para manter o suprimento das suas tropas. Suas anotações foram de grande ajuda para Wellington.

— Céus! O Sr. Leggett, durante a guerra, envolveu-se em atividades clandestinas?

— Bem, ele não disse isso claramente, é claro, mas é de esperar que não dissesse, não acha? Afinal de contas, ele é um cavalheiro. Cavalheiros não falam dessas coisas. Ele é realmente encantador, não acha?

Ocorreu a Madeline que, embora conhecesse Berenice durante toda a sua vida, nunca notara antes esse brilho especial nos olhos da tia. Tossiu discretamente para disfarçar sua perplexidade.

— Muito encantador, sem dúvida.

— E bem conservado para um homem da sua idade. Madeline sorriu.

— Maduro mas ainda ágil, você não diria?

Para o seu espanto, Berenice corou intensamente. Depois sorriu tristemente.

— Sem dúvida.

A carruagem parou, salvando Madeline de continuar a conversa sobre os muitos encantos do Sr. Leggett. A porta se abriu. Zachary ajudou primeiro Berenice, depois Madeline, a descer para a calçada, com um ar preocupado no

rosto magro.

Relutantemente, ele as acompanhou até a porta da pequena loja.

— Não vamos demorar — disse Berenice. — Pode esperar aqui.

— Sim, madame. Estarei bem aqui se precisarem de mim. Madeline acompanhou Berenice para o interior escuro da loja, o apotecário da Sra. Moss.

A loja pouco tinha mudado em todos os anos que ela a conhecia. Os odores exóticos de incenso e de especiarias estranhas traziam lembranças da sua infância. Seu pai era freguês constante de Moss, bem como muitos cavalheiros de Vanza. A farmácia de Augusta Moss era uma das poucas que tinha ervas Vanzagarianas.

— Sita. Reed, Sra. Deveridge, é muita bondade sua nos visitar hoje — Augusta Moss, grande, muito digna, com o avental folgado que cobria grande parte do vestido, apareceu das regiões perfumadas dos fundos da loja. — É muito bom ver as duas. Já faz algum tempo, não é mesmo?

— Certamente — disse Berenice com alegria. — Mas preciso de vários tipos de ervas, por isso Madeline e eu resolvemos visitá-la hoje.

A Sra. Moss inclinou a cabeça.

— Excelente. Quais as ervas de que precisa?

— Madeline não tem dormido muito bem ultimamente.

— Uma pena! — a Sra. Moss estalou a língua indicando simpatia e compreensão. — Uma boa noite de sono é tão vital para a boa saúde e nervos fortes.

— Sem dúvida — Berenice entrou aliviada no seu tópico favorito. — Eu dei a ela meus remédios de sempre, mas não fizeram efeito. Pensei em tentar algumas ervas Vanzagarianas que experimentei uma vez ou duas há alguns anos. São queimadas para formar um vapor que induz ao sono. Por acaso tem alguma em estoque?

— Sei do que está falando. Muito raras. Posso consegui-las somente duas ou três vezes por ano. Entretanto, não tenho nenhuma no momento.

— Meu Deus — murmurou Berenice. — Sinto saber disso. Há tão poucas farmácias na cidade com ervas de Vanzagara. Já estivemos nas outras e há meses que não recebem essas ervas.

— É pena que não tenham passado aqui quinze dias atrás. Eu tinha um grande suprimento então — os olhos da Sra. Moss se voltaram tristemente para um vidro vazio na extremidade da estante. — Um cavalheiro que é membro da Sociedade Vanzagariana comprou tudo.

Madeline prendeu a respiração e se controlou para não trocar um olhar com Berenice.

Berenice levantou as sobrancelhas.

— Diz que seu novo cliente comprou todo o estoque? Seja ele quem for, deve ter muita dificuldade para dormir.

A Sra. Moss balançou a cabeça.

— Não acho que dormir seja um problema para ele. Acredito que pretendia usá-las em alguma experiência. Está interessado na produção de visões e alucinações, sabe?

— Imagino se esse cavalheiro estaria disposto a me ceder um pouco das ervas — disse Berenice, pensativamente. — Talvez se ele souber o quanto Madeline precisa delas, terá a bondade de nos ceder uma porção do que

comprou da senhora.

A Sra. Moss deu de ombros.

— Não há mal nenhum em perguntar a ele, suponho. Vendi as ervas para Lorde Clay.

Madeline entrou rapidamente atrás da tia. Olhou para a governanta.

— O Sr. Hunt já voltou? Preciso falar urgentemente com ele.

— Não precisa me procurar — disse Artemis do meio da escadaria. — Estou aqui. Ainda bem que já voltaram. Onde, diabos, estiveram?

Sua voz era o distante rolar do trovão que anuncia a tempestade iminente: suficientemente próximo para chamar atenção imediata, mas não ainda uma ameaça direta.

Madeline ergueu os olhos. Viu logo que embora o tom de voz estivesse ainda sob controle, emoções fortes já escureciam seus olhos.

— Que sorte encontrá-lo aqui, senhor. Berenice olhou para ele satisfeita.

— Tivemos um dia cheio. Madeline tem muita coisa para contar.

— Tem mesmo? — Artemis acabou de descer a escada sem tirar os olhos de Madeline. Acompanhe-me à biblioteca, Sra. Deveridge. — Estou ansioso para ouvir sobre este seu dia *tão repleto* de acontecimentos.

*Senhora Deveridge?* Certamente, Madeline pensou, entrando na biblioteca, ele não está de bom humor.

— Não precisa falar desse modo comigo, senhor — ela se voltou e olhou para ele quando a porta se fechou, deixando-os sozinhos da biblioteca. — Não me agrada. Se a tensão dos eventos recentes começa a cobrar seu preço, sugiro que tente um dos tônicos de minha tia.

— Acho que vou continuar com meu conhaque — Deu a volta à mesa.

— Senhor, posso explicar...

— Tudo? — Ergueu as sobancelhas. — Certamente espero que possa, porque tenho muitas perguntas. Vamos começar com o assunto mais importante. Como ousa sair de casa sem me dizer aonde vai?

Ela não se deixou abalar.

— Senhor, seu tom de voz me aborrece. Estou preparada para ser paciente e compreensiva, porque, como acabo de dizer, os eventos recentes nos deixaram tensos. Entretanto, se continuar a falar como se... — ela parou.

— Como se estivesse o quê, madame? Como se estivesse preocupado? — Pôs a mão espalmada na mesa. Seu olhar estava severo. — Como se eu tivesse toda a razão de estar alarmado? Como se a senhora tivesse se comportado de modo irresponsável, obstinado e completamente impensado?

Era demais, por cima de todo o resto. Ela explodiu.

— Eu ia dizer, *como se fosse meu marido*.

Fez-se um silêncio de espanto. Até o relógio parecia ter parado. Madeline daria qualquer coisa para voltar atrás com suas palavras, mas era muito tarde.

— Seu marido — Artemis repetiu num tom completamente inexpressivo. Ela enrijeceu o corpo e concentrou a atenção em tirar as luvas.

— Perdoe-me, senhor. Fui por demais exaltada na minha analogia. O caso é que descobri algumas pistas muito importantes hoje. Não podemos perder tempo com discussões.

Ele ignorou suas palavras para perguntar com gelada curiosidade:

— Estou mesmo agindo como seu marido? Acredito que a senhora o descreveu como um vilão assassino de primeira classe.



Ela ficou atordoada de remorso.

— Não seja ridículo, senhor. É claro que eu não o estava comparando com Renwick. Ele era um completo miserável, inteiramente sem honra. Exatamente o oposto do senhor.

— Obrigado por isso, pelo menos — disse ele, com os dentes cerrados. Ela se concentrou em tirar a luva da mão direita.

— Como deve saber, as lembranças que tenho do meu casamento não são felizes. É possível que tenha reagido exageradamente, há pouco, quando o senhor começou a gritar comigo.

— Eu não gritei.

— Não — ela passou para a luva da mão esquerda. — Tem razão. Escolhi mal a palavra. Não gritei. Duvido que alguma vez tenha elevado a voz, estou certa, Artemis? Provavelmente é desnecessário. É perfeitamente capaz de congelar uma pessoa só com uma palavra.

— Não sei nada sobre congelar uma pessoa, mas posso garantir que quando cheguei em casa, há pouco, e descobri que a senhora tinha saído, eu fiquei gelado até os ossos.

Ela franziu a testa.

— A governanta não o informou que levamos Latimer e Zachary conosco?

— Informou, e só por isso não mandei Olhos e Ouvidos procurá-las. Ela deixou cair uma das luvas. Por alguns segundos, a única coisa que

conseguiu fazer foi olhar para ela ali, no tapete. Então, ergueu os olhos lentamente para Artemis. Tentou decifrar as emoções que cintilavam nas profundezas do olhar dele.

Não era fácil. Artemis há muito tempo aprendera a se fechar para o mundo. Vivia dentro dele mesmo, escondido atrás de portões trancados, janelas fechadas, altos muros de pedra. Mas era, no íntimo, um homem de honra e integridade. Ao contrário de Renwick, não era uma bela estátua oca que se importava apenas com ele mesmo. Artemis compreendia as exigências da responsabilidade. Bastava para ela olhar para Zachary e Henry Leggett e para os outros que o serviam, com óbvia lealdade e afeição, para saber a verdade sobre ele.

Acima de tudo, ele conhecia as torturas da culpa e do fracasso, exatamente como Madeline.

— Por favor, aceite minhas desculpas, Artemis — esquecendo a luva no chão, impulsivamente deu um passo para a mesa. — Perdi a cabeça. Maridos são um ponto doloroso para mim.

— Deixou isso muito claro.

— Latimer e Zachary estavam armados e eu tinha minha pistola e minha faca. Não sou tola.

Ele olhou para ela por um longo tempo.

— Não, é claro que não é tola. É uma mulher inteligente, cheia de recursos, acostumada a tomar as próprias decisões — Ele endireitou o corpo na cadeira bruscamente e olhou para a janela. — Obviamente, eu estou reagindo exageradamente.

— Artemis...

— Continuar a discutir não nos levará a nada — cruzou as mãos nas costas e olhou fixamente para o jardim. — Passemos para um assunto mais

útil. Conte o que foi tão interessante para fazê-la sair de casa hoje.

Ele devia ser o homem mais teimoso do mundo. Ela ergueu os olhos para o teto, mas não recebeu nenhuma inspiração divina.

— Sim, é claro, senhor — disse ela, formalmente. — Vamos passar a um assunto menos inflamável. Nada como uma agradável conversa sobre assassinato e planos nefandos para iluminar o espírito, é o que sempre digo.

Ele olhou para trás, para ela.

— Um conselho, madame: não abuse da sua sorte. Pode estar acostumada a tomar suas decisões, mas garanto-lhe que também estou acostumado a ser o dono de minha casa — fez uma pausa para levantar uma sobrancelha significativamente. — E neste momento você está morando nesta casa.

Ela tossiu discretamente.

— Tem toda razão, senhor. Tem todo o direito de dar ordens aqui. Dou minha palavra que não sairei outra vez sem me certificar de que saiba aonde estou indo.

— Suponho que devo me contentar com isso. Agora, conte-me as suas aventuras de hoje.

— Sim, bem, para ser breve, ocorreu-me que poucas são as farmácias em Londres que vendem ervas Vanzagarianas, e entre elas, um pequeno número tem essas ervas em estoque. Quem queimou o incenso no labirinto de Pitney tentando nos deixar inconscientes devia ter uma quantidade razoável dessas ervas.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, absorvendo a implicação da lógica do que ela dizia.

— Então resolveu ver se podia descobrir onde as ervas foram compradas? Ela ficou satisfeita vendo que ele compreendia tão rapidamente a importância do seu plano.

— Na verdade, eu tinha uma boa idéia de onde começar. Esta manhã minha tia e eu visitamos as farmácias que mais provavelmente teriam vendido as ervas do sono.

Ele virou e olhou para ela. Madeline percebeu que finalmente conseguira captar seu interesse.

— Continue — ele disse.

— Como estava dizendo, poucos farmacêuticos têm estoque dessas ervas. Alguns meses atrás, um deles foi morto em sua loja.

— Ouvi falar desse crime — Artemis entrecerrou os olhos. — Diziam que teve ligação com o *Livro dos segredos*.

— Sim, mas grande parte desse rumores se dissipou depois que Ignatius Lorrington cometeu suicídio.

— Naquela época, perguntei a mim mesmo se não haveria uma ligação entre o suicídio de Lorrington e os rumores sobre o *Livro dos Segredos* — Artemis disse pensativamente. — Ele era um dos poucos homens em toda a Europa que podia ter decifrado o livro.

Ela deu de ombros.

— Se Lorde Linslade merece crédito, estamos mais uma vez lidando com rumores sobre esse maldito livro. Seja como for, Berenice e eu resolvemos fazer uma visita à farmácia da Sra. Moss, para uma investigação sobre as ervas do sono.

Ele passou a mão na nuca, distraidamente.

— Conheço a farmácia Moss. Quando criei a mistura para a minha vela de meditação, comprei as ervas dela.

— Muitos estudiosos Vanza vêm comprando nessa farmácia há anos. Na verdade, ela disse que vendeu as ervas para Lorrington. Seja como for, ela disse que embora costume ter estoque das ervas do sono, no momento não tinha mais, porque vendeu todo o seu estoque para um membro da Sociedade Vanzagariana.

Artemis agora estava definitivamente curioso. Afastou-se da janela e foi para a mesa.

— Quem é ele?

— Lorde Clay.

Artemis pareceu sobressaltado por um momento. Então franziu o cenho.

— Encontrei o homem uma ou duas vezes. É uma pessoa bastante agradável, mas de certo modo um tanto vago. Segundo a senhora, ele é apenas outro membro maluco da Sociedade. Ao que sei, não tem grande interesse na antiga linguagem de Vanzagara. Acho difícil acreditar que estaria à procura de algo tão misterioso quanto *o Livro dos segredos*.

— Mesmo assim, parece que ele é o único possuidor da maior parte das ervas vanzagarianas do sono, em Londres, no momento.

Artemis apanhou o abridor de cartas e bateu com a ponta no mata-borrão que forrava a mesa.

— Não é muita coisa como pista.

— Tem algo mais que possa ajudar, para oferecer? Ele deixou de lado o abridor de cartas.

— Não. Muito bem, vamos seguir sua pista.

— Como? Não podemos revistar a casa dele. Não está desocupada como a de Pitney. Deve estar cheia de criados de dia e de noite.

Artemis sorriu.

— Há um ditado Vanza segundo o qual uma fortaleza com excesso de ocupantes é tão vulnerável quanto uma fortaleza vazia.

Ela franziu a testa.

— Nunca ouvi esse ditado.

— Provavelmente porque eu acabo de inventá-lo.

Ela olhou para a chama até a mesma se expandir e ocupar todo o seu campo de visão. O cheiro da vela, delicado e complexo, encheu o ar do seu quarto.

Alguns minutos antes ela havia fechado as cortinas pesadas e trancado a porta para garantir privacidade. O quarto estava quase completamente às escuras. Os ruídos abafados da casa e da rua desapareciam na distância.

Havia muitos anos aprendera com o pai a arte da meditação Vanza, mas foi Berenice quem escolheu a combinação das ervas para as velas especiais. O perfume era delicado e acalmava os sentidos. Como os odores na farmácia da Sra. Moss, trazia lembranças do passado. Imagens fugidias passavam pela sua mente: seu pai inclinando-se para ela, explicando como decifrar uma passagem extremamente difícil de um velho texto.

Não havia imagens de sua mãe, que morreu um ano depois do seu nascimento, mas havia muitas de Berenice.

Foi Berenice quem se mudou para a casa dos Reed para tomar conta do

irmão mais velho e da filha pequena. Foi Berenice, alegre, animada e amorosa, a âncora firme de que a casa precisava depois da morte de Elizabeth Reed.

Berenice tomou Madeline de coração e deu a ela o amor e a afeição de uma mãe. Organizou o caos da casa com direção firme. Obrigou o irmão arrasado a emergir do abismo no qual o atirara a morte da mulher.

No fim, não foi o estudo Vanza ao qual seu pai dedicara toda a vida que salvou a família naquele momento de crise, Madeline pensou. Foi Berenice.

Delicadamente, ela afastou as imagens do passado e deixou as cenas infernais do seu pesadelo aparecerem, como fantasmas, em sua mente. Não queria examinar seu sonho outra vez, mas não tinha escolha. No último havia algo diferente, algo que ela sabia que precisava compreender.

O tempo passou. Ela mergulhou mais profundamente na visão, tão profundamente que mais uma vez ouviu o estalo da chama e sentiu a chave de ferro na sua mão. Percebeu o brilho do ouro no tapete.

Sentiu o corpo esfriar, exatamente como no sonho. Seus dedos tremiam, mas ela não afastou as imagens.

Foram as perguntas de Artemis que a levaram a relembrar as cenas do pesadelo no estado meditativo. Na noite anterior, sua descrição fora interrompida por Zachary, na porta da cozinha. Durante todo o dia foi perseguida pela sensação de que havia deixado de mencionar para Artemis algo importante sobre a pequena alteração no último sonho.

Ele demonstrou grande curiosidade sobre a bengala de Renwick, mas ela era um objeto que aparecia em todos os sonhos e Madeline não estava interessada em examiná-la mais de perto. A bengala elegante não era importante. Era simplesmente uma manifestação da vaidade de Deveridge.

Era a chave que a perturbava hoje. Desde o incêndio, ela havia tido aquele pesadelo várias vezes. Em certas ocasiões, as imagens variavam, todas saturadas pelo seu temor crescente de não poder abrir a porta do quarto.

Mas não lembrava de nenhum sonho no qual a mão de Renwick, morto, tivesse se estendido para a chave que estava constantemente caindo dos seus dedos.

Não tentou forçar as cenas. Com a ajuda da vela e de deliberada concentração, apareciam naturalmente. As chamas, o riso zombeteiro de Renwick, o cheiro da fumaça. Tudo estava ali, em sua mente.

*A chave caiu de sua mão. Ela tentou apanhá-la. Renwick riu. Ela virou a cabeça e olhou para ele.*

*Ele estendeu a mão para a chave com seus dedos mortos.*

Um grito reverberou no quarto. A chama da vela tremulou e desapareceu. De repente o quarto foi mergulhado na mais completa escuridão.

Madeline mal teve tempo de compreender que ela mesma tinha gritado e derrubado a vela, antes de ouvir o baque surdo de passos na escada. Logo depois, bateram na porta de madeira.

— Madeline! Abra esta porta imediatamente!

Ofegante e suando frio, ela se levantou, correu para a porta e a abriu. Quase colidiu com Artemis no corredor.

— Que diabo?... — Ele parou perto da porta e examinou o quarto com um único olhar.

— Está tudo bem — disse ela rapidamente. — Lamento ter gritado.

Artemis olhou para ela e, atravessando o quarto com três passos longos,

foi até a janela. Abriu as cortinas e verificou as fechaduras. Então virou-se e olhou para a vela apagada.

— Eu estava meditando — ela explicou. — Tentando evocar imagens do meu sonho.

Berenice apareceu na porta, parecendo preocupada.

— O que, em nome do céu, está acontecendo aqui?

— Alguma coisa errada? — Eaton Pitney, com o braço numa tipóia, chegou atrás de Berenice. Suas sobrancelhas espessas erguiam-se, alarmadas, como uma moita densa. — Foi o Estranho?

— Não, não, não — disse Madeline. Gemeu quando viu Nellie e a governanta aparecerem no corredor. — Eu estava meditando. Alguma coisa me assustou. Por favor, não há motivo para preocupação.

— Eu trato disso, Sra. Jones — disse Artemis para a governanta. — Por favor, informe à criadagem que está tudo bem.

— Sim, senhor — a Sra. Jones deu meia-volta e, com alívio, desapareceu, com Nellie atrás dela.

Artemis esperou que elas chegassem à escada dos fundos. Então olhou para Madeline.

— Que diabo aconteceu?

— Meu sonho — olhou para Eaton Pitney. — É uma longa história, senhor, mas basta dizer que tenho tido um pesadelo que se repete. A noite passada havia algo diferente no sonho. Há uma chave, o senhor compreende.

— Uma chave? — Pitney inclinou a cabeça para um lado. — De uma porta, quer dizer?

Artemis olhou para ela.

— O que tem a chave?

— *amando*.

— Está sempre no meu sonho, mas a noite passada eu a deixei cair, e em vez de apanhá-la, como sempre acontece... — parou de falar e voltou-se outra vez para Pitney. — Senhor, ontem o senhor disse que não acredita que o pequeno livro que lhe mostrei possa ser o *Livro dos segredos*.

— Completamente impossível! Não é nem mesmo escrito na linguagem correta.

— Mas nós falamos sobre a possibilidade de ser uma espécie de código.

— O que tem isso? Ela respirou fundo.

— Lorde Linslade teve uma conversa com um intruso que ele pensou ser o fantasma do meu falecido marido. Linslade disse que ele e o fantasma falaram sobre o *Livro dos segredos*. O fantasma de Renwick aparentemente mencionou o fato de que, mesmo que o livro seja encontrado, seria necessário um modo especial para traduzi-lo, porque poucos estudiosos podem ler a língua antiga.

— Certo — disse Pitney.

— E o senhor mesmo disse que o Estranho que o surpreendeu no labirinto pediu-lhe uma chave.

— Onde quer chegar, Madeline? — perguntou Artemis.

— E se o *Livro dos segredos* não foi consumido pelas chamas? — perguntou Madeline com voz muito firme. — E se alguém está com ele agora, procurando o código necessário para abrir os segredos? Se esse estranho e pequeno livro que estive estudando for a chave para o *Livro dos segredos*!

## DEZOITO

Esperando na sombra, atrás do biombo, ele espiava através das pequenas aberturas no desenho bordado. Os dois homens entraram na sala de jantar elegante, um depois do outro. Os dois sobressaltaram-se com o encontro, mas logo disfarçaram a surpresa mútua com as amabilidades de praxe. Nenhum deles, entretanto, conseguiu esconder seu constrangimento. Evitaram contato visual, examinando a sala com a lareira acesa.

A mesa estava posta para quatro. A luz das velas refletia nos cristais e nas pratas. Pesadas cortinas de veludo fechavam-se sobre os Jardins dos Prazeres envoltos na névoa, no lado de fora das janelas. Os sons de música e o ruído da multidão soavam abafados e distantes. Os passos dos cavalheiros eram silenciados pelo tapete espesso. Não se via nenhum criado.

O silêncio envolvia a sala de jantar reservada.

Glenthorpe foi o primeiro a quebrar o gelo:

— Não esperava vê-lo aqui esta noite. Suponho que seja também sócio do empreendimento?

— Do projeto de mineração, quer dizer? — Flood apanhou a garrafa de clarete que estava sobre a mesa. Serviu uma dose generosa num copo, mas não ofereceu a Glenthorpe. — Sou sócio desde o começo. Logo terei os lucros.

— Ouvi dizer que a oportunidade de investir, no começo, era limitada a um pequeno número de cavalheiros.

— Sim, eu sei. Só por convite — Flood tomou metade do clarete, olhando para Glenthorpe por sobre a borda do copo. — Então você foi um dos que investiram logo no começo?

— Você me conhece, Flood. — A risada de Glenthorpe ecoou na pequena sala. — Sempre fui de tirar vantagem das coisas boas, quando aparecem.

— Sim, eu o conheço — disse Flood em voz baixa. — E você me conhece. E nós dois conhecíamos Oswynn. Interessante, não acha?

Glenthorpe fez um gesto brusco.

— Ouviu a notícia?

— Que tiraram o corpo dele do rio esta manhã? Sim, ouvi.

— Algum assaltante o pegou — comentou Glenthorpe. Parecia ansioso e desesperado. — Deve se lembrar do temperamento dele. Arrojado e imprudente. Estava sempre se arriscando. Passava muito tempo na parte perigosa da cidade. Admiro-me que não tenha quebrado o pescoço ou levado um tiro de algum assassino no bairro das prostitutas, há mais tempo.

— Sim — concordou Flood. — E de admirar. Mas agora ele se foi, certo? E ficaram apenas dois membros do nosso pequeno clube.

— Pelo amor de Deus, Flood. Quer parar de falar sobre Oswynn?

— Só nós dois, e por uma estranha coincidência, estamos ambos aqui esta noite para conhecer o dono do nosso empreendimento e para sermos informados dos nossos lucros.

Glenthorpe aproximou-se do fogo para se aquecer.

— Você já bebeu bastante hoje. Talvez seja melhor evitar o vinho até depois de completarmos nossos negócios.

— Nossos negócios — repetiu Flood, pensativo. — Ah, sim, nossos negócios. Diga-me, não acha estranho que ninguém tenha chegado ainda?

Glenthorpe franziu a testa. Então tirou o relógio do bolso e abriu a tampa. — São apenas quinze para as dez.

— O convite era para as dez horas.

— E o que tem isso? — Glenthorpe guardou o relógio no bolso. — O lugar está lotado esta noite. Os outros investidores sem dúvida se atrasaram por causa disto.

Flood olhou para os quatro pratos na mesa.

— Não são muitos.

Glenthorpe acompanhou o olhar dele. Moveu as mãos nervosamente.

— Pelo menos mais dois.

Flood continuou a olhar para os quatro pratos.

— Se um dos quatro pratos destina-se ao dono do empreendimento, está faltando apenas mais um, além de nós dois. Aparentemente só nós três fomos convidados para fazer nossa fortuna.

— Eu não compreendo — Glenthorpe pôs a mão no bolso do relógio. — Que tipo de homem se atrasaria quando vai saber dos seus lucros?

Artemis saiu de trás do biombo.

— Um homem morto — respondeu ele, calmamente. Flood e Glenthorpe viraram rapidamente para ele.

— Hunt — Flood murmurou.

— Que diabo significa isto? — O medo nos olhos arregalados de Glenthorpe foi substituído por confusão. — Por que você se escondeu atrás do biombo? Devia ter aparecido assim que chegou. Esta não é uma noite para brincadeiras.

— Concordo com você — disse Artemis. — Não haverá mais brincadeiras.

— O que quis dizer com aquela observação sobre um homem morto? — Glenthorpe perguntou bruscamente.

— Você é um tolo, Glenthorpe — Flood não tirava os olhos de Artemis. — Você sempre foi tolo.

Glenthorpe se ofendeu, furioso:

— Maldição, como se atreve a me chamar de tolo, senhor? Não tem o direito de me insultar!

— Hunt não é o terceiro investidor — disse Flood com voz cansada. — Ele é o dono do projeto de mineração. Não estou certo, senhor?

Artemis inclinou a cabeça.

— Está certo.

— O dono do projeto? — Glenthorpe olhou para o quarto lugar na mesa, e depois para Artemis. — Então, quem é o terceiro investidor?

Flood franziu os lábios.

— Suspeito que Oswynn fosse o terceiro homem levado a investir toda a sua fortuna nesse projeto.

Artemis continuou na sombra.

— Outra vez chegou à conclusão certa. Mas você sempre foi o mais inteligente dos três, não é mesmo?

Os músculos do rosto de Flood ficaram tensos.

— Diga-me, só por curiosidade: exatamente quanto do total do nosso investimento perdemos?

Artemis foi até a mesa, apanhou a garrafa de clarete e serviu um copo. Olhou para os dois homens.

— Os dois perderam tudo — respondeu.

— Miserável maldito! — Flood murmurou. Glenthorpe ficou boquiaberto.

— Tudo? Mas isto não é possível! E os nossos lucros? íamos fazer uma enorme fortuna com esse empreendimento.

— Temo que seus lucros, bem como todo o dinheiro que investiram, tenham desaparecido no poço daquela imaginária mina de ouro nos Mares do Sul — disse Artemis.

— Está dizendo que a mina não existe?

— Sim, Glenthorpe. É exatamente o que estou dizendo.

— Mas... mas eu hipotequei minhas terras para levantar o dinheiro para investir nesse empreendimento — Glenthorpe segurou com força as costas de uma cadeira, para não cair. — Ficarei arruinado!

— Nós três apostamos muito mais do que tínhamos — Flood olhou para Artemis venenosamente. — Fomos enganados! Enganados por uma ilusão. Hunt, aqui, foi o mágico atrás da cena!

Glenthorpe cambaleou. Seu rosto murchou numa expressão de angústia. Levou a mão ao peito. Respirou rapidamente algumas vezes, e então, devagar, endireitou o corpo. — Por quê? Por que tudo isto?

Artemis olhou para ele.

— Por causa de Catherine Jensen.

Glenthorpe empalideceu. Deixou-se cair numa cadeira.

— Maldição! Foi você quem mandou o selo do relógio há alguns meses, não foi?

— Eu queria que tivessem tempo para contemplar o passado antes de eu dar o próximo passo — disse Artemis.

— Você é um demônio insensível, Hunt — disse Flood num tom quase casual. — Eu devia ter pensado nisso há muito tempo, muito antes desta noite.

— Não — Glenthorpe passou as costas da mão no nariz, — Não. Isso é impossível. Como pode ser? Tudo acabou há muitos anos.

Artemis concedeu a ele um breve olhar. Flood era perigoso.

— Não há limite de tempo para a vingança.

— Foi um acidente — Glenthorpe elevou a voz. — Ela reagiu exageradamente. Quem ia pensar que uma mulher pequenina como ela ia lutar tanto? Ela fugiu de nós. Tentamos apanhá-la, mas ela correu. Era uma noite tão escura. Sem lua. Não dava nem para ver a própria mão na frente dos olhos sem um lampião. Não foi nossa culpa ela ter caído daquele rochedo.

— Mas, para mim, foi culpa sua — disse Artemis, em voz baixa. — Sua, de Oswynn e de Flood.

— Muito bem, então — disse Flood calmamente — vai nos matar como matou Oswynn?

Glenthorpe sobressaltou-se.

— Você matou Oswynn? — estremeceu violentamente e segurou na beirada da mesa. — Não foi um assaltante?

— É claro que foi Hunt que matou Oswynn — disse Flood. — Quem mais podia ser?

— Acontece — disse Artemis — que eu não matei Oswynn.

— Eu não acredito nisto — retrucou Flood.

— O que você acredita depende de você, é claro, mas se passar seu tempo olhando por sobre o ombro, à minha espera, pode não notar o



verdadeiro assassino na sua frente.

— Como não notamos que estávamos sendo atraídos para nossa ruína financeira? — perguntou Flood com sarcasmo.

Artemis sorriu.

— Exatamente. Meu conselho é desconfiar de todos os novos conhecidos.

— Não — a respiração de Glenthorpe era leve e desritmada. — Não, isto não pode estar acontecendo.

Flood contraiu os músculos da mandíbula.

— Se você não matou Oswynn, Hunt, quem o matou, então?

— Uma excelente pergunta — Artemis tomou um gole do clarete. — Que pretendo responder em breve. Enquanto isso, acho que devemos supor que o assassino pode ir atrás de vocês dois agora. Por isso eu os chamei aqui esta noite. Queria que soubessem, antes de morrer, que Catherine Jensen foi realmente vingada.

Glenthorpe balançou a cabeça agitado.

— Mas por que esse vilão ia querer nos matar?

— Pela mesma razão que matou Oswynn. Ele espera distrair minha atenção de outro projeto no qual estou profundamente envolvido — declarou Artemis. — Devo admitir que ele conseguiu dividir minha atenção. Não posso permitir que as coisas continuem deste modo.

Flood olhou para ele.

— Qual é seu outro projeto?

— Meu outro empreendimento não é da sua conta — respondeu Artemis. — Basta dizer que minha associação com você e Glenthorpe está terminada por enquanto. Os eventos me obrigaram a revelar meu jogo antes do que havia planejado. Por ora, devo me satisfazer com a certeza de que vocês dois encontrarão seus credores na porta, amanhã cedo.

— Estou liquidado — choramingou Glenthorpe. — Completamente destruído.

— Sim — Artemis caminhou para a porta. — Não chega a compensar o que fizeram há cinco anos, é claro, mas dará a vocês algo em que pensar nas longas noites de frio. Sempre supondo que o homem que matou Oswynn não os alcance primeiro.

— Maldito seja, seu bandido miserável! — rosnou Flood. — Isto não vai ficar assim.

— Se acha que de algum modo impugnei sua honra — Artemis disse suavemente —, sinta-se com liberdade para mandar seus segundos falar com os meus.

Flood ficou vermelho de raiva, mas não disse nada. Artemis saiu para o corredor e fechou a porta. Ouviu alguma coisa se espatifar contra os painéis de madeira da parede. A garrafa de clarete, talvez. Ele desceu as escadas dos fundos e saiu para a noite enevoadada. A névoa não afetara o entusiasmo das multidões, mas a maioria dos visitantes, nesta noite, preferia as atrações em recintos fechados. As luzes do Pavilhão de Cristal cintilavam. Ele seguiu por um caminho que dava numa clareira iluminada por lampiões. Não havia ninguém por perto.

Acabado, finalmente. Cinco longos anos de espera, todos os planejamentos infundáveis, a estratégia, tudo terminado nesta noite. Oswynn estava morto, Flood e Glenthorpe arruinados, e podiam muito bem morrer

pelas mãos do misterioso vilão que havia adotado o disfarce do fantasma de Renwick Deveridge. Sem dúvida, isto era suficiente.

Percebeu que havia esperado alguma coisa, mas não sentia nada. Onde estava a satisfação? A sensação de justiça feita? Um pouco de paz?

Ouviu os aplausos no Pavilhão de Prata. A demonstração de mesmerismo tinha terminado.

Ocorreu a Artemis que vivera num transe nos últimos cinco anos. Talvez Madeline estivesse certa. Talvez ele fosse excêntrico ao extremo. Que homem são passa *cinco anos* planejando uma vingança?

Sabia a resposta a estas questões: um homem que não tinha nada mais importante para viver do que a vingança fria.

O conhecimento opressivo se instalou em sua alma, cinzento e amorfo como a névoa, porém muito mais pesado. Caminhou para o portão oeste e se dirigiu à primeira carruagem de aluguel que esperava na escuridão.

Parou quando viu numa pequena carruagem negra esperando na rua. Os lampiões exteriores luziam fantasmagoricamente dentro da névoa. O interior do veículo estava em completa escuridão.

— Com todos os demônios.

O vazio dentro dele foi repentinamente substituído pela raiva. *Ela não devia estar ali.*

Caminhou para a carruagem. Latimer, na boléia, o cumprimentou quando ele chegou perto.

— Desculpe-me, Sr. Hunt. Tentei evitar que ela o seguisse esta noite, mas ela não me deu ouvidos.

— Discutiremos o assunto de quem dá as ordens mais tarde, Latimer. Abriu a porta e entrou na carruagem escura.

— Artemis — a voz de Madeline estava embargada por alguma emoção que ele não conseguiu identificar de pronto. — Você se encontrou com aqueles dois homens esta noite, Flood e Glenthorpe. Não se dê ao trabalho de negar.

Ele sentou de frente para ela. Madeline usava um véu pesado, como naquela primeira noite. As mãos enluvadas estavam no colo, apertadas uma contra a outra. Ele não podia ver a expressão dela, mas sentia a tensão que emanava do seu corpo.

— Não tenho intenção de negar — disse ele.

— *Como se atreve, senhor?*

A fúria dela o paralisou por alguns segundos.

— Que diabo é isto?

— Não teve sequer a cortesia de me informar sobre seus planos para esta noite. Se Zachary não mencionasse, por acaso, que o senhor enviou mensagens para os dois cavaleiros com os quais tinha negócios, eu não saberia o que pretendia fazer. Como pôde fazer uma coisa destas sem me dizer?

A ira de Madeline o deixou perplexo.

— Meus negócios com Flood e Glenthorpe esta noite não eram da sua conta.

— Contou a eles sua ruína iminente, não contou?

— Conteí.

— Maldição, o senhor podia ter sido morto!

— Pouco provável. Eu estava com o completo controle da situação.

— Bom Deus, Artemis, o senhor orquestrou um espetáculo com seus dois maiores inimigos e nem mesmo levou Zachary para protegê-lo?

— Garanto que Zachary não precisava estar lá.

— Não tinha o direito de correr este risco. E se alguma coisa tivesse dado errado? — Levantou a voz. — Se Flood e Glenthorpe o tivessem desafiado para um duelo?

Tanta fúria parecia inadequada e estranha. Ele percebeu que ela estava transtornada demais por sua causa.

— Flood e Glenthorpe não são do tipo que arrisca o pescoço em duelos. Se fossem, eu os teria desafiado há muito tempo. Madeline, acalme-se.

— Quer que eu me acalme? Como pode sugerir uma coisa destas? E se um deles tivesse uma pistola e o matasse?

— Eu não estava de todo despreparado — ele disse, procurando tranquilizá-la. — Hesito em fazê-la lembrar das minhas deficiências, mas, afinal de contas, sou um Vanza. Não sou um homem fácil de matar suavemente —, sinta-se com liberdade para mandar seus segundos falar com os meus.

Flood ficou vermelho de raiva, mas não disse nada.

Artemis saiu para o corredor e fechou a porta. Ouviu alguma coisa se espatifar contra os painéis de madeira da parede. A garrafa de clarete, talvez.

Ele desceu as escadas dos fundos e saiu para a noite enevoadada. A névoa não afetara o entusiasmo das multidões, mas a maioria dos visitantes, nesta noite, preferia as atrações em recintos fechados. As luzes do Pavilhão de Cristal cintilavam. Ele seguiu por um caminho que dava numa clareira iluminada por lâmpioes. Não havia ninguém por perto.

Acabado, finalmente. Cinco longos anos de espera, todos os planejamentos infundáveis, a estratégia, tudo terminado nesta noite. Oswynn estava morto, Flood e Glenthorpe arruinados, e podiam muito bem morrer pelas mãos do misterioso vilão que havia adotado o disfarce do fantasma de Renwick Deveridge. Sem dúvida, isto era suficiente.

Percebeu que havia esperado alguma coisa, mas não sentia nada. Onde estava a satisfação? A sensação de justiça feita? Um pouco de paz?

Ouviu os aplausos no Pavilhão de Prata. A demonstração de mesmerismo tinha terminado.

Ocorreu a Artemis que vivera num transe nos últimos cinco anos. Talvez Madeline estivesse certa. Talvez ele fosse excêntrico ao extremo. Que homem são passa *cinco anos* planejando uma vingança?

Sabia a resposta a estas questões: um homem que não tinha nada mais importante para viver do que a vingança fria.

O conhecimento opressivo se instalou em sua alma, cinzento e amorfo como a névoa, porém muito mais pesado. Caminhou para o portão oeste e se dirigiu à primeira carruagem de aluguel que esperava na escuridão.

Parou quando viu numa pequena carruagem negra esperando na rua. Os lâmpioes exteriores luziam fantasmagoricamente dentro da névoa. O interior do veículo estava em completa escuridão.

— Com todos os demônios.

O vazio dentro dele foi repentinamente substituído pela raiva. *Ela não devia estar ali.*

Caminhou para a carruagem. Latimer, na boléia, o cumprimentou

quando ele chegou perto.

— Desculpe-me, Sr. Hunt. Tentei evitar que ela o seguisse esta noite, mas ela não me deu ouvidos.

— Discutiremos o assunto de quem dá as ordens mais tarde, Latimer. Abriu a porta e entrou na carruagem escura.

— Artemis — a voz de Madeline estava embargada por alguma emoção que ele não conseguiu identificar de pronto. — Você se encontrou com aqueles dois homens esta noite, Flood e Glenthorpe. Não se dê ao trabalho de negar.

Ele sentou de frente para ela. Madeline usava um véu pesado, como naquela primeira noite. As mãos enluvadas estavam no colo, apertadas uma contra a outra. Ele não podia ver a expressão dela, mas sentia a tensão que emanava do seu corpo.

— Não tenho intenção de negar — disse ele.

— *Como se atreve, senhor?* A fúria dela o paralisou por alguns segundos.

— Que diabo é isto?

— Não teve sequer a cortesia de me informar sobre seus planos para esta noite. Se Zachary não mencionasse, por acaso, que o senhor enviou mensagens para os dois cavaleiros com os quais tinha negócios, eu não saberia o que pretendia fazer. Como pôde fazer uma coisa destas sem me dizer?

A ira de Madeline o deixou perplexo.

— Meus negócios com Flood e Glenthorpe esta noite não eram da sua \ conta.

— Contou a eles sua ruína iminente, não contou?

— Conteí.

— Maldição, o senhor podia ter sido morto!

— Pouco provável. Eu estava com o completo controle da situação.

— Bom Deus, Artemis, o senhor orquestrou um espetáculo com seus dois maiores inimigos e nem mesmo levou Zachary para protegê-lo?

— Garanto que Zachary não precisava estar lá.

— Não tinha o direito de correr este risco. E se alguma coisa tivesse dado errado? — Levantou a voz. — Se Flood e Glenthorpe o tivessem desafiado para um duelo?

Tanta fúria parecia inadequada e estranha. Ele percebeu que ela estava transtornada demais por sua causa.

— Flood e Glenthorpe não são do tipo que arrisca o pescoço em duelos. Se fossem, eu os teria desafiado há muito tempo. Madeline, acalme-se.

— Quer que eu me acalme? Como pode sugerir uma coisa destas? E se um deles tivesse uma pistola e o matasse?

— Eu não estava de todo despreparado — ele disse, procurando tranquilizá-la. — Hesito em fazê-la lembrar das minhas deficiências, mas, afinal de contas, sou um Vanza. Não sou um homem fácil de matar.

— Seu maldito treinamento Vanza não é à prova de chumbo, senhor. Renwick Deveridge era um Vanza, mesmo assim eu apanhei uma pistola e o matei no corredor da sua própria casa.

A carruagem estava em movimento, mas o silêncio no seu interior era tão alto que mascarava o tilintar dos arreios e o patear dos cavalos. Madeline ouviu o eco da sua confissão de assassinato, imaginando se realmente enlouquecera. Depois de guardar seu grande segredo durante meses — um

segredo que podia levá-la à força ou ao exílio —, deixara-o escapar durante uma discussão acalorada.

Artemis disse, pensativamente:

— Então, os rumores e as especulações eram verdadeiros. Você o matou. Ela apertou mais as mãos, uma contra a outra.

— Sim.

— E seu pesadelo, devo supor, é um relato preciso do que aconteceu naquela noite?

— Sim. Eu não contei a primeira parte.

— A parte em que atirou em Deveridge. — Sim.

Sem tirar os olhos dela, Artemis disse:

— Também não me contou por que estava tão desesperada para abrir a porta do quarto se a casa estava em chamas à sua volta.

— Berenice estava dentro do quarto. Por um momento fez-se silêncio.

— Com todos os diabos — Artemis olhou para ela por um momento. — Como Berenice foi trancada no quarto? — perguntou finalmente.

— Renwick a seqüestrou naquela noite, depois de envenenar meu pai. — Seus dedos doíam. Ela olhou para baixo e viu que estava com as mãos fortemente fechadas. — Renwick a levou para a casa dele, amordaçada e amarrada, e a deixou para morrer no incêndio.

— Como você a encontrou?

— Meu pai ainda estava vivo quando eu o descobri, e ele me disse que Renwick tinha levado Berenice e que voltaria para me buscar. Disse também que minha única esperança era agir rápida e decisivamente. Pediu-me para lembrar tudo que havia me ensinado de Vanza.

— O que você fez?

— Segui Renwick até sua casa. Quando cheguei, ele já havia posto fogo no laboratório. Estava se preparando para incendiar a área das cozinhas. Entrei no jardim, olhei para cima e vi o rosto de Berenice na janela do quarto. Ela conseguira se arrastar até ali, mas suas mãos ainda estavam amarradas. Não podia abrir a janela. Eu não tinha meios de subir até ela.

— Então, entrou na casa.

— Sim. Não tinha outra escolha — fechou os olhos, as lembranças chegando até ela com terrível rapidez. — Renwick ainda estava na cozinha. Não me ouviu entrar. Subi a escada e segui pelo corredor, até a porta do quarto. Estava escuro, a não ser pela luz do fogo na escada dos fundos.

— Você encontrou a porta do quarto trancada? Ela inclinou a cabeça, assentindo.

— Tentei usar um grampo de cabelo. Eu ouvia o crepitar das chamas. Sabia que não tinha muito tempo. Então, de repente, ele estava no corredor. Devia me ter visto na escada.

— O que ele disse?

— Ele riu quando me viu agachada na frente da porta. Ergueu a mão e me mostrou a chave. E riu. “É disto que precisa?”, perguntou.

— O que você disse?

— Nada — olhou para ele através do véu. — A pistola estava no chão, ao meu lado, escondida debaixo do meu casaco. Ele não a viu. Meu pai tinha dito que eu não devia hesitar, porque Renwick era um Vanza. Por isso eu não disse nada. Apanhei a pistola e desferi o tiro mortal com um único movimento. Ele

não estava a mais de dois metros de mim. Caminhando para mim. Rindo como o demônio que era. Eu não podia errar. Não ousaria errar.

Artemis olhou para ela com olhos brilhantes.

— Então, você apanhou a chave, abriu a porta e salvou sua tia. — Sim.

— Você é realmente incrível, minha querida. Madeline olhou para ele.

— Nunca senti tanto medo em minha vida.

— Sim, é claro — disse ele. — É o que faz tudo tão incrível, compreende?

Não quero fazer com que fale no assunto mais do que o necessário, mas devo perguntar outra vez, pois você e sua tia foram as últimas pessoas que viram Renwick vivo. Tem absoluta certeza de que ele morreu naquela noite?

Ela estremeceu.

— Tenho. Berenice nos fez parar o tempo suficiente para se certificar. Ela disse que não podíamos cometer mais erros, porque ele era um homem louco e extremamente perigoso.

— Era também um homem muito astuto.

Ela se controlou e olhou para ele com ar determinado.

— Quase tão inteligente e astuto quanto o senhor. Mesmo assim, não foi inteligente e astuto o suficiente para evitar uma bala.

— Compreendo o que quer dizer e agradeço seu interesse.

— Maldição, Artemis, não me trate como se eu fosse uma idiota! Sei o que um tiro à queima-roupa pode fazer no peito de um homem.

— Naturalmente. Por que escolheu este momento para me dizer a verdade sobre o que aconteceu naquela noite?

Ela ficou rígida.

— Posso garantir que não pretendia confessar o crime.

— Autodefesa.

— Sim, bem, nem todos acreditariam nisto, Artemis.

— Eu acredito.

— Perdoe-me, senhor, mas está aceitando o fato de eu ser uma assassina muito casualmente, para não dizer mais.

Ele sorriu brevemente.

— Sem dúvida porque não é exatamente uma novidade para mim. Há algum tempo, eu tinha certeza de que a senhora, ou sua tia, era responsável pelo tiro que matou Deveridge. Entre as duas, estava inclinado a apostar na senhora. Berenice o teria matado com veneno, não com uma pistola.

— Compreendo — olhou para as mãos fechadas com força. — Não sei bem o que dizer quanto a isso.

— Não precisa dizer nada — fez uma pausa. — Mas em relação ao modo com que resolveu contar a verdade...

— Não imagino o que aconteceu comigo. Devo ter perdido a cabeça — franziu a testa. — Não, não perdi a cabeça, perdi a paciência! Como se atreve a arriscar seu pescoço como fez esta noite?

— Por que está tão zangada comigo? — ele perguntou, calmamente. — É porque tem medo que se eu me deixasse matar por Flood ou Glenthorpe ficaria privada dos meus serviços?

Uma raiva pura e total apossou-se dela.

— Com os diabos, Artemis, sabe que isto não é verdade! Estou furiosa porque não posso suportar a idéia de qualquer coisa acontecer ao senhor.

— Quer dizer que acabou gostando de mim, apesar do meu passado

Vanza? Acha que pode ignorar minhas conexões com esse passado?

Os olhos dela o fulminaram.

— Não estou com disposição para brincadeiras, senhor.

— Nem eu — sem nenhum aviso, ele estendeu os braços para ela. Suas mãos se fecharam nos ombros de Madeline. — Diga-me exatamente por que não pode suportar a idéia de que posso ser morto.

— Não seja idiota, senhor — ela disse, com os dentes cerrados. — Sabe perfeitamente por que não quero que seja ferido ou coisa pior.

— Se não é porque a desagrada a idéia de ter o trabalho de procurar outro entendido em Vanza, é porque não suporta a idéia de arcar com sua culpa ainda? É por isso que está tão preocupada comigo?

— Maldição, Artemis.

— Tem medo de que se alguma coisa me acontecer enquanto estou a seu serviço, será obrigada e aceitar a responsabilidade, como assumiu a responsabilidade do que aconteceu com seu pai, não é isto?

De repente, ela percebeu que ele também estava furioso.

— Sim. Em parte, é isto. Não preciso de mais sentimento de culpa, muito obrigada.

— Não é responsável por mim, madame — sua voz estava fria e cortante como uma lâmina. — Estamos entendidos?

— Assumo a responsabilidade que eu quiser.

— Não, não assume — tirou a mão direita do ombro dela, segurou a ponta do véu e o jogou para trás, para o alto da cabeça dela. — Estamos juntos neste caso, e juntos iremos até o fim.

— Artemis, se alguma coisa acontecer ao senhor, acredito que enlouquecerei — ela murmurou sinceramente.

Ele segurou o rosto dela com as duas mãos.

— Escute com atenção. Eu tomo as minhas decisões. Não compete à senhora, nem é seu direito, assumir a culpa por qualquer coisa que aconteça por causa dessas decisões. Com todos os diabos, Madeline, não sou sua *responsabilidade*.

— O que é então, senhor?

— Por Deus, madame, sou seu *amante*. Nunca esqueça este fato. Beijou os lábios dela e a fez deitar nas almofadas da carruagem. O

peso do seu corpo a prendeu ao banco. Suas pernas amassavam as pregas das suas saias.

— *Artemis*.

— Há alguns minutos, quando saí dos Pavilhões do Sonho, me senti como se estivesse saindo de um transe — segurou o rosto dela com as mãos.

— Um transe que durou cinco longos anos. Meus planos de vingança eram tudo que me faziam prosseguir durante estes anos. Esta noite compreendi, pela primeira vez, que há agora algo infinitamente mais importante na minha vida.

— O que é, Artemis?

— A senhora.

Ele inclinou a cabeça e a beijou com desejo ardente. Sensações quase violentas, tanto dele quanto dela, incendiaram seus sentidos. Madeline o abraçou com força, correspondendo aos beijos com a mesma paixão intensa com que ele a beijava.

Sua boca traçou um caminho ardente até seu pescoço.

— Eu sou seu amante — ele repetiu.

— Sim. *Sim*.

Levantou as saias dela até a cintura. Madeline sentiu as mãos dele, quentes e possessivas, na pele nua, logo acima das ligas.

Os dedos dele a encontraram primeiro, levando-a a um desejo febril apenas com alguns rápidos movimentos.

— Você responde a mim como se fosse louca por mim — havia espanto e quase temor em sua voz rouca.

Ela sentiu a masculinidade dele, ereta e túrgida contra seu corpo, e compreendeu que, de algum modo, Artemis conseguira abrir as calças. Ele segurou um dos seus tornozelos, depois o outro, e levou ambos acima dos ombros dela. Entre as pregas do seu vestido, do manto e as sombras, ela sabia que Artemis não podia vê-la, mas mesmo assim sentiu-se completamente exposta. Jamais experimentara uma vulnerabilidade tão intensa. Em vez de se alarmar, isto só serviu para aumentar sua excitação.

Então ele a penetrou com um único e longo movimento, enchendo-a completamente. Com um suspiro trêmulo, ele começou a se mover antes que ela tivesse tempo de se ajustar a ele. Seus movimentos eram rápidos, urgentes, implacáveis.

A insistente tensão no seu baixo ventre foi aliviada de repente com dezenas e dezenas de estremecimentos doces e latejantes que pareciam fluir por todo o seu corpo.

Ela ouviu a abafada exclamação de satisfação de Artemis, sentiu os músculos das costas dele enrijecerem sob suas mãos. Ela o abraçou com força enquanto ele se satisfazia dentro dela.

Uma hora depois de se deitar, Artemis finalmente desistiu de tentar dormir. Afastou as cobertas, levantou da cama e apanhou o robe negro.

Atravessou o quarto até a mesa de centro, sentou no tapete e acendeu a vela de meditação. Fechando os olhos, deixou que a adstringência da vela acalmasse seus pensamentos inquietos.

Depois de algum tempo, fez a revisão de todos os planos, de todas as precauções, de cada movimento que fizera até então, procurando falhas e pontos fracos.

Mas quando certificou-se de que havia feito todo o possível até o momento, seus pensamentos mais uma vez se voltaram para a imagem de Madeline.

Ele tinha de mantê-la a salvo. Foi ela quem o tirou do longo transe.



## DEZENOVE

Os candelabros cintilantes iluminavam o longo salão de baile com um brilho intenso. Todas as pessoas importantes estavam presentes para se divertir na casa de Lorde Clay e de sua mulher, uma famosa anfitriã. Embora sabendo a verdadeira razão da sua presença nesta noite, Madeline estava encantada. Tendo freqüentado por pouco tempo a sociedade, antes do seu casamento, e se afastado por completo, depois, para ela era realmente outro mundo, um reino repleto de brilhantes ilusões como os Pavilhões do Sonho.

Perto das portas de vidro, ao lado de Berenice, as mulheres, com seus vestidos leves, valsavam nos braços dos cavalheiros elegantemente vestidos. Lacaios de libré circulavam entre a multidão com bandejas de prata repletas de champanhe e limonada. Conversas descontraídas e risos artificiais misturavam-se com a música.

Berenice examinou Madeleine da cabeça aos pés, e sorriu com satisfação.

— Você ganha de qualquer mulher aqui, esta noite, minha querida. Madeline olhou para suas saias de cetim amarelo-claro e franziu o nariz.

— Graças a você.

— Nada disto. Os agradecimentos vão para Hunt. Foi ele quem insistiu para que não se vestisse de negro esta noite. Se quer minha opinião, está mais do que na hora de você começar a se vestir de um modo mais adequado para uma mulher jovem.

O cetim amarelo havia se materializado como por mágica naquela tarde, acompanhado por uma costureira experiente que o ajustou ao corpo de Madeline. Luvas combinando com o vestido e sapatos de dança de pelica também apareceram de lugar nenhum.

Berenice estava tão satisfeita que Madeline teve certeza de que fora cúmplice daquilo tudo. Mas foi o brilho de prazer masculino nos olhos de Artemis que a convenceu de que talvez estivesse na hora de terminar o luto pela morte do pai.

Foi idéia de Artemis aproveitar o fato de a mansão de Clay estar repleta de convidados nesta noite. Uma oportunidade perfeita para revistar o escritório do dono da casa, Artemis explicou. Precisavam saber o que Clay fizera com a grande quantidade de ervas do sono compradas na farmácia da Sra. Moss.

Madeline olhou apreensiva para a grande escadaria. Artemis tinha desaparecido havia meia hora para sua investigação clandestina. Até agora não havia nem sinal dele.

— Ele foi há muito tempo — ela murmurou para Berenice.

— Tenho certeza de que não há nenhum motivo para se preocupar. Hunt é muito esperto para se deixar apanhar revistando o escritório de Clay.

— Não estou preocupada com isso. Estou aborrecida porque ele ficou com a parte mais fácil desta noite. Deixou para mim a parte mais difícil.

— Do que você está falando?

— Não é óbvio? Sou eu quem tenho de agüentar todos os olhares e comentários. Não notou a comoção que provocou nossa entrada no salão de baile? Francamente, é como se toda esta gente não tivesse nada melhor para

fazer do que comentar o fato de que Artemis está com a Perversa Viúva esta noite.

Berenice riu, divertida.

— Tem razão, minha querida. Nenhum deles tem coisa melhor para fazer do que comentar este fato. Sua conexão com Hunt é, sem dúvida, o assunto do momento.

— É como ser parte de uma das atrações nos Pavilhões do Sonho. Eu devia fazer toda esta gente comprar entrada.

— Ora, vamos, não é tão ruim.

— Sim, é. Eu preferia mil vezes estar revistando o escritório de Clay. Seria bem-feito para Artemis ter ficado aqui embaixo, para receber todos estes olhares curiosos.

— A alta roda se cansa logo dos rumores — garantiu Berenice — A notícia de que você está envolvida com Hunt logo perderá o interesse.

— Espero que tenha razão.

— Berenice — a voz era repleta de fingida surpresa. — É bom vê-la outra vez. Já faz tanto tempo!

Madeline se voltou e viu uma mulher de meia-idade, vestida de seda rosa, aproximando-se delas. A mulher a examinou com um monóculo.

— E esta é a Sra. Deveridge, não é?

Madeline decidiu imediatamente que não gostava da mulher.

— Fomos apresentadas, madame?

— Sua tia pode cuidar dessas formalidades. Eu e ela nos conhecemos.

— Lady Standish — murmurou Berenice. — Permita-me apresentar minha sobrinha, Madeline.

— A Perversa Viúva — Lady Standish disse com um sorriso gelado para Madeline. — É preciso admirar a coragem de Hunt. Não é qualquer cavalheiro que ousaria receber em sua casa uma senhora com sua reputação.

Madeline ficou atônita com o ataque direto. Berenice, entretanto, enfrentou imediatamente a luta.

— Artemis Hunt não é o seu tipo de cavalheiro tímido — disse ela calmamente. — Ao contrário do seu filho, Endicott, que parece preferir companhias mais tépidas, Hunt gosta de inteligência e estilo.

Os olhos de Lady Standish a fuzilaram com a ofensa.

— É um gosto por apostas perigosas, sem dúvida. Madeline franziu a testa.

— Do que está falando, madame?

O sorriso de Lady Standish foi fino e malévolo.

— Ora, minha querida Sra. Deveridge, não sabia que seu nome está no livro de apostas de todos os clubes masculinos da cidade? Há uma oferta de mil libras para o homem que sobreviver a uma noite com a senhora. Suponho que Hunt já tenha recebido seu prêmio.

Madeline ficou perplexa.

— Não se preocupe — continuou Lady Standish. — Talvez possa convencê-lo a dividir o prêmio com a senhora.

Madeline ficou sem saber o que dizer.

Mas não Berenice. Olhou para Lady Standish com o frio desdém de um general no campo de batalha olhando para o inimigo.

— Evidentemente a senhora não ouviu dizer que nosso anfitrião lançou

um desafio no seu clube, na outra noite. Ele deixou claro que qualquer cavalheiro que mencione o nome de minha sobrinha de modo que ele considere ofensivo será convidado para um encontro de madrugada. Seria bom avisar o jovem Endicott. Se bem me lembro, ele é seu único herdeiro. Seria uma pena perdê-lo num duelo pela honra de minha sobrinha, não acha?

Foi a vez de Lady Standish ficar boquiaberta. Seus olhos frios estavam chocados.

— Ora, eu nunca...

Fez meia-volta e desapareceu no meio dos convidados, sem outra palavra.

Madeline finalmente conseguiu se controlar. Voltou-se para Berenice.

— Do que estava falando? Não vai dizer que Hunt realmente lançou um desafio para qualquer homem que me insultar?

— Não é nada com que se preocupar, minha querida. Ninguém vai ser tolo de arriscar.

— Não se trata disto — Madeline mal podia controlar o pânico e a fúria.

— Bom Deus, não posso permitir que Hunt arrisque seu pescoço de modo tão ridículo. E por que ninguém me falou dessa aposta no livro de apostas dos clubes?

— Eu sabia que ia ficar aborrecida, minha querida — Berenice bateu de leve na mão dela. — Ultimamente você tem tido muito com que se preocupar.

— Mas como você soube dessas coisas?

— Acho que foi o Sr. Leggett quem mencionou — disse Berenice, cautelosamente vaga.

— Pode estar certa, tenho alguma coisa para dizer a ele sobre o assunto — disse Madeline, furiosa.

— Para o Sr. Leggett?

— Não — Madeline entrecerrou os olhos. — Para Artemis.

Artemis ouviu a chave girar na fechadura no momento exato em que terminou de revistar a última gaveta da mesa de Clay. Rapidamente, apagou a vela e se escondeu atrás da pesada cortina de veludo que caía como uma cascata nos dois lados da janela alta.

Ouviu a porta abrir. Alguém entrou na sala. Artemis viu a luz de uma vela, mas não quem a segurava.

— Aí está você, Alfred — disse alguém do corredor. — Estão à sua procura na cozinha.

— Diga que eu logo estarei lá. Tenho de fazer minha ronda primeiro. Sabe como o patrão anda ansioso a respeito de ficar de olho nas suas coisas, desde o roubo de outra noite. Ele me disse para ficar especialmente alerta esta noite, porque a casa está cheia de gente.

— Humm. Eu não chamaria de roubo. A única coisa que estava faltando era aquele vidro de ervas que ele trouxe da farmácia no mês passado. Se quer saber, para mim, já foi tarde!

— Ninguém está perguntando sua opinião, George.

Isto certamente respondia à pergunta mais importante da noite, Artemis pensou, ouvindo a porta se fechar. As ervas do sono haviam sido roubadas. Outra visita noturna do fantasma misterioso, sem dúvida. Lorde Clay evidentemente não tinha nada a ver com o caso.

Artemis saiu de trás das cortinas. Saiu da biblioteca e seguiu pelo

corredor na direção da escada. Alguns minutos depois, atravessou o salão de baile repleto de gente, para onde Madeline e Berenice estavam.

Parte da frustração por não ter conseguido nenhuma informação útil na biblioteca de Clay desapareceu quando ele viu Madeline. Ela estava gloriosa, Artemis pensou. Fazia sombra a qualquer outra mulher, não por ser a mais bela das mulheres presentes, mas porque, para ele, era a mais atraente de todas.

Sem tirar os olhos dela, Artemis se aproximou. Ele tinha acertado na escolha daquele tom de amarelo, pensou. A luz do sol era, definitivamente, a cor de Madeline.

— Boa-noite, senhoras — disse ele, parando ao lado de Madeline. — Estão se divertindo?

Madeline virou-se rapidamente para ele e Artemis viu, surpreso, que os olhos dela estavam cheios de fúria.

— Como se atreve a fazer uma coisa tão idiota? — ela perguntou, sem nenhum preâmbulo. — O que estava pensando? Não tem nenhum juízo? O que o fez fazer uma coisa tão estúpida?

Perplexo, Artemis olhou interrogativamente para Berenice, que se limitou a erguer as sobrancelhas, dar de ombros e de novo dedicar toda a sua atenção aos pares que dançavam. Artemis compreendeu que estava sozinho.

Olhou nos olhos furiosos de Madeline.

-O que...

— Pensou que eu não descobriria a verdade?

-Bem...

— Não posso acreditar.

— Acreditar no quê? — perguntou cautelosamente. — Se é sobre a revista do escritório de Clay, você estava sabendo que eu pretendia...

— Não é disto que estou falando, e você sabe — disse ela, secamente. Artemis olhou em volta, notando o grupo de senhoras perto deles.

Segurou o braço de Madeline.

— Sugiro que caminhemos até os jardins para um pouco de ar fresco.

— Não pense que vai sair desta mudando de assunto, senhor.

— Primeiro tenho de descobrir qual é o assunto — disse ele, enquanto a conduzia para fora, pelas portas de vidro. — Então vou me preocupar em mudar ou não.

— Há. Não finja que não sabe.

— Não estou fingindo, posso garantir — ele a fez parar na extremidade escura do terraço. — Agora, do que se trata, Madeline?

— Trata-se do que me contaram que aconteceu no seu clube. Ele gemeu.

— Alguém mencionou a aposta.

— Não dou a mínima para a aposta de mil libras. É de esperar esse tipo de bobagem de inúteis que não têm nada mais a fazer além de apostar em qualquer coisa, desde o número de moscas na parede até o número de palitos numa caixa de fósforo.

Ele estava realmente confuso agora.

— Se não foi a aposta que a irritou, que diabo foi, então?

— Acabo de ser informada de que o senhor lançou um desafio a qualquer cavalheiro no seu clube. É verdade?

Ele franziu a testa.

— Quem contou?

— É verdade?

— Madeline...

— Quero lembrar, senhor, que fizemos um pacto de não mentir um para o outro. É verdade que pretende desafiar para um duelo qualquer homem que me insultar?

— Acho que é pouco provável que alguém a insulte na minha frente — ele disse, procurando tranquilizá-la da melhor maneira possível. — Portanto, não há nenhum motivo para se preocupar.

Ela se aproximou mais dele.

— Artemis, se arriscar o pescoço em uma coisa tão tola como um duelo em defesa de minha honra, juro que nunca vou perdoá-lo.

Ele sorriu.

— Nunca, nunca?

— Falo sério.

Artemis sentiu um calor espalhando-se por todo o seu corpo.

— Então você me ama um pouco, Madeline? A despeito de meu treinamento Vanza e de minhas conexões com a profissão?

— Eu o amo mais do que já amei alguém em toda a vida, seu tolo idiota. E não vou tolerar mais esse tipo de bobagem da sua parte. Fui bem clara?

— Perfeitamente clara — Artemis a puxou para ele e a beijou com ardor, antes que ela pudesse perceber o que acabava de dizer.

## VINTE

John Pequeno fechou mais no pescoço o cachecol dado pelo Sr. Hunt e viu dois homens saindo da taverna. O sujeito à direita era o que tinha seguido o dia inteiro. Zachary dissera que seu nome era Glenthorpe.

— Com os diabos, sinto-me um pouco estranho — Glenthorpe cambaleou nos degraus. — Não tive a impressão de ter bebido tanto esta noite.

— Certamente perdeu a conta, meu amigo — o homem de cabelos dourados riu. — Mas não se preocupe, eu o levarei para casa a salvo.

— Bondade sua, senhor. Muita bondade.

John Pequeno viu Glenthorpe cambalear outra vez quando acabou de descer os degraus. O cavalheiro teria caído de cara no chão se o outro sujeito, o que usava uma bengala, não o tivesse amparado.

John Pequeno vibrou com uma onda de expectativa. Visões de um belo pagamento dançaram em sua mente. Zachary tinha dito para prestar atenção especial em qualquer homem que estivesse com Glenthorpe.

O homem com a bengala entrara na taverna alguns minutos depois de Glenthorpe, mas certamente eram amigos íntimos agora. John Pequeno não tirou os olhos da presa, enquanto acabava de comer a torta de carne que havia apanhado um pouco antes. Estava pensando em voltar para o quarto aconchegante acima do estábulo, que partilhava com cinco outros rapazes, mas agora estava satisfeito por ter ficado firme na sua tarefa de vigilância.

O homem que saiu da taverna com Glenthorpe parou para pôr o chapéu. John Pequeno admirou o modo como o cabelo do sujeito brilhava à luz do lampião da rua. Era como se fosse feito dos mais finos fios de ouro. Mas o que chamou sua atenção profissional foi a bengala. Jack Vermelho, o receptador, daria um bom dinheiro por ela.

Infelizmente, não parecia que ia ser fácil se apossar da bengala. Glenthorpe podia estar bêbado, mas o homem do cabelo de ouro parecia forte e alerta. John Pequeno sabia que aquele tipo de sujeito sempre levava uma pistola.

Não valia o risco, ele decidiu. De qualquer modo, o Sr. Hunt pagaria a ele o mesmo pela informação que Jack Vermelho pagaria pela bengala. Além disso, ao contrário do receptador, o Sr. Hunt sempre pagava imediatamente e muito bem pelos serviços prestados. John Pequeno acreditava em manter um bom relacionamento com os fregueses que pagavam suas contas em dia.

O homem de cabelos dourados levantou a bengala para chamar uma carruagem de aluguel. Ajudou Glenthorpe a entrar na carruagem e foi falar com o cocheiro.

John Pequeno afastou-se um pouco da porta em que se escondia, e se esforçou para ouvir as instruções do homem louro.

— Crooktree Lane, meu bom homem — a voz sonora e elegante ecoou estranhamente na névoa.

John Pequeno não esperou para ouvir mais. Conhecia Crooktree Lane. Ficava perto do rio. Àquela hora da noite era um lugar escuro e perigoso, habitado pelos piores ratos de duas pernas que existiam em Londres.

Madeline estava acordada em seu quarto, inclinada sobre o estranho pequeno livro, mas não conseguia prestar atenção nas bobagens escritas na

frente dos seus olhos. Só pensava na sua imprudência, confessando seu amor por Artemis.

Graças a Deus ele agira como um cavalheiro, não mencionando o assunto outra vez. Ou talvez estivesse tão chocado quanto ela com suas palavras ardentes. Talvez fossem as últimas palavras que ele queria ouvir dela.

Ele se dizia seu amante, mas nunca havia dito que a amava.

Bateram na porta. Madeline ergueu os olhos, aliviada com a interrupção. Olhou para o relógio. Passava da meia-noite.

— Entre.

A porta se abriu e Nellie apareceu, de camisola e touca.

— Peço desculpas, madame, mas há um menino na porta da cozinha. Pede para falar com Zachary ou com o Sr. Hunt, mas nenhum dos dois voltou ainda.

Artemis havia saído cedo para fazer a ronda dos seus clubes, em outra tentativa de ouvir rumores e informações. Zachary foi com ele, disfarçado de cocheiro.

— Um menino, você disse?

— Sim, madame. Um dos garotos que levam recados para Zachary e para o Sr. Hunt. Ele diz que é importante. Diz que precisa falar com alguém sobre um homem que esteve vigiando o dia todo.

— Glenthorpe — Madeline levantou de um salto. — Diga a ele para esperar na cozinha. Vou me vestir e desço logo.

— Sim, madame — e Nellie começou a se afastar.

— Espere — Madeline chamou, já na frente do guarda-roupa. — Acorde Latimer. Diga a ele para chamar uma carruagem. Deve haver alguma na rua a esta hora. Depressa, Nellie!

Nellie fez uma pausa.

— Não quer que ele atrele sua carruagem, madame?

— Não, posso ser reconhecida. Nellie arregalou os olhos.

— Espera algum perigo, madame?

— E bem possível. Depressa, Nellie.

— Sim, madame — e Nellie desapareceu.

Madeline se vestiu rapidamente, calçou as botas de cano curto e correu para a porta. Quando estava na metade do quarto, parou e voltou correndo para a arca que ficava debaixo da janela. Abriu a tampa e apanhou uma caixa que continha uma pistola e as balas. Então apanhou um coldre de tornozelo e a faca dados pelo seu pai.

Quando estava pronta, saiu para o corredor. Desceu correndo a escada e chegou, ofegante, na cozinha. Reconheceu o menino maltrapilho, com olhos velhos demais para a idade.

— John Pequeno, você está bem?

— E claro que estou bem — As palavras eram indistintas, porque ele tinha meio pão doce na boca, mas não havia dúvida quanto ao tom de desapontamento.

— Vim trazer a informação para Zachary ou para o Sr. Hunt.

— Nenhum deles está em casa. Provavelmente estão em um dos clubes do Sr. Hunt. Diga-me rapidamente o que você viu esta noite.

Ele hesitou.

— E o meu pagamento?

— Providenciarei para que você receba.

Ele franziu o nariz, pensando no assunto. Então resolveu:

— Vi Glenthorpe entrar numa carruagem com um homem. Glenthorpe estava bêbado como um lorde mas o outro sujeito estava completamente sóbrio. Ouvi quando ele disse para Glenthorpe que o levaria para casa a salvo, mas depois mandou o cocheiro levar os dois para Crooktree Lane.

— Onde fica isso?

— Perto do rio. Não muito longe do portão sul dos Pavilhões do Sonho. Há dois dias venho vigiando Glenthorpe, e tenho certeza de que ele não mora lá.

Latimer apareceu na porta, vestindo o casaco.

— O que está acontecendo, madame? Madeline voltou-se para ele.

— Conseguiu uma carruagem de aluguel?

— Sim, mas por que a pressa?

— Precisamos tentar encontrar o Sr. Hunt em um dos seus clubes e ir para Crooktree Lane imediatamente. Glenthorpe foi levado para lá por um homem que pode ser um... — ela parou de falar, antes de dizer a palavra "assassino". Não queria assustar John Pequeno, embora duvidasse que muita coisa no mundo podia alarmar aquele garoto das ruas. — Ele foi levado por um homem que pode ser muito perigoso.

John Pequeno revirou os olhos para o teto.

— Ela quer dizer o homem que liquidou o cavalheiro que pescaram no rio. Zachary me contou tudo. — Apanhou outro pão e deu uma mordida de bom tamanho.

— O Sr. Hunt disse que alguma coisa parecida pode acontecer — Madeline explicou. — Ele disse que isto daria a ele uma chance de apanhar o vilão. Mas precisamos avisá-lo — virou para John Pequeno. — Você pode ficar aqui com Nellie até voltarmos?

— Não se preocupe comigo — disse John Pequeno, apanhando outro pão. — Não vou a lugar nenhum antes de receber meu pagamento.

Artemis vestiu o sobretudo enquanto andava rapidamente para a sua carruagem. Lembrou que não era a primeira vez que era chamado do seu clube por Madeline. Estava se tornando um hábito.

Abriu a porta e entrou na carruagem, enquanto Zachary subia para a boléia, para sentar ao lado de Latimer. A carruagem de aluguel usada por Madeline até St. James desapareceu na névoa, o cocheiro à procura de outro freguês.

— Artemis — Madeline olhou para ele —, graças a Deus nós o encontramos bem depressa.

— Do que se trata? — ele perguntou quando a carruagem começou a andar.

— John Pequeno viu Glenthorpe sair com um cavalheiro, exatamente como você sugeriu que podia acontecer. Vão para Crooktree Lane. Fiquei sabendo que é um lugar perigoso, perto do rio.

— Sem dúvida não é uma parte elegante da cidade — ele assentiu. Olhou para a rua movimentada pela janela da carruagem. — É também convenientemente próximo do portão sul dos Pavilhões do Sonho.

— Conveniente?

— Bastante perto para arrastar um homem que acaba de ser morto. Eu



não ficaria surpreso se soubesse que Oswynn foi morto em Crooktree Lane e seu corpo levado para a Casa Mal-assombrada.

— Primeiro Oswynn e agora Glenthorpe. Eu não compreendo, Artemis. Por que esse assassino está fazendo isso? Não faz sentido.

Artemis olhou para ela no interior escuro da carruagem, surpreso com o comentário.

— Não compreende? Ele está resolvido a me demover dessa empreitada. Aparentemente estou sendo um obstáculo.

— Mas como matar seus inimigos o tiram do caminho dele?

— Depois que a tentativa imprudente de me matar não deu certo, obviamente ele concluiu que era muito arriscado me enfrentar outra vez. Por isso resolveu outro modo de se aproximar do problema.

— Como assim?

— Acredito que a morte de Oswynn tenha sido um aviso. Mas esta noite nosso fantasma sem dúvida pretende uma ameaça mais direta. Talvez tenha chegado à conclusão de que, se puder implicar os Pavilhões do Sonho num escândalo de assassinatos, criará bastante problema para distrair minha atenção.

— Sim, é claro. Seus negócios podem muito bem ser arruinados se o público vier a saber que um cadáver foi encontrado em um dos jardins de suas atrações.

— Talvez. Talvez não — disse Artemis com um misto de seriedade e divertimento. — Sei por experiência própria que o público é inevitavelmente atraído pelas atrações mais bizarras. É difícil calcular a força de atração de um Jardim dos Prazeres que tenha sido cenário de um ou dois assassinatos.

— Que idéia macabra! Realmente não se pode adivinhar o gosto das pessoas, não é mesmo?

— Suspeito que a ameaça ao meu negócio seja o menos importante dos objetivos dele.

— Porém, o que mais ele pode esperar conseguir?

Ele hesitou, e então resolveu que era melhor dizer a ela o resto.

— É possível que seu verdadeiro objetivo seja me implicar nos assassinatos.

— Você? — ela arregalou os olhos. — Bom Deus, Artemis, acredita mesmo que se um corpo for descoberto no terreno dos Pavilhões do Sonho, o senhor, como proprietário, pode vir a ser suspeito do crime? Sem dúvida isto é pouco provável.

— Não tão improvável se souberem que eu considerava o morto como meu inimigo mortal, e que armei um esquema para destruí-lo — disse ele em voz baixa.

— Sim, sei o que quer dizer — ela estremeceu. — Esse vilão obviamente conhece seus segredos mais profundos. É como se ele fosse realmente um fantasma capaz de atravessar paredes.

— Ele está tentando me afastar para chegar a você — disse Artemis. — Deve suspeitar agora que você tem a chave.

A habilidade de Latimer com as rédeas e o conhecimento que Zachary tinha da cidade permitiram um excelente progresso na viagem. Artemis mandou Latimer parar o veículo a duas quadras dos portões fechados da entrada sul.

— Por que estamos parando aqui? — Madeline quis saber.

— Para cobrir todas as eventualidades — ele abriu a porta e saltou da carruagem. — Ouçam com atenção, meus amigos. Latimer, você e Madeline ficarão na carruagem. Encontre um lugar de onde possam vigiar o portão sul sem serem vistos.

Madeline pôs a cabeça para fora da janela.

— Por que devemos ficar aqui?

— Porque se Zachary e eu chegarmos tarde demais para evitar a morte de Glenthorpe, o vilão provavelmente vai trazer o corpo para os Pavilhões do Sonho por este portão.

— Compreendo — Madeline tirou da bolsa a pequena pistola. — Latimer e eu devemos deter o vilão se ele passar por você e Zachary.

— Não, não vão tentar detê-lo — Artemis chegou muito perto da janela. — Ouça bem o que vou dizer, madame. A senhora e Latimer devem vigiá-lo e ver para onde ele se dirige depois de entrar no parque, mas não devem fazer nenhuma tentativa de se aproximar dele. Está claro? — Mas, Artemis...

— O homem é letal, Madeline. Não vai arriscar seu pescoço ou o de Latimer. Apenas observem seus movimentos. Nada mais.

— O que você e Zachary vão fazer?

— Vamos tentar pegar o miserável antes que ele me faça mais favores — olhou para Zachary. — Pronto?

— Sim, senhor — havia urgência e excitação na voz de Zachary. Ele saltou da boléia.

Madeline inclinou-se para fora da carruagem.

— Artemis, você e Zachary têm de me prometer que vão ser muito, mas muito cautelosos.

— Sim, é claro.

Deu as costas a ela, com um leve sorriso. Nenhum dos dois tinha falado na feroz declaração de amor de Madeline na noite anterior. Ele tinha a impressão de que ela queria fingir que não havia acontecido e, por enquanto, Artemis se contentava em participar do jogo. Ela precisava de tempo para se ajustar à idéia de amá-lo, Artemis pensou. Sem dúvida foi um grande choque. Ela não fazia idéia do quanto tinha aquecido sua alma.

Fez um sinal para Zachary.

— Vamos, então.

Artemis saiu na frente, seguindo por uma rua estreita que os levaria a Crooktree Lane. Zachary o seguiu rapidamente, uma sombra silenciosa a seu lado.

O luar refletindo na névoa e a luz ocasional de uma janela eram suficientes para mostrar o caminho. Aqui e ali, uma prostituta acendia seu lampião e os chamava da porta.

Passaram pela teia de ruas estreitas e passagens entre prédios sem nenhum incidente e entraram numa viela estreita e angulosa.

— Esta é Crooktree Lane, senhor — disse Zachary. — Eu costumava vir aqui quando comecei minha carreira. Muitos rapazes a conhecem, porque Jack Vermelho tem uma loja perto. Ele é um ótimo receptor, mas muito exigente. Só aceita a melhor mercadoria.

— Acredito em sua palavra — Artemis olhou para a Crooktree da entrada da rua em que estavam. — Eu esperava chegar aqui antes que a carruagem

deixasse nossa presa, mas parece que estamos atrasados. Não vejo nenhuma carruagem...

Foi interrompido pelo ruído de patas de cavalos e rodas.

— Aí está — murmurou Zachary.

Uma carruagem apareceu numa volta de Crooktree Lane cautelosamente. As lâmpadas brilhavam fracamente. O cocheiro usava o chicote com vontade, exortando o cavalo ao trote, mas o animal não mostrava nenhum entusiasmo.

— Mais depressa, minha velha — a voz do cocheiro era um rosnado áspero e urgente. — Este não é o tipo de lugar onde queremos demorar numa noite como esta.

Artemis foi para o meio da rua, como se quisesse fazer parar o veículo.

— Um momento do seu tempo, senhor.

— O que é isto? — Assustado, o cocheiro puxou as rédeas do seu cavalo e olhou inquieto para Artemis. Relaxou um pouco quando viu o sobretudo caro e as botas reluzentes. — Precisa de uma carruagem, senhor?

— O que preciso é informação, e preciso depressa — Artemis jogou uma moeda para o homem. — Acaba de deixar algum passageiro?

— Sim, senhor — o cocheiro apanhou a moeda no ar e guardou-a no bolso com destreza profissional. — Dois sujeitos, um deles tão bêbado que mal podia ficar de pé. O outro me deu uma bela gorjeta, deu mesmo.

— Onde eles desceram da carruagem?

— Bem depois daquela curva, no número doze. Artemis jogou outra moeda para o cocheiro.

— Pelo seu trabalho.

— Não foi trabalho nenhum. Vai querer transporte?

— Não esta noite.

Artemis voltou para a sombra. O cocheiro suspirou e sacudiu as rédeas. A carruagem continuou rua abaixo.

— Talvez tenhamos chegado a tempo, afinal — Artemis tirou a pistola do bolso do sobretudo. — Mas temos de agir depressa.

— Sim — Zachary verificou sua pistola.

Artemis saiu na frente, procurando os lugares mais escuros. Sentiu um orgulho quase paternal quando percebeu que Zachary também procurava fazer o mínimo de barulho possível. O homem mais jovem estava pondo em prática suas lições Vanza com entusiasmo.

Por alguma razão, isto o fez pensar rapidamente como seria ter um filho. Ou talvez uma filha de vontade forte, com os olhos da mãe. Os olhos de Madeline.

Afastou a idéia e o sentimento. Tinha coisas mais importantes em que pensar nesta noite.

— Por que, diabos, quer entrar nesta rua nojenta, senhor?

Artemis parou. Glenthorpe. A resposta veio numa voz de homem. Muito baixa. Era impossível entender as palavras, mas a impressão de impaciência crescente era clara.

Zachary parou e olhou para Artemis, esperando instruções. O som de passos incertos ecoou na noite.

Glenthorpe choramingou outra vez.

— Não quero entrar aí. Você disse que íamos a uma taverna. Mas não

veja nenhuma luz. Não devia haver luzes?

Artemis ergueu a pistola e se encostou na parede de pedra na entrada da rua. Olhou para a curva. Na luz fraca do lampião que o companheiro de Glenthorpe levava, ele podia ver os vultos escuros dos dois homens. Ambos de sobretudo e chapéu.

— Sim, Glenthorpe — disse Artemis, friamente —, certamente devia haver alguma luz.

O homem com o lampião girou o corpo rapidamente. Àquela distância, e com a luz fraca, era impossível ver seu rosto claramente, mas Artemis teve a impressão de traços finos e bem-feitos e olhos brilhantes.

— O que é isso? — disse Glenthorpe, esforçando-se para manter o equilíbrio. Agarrou o ombro do companheiro. — Quem está aí?

Com rapidez notável, o outro homem deixou cair o lampião, se livrou da mão de Glenthorpe e correu para a outra extremidade da rua.

— Com todos os demônios — disse Artemis e correu atrás dele.

— Cuidado, ele tem uma pistola! — gritou Zachary.

No mesmo instante, Artemis viu o movimento do braço da sua presa. A fraca iluminação refletiu no cano da arma. Um *flash* de luz brilhou quando a faísca atingiu a pólvora. O tiro reverberou no escuro.

Artemis atirou-se nas pedras sujas da calçada. Disparou sua pistola simultaneamente, mas sabia que provavelmente erraria o tiro, como o vilão tinha errado. Pistolas não eram certas naquela distância.

Ele se levantou imediatamente e seguiu pela rua outra vez. Mas o fugitivo já estava escalando o muro, no fim da rua. Seu sobretudo se abriu dos lados como imensas asas negras.

O miserável subia uma escada de corda. Artemis compreendeu que o assassino devia ter deixado a escada ali, à mão, muito antes de trazer Glenthorpe para aquela rua. Seu plano era cometer o assassinato a sangue frio nesta noite, e naturalmente havia preparado sua rota de fuga.

As asas do sobretudo negro adejaram mais uma vez, e então desapareceram numa janela.

Artemis apanhou a extremidade da escada de corda, mas o vilão a tinha soltado na parte de cima. Ela caiu na calçada, a seus pés. Os pequenos ganchos de âncora bateram ruidosamente no chão de pedra.

Artemis sabia que sua presa havia muito teria desaparecido, antes que tivesse tempo de prender a escada outra vez.

-Miserável!

Ele nem tinha chegado a ver de perto o fugitivo.

Mas Glenthorpe o tinha visto. Artemis lembrou. E John Pequeno também. Antes do amanhecer, ele teria uma boa descrição do fantasma. Pela primeira vez conseguiam uma informação sólida de primeira mão sobre o assassino. Progresso, finalmente.

Ele voltou rapidamente para a entrada da rua estreita, onde Zachary o esperava com o quase desmaiado Glenthorpe.

— Flood garantiu que você estava tentando nos assustar — Glenthorpe, sentado na cadeira, na biblioteca de Artemis, com as mãos entre os joelhos, olhava para o tapete. — Ele disse que não havia nenhum assassino misterioso. Disse que Oswynn foi morto por um assaltante, como diziam os jornais. Disse que você não nos assassinaria, porque queria saborear a nossa ruína.

Berenice o fez tomar uma enorme quantidade de chá, mas levou uma hora para Glenthorpe voltar a si. Agora parecia desanimado, mas finalmente começava a falar coerentemente.

— Flood estava certo sobre meu objetivo — disse Artemis. — Mas estava errado sobre o assassino. Você o conheceu esta noite. Ele não é um assaltante comum. Quero saber exatamente como vocês se conheceram. Conte-me tudo que puder lembrar da sua conversa com ele.

Glenthorpe fez uma careta e passou a mão na testa.

— Não lembro de muita coisa. Bebi demais, compreende? Tentando esquecer o estado das minhas finanças. Ele deve ter ido à minha mesa em algum momento. Lembro que ele disse alguma coisa sobre um investimento que estava considerando.

— Que tipo de investimento? — perguntou Madeline.

— Alguma coisa a ver com um canal para barcaças de carga. Não lembro detalhes. Tomamos um ou dois copos enquanto ele explicava. Fez parecer uma boa oportunidade, um meio de recobrar minhas perdas no investimento da mina de ouro.

— O que ele disse para fazer com que você saísse com ele? — perguntou Artemis.

— Não lembro exatamente. Alguma coisa sobre encontrarmos um lugar para falar do negócio com privacidade. Eu devo ter dito que estava interessado nas ações do canal. Quando dei por mim, estávamos na carruagem. Depois, naquela rua — Glenthorpe ergueu os olhos injetados para Artemis —, percebi que alguma coisa estava muito errada então, mas não conseguia pensar no que podia fazer. Minha mente estava obscurecida.

— Ele deu a você alguma droga — concluiu Berenice.

— Sim. Suponho que deve ter sido isto — murmurou Glenthorpe.

— Mas ele não disse onde morava? — perguntou Artemis. — Quais os cafés que frequenta? Deu o nome de algum bordel ou de uma taverna?

— Não lembro — Glenthorpe parou de falar, franzindo a testa. — Espere, acho que ele disse alguma coisa quando passamos por uma taverna.

Artemis se levantou e ficou de pé na frente dele.

— O que foi que ele disse?

Glenthorpe se encolheu na cadeira. Engoliu em seco algumas vezes.

— Eu... eu acho que acabava de dizer que estava muito satisfeito por tê-lo conhecido, porque estava ansioso para um bom investimento. Ele disse que sabia que eu estava numa péssima situação. Perguntei como tinha descoberto.

— Que explicação ele deu? — perguntou Artemis.

— Ele olhou para fora da carruagem. Viu as luzes da taverna. Disse que era incrível o que um homem podia ficar sabendo se frequentasse os piores estabelecimentos de Londres.

— Disse mais alguma coisa? Mencionou a taverna que prefere? Deu alguma indicação de onde está hospedado?

Todo o rosto de Glenthorpe se franziu em intensa concentração.

— Não. Não mencionou seu endereço. Por que o mencionaria? Mas quando passamos por um pequeno parque, ele disse alguma coisa sobre ter sido criado naquela parte da cidade.

Os olhos de Madeline e de Artemis se encontraram. Depois ela olhou para Glenthorpe.

— O que ele disse sobre seu passado? Glenthorpe voltou a olhar os desenhos do tapete.

— Pouca coisa. Só algo sobre como ele e seu meio-irmão brincavam naquele parque.

— Cabelo dourado. Olhos azuis. Traços perfeitos de um poeta romântico — Madeline estremeceu e parou na frente do fogo. — Ele e seu *meio-irmão* brincavam num parque.

— Isso explica por que Linslade o confundiu com Renwick — Artemis parou de falar enquanto servia um conhaque. Olhou para ela. — Nos diz também por que ele não permitiu que a senhora o visse claramente. Pode parecer um pouco com Renwick, mas não eram gêmeos. A senhora diz que Renwick nunca mencionou o meio-irmão?

— Não — ela balançou a cabeça, exasperada. — Eu já disse. Renwick mentiu para mim desde o dia em que nos conhecemos. Ele nos disse que fora criado na Itália e que era órfão.

— Deveridge evidentemente conhecia muito bem a Estratégia do Engano. Inventou um passado completamente novo para ele mesmo. Deve ter sido um mentiroso muito hábil para enganar seu pai — outra pausa. — E a senhora.

— A culpa foi minha — ela fechou uma das mãos com força. — Se eu não tivesse me deixado levar tão depressa por um impulso momentâneo, que parecia afeição eterna, teria percebido que ele era um charlatão.

— Certamente. Esses impulsos momentâneos sempre criam problemas. Ela olhou para ele irritada.

— Minha tolice o diverte, senhor?

Ele sorriu.

— É muito severa consigo mesma, Madeline. Você era uma mulher ingênua e inexperiente, levada pelo entusiasmo do seu primeiro romance verdadeiro. Todos nós, num momento ou em outro, sentimos esse mesmo tipo de impulso.

— Poucos pagaram um preço tão alto — murmurou ela.

— Não nego isso. Mas o caso é que poucas jovens mulheres têm de enfrentar uma víbora esperta como Deveridge.

Ela olhou para o fogo.

— Elas devem se considerar afortunadas.

Deixando o copo na mesa, ele ficou de pé atrás dela. Pôs as mãos nos seus ombros e a fez virar e olhar nos seus olhos.

— O importante é que a senhora não continuou a se deixar enganar por Deveridge. Também não permitiu que ele a intimidasse. Agiu para se libertar das espirais da serpente. Lutou com coragem e determinação.

Ela olhou atentamente para ele.

— Como a sua Catherine?

— Sim — ele a abraçou com força. — No fim, você matou o dragão, Madeline. É isto que importa.

Ela apertou o rosto contra a camisa dele.

— Eu sinto tanto que sua Catherine tenha morrido durante sua luta.

— Eu agradeço o fato de você ter sobrevivido — ele disse, com a boca nos cabelos dela.

Por um momento ela ficou quieta nos braços de Artemis. Então, piscando

para afastar as lágrimas que ameaçavam molhar a camisa dele, endireitou o corpo e enxugou os olhos com a longa manga do vestido. Esboçou um sorriso trêmulo.

— Uma coisa é certa sobre o nosso fantasma — disse ela. — Ele tem a mesma tendência de Renwick para o melodrama.

— Sem dúvida.

Ela apoiou a mão na moldura da lareira.

— Não podemos continuar deste modo, Artemis. Precisamos agir. Ele já matou um homem. Esta noite tentou matar outro e atirou no senhor porque foi encurralado. E difícil dizer o que ele fará em seguida.

— Concordo. Chegamos mais perto cada vez que ele faz um movimento, e ele sabe disto. Sem dúvida está desencorajado agora. Talvez até desesperado, depois que quase o apanhamos esta noite.

— Meu pai gostava muito de um velho ditado Vanza, “desespero traz pressa; pressa provoca erros”.

— Devemos atacar enquanto ele ainda está abalado pelo que aconteceu esta noite — disse Artemis, em voz baixa. — Temos nossa isca.

— A chave?

— Sim. Agora devemos preparar a armadilha. Ela segurou com força a moldura da lareira.

— Tem um plano?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Para isso a senhora me empregou, não foi? Elaborar um plano Vanza para apanhar um fantasma Vanza?

— Artemis, não é hora de ressuscitar velhas discussões.

— Concordo — levantou uma das mãos. — Meu plano está apenas meio formado, mas se o seu fantasma está abalado e furioso neste momento, como suspeito, há uma boa chance de dar certo.

Ela se animou.

— Fale-me do seu plano.

— Seu sucesso depende de dois fatores. O primeiro, que o vilão tenha dito a verdade para Glenthorpe, esta noite, quando insinuou que consegue informação nas tavernas.

— E o segundo fator? Artemis sorriu friamente.

— Se ele compartilha ou não da falha fatal do irmão.

— Que falha?

— A tendência para subestimar a fêmea da espécie.

John Pequeno, ao contrário do que sempre fazia, resolveu pagar a torta de carne. A tentação de guardar a moeda recebida, e roubar sua refeição da noite, era quase irresistível. Mas, no fim, a idéia de negócios futuros venceu. O Sr. Hunt fora muito claro nas suas instruções, e John Pequeno estava resolvido a satisfazer o cliente.

Assim, ele pagou a torta de carne e, saboreando o luxo de não precisar sair correndo pela rua, ficou perto da carrocinha do vendedor para uma boa conversa.

O rapaz que tomava conta do carrinho de tortas de carne era apenas alguns anos mais velho do que John Pequeno. Tinha um círculo de conhecidos e a maioria deles gostava de partilhar um rumor ocasional durante as horas de uma longa noite na rua.

John Pequeno não era o único que tinha recebido uma moeda e a promessa de receber outra, se seguisse as instruções. Durante a noite, os Olhos e Ouvidos de Zachary percorriam as ruas e ruelas de Londres. Alguns conversavam com cozinheiros e ajudantes de cozinha que saíam para descansar do calor do fogo das cozinhas das tavernas. Outros chamavam carruagens de aluguel para cavalheiros bêbados. Outros, ainda, conversavam com vendedoras de fósforos e batedores de carteiras.

Em toda parte do seu caminho, espalhavam o rumor de uma doce velhinha assombrada por um fantasma e desesperada para se livrar de um livro perigoso, escrito numa língua estranha.

— E amaldiçoado — John Pequeno explicou sombriamente para vários outros vendedores de torta de carne, batedores de carteira, receptadores e outros sócios destes negócios. — Vale muito dinheiro, mas um fantasma está atrás dele, você compreende? A velhinha está morta de medo. Quer encontrar um modo de dar o livro para o fantasma antes que ele mate alguém de sua casa.

Paul, que ganhava a vida segurando cavalos para cavalheiros enquanto eles estavam nos piores bordéis, disse, cético:

— Como a velhinha vai fazer com que o fantasma saiba que ela quer dar o livro para ele, depois que ele a matar na sua cama?

— Não sei — admitiu John Pequeno. — Mas ela diz que seus nervos não agüentam mais a perseguição do fantasma. Ela está tomando tônicos quase de hora em hora para se acalmar.



## VINTE E UM

A mensagem foi entregue para Berenice no dia seguinte. Um garoto da rua colidiu com ela de propósito no lado de fora de uma livraria onde ela acabara de comprar o último livro apavorante da Sra. York. Quando ela alisou a saia depois do encontro, descobriu o bilhete enfiado na sua pequena bolsa.

O suspense ameaçava acabar com seus nervos, mas ela lembrou que tinha um vidro de tônico na casa de Hunt. Voltou imediatamente para a carruagem e mandou Latimer ir para casa o mais depressa possível.

Assim que entrou, ela atirou seu chapéu na direção da espantada governanta.

— Onde está minha sobrinha? — perguntou.

— A Sra. Deveridge está na biblioteca com o Sr. Hunt e o Sr. Leggett — disse a Sra. Jones.

Berenice, sacudindo o bilhete na mão, correu para a porta aberta.

— O plano deu certo. O vilão me mandou uma mensagem. Artemis, sentado à sua mesa, ergueu os olhos com a fria satisfação do

caçador que sabe que a presa está finalmente ao seu alcance. A reação de Madeline foi também de satisfação. Primeiro pareceu espantada, depois eufórica.

Mas foi a expressão de orgulho no rosto de Henry que aqueceu Berenice até o âmago do seu ser.

— Parabéns, Sra. Reed. Sua atuação nos dois últimos dias tem sido para lá de soberba. Se eu não soubesse o quanto a senhora é decidida, acreditaria que é uma mulher cujos nervos estão tensos a ponto de se partir.

— Gosto de pensar que consegui certo grau de convicção no meu papel — disse Berenice, modestamente.

— A senhora foi brilhante — Henry garantiu com um olhar carinhoso. — Absolutamente brilhante.

— Na verdade, o plano de Artemis é que foi brilhante — Berenice sentiu-se na obrigação de dizer.

— Não poderia ser executado com tanta eficiência se não fosse pela senhora, madame — Henry insistiu.

Artemis e Madeline trocaram um olhar. Ela tossiu discretamente.

— Podemos discutir o brilhantismo de todos mais tarde. Leia o bilhete, tia Berenice.

— Sim, é claro, querida — sentindo que este era o seu momento de glória, Berenice desdobrou o bilhete com um gesto decisivo. — É bem curto — ela avisou. — Mas creio que transmite exatamente o que esperávamos.

*Madame:*

*Se a senhora deseja trocar o livro pela vida de um dos que lhe são caros, sugiro que pense numa desculpa para ir ao teatro esta noite. Leve o livro na bolsa. Não diga nada para Hunt nem para sua sobrinha. Em algum momento, procure ficar sozinha no meio da multidão. Eu a encontrarei.*

*Se não seguir as instruções exatamente, o castigo será a vida de minha querida mulher.*

— Interessante — Artemis recostou na cadeira, estendeu as pernas para

a frente e cruzou os tornozelos. — Ele quer muita gente em volta para dar cobertura quando tirar o livro da sua bolsa, Berenice. Uma combinação da Estratégia da Distração e a Estratégia da Confusão.

Madeline franziu a testa.

— Se ele usar um disfarce e for bastante esperto, será difícil localizá-lo e muito mais difícil apanhá-lo no meio da multidão, no lado de fora do teatro.

— Ele vai agir quando eu sair para chamar a carruagem, depois do espetáculo — disse Artemis com impressionante confiança.

Berenice ergueu as sobrancelhas.

— Como sabe disso?

— Sei porque é a única oportunidade que permitirei a ele — disse Artemis suavemente. — Só a deixarei sozinha nesse momento, Madeline. Desta vez faremos o jogo de acordo com as minhas regras.

Artemis havia feito planos para todas as eventualidades, exceto a menos provável, Madeline pensou, quando o espetáculo estava quase no fim, naquela noite. Ela estava tão envolvida nos detalhes do plano que não imaginou que seria objeto de tantos olhares interessados. Era pior do que na noite do baile de Clay. Nos intervalos, as luzes refletiam em vários binóculos de ópera voltados para o camarote onde estava com Artemis e Berenice.

Quanto a Artemis, ela notou com alguma irritação, parecia ignorar completamente os olhares curiosos. Madeline suspeitava que, ao contrário dela, ele antecipara essa atenção. Não parecia incomodá-lo nem um pouco. Sentado à vontade, com sua graça casual, comentava o desempenho dos atores e providenciava copos de limonada para o camarote. Ao contrário de muitos outros cavalheiros bem-vestidos presentes, ele não arranjava nenhuma desculpa para visitar os outros camarotes. Ficou com suas convidadas, sob todos os aspectos o perfeito anfitrião.

— Muito bem, o que você esperava? — Berenice murmurou alguns minutos depois, enquanto esperavam no hall de entrada apinhado que Artemis fosse chamar a carruagem. — Você é a Perversa Viúva, afinal de contas. Além disto, foi morar na casa do homem. É tudo um escândalo delicioso.

— Você me disse que logo perderiam o interesse na minha conexão com Artemis.

— Sim, bem, aparentemente será necessário um pouco mais do que sua presença num baile e uma noite no teatro para tornar o assunto desinteressante.

— Francamente, tia Berenice, quase chego a acreditar que está se divertindo com isto.

— Tenho uma novidade para você, minha querida. Estou tendo momentos absolutamente esplendorosos. A única pena é que Henry não esteja conosco esta noite.

— Artemis disse que precisava de Henry fora do teatro para vigiar o vilão. Zachary não podia fazer isto sozinho.

— Sim, eu sei. Um cavalheiro tão destemido!

— Artemis? Sim, é mesmo, não é? — Madeline franziu os lábios. — Um pouco destemido demais para o meu gosto. Na verdade, eu preferia que ele não tivesse tanta tendência para...

— Eu estava me referindo ao Sr. Leggett, minha querida. Madeline conteve um sorriso.

— Sim, é claro.

Ela se sobressaltou violentamente quando alguém bateu no seu cotovelo. Mas quando virou a cabeça, viu apenas uma matrona idosa com um turbante cor-de-rosa. A mulher continuou seu caminho sem dar a mínima atenção a ela.

O plano era simples. Artemis supunha que o vilão procuraria roubar a bolsa de Berenice fora do hall e fugir para a rua repleta de carruagens. Mas Zachary e Henry estavam estrategicamente posicionados para vigiar. Quando o vilão agisse, eles o seguiriam no meio do povo enquanto Artemis o interceptava. Era uma antiga manobra Vanza.

— Imagino se... — Madeline parou de falar quando sentiu alguma coisa dura e cortante nas costas.

— Silêncio, minha cara cunhada — a voz era baixa e masculina. Tinha a mesma inflexão da voz de Renwick, mas não era a dele. — Vai fazer exatamente o que eu mandar, Sra. Deveridge. Meu companheiro tem um garoto intrometido chamado John Pequeno em uma dessas carruagens lá fora. Se a senhora e eu não entrarmos na carruagem juntos, imediatamente, ele tem instruções para cortar a garganta do garoto.

Madeline ficou horrorizada. Disse a única coisa que conseguiu pensar.

— Quem é você?

— Perdoe-me, não fomos devidamente apresentados, não é mesmo? Renwick morreu antes que a senhora chegasse a conhecer o resto da família. Não somos um clã muito unido, compreende? Nem nosso nome é Deveridge, como Renwick a fez acreditar. O nome é Keston. Graydon Keston.

— Madeline? — Berenice olhou para ela. — Alguma coisa errada? — Olhou para o homem que estava atrás de Madeline. — Bom Deus!

— Dê a chave para sua sobrinha, madame.

Berenice ficou rígida e segurou a bolsa com as duas mãos.

— Faça o que ele disse, tia Berenice — murmurou Madeline. — Ele está com John Pequeno.

— Estou também com uma faca — disse Keston, com voz arrastada. — No meio de tanta gente, posso enfiá-la entre as costelas da Sra. Deveridge e ninguém vai ver quando ela cair no chão.

Os olhos de Berenice se voltaram para o rosto de Madeline. Todo o alegre entusiasmo que a animava há poucos momentos tinha desaparecido.

— Madeline — ela murmurou com a voz trêmula de medo. — Não.

— Vou ficar bem — ela estendeu a mão e apanhou a bolsa de Berenice.

— Muito bem — Keston usou a lâmina para empurrá-la para a porta. — Agora, vamos embora. Já me causou problemas suficientes, Sra. Deveridge.

Madeline deu alguns passos e, então, parou, quando Zachary apareceu na sua frente com os olhos pregados em Keston.

— Você deve ser o guarda-costas — disse Keston, calmamente. — Eu esperava isto. Afaste-se ou eu a mato bem na frente dos seus olhos.

— Por favor, Zachary, faça o que ele diz — murmurou Madeline. — Eles estão com John Pequeno.

Zachary hesitou, com um olhar desesperado.

— Conte a ele que tenho uma faca nas suas costas, minha cara cunhada. Zachary contraiu os músculos do rosto quando ouviu isto. Recuou e desapareceu quase imediatamente no meio da multidão.

— Foi contar para o patrão que os planos desta noite teriam de ser

alterados, eu espero — Keston empurrou Madeline para fora, para a noite envolta em névoa. — Será que Hunt pensou mesmo que eu seria tão facilmente manipulado? Ele não é o único que estudou as antigas artes da estratégia.

Ele a empurrou para a multidão barulhenta que tinha se formado perto das carruagens. Madeline sentiu a mão dele em seu ombro. Ele a levou para o meio de várias carruagens de aluguel estacionadas muito juntas umas das outras. Cocheiros gritavam. Os cavalos abaixavam as orelhas.

Ela hesitou e imediatamente sentiu a ponta da faca nas costas. Com uma exclamação abafada, Madeline tropeçou e colidiu com o ombro de um cavalo enorme. A grande criatura, já nervosa com tanta gente e com as vozes altas, não gostou. Abaixou as orelhas e empinou um pouco. As patas enormes passaram a milímetros da perna de Keston. Um chicote estalou no escuro.

— Cuidado, sua tolinha — rosnou Keston.

Empurrando Madeline para longe do cavalo nervoso, ele a conduziu rapidamente pelo caótico labirinto de carruagens e pares de cavalos, cavaleiros e o bando de garotos que tentavam ganhar algumas moedas chamando as carruagens de aluguel para os que não tinham vindo nos próprios veículos.

No meio do caminho, Keston a fez parar. A porta de uma carruagem se abriu.

— Vejo que a pegou. — A mão enorme se estendeu e a puxou para dentro da carruagem. — A amante de Hunt, você disse. Isto apresenta algumas possibilidades interessantes.

Madeline sentiu cheiro de bebida no bafo do homem. Os dedos dele eram ásperos no seu braço quando a fez sentar a seu lado. Madeline sentiu o pé roçar em alguma coisa sólida no chão. A luz do lado de fora da carruagem era suficiente para que visse um rosto familiar.

— John Pequeno, você está bem?

Ele ergueu para ela os olhos arregalados e cheios de medo e balançou a cabeça bravamente, dizendo que sim. Madeline viu que ele estava amarrado e amordaçado.

Keston começou a entrar na carruagem, mas parou para dar ordens ao cocheiro.

— Vamos embora, homem. Há um bônus extra se nos levar rapidamente ao nosso destino.

O chicote estalou sinistramente na noite e os cavalos partiram.

— Acredito que temos um homem entusiasmado na boléia — disse Keston com satisfação, sentando de frente para Madeline. Levantou a ponta da capa e guardou a faca numa bainha amarrada à sua perna. Depois endireitou o corpo e tirou uma pistola do bolso do casaco. Apontou a arma para Madeline. — Logo chegaremos ao nosso destino.

— Se você tivesse algum juízo, me soltaria e a John Pequeno, e tentaria sair do país antes que Hunt o encontre — disse Madeline, bravamente. — Se fizer algum mal a qualquer um de nós, ele não descansará enquanto não o encontrar.

O homem ao lado dela agitou-se, inquieto.

— Ela tem razão numa coisa. O miserável nunca desiste. Quem pensaria que depois de todos estes anos...

— Cala a boca, Flood — disse Keston.

Madeline virou-se no banco e olhou para o homem grande sentado perto dela.

— Você é Flood?

— Para servi-la — os dentes de Flood brilharam num breve e brutal sorriso. — Pensando bem, você é quem vai me servir.

Ela olhou para Keston.

— Flood era sua fonte de informação. Keston deu de ombros.

— Uma delas. E só recentemente. A maior parte das minhas informações vinha das tavernas e disto e daquilo que consegui das anotações do meu meio-irmão.

Ela olhou para Flood com nojo.

— Então você permitiu que ele o usasse. Não acha que foi um tanto arriscado de sua parte?

— Ele não me usou — disse Flood em voz alta. — Sou seu sócio neste empreendimento.

Keston sorriu.

— Flood tem sido de grande ajuda. Prometi que será bem recompensado, e acontece que, graças a Hunt, ele está desesperado por dinheiro.

— Não é só dinheiro que vou receber quando esta noite acabar — Flood olhou cobiçosamente para Madeline. — Você é parte do meu prêmio.

— Do que está falando, seu bobalhão? — perguntou Madeline.

— Keston aqui concordou em dar você para mim quando o plano desta noite estiver terminado — disse Flood. — Vou recuperar um pouco do que é meu por tudo que Hunt fez para mim. Vou usar você muito bem, doçura. Como usei a pequena atriz dele.

— Isso é muito estranho — disse Madeline. — E pensar que Hunt sempre o considerou o mais inteligente dos seus três inimigos. Evidentemente ele estava enganado.

Por um instante ela achou que ele não percebera que o tinha insultado. Então, o rosto de Flood se crispou furiosamente. Estendeu a mão e a esbofeteou com força. A cabeça dela virou para o lado. Ele respirou profundamente.

— Veremos o quanto vai me insultar depois que eu acabar com você. Talvez salte de um rochedo como a outra prostituta de Hunt. O que acha? Isto será divertido.

— Chega — disse Keston. — Não temos tempo para esses jogos. Abra a bolsa que ela tem nas mãos. Deve haver um livro dentro dela. Um livro pequeno e fino, encadernado com couro vermelho.

Flood tirou a bolsa de Berenice de Madeline e a abriu. Enfiou a mão dentro, procurou e tirou um embrulho envolto em pano.

— Ainda não compreendo por que teve todo esse trabalho por causa de um maldito livro — murmurou Flood.

— Meus motivos não são da sua conta — disse Keston, secamente. — Desembrulhe o livro e o dê para mim. Quero ter certeza de que não fui enganado.

Madeline ouviu o pano sendo rasgado.

— Aqui está seu maldito livro — Flood entregou o livro para Keston.

Então, enfiou a mão outra vez na bolsa e tirou outro objeto. — Ah, o que temos aqui?

Madeline olhou para o pequeno frasco na mão dele.

— Isto pertence à minha tia. Ela sempre leva um pouco de conhaque. Usa como um tônico em emergências. Ela tem nervos fracos.

— Conhaque, é mesmo? — Flood tirou a tampa do frasco e cheirou o conteúdo com grande interesse. O melhor da adega de Hunt, apostou.

Tomou toda a bebida de um só gole. Keston olhou para ele enojado.

— Não admira que o plano de Hunt para arruiná-lo tenha funcionado tão bem, Flood. Você não controla seus desejos, não é mesmo?

Flood olhou zangado para ele, enxugando a boca com a manga.

— Você se acha muito esperto, mas onde estariam seus planos se não fosse eu, hein? — jogou o pequeno frasco pela janela. — Não teria chegado a coisa alguma e não esqueça isso, senhor.

Madeline ignorou Flood. A carruagem seguia velozmente, provocando desconforto no seu interior. Depois de um solavanco violento, ela sentiu John Pequeno virar de lado, ficando de frente para seus pés. Ela estendeu um pé para ele, esperando que o rapaz encontrasse a bainha da pequena faca logo abaixo da bainha do seu vestido.

— Então isto é a causa de toda essa encrenca, hein? — Keston disse para si mesmo, estendendo a mão que segurava o livro.

Madeline sentiu a euforia dele.

— Essa é a chave que você procura — encostou o tornozelo nos dedos de John Pequeno. — Entretanto, não posso imaginar de que adianta sem o *Livro dos segredos*. Certamente um não vale nada sem o outro.

— Então você conhece o que dizem sobre o velho volume, não é? — perguntou Keston. — Não me surpreende, eu acho. Os rumores têm estado em toda parte desde antes da morte de Lorrington.

— Só os mais excêntricos membros da Sociedade Vanzagariana acreditam que o *Livro dos segredos* realmente existe — disse ela.

— Excêntricos ou não — disse Keston, descansadamente —, alguns membros extremamente ricos da Sociedade pagariam uma fortuna por este pequeno volume. Muitos estão convencidos de que o *Livro dos segredos* sobreviveu ao fogo na Itália. Os tolos desperdiçariam suas vidas procurando por ele, mas enquanto isto pagarão muito bem pela chave, porque acreditam que os levará a um passo mais perto dos principais segredos Vanza.

Ela procurou ver o rosto dele no escuro.

— Você não procura esses segredos? Keston riu sem humor.

— Não sou tão louco quanto meu meio-irmão, Sra. Deveridge. Nem sou um idiota completo, como muitos dos velhos caducos da Sociedade Vanzagariana.

— Para você, tudo foi pelo dinheiro desde o começo, não é mesmo? Você não veio a Londres para vingar Renwick.

O riso de desdém de Keston era o eco do riso de um demônio desdenhoso.

— Minha cara Sra. Deveridge. Não sabe que Vanza ensina que todas as emoções fortes são perigosas? A vingança exige um grau de paixão que pode obscurecer a mente e levar a pessoa a fazer coisas irracionais. Ao contrário de Renwick, não me deixo guiar pelas minhas paixões. Certamente eu não sairia

do meu caminho para vingar aquele tolo.

— Mas ele era seu irmão.

— Meio-irmão. Tínhamos o mesmo pai, mas não a mesma mãe — Keston parou de rir de repente. Seus olhos cintilaram nas sombras. — A última vez que vi Renwick, ficou evidente que ele estava sendo vítima da mesma insanidade que atacou nosso pai.

— Mas você estudou Vanza.

— Isso porque nosso pai estava profundamente envolvido com essa filosofia — Keston examinou o castão de ouro da sua bengala. — Olhando para trás, agora, compreendi que o querido papai estava completamente louco desde o começo. Ele se convenceu de que os grandes segredos do mundo estavam nas idéias da alquimia situada no lado escuro Vanza. Com a idade, Renwick ficou obcecado pela mesma crença. No fim, sua fascinação pelo oculto o destruiu.

A carruagem pulava e balançava. Madeline sentiu os dedos de John Pequeno em volta do seu tornozelo, finalmente. Ele descobrira a bainha. Nenhum dos homens prestava atenção à sua pequena vítima mas, por segurança, ela arrumou casualmente as pregas do seu manto, cobrindo os movimentos de John Pequeno.

Então Madeline teve uma idéia.

— Foi você quem seqüestrou minha empregada naquela noite, não foi? Keston sorriu com aprovação.

— Muito bem, minha cara. Sua lógica é realmente incrível para uma mulher. Sim, pensei em interrogar a moça para ver se ela sabia de algum livro que tivesse chegado à biblioteca do seu pai recentemente. Mas quando não tive resultado, resolvi concentrar meus esforços em outro lugar por algum tempo. Demorei para descobrir que a chave devia realmente estar em sua posse.

Flood arrotou e estendeu a mão para se firmar. Balançou a cabeça como para clarear a mente.

Madeline procurou manter a conversa. Precisava atrair a atenção de Keston de qualquer modo.

— Notei que usa uma bengala idêntica à que Renwick usava.

— Ah, sim — Keston sorriu e apertou com mais força o castão de ouro. — Presente do nosso pai maluco. Diga-me, Sra. Deveridge, o que aconteceu na noite em que Renwick morreu? Confesso que estou um pouco curioso. Acho difícil acreditar que um simples assaltante o tenha dominado.

— Foi a insanidade de Renwick que o dominou — disse ela, calmamente.

— Maldição! — Havia um tom de espanto na voz de Keston. — É verdade o que dizem. Você o matou, não foi?

A carruagem inclinou para o lado e estremeceu quando os cavalos entraram velozmente numa curva. Madeline sentiu John Pequeno retirar a faca da bainha presa ao seu tornozelo. *Rapaz esperto.*

— Maldito cocheiro! — Flood murmurou segurando numa das alças para se firmar. — Ele vai capotar se não tiver mais cuidado.

— O homem está resolvido a ganhar a gorjeta — Keston segurou a parte de cima da porta. Mas a pistola entre seus dedos não balançou.

A mão de Flood escapou da alça e ele caiu sobre o banco na sua frente.

— Maldito idiota na boléia! — ele resmungou, voltando para seu canto da

carruagem. Sua voz estava arrastada. — Está indo depressa demais. O que há com o miserável? Diga para ele ir mais devagar, Keston.

Keston olhou para ele pensativamente.

— Quanto clarete você bebeu esta noite?

— Apenas uns dois copos, para me firmar.

— Não preciso de um assistente bêbado. Flood passou a mão na testa.

— Não se preocupe. Vou terminar meu trabalho. Não há nada que eu mais deseje do que recuperar o que me pertence. Hunt vai pagar. Com todos os demônios, ele vai pagar.

— Logo terá sua chance de se vingar, desde que faça o que eu mandar

— Keston olhou pela janela. — Estamos muito perto do nosso destino.

— O que pretende fazer? — Madeline não sentia mais a mão de John Pequeno. Rezou para que ele estivesse cortando as cordas que prendiam seus pés.

Keston disse com um sorriso feroz:

— Vamos parar primeiro no portão sul dos Pavilhões do Sonho. Quero deixar lá uma última mensagem para Hunt.

— Compreendo — disse ela friamente. — Vai matar Flood e deixar seu corpo para ser encontrado por Hunt, como o de Oswynn.

Flood virou rapidamente, com a boca aberta.

— Que negócio é esse de me matar?

— Acalme-se, Flood — Keston parecia estar se divertindo. — Não é o seu corpo que pretendo deixar dentro dos Pavilhões do Sonho. É o corpo do menino que Hunt vai encontrar.

Madeline sentiu o suor frio descendo por suas costas.

— Não pode matar o menino. Por favor! Não há nenhum motivo para fazer mal a ele, e você sabe disto. Ele não pode fazer mal a você.

— Será uma lição para Hunt.

Madeline olhou inquieta para Flood, que balançava de um lado para outro. Precisava criar uma distração. A única coisa em que podia pensar era jogar Flood contra Keston.

— Por que não diz a verdade para o Sr. Flood? É ele que você pretende assassinar.

— O quê? — Flood entrecerrou os olhos, como se não pudesse enxergar claramente. — Por que fica falando em assassinato, sua cadela idiota? Sou sócio dele neste empreendimento. Fizemos um pacto.

Ela sentiu a carruagem diminuir a marcha.

— Não compreende, senhor? Ele não precisa mais dos seus serviços.

— Ele não pode me matar — Flood tentou se firmar no banco quando a carruagem parou de repente. Mas caiu para a frente outra vez, de cara no banco oposto, cobrindo parcialmente as pernas de John Pequeno. — Somos sócios — ele resmungou, com o rosto na almofada do banco.

Tentando se endireitar, Flood caiu desajeitadamente no meio da carruagem. Com um arrote, seu corpo grande rolou sobre o corpo muito menor de John Pequeno. Madeline rezou para que o menino ainda pudesse respirar. Um movimento dos seus braços a tranquilizou.

— Meus parabéns, Sra. Deveridge — Keston olhou para Flood com as sobrelanceiras erguidas. — O que exatamente havia naquele pequeno frasco que ele tirou da bolsa de sua tia?



— Minha tia é muito entendida em tônicos de ervas — olhou para ele, tentando fazer com que Keston não desviasse os olhos, não olhasse para baixo, para John Pequeno. — Ocorreu a ela que quem quer que roubasse sua bolsa esta noite podia resolver tomar um pouco de conhaque.

— Então ela o envenenou. Ora, ora, ora. Deve haver um talento para a desonestidade na sua família, minha cara. Primeiro conseguiu matar Renwick, o que não deve ter sido fácil, e agora sua tia liquidou com meu suposto sócio. Vocês duas formam uma dupla surpreendentemente eficiente.

— Flood está apenas dormindo, não morto.

— É uma pena. Pensei que talvez ela me tivesse poupado o trabalho de me livrar dele. Agora preciso cuidar de tudo sozinho — fez um movimento com o cano da pistola. — Abra a porta, minha cara. Depressa, agora, não quero perder mais tempo! Hunt vai logo imaginar que pretendo deixar mais uma mensagem nos seus preciosos jardins.

Ela hesitou, e então, lentamente, abriu a porta da carruagem.

— Eu desço primeiro — Keston disse. — Você vem depois e arrasta o menino. Não precisa se dar ao trabalho de chamar o cocheiro. Ele sabe muito bem quem está pagando a corrida esta noite. Não vai querer se envolver neste negócio.

Apontando a pistola para ela, Keston se moveu para a porta aberta. Saltou rapidamente, depois voltou-se e estendeu a mão para dentro do veículo, para apanhar um lampião.

— Agora saia devagar, Sra. Deveridge — disse ele, acendendo o lampião. Ela estendeu o braço para baixo, para tocar em John Pequeno. Ele

balançou a cabeça afirmativamente uma vez. Ela viu de relance os tornozelos livres da corda, mas seu corpo estava preso debaixo de Flood. Podia fugir se ela encontrasse um meio de dar a ele a oportunidade.

— Diga-me, Sr. Keston — ela disse, preparando-se para descer. — Por quanto tempo pensa que pode se livrar de Hunt? Um dia, ou dois, talvez?

— Permitirei que o miserável me encontre quando e onde eu escolher. E quando nos encontrarmos outra vez, eu o matarei. Mas antes quero que ele saiba que o venci completamente neste caso. Ele pode ser um mestre Vanza, mas não é páreo para...

Um vulto negro surgiu da noite inesperadamente. A grande capa caiu sobre Keston, envolvendo-o nas dobras da lã pesada.

— O quê?... — O grito de surpresa e raiva de Keston foi abafado pelo manto que cobria sua cabeça e seus ombros. Ele lutou desesperadamente para se livrar dele.

— Abaix-se, Madeline! — Artemis gritou enquanto ela acompanhava com os olhos a queda do manto em cima de Keston.

Os dois homens caíram no chão com um baque surdo. A pistola disparou quando Keston apertou o gatilho cegamente. Errou o tiro, mas os cavalos empinaram e saltaram para a frente, em pânico.

— John Pequeno! — Madeline virou rapidamente para segurar o menino. Aparentemente sentindo o que estava para acontecer, ele tentava, desesperado, sair da carruagem. Mas seus movimentos eram extremamente prejudicados pelas mãos amarradas e pelo peso morto do corpo pesado de Flood.

Madeline sentiu a carruagem saltar para a frente quando os cavalos

assustados tentaram se livrar dos arreios. Dentro de alguns segundos, eles seriam levados atrás dos cavalos.

Ela conseguiu segurar um dos ombros de John Pequeno, tentou puxá-lo para a porta, mas não podia tirá-lo debaixo de Flood.

John Pequeno ergueu para ela os olhos apavorados e impotentes. Ele sabia tanto quanto ela o que podia acontecer com os passageiros apanhados numa fuga dos cavalos. Pescoços quebrados eram comuns.

Madeline ignorou os dois homens que lutavam no chão e, freneticamente, subiu na carruagem, que estremeceu quando os cavalos puxaram outra vez os arreios. Ela sabia que os animais estavam prestes a sair em disparada.

Ela encostou no banco para ter apoio. Firmou a sola da meia bota contra as costelas de Flood, e o empurrou com toda a força.

A carruagem se adiantou mais um pouco.

Ela se empurrou com mais força. O corpo pesado de Flood se moveu finalmente. John Pequeno conseguiu sair debaixo dele. Madeline o segurou com força. Juntos, saltaram da carruagem e rolaram no chão.

A carruagem seguiu velozmente pela rua estreita. Na esquina, os cavalos viraram para a esquerda. O veículo pesado balançou violentamente e virou de lado. Os cavalos se libertaram dos arreios. Completamente enlouquecidos agora, desapareceram no escuro, deixando a carruagem virada, com as rodas girando no ar.

Segurando o braço de John Pequeno, Madeline se levantou e virou a tempo de ver que Keston tinha se livrado de Artemis. Ela esperava que ele tentasse fugir na noite. Mas, com um grito de fúria, ele apanhou a bengala caída na sarjeta.

Madeline pensou que talvez ele tentasse atacar Artemis com a bengala. Porém, Keston girou o castão com um movimento selvagem da mão. À luz do lampião, ela viu aparecer uma lâmina longa e ameaçadora.

-Artemis!

Mas ele já estava em movimento. Meio deitado no chão, ele girou a perna num arco curto que apanhou Keston com força na coxa. Com um grito de dor, Keston caiu para trás nas pedras.

Artemis estava em cima dele antes que Madeline tivesse tempo de piscar os olhos.

— Oh, Deus, a faca — ela murmurou.

John Pequeno passou os braços em volta da cintura dela e escondeu o rosto no seu manto.

O combate terminou com horrível rapidez. Os dois homens ficaram imóveis. Artemis deitado debaixo de Keston.

— Artemis! — Madeline gritou. —Artemis!

— Com todos os diabos! — John Pequeno ergueu o rosto e olhou chocado para os dois homens. — Com todos os diabos!

Depois do que pareceu uma eternidade, Artemis se ergueu com dificuldade e se libertou do peso de Keston, que continuava imóvel. O sangue brilhava à luz do lampião.

Madeline passou a ponta do seu manto em volta de John Pequeno, instintivamente tentando evitar que ele visse a cena.

Artemis ficou de pé e olhou para ela. Ele parecia não perceber o sangue

que pingava da faca em sua mão.

— Você está bem? — ele perguntou, com voz rouca.

— Estou. — Olhou para a faca. — Artemis, você está?... Ele olhou para a faca. Depois para Keston.

— Estou bem — disse em voz baixa.

John Pequeno empurrou para o lado o manto de Madeline e perguntou:

— Ele está morto?

— Está — Artemis atirou a faca para longe. A arma bateu ruidosamente no chão.

Madeline correu para ele.

## VINTE E DOIS

— Quem ia imaginar que Flood estava envolvido? — Berenice estremeceu.

— E pensei que estava sendo muito esperta pondo a poção para dormir na minha bolsa. Eu queria que Keston a tomasse, não o Sr. Flood.

— O que importa é que Flood a tomou — Artemis olhou para o copo de conhaque que acabava de servir. — E quanto a mim, nunca mais vou olhar para o conhaque com os mesmos olhos. Quero agradecer outra vez, madame. E agradeço a você, Madeline, por salvar John Pequeno da carruagem em fuga. Na verdade, me sobrou pouca coisa para fazer.

Madeline olhou para ele zangada.

— Não procure diminuir a importância dos eventos, senhor. Podia ter sido morto.

— Por falar nisso — murmurou Berenice —, espero que não tenha ficado muito aborrecido com a morte de Flood no acidente com a carruagem. Queria que ele sofresse, eu sei, com sua ruína recente.

— Não quero mais saber de planos para vingança retardada — Artemis olhou para Henry. — Descobri que eles tendem a criar muitas complicações e conseqüências imprevistas.

— Uma sábia decisão — murmurou Henry. — Você tem coisas melhores para fazer nestes dias.

— Sim — Artemis olhou para Madeline, enrodilhada no sofá. — Definitivamente.

Madeline ergueu os olhos da chave que examinava.

— E o que me dizem das ervas do sono?

— Encontrei o que restou do suprimento que Keston roubou de Lorde Clay, quando revistei seu quarto, esta manhã — Artemis disse. — Descobri também pequenas quantidades de outras ervas que ele deve ter usado para drogar suas vítimas.

— Encontrou mais alguma coisa interessante? — perguntou Madeline.

— Sim. O diário de Keston. Resumindo, ele estava atrás da chave desde que soube da existência dela, há vários meses. Levou algum tempo para localizá-la em Londres. Depois que chegou aqui, ele limitou sua procura aos cavalheiros da Sociedade que considerou os mais capazes de traduzir o livro. Então, procurou sistematicamente na biblioteca deles.

— Ele deve ter levado um choque na noite em que Linslade o descobriu — disse Madeline.

— Sim. Mas isso também deu a ele a idéia de fingir que seu meio-irmão tinha voltado dos mortos. Estava determinado a continuar esse jogo para apavorá-la, quando percebeu que a chave devia estar com você.

Henry girou o conhaque no copo.

— Mas, a esta altura, Madeline estava segura, instalada em sua casa.

— Sim. Ele resolveu rapidamente se livrar de mim, logo no começo. Madeline franziu a testa.

— Na noite em que ele atacou você na rua.

Artemis tomou um gole de conhaque e assentiu com um movimento de cabeça.

— Quando aquilo falhou, ele compreendeu que eu seria um problema.

— E isso — Madeline disse — é dizer pouco.

— Então, ele tentou me afastar do caso interferindo nos meus planos para Oswynn, Flood e Glenthorpe, ameaçando deixar os corpos nos Pavilhões do Sonho.

— O que teria levado à descoberta de que os Jardins dos Prazeres pertencem ao senhor — observou Berenice.

Artemis sorriu.

— Ele estava certo de que eu faria qualquer coisa para não revelar minha ligação com o negócio, compreendem. Ele supôs que eu desse grande valor à minha posição na sociedade.

— Quando a verdade é que a única coisa com que você se importava era sua vingança — concluiu Madeline.

Artemis olhou nos olhos dela.

— Ele não podia saber que eu estava rapidamente perdendo o gosto por aquilo.

Ela sorriu.

— Você é realmente um homem extraordinário, Artemis.

— Mesmo sendo um Vanza? — perguntou ele delicadamente.

— Nem todo cavalheiro da Sociedade Vanzagariana é completamente maluco — disse ela com magnanimidade.

— Muito obrigado, minha querida. É muito reconfortante saber que pelo menos estou acima do nível de um maluco, na sua opinião.

Henry riu baixinho. Berenice estava se divertindo. Madeline corou. Sacudiu o pequeno livro que tinha na mão.

— A respeito da chave, senhor.

— O que tem?

— Devemos decidir o que fazer com ela.

— Sim — sua resposta foi inequívoca. — Não tem nenhuma utilidade prática sem o *Livro dos segredos*, mas provavelmente vai atrair mais problemas para mim.

— Concordo. Mas é conhecimento e vai contra tudo que o meu pai me ensinou, deliberadamente destruir qualquer tipo de conhecimento. Quem sabe o valor que pode ter para os que vierem depois de nós?

— O que sugere que façamos com ele?

— O *Livro dos segredos*, se algum dia for encontrado, pertence aos Templos dos Jardins de Vanzagara — ela falou lentamente. — Acredito que a chave para o texto pertença a eles também.

Artemis pensou por um momento.

— Talvez tenha razão.

— Há uma certa lógica nisso — Henry concordou.

— No que me diz respeito, quanto mais longe ele estiver da Inglaterra, melhor — Berenice observou com sentimento.

— A questão, é claro, é como pode ser enviado com segurança de volta a Vanzagara — Madeline murmurou pensativa.

Artemis sorriu.

— Não posso pensar num meio mais seguro de transportar o livro do que como carga em um dos navios de Edison Stokes. Seus navios aportam regularmente em Vanzagara. Deixe que ele assuma a responsabilidade de

proteger o livro, no caminho. Aconteça o que acontecer, estaremos livres do maldito livro.

Ele prometeu a si mesmo que não esperaria outro dia. Precisava ter a resposta ou ia ficar tão louco quanto qualquer maluco da Sociedade Vanzagariana.

Mas não podia fazer a pergunta dentro de casa. Talvez fosse sua natureza Vanza, mas ansiava pela proteção da noite.

Madeline franziu a testa quando ele pediu que o acompanhasse a um passeio no jardim.

— Está louco? — ela perguntou. — Está frio lá fora esta noite. A névoa está espessa também. Podemos nos resfriar. Ele rilhou o dentes.

— Prometo que não ficaremos muito tempo lá fora.

Ela abriu a boca. Ele podia ver a próxima objeção se formar nos lábios dela. Encheu-se de coragem para outra fase da discussão. Então, Madeline olhou estranhamente para ele. Sem uma palavra, ela largou o livro que estava lendo e se levantou.

— Dê-me um momento para apanhar meu casaco — disse ela, passando por ele para o hall.

Artemis apanhou o sobretudo enquanto esperava por ela. Quando ela voltou, passaram pelo corredor dos fundos da casa, juntos, ele abriu a porta e saíram para a noite.

A névoa envolvia o jardim, mas a noite não estava tão fria quanto Artemis antecipara. Talvez estivesse distraído, pensando no que ia acontecer.

— Espero que minha tia e o Sr. Leggett estejam se divertindo no teatro esta noite — disse Madeline num tom leve de conversa, que soou estranhamente frágil. — Eles formam um casal encantador, não acha? Quem podia imaginar?

— Humm — a última coisa que Artemis queria era falar sobre o romance que crescia rapidamente entre Berenice e Henry. Tinha o próprio romance com que se preocupar.

— Suponho que a conversa se relacione a livrar-se dos seus hóspedes, não é, senhor? — Madeline puxou o capuz do manto para a cabeça. — Compreendo que temos sido um aborrecimento. Garanto, porém, que tia Berenice e eu podemos ir embora de manhã.

— Não há pressa. Minha casa parece ter se ajustado perfeitamente à sua presença.

— Está tudo bem, Artemis, eu garanto. Partiremos antes do meio-dia.

— Eu não a trouxe aqui fora para falar sobre sua partida. Eu quero...

— Nós duas somos muito gratas ao senhor. Na verdade, eu não sei o que teria feito sem a sua ajuda. Espero que esteja satisfeito com o pagamento.

— Estou satisfeito com o diário do seu pai, muito obrigado — ele rosnou. — Eu não quero sua maldita gratidão.

Ela cruzou as mãos nas costas.

— Antes de partir, quero pedir desculpas pelas várias ocasiões em que eu insinuei que era um pouco excêntrico.

— Eu *sou* excêntrico. Provavelmente muito mais do que só um pouco.

— Certamente eu nunca o considereei um maluco completo — na sombra, seus olhos brilhavam ansiosos. — Quero que isto fique bem claro. Na verdade, ultimamente, tomei conhecimento de que há uma forte tendência para a

excentricidade na minha família, da qual não estou completamente isenta.

— Humm. Bem, há mesmo. Muito obrigado por me lembrar.

— Não precisa concordar com tanto entusiasmo, Artemis.

— No começo da nossa associação, a senhora mencionou que era partidária da lógica de que se combate fogo com fogo, se pega um ladrão com outro ladrão etc. etc. etc. O que acha da minha idéia de que é preciso um excêntrico para lidar com outro excêntrico?

Ela olhou desconfiada para ele.

— Como assim?

— Se seguirmos sua linha de raciocínio, podemos concluir que o casamento de dois excêntricos assumidos pode vir a ser muito satisfatório para ambas as partes.

Ela tossiu discretamente.

— Casamento?

— Desde que, é claro, as várias excentricidades dos indivíduos sejam complementares e compatíveis.

— É claro — ela falou hesitante.

— Na minha opinião, a senhora e eu exibimos algumas excentricidades mutuamente compatíveis — continuou ele obstinadamente. — Uma vez ou outra, a senhora me deu motivo para acreditar que podia concordar com essa opinião.

Ela parou na sombra do muro alto. Sob o capuz do manto, não era possível ver seus olhos. Ele percebeu que estava prendendo a respiração.

— Pelo amor de Deus, Artemis, você está, por acaso, me pedindo em casamento?

— Como já deve ter notado, tenho alguns defeitos sérios para um marido. Sou um Vanza, sou excêntrico, estou no comércio...

— Sim, sim, sei de tudo isto — ela tossiu outra vez. — Nunca achei que o fato de estar no comércio fosse uma barreira, senhor. E quanto às suas conexões com Vanza e suas excentricidades, bem, eu tenho as minhas também, não tenho? Não posso me queixar.

— Mesmo assim, se queixou.

— Realmente, Artemis, se vai jogar para cima de mim cada pequena observação casual que eu possa ter feito de passagem...

— Deixando de lado seus sentimentos sobre o Vanza, há alguns outros problemas. Passei tempo demais vivendo sozinho e alimentando planos de vingança, dos quais devia ter me livrado há muitos anos. Espero que estas coisas tenham deixado uma marca em mim.

— Nós todos carregamos as marcas do passado, Artemis.

— Não sou mais um jovem com a despreocupação de espírito da juventude — depois de uma pausa, continuou. — Não estou certo de ter tido alguma vez leveza de espírito.

— Não é um homem velho, senhor — ela tossiu discretamente. — Na verdade, eu o considero uma excelente combinação de maturidade e agilidade.

— Maturidade e agilidade?

— Sim. E acontece que eu não tenho exatamente a leveza de espírito de uma mulher muito jovem. Portanto, como pode ver, combinamos muito bem neste ponto.

— Quer casar comigo, Madeline?

Ela não disse nada. Artemis ficou desesperado.

— Madeline?

Ela não respondeu.

— Pelo amor de Deus, Madeline, quer casar comigo?

Ela gemeu.

— Você tem, primeiro, de dizer que me ama.

— Eu tenho de...? — Segurou no ombro dela e disse: — Com todos os diabos, mulher, por isso hesitou e com isso quase fez meu coração parar? Porque esqueci de dizer que a amo?

— Não é um pequeno esquecimento, Artemis.

Artemis olhou para ela.

— Como pode não saber que eu a amo como jamais amei nenhuma outra mulher?

Ela sorriu.

— Provavelmente porque você nunca disse.

— Muito bem, pois agora estou dizendo — ele a abraçou e a beijou com ardor.

Quando ela estava nos seus braços, ele levantou a cabeça.

— Quer casar comigo?

— É claro que quero casar com você — passou os braços em volta do pescoço dele e disse com um sorriso brilhante: — Cavalheiros maduros, mas ainda ágeis não existem em tão grande número que uma mulher na minha posição possa ser exigente.

Ele olhou nos olhos dela cheios de amor e sentiu a felicidade percorrer todo o seu corpo.

— Sorte minha.

Ela segurou o rosto dele com as duas mãos e o beijou de um modo que fez o coração de Artemis cantar e seu sangue correr quente nas veias.

— Eu o amo, Artemis.

Ele apertou o abraço e saboreou a excitação estonteante e a alegria que o invadiam.

— Há só mais uma pequena coisa — ela disse, com voz firme.

— Qualquer coisa, doçura.

— Não deve haver nenhum duelo. Combinado?

— Eu já disse que é pouco provável que alguém se arrisque...

Ela balançou a cabeça violentamente.

— Não, tem de me prometer, Artemis. Absolutamente, nenhum duelo.

Ora, muito bem, havia outros meios de lidar com esse tipo de problema se aparecesse, Artemis pensou. Ele podia ser sutil quando necessário.

— Muito bem, nada de duelos.

Ela riu. O som glorioso flutuou na noite, entre os muros altos do jardim, leve como a felicidade e real como o amor.

\* \* \*